

NOÇÃO DE  
COMUM

FALA ESCRITA

MEMÓRIAS

IMPOSSÍVEL  
POSSÍVEL  
VER

# Episódios comuns de cuidados incertos

Relevos do trabalho e formação em saúde



Alexandre de Oliveira Henz,  
Adriana Rodrigues Domingues e  
Tatiana Alves Cordaro Bichara.  
Organizadores

editora



redeunida



A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. São autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página  
<https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/>  
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS e para a defesa das vidas de todos e todas.

Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA  
<https://editora.redeunida.org.br/>

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

[editora.redeunida.org.br](https://editora.redeunida.org.br)



ORGANIZADORES

Alexandre de Oliveira Henz  
Adriana Rodrigues Domingues  
Tatiana Alves Cordaro Bichara

Série Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde

# **Episódios comuns de cuidados incertos**

Relevos do trabalho e formação em saúde

1ª Edição  
Porto Alegre  
2024



## Coordenador Geral da Associação Rede UNIDA

**Alcindo Antônio Ferla**

### Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Carlos Alberto Severo Garcia Júnior, Daniela Dallegrave, Denise Bueno, Fabiana Mânica Martins, Frederico Viana Machado, Jacks Soratto, João Batista de Oliveira Junior, Júlio César Schweickardt, Károl Veiga Cabral, Márcia Fernanda Mello Mendes, Márcio Mariath Belloc, Maria das Graças Alves Pereira, Quelen Tanize Alves da Silva, Ricardo Burg Ceccim, Roger Flores Cecon, Stephany Yolanda Ril, Vanessa Iribarrem Avena Miranda, Virginia de Menezes Portes.**

### Conselho Editorial

**Adriane Pires Batiston** (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);  
**Alcindo Antônio Ferla** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);  
**Ángel Martínez-Hernández** (Universitat Rovira i Virgili, Espanha);  
**Angelo Stefanini** (Università di Bologna, Itália);  
**Ardigó Martino** (Università di Bologna, Itália);  
**Berta Paz Lorido** (Universitat de les Illes Balears, Espanha);  
**Celia Beatriz Iriart** (University of New Mexico, Estados Unidos da América);  
**Denise Bueno** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);  
**Emerson Elias Merhy** (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil);  
**Érica Rosalba Mallmann Duarte** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);  
**Francisca Valda Silva de Oliveira** (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil);  
**Héider Aurélio Pinto** (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil);  
**Izabella Barison Matos** (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);  
**Jacks Soratto** (Universidade do Extremo Sul Catarinense);  
**João Henrique Lara do Amaral** (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil);  
**Júlio Cesar Schweickardt** (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil);  
**Laura Camargo Macruz Feuerwerker** (Universidade de São Paulo, Brasil);  
**Leonardo Federico** (Universidad Nacional de Lanús, Argentina);  
**Lisiane Bôer Possa** (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil);  
**Luciano Bezerra Gomes** (Universidade Federal da Paraíba, Brasil);  
**Mara Lisiane dos Santos** (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);  
**Márcia Regina Cardoso Torres** (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil);  
**Marco Akerman** (Universidade de São Paulo, Brasil);  
**Maria Augusta Nicoli** (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália);  
**Maria das Graças Alves Pereira** (Instituto Federal do Acre, Brasil);  
**Maria Luiza Jaeger** (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil);  
**Maria Rocineide Ferreira da Silva** (Universidade Estadual do Ceará, Brasil);  
**Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira** (Universidade Federal do Pará, Brasil);  
**Quelen Tanize Alves da Silva** (Grupo Hospitalar Conceição, Brasil);  
**Ricardo Burg Ceccim** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);  
**Rossana Staeve Baduy** (Universidade Estadual de Londrina, Brasil);  
**Sara Donetto** (King's College London, Inglaterra);  
**Sueli Terezinha Goi Barrios** (Associação Rede Unida, Brasil);  
**Túlio Batista Franco** (Universidade Federal Fluminense, Brasil);  
**Vanderléia Laodete Pulga** (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);  
**Vanessa Iribarrem Avena Miranda** (Universidade do Extremo Sul Catarinense/Brasil);  
**Vera Lucia Kodjaoglanian** (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil);  
**Vincenza Pellegrini** (Università di Parma, Itália).

### Comissão Executiva Editorial

**Alana Santos de Souza**  
**Jaqueline Miotto Guarnieri**  
**Camila Fontana Roman**

**Revisão**  
**Carla Cristina Dias Indalécio**

**Imagem Capa**  
**Lis Bortoli Henz**

**Projeto Gráfico | Diagramação**  
**Lucia Pouchain**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

E64

**Episódios comuns de cuidados incertos:** relevos do trabalho e formação em saúde/  
Organizadores: Alexandre de Oliveira Henz; Adriana Rodrigues Domingues e Tatiana Alves  
Cordaro Bichara – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2024.

221 p. (Série Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde, v. 24).

E-book: 4.60 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5462-102-1

DOI: 10.18310/9786554621021

1. LEPETS. 2. Saúde Pública. 3. Sistema Único de Saúde. 4. Política de Saúde. I. Título. II.  
Assunto. III. Organizadores.

NLM WA 31

CDU 614

---

Catálogo elaborado pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede UNIDA  
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

[www.redeunida.org.br](http://www.redeunida.org.br)



# Sumário

PREFÁCIO   O EPISÓDICO E O INCERTO COMO VALORES DA PESQUISA EM SAÚDE .....	9
<i>Eduardo Passos</i>	
APRESENTAÇÃO.....	17
<i>Alexandre de Oliveira Henz, Adriana Rodrigues Domingues, Tatiana Alves Cordaro Bichara, Sidnei José Casetto</i>	
RELEVOS DO INVISÍVEL NA PESQUISA, EPISÓDIOS COMUNS .....	29
<i>Alexandre de Oliveira Henz, Valéria Monteiro Mendes, Lorena Martha Roberto, Lúcia Aparecida de Souza Lourdes Aparecida D’Urso, Raul Franklin Sarabando de Moura, Raquel Cleide da Mota Carvalho</i>	
CONVERSA COM LUIZ ORLANDI ACERCA DO ESCRITO “RELEVOS DO INVISÍVEL NA PESQUISA” .....	59
<i>Luiz B. L. Orlandi</i>	
MODO-EMPRESA: PERCEPÇÕES COM O CHÃO DO SUS .....	77
<i>Mara Isa de Vasconcelos Coracini, Julliana Borges Polastrini, Diego Napolitano Curceli, Fernando Mostaço, Virginia Junqueira, Angela Aparecida Capozzolo</i>	
TRABALHO E SUBJETIVIDADE.....	105
<i>Laura Camargo Macruz Feuerwerker</i>	



CENTELHAS DE VIDA, MORTE, POLÍTICAS DE CUIDADO: INCÊNDIO, RIO, VENTO, PEDRA, CORPO .....	130
<i>Ana Carolina Costa Savani, Fernanda Carla de Moraes Augusto, Fernando de Almeida Silveira, Harete Vianna Moreno, Leandro Augusto Ferreira</i>	
CONTEMPLANDO A CENTELHA.....	152
<i>Luis Eduardo P. Aragon</i>	
MOVIMENTOS DA PRESENÇA, DO ESTRANGEIRO E DO CORPO NA FORMAÇÃO PARA O TRABALHO EM SAÚDE .....	166
<i>Tatiana Alves Cordaro Bichara, Adriana Rodrigues Domingues, Sidnei José Casetto</i>	
O PERFORMATIVO NA FORMAÇÃO: ENTRE A PRESENÇA COTIDIANA (O CORPO AFETIVO) E A PRESENÇA CÊNICA .....	189
<i>Conrado Augusto Gandara Federici</i>	
APÊNDICE .....	204
SOBRE AUTORES .....	206
ÍNDICE REMISSIVO .....	209





## PREFÁCIO

# O EPISÓDICO E O INCERTO COMO VALORES DA PESQUISA EM SAÚDE

Eduardo Passos

O título do livro é improvável e atesta menos uma licença poética do que a exigência de formulação de novos conceitos para os resultados do trabalho do Laboratório de estudos e pesquisas em formação e trabalho em saúde (LEPETS/Instituto de Saúde e Sociedade/UNIFESP-Campus Baixada Santista). Como manter vivo um grupo de pesquisa durante a pandemia? Como sustentar a contração de grupalidade em condições tão adversas? Como narrar a experiência do trabalho em saúde? O livro dá testemunho desses desafios.

A proposta da “clínica do comum” foi formulada pelo LEPETS desde 2009 (Capozzolo, Casetto e Henz, 2013). Ela agora se desdobra nesse sentido episódico que a prática de saúde deve ter por ser sempre situada e experimental, o que confere ao cuidado seu caráter incerto, justamente porque circunstancial e afeito às contingências do encontro entre os sujeitos implicados nas práticas de produção de saúde: trabalhadores, usuários e pesquisadores da saúde. O comum se amplia – tal como a exigência de uma clínica ampliada – conjurando a pretensão de unidade totalizadora do sentido de cuidado. Não o cuidado “como um” – a unidade do cuidado na pretensão regulamentadora das práticas –, mas “um cuidado” instanciado no local – o território do cuidado – e singular na sua dimensão de acontecimento, o que se entende com a ideia de “cuidares”.

O caráter laboratorial desse grupo de pesquisa é sensível às exigências do SUS que foi arrojado na sua proposta de mudança dos modos de cuidar e de gerir o trabalho de cuidado em saúde, radicalidade que arrefece se não estiver acompanhada da mudança dos modos de produção de conhecimento no campo da saúde. Como a universidade pode estar à altura das exigências do

SUS? Como sintonizar os modos de fazer pesquisa levando em consideração, sobretudo, a diretriz ético-política de democratização institucional sem a qual o Sistema Único de Saúde perde seu élan vital?

O SUS nasce em 1990 com o enorme desafio de ser único sem homogeneizar, de afirmar o comum do direito à saúde salvaguardando a heterogeneidade das demandas sanitárias, da diversidade brasileira, das diferenças entre os sujeitos implicados no processo de produção de saúde. Como garantir o único na diferença? Como afirmar o comum não como o “Um” da unidade homogênea, mas o “um” do artigo indefinido do qualquer um? Eis o desafio: como garantir a saúde para qualquer um?

O SUS é o nosso legado histórico e devemos dele cuidar, como se cuida da lembrança de quando, há trinta e três anos atrás, trazíamos nos olhos a coragem de inovar e a força de contestação às formas de autoritarismo. Nos tempos sombrios de nossa história atual, é importante nos lembrar daquela juventude que tornava impronunciável o conservadorismo autoritário que agora parece se re-autorizar.

O Brasil dos anos 1960 e 1970 vê surgir várias manifestações de resistência ao autoritarismo de Estado que se impôs a nós a partir do golpe civil-empresarial-militar de 1964. No campo da saúde, ao lado do que se produzia nas artes, nas organizações clandestinas de luta contra a ditadura, no movimento sindical, definiram-se formas específicas de resistência ao autoritarismo expressas nas práticas de saúde. Se o autoritarismo assume frequentemente a forma do centripetismo, isto é, a concentração de poder e saber em centros de organização da cultura e da sociedade, a resistência dos trabalhadores de saúde aos modelos medicocentrado e hospitalocêntrico indicava a inflexão singular das lutas no campo das práticas de saúde. O movimento da reforma sanitária, desde seu início no final da década de 70, construiu as bases do SUS, criando as condições de possibilidade para que a saúde se tornasse direito de todos e dever do Estado, em uma aposta clara na democratização das práticas de produção de saúde.

Com a constituição de 1988, a redemocratização se torna diretriz política no Brasil. As reformas da saúde, na história contemporânea brasileira,

propõem consolidar o processo de democratização participativa, mediante dispositivos que forcem os limites do modelo de democracia representativa, ampliando o direito à saúde que ganha sentido não só legal como, sobretudo, experiencial. Não basta haver a garantia constitucional do direito à saúde, é preciso também a sua efetiva realização nas práticas concretas do SUS.

A questão de direito deve se tornar uma questão de fato: vai-se da dimensão formal do direito ao seu exercício político; do direito como lei ao direito como experiência subjetiva: o meu reconhecimento como sujeito de direito e o acolhimento do outro nestas mesmas condições. Neste sentido, a dimensão subjetiva sempre presente em qualquer processo de produção de saúde ganha relevância já que o enfrentamento dos problemas de saúde em sua complexidade exige o comprometimento tanto de tecnologias duras como das tecnologias relacionais que implicam a dimensão subjetiva das práticas de atenção e gestão em saúde.

O problema é o da inclusão da dimensão subjetiva nas práticas de atenção e gestão do trabalho em saúde. Daí os desafios colocados pelo SUS, que nos obriga a ficar atentos aos processos de subjetivação que atravessam as instituições de saúde, ao que se produz na relação entre os sujeitos, às diferentes formas de contração de grupalidade, ao reposicionamento subjetivo gerando protagonismo, autonomia e corresponsabilidade nos trabalhadores e usuários dos equipamentos de saúde.

Falar do SUS é falar de uma forma constituída – o texto que institui o SUS a partir da constituição de 1988 – que não deve e não pode se separar do movimento constituinte do qual esta forma resulta e que historicamente identificamos à força crítica do movimento da reforma sanitária. Como pensar esta situação paradoxal em que forma e força, constituição e movimento constituinte se distinguem, mas não se separam? Ou por outra: como manter o movimento de renovação que garantiu a força constituinte de que o SUS é efeito? Como, nos dias de hoje, salvaguardar a força crítica do SUS frente às ondas conservadoras que ameaçam a democracia?

Quando nos referimos ao movimento constituinte do SUS, temos que considerar que há princípios na base deste movimento. Princípio diz respeito ao que

é causa, origem, ao que dispara um movimento. O movimento da reforma sanitária brasileira se expressou no Art. 196 da constituição de 1988: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.”

Afirmar que a saúde é direito de todos e dever do Estado, como garante o texto constitucional brasileiro, nos obriga a desdobrar este enunciado legal em princípios que ampliam o sentido da ideia de “todo” presente no enunciado da lei.

Inicialmente, dizer que a saúde é direito de todos é defender a universalidade do acesso: todos têm direito à saúde. Por outro lado, o “todo” deste enunciado sobre o direito à saúde deve ser entendido também como um direito a toda a saúde (promoção, proteção e recuperação), o que se defende com a ideia de integralidade. E se defendemos a universalidade do acesso e a integralidade do cuidado, devemos fazer esta última desdobra do enunciado legal garantindo que o “todo” do acesso universal e o “todo” do cuidado integral não nos levem a uma concepção padronizada e homogeneizante das ofertas no campo da saúde: para quem precisa mais, mais ofertas – o SUS propõe cuidar de qualquer um, cuidar de cada um em sua demanda sanitária singular. Daí, então, os três princípios: universalidade do acesso, integralidade do cuidado e equidade das ofertas, acionando um movimento de produção de saúde em um campo que se organiza com as diretrizes da descentralização e regionalização. Resistir ao centripetismo do sistema de saúde foi apostar em um funcionamento sem centro, rizomático, por redes de produção de saúde orientadas pelos princípios do SUS.

Falar do SUS nos compromete, portanto, com uma realidade que tem dupla inscrição: forma instituída e força instituinte; estado e processo; constituição e poder constituinte (para usarmos a fórmula de Toni Negri). Negri (2015) em *O Poder Constituinte*, define a democracia como poder constituinte, isto é, uma “essência insolúvel” que nunca se realiza completamente já que a forma constituída/instituída não atualiza toda a força constituinte/instituinte que animou seu processo de institucionalização. Entende-se, então, que toda forma instituída trai as forças instituintes que lhe engendram de tal maneira

que o projeto instituinte, por definição, nunca se resolve, mantendo-se de direito como movimento, como processo inacabado, como experimentalismo. O SUS como poder constituinte no campo da saúde é obra aberta. Tal abertura deve ser entendida na complexidade do SUS em sua tripla dimensão política.

O SUS no Brasil é política de Estado que lutamos para que se torne cada vez mais uma política pública de saúde. A complexidade é a da coexistência entre diferentes dimensões da política de saúde. O SUS é uma política de Estado assentada na constituição brasileira e que por isso mesmo é estável e abstrata como é o texto da lei; é uma política de governo assumida por uma equipe que provisoriamente ocupa a máquina de operacionalização do SUS – o Ministério da Saúde – e que por definição tem uma experiência concreta, mas de muita instabilidade; é a aposta de criação de uma política pública que queremos que seja concreta como as políticas de governo e estável como as políticas de Estado. Uma política pública de saúde não se faz por decreto nem pode se desfazer por uma decisão de governo. Uma política pública se constitui e se consolida em um processo de crescimento da sociedade e desenvolvimento da cidadania. O SUS como experiência cidadã, estável e concreta, só pode se efetivar quando incorporamos os seus princípios, quando encarnamos o SUS nas práticas efetivas dos trabalhadores e usuários de saúde, quando reativamos o experimentalismo nos modos de cuidar e pensar o cuidado.

O reencantamento do SUS, a sua atualização efetiva em um modo de fazer encarnado, não pode prescindir das instituições de formação dos trabalhadores da saúde e de produção de conhecimento. A universidade precisa ser um laboratório para as práticas de produção de saúde que o SUS almeja. E se o conhecimento se dá a partir do binômio sujeito e objeto, ampliar o conceito de saúde deve ser concomitante ao reposicionamento do sujeito do conhecimento. A universidade brasileira deve assumir o mandato de produzir conhecimento acerca das práticas de produção de saúde conforme os princípios do SUS, o que não é possível sem que convoquemos os diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde a se engajarem na tarefa participativa da pesquisa em saúde.

Temos defendido a abordagem metodológica de pesquisa-intervenção participativa (Passos, Sade e Macerata, 2020). Participação e intervenção são ideias diretrizes nas pesquisas quando as práticas de produção de conhecimento não se limitam aos ideais de objetividade e neutralidade. A ênfase agora é na sua inserção social bem como sua dimensão política. A pesquisa é intervenção na medida em que conhecer e fazer são inseparáveis (Passos e Barros, 2009). E ela é participativa na medida em que não despreza as posições do pesquisador e do participante de uma investigação, incluindo os diferentes sujeitos envolvidos no processo de produção de conhecimento nas diversas etapas da pesquisa: colheita de dados, organização e análise. As pesquisas participativas visam romper tanto com o pressuposto de neutralidade do pesquisador – que é chamado a fazer análise continuada de suas implicações no processo de investigação – quanto com a condição de mero informante dos participantes (Passos e Barros, 2000). Essas nos pareceram indicações relevantes para a pesquisa acerca da experiência de cuidado em saúde. Na pesquisa-intervenção participativa reconhecemos e valorizamos as experiências tanto de quem cuida quanto de quem é cuidado, tanto do pesquisador quanto do participante no processo da investigação em saúde. Tal direção metodológica entende que os entraves no campo da saúde expressam mais que falhas individuais (de um ou outro trabalhador ou gestor), mas revelam determinadas concepções de trabalho e de suas formas de organização. Daí a direção da não individualização do problema que nos levaria a uma discursividade moral, se impondo aos sujeitos como prescrição de um “modo certo de fazer”. Na perspectiva dos processos de formação dos trabalhadores e dos pesquisadores em saúde isto redundaria em exercício de ação pedagógica prescritiva, com oferta de estratégias de capacitação e treinamento.

Estratégias pedagógicas nesta direção derivam de uma concepção do que seja a boa prática de produção de saúde e se apresentam como recurso para resolver a questão de como fazer para que os trabalhadores da saúde ajam de modo certo. Para se ter esta correspondência entre a ação do trabalhador e aquilo que se toma como o certo, a ação educativa passa a se referir como capacitação, entendida como transferência de informações para que os “não

capacitados” passem a ter determinadas capacidades. Na mesma direção, se “treina” não só os trabalhadores como os pesquisadores universitários para que repitam e se exercitem no modo correto de fazer. E para aqueles que, mesmo assim, não se enquadram a esta normalização a oferta é a reciclagem: remodelação dos sujeitos. De qualquer maneira, a formação torna-se, assim, correção (no sentido ortopédico do termo) daqueles trabalhadores e pesquisadores da saúde supostamente não capacitados.

Apostar na participação tanto na formação quanto na pesquisa em saúde pressupõe a inversão metodológica que dá primado ao caminhar (*hodos*) e não à meta. O *meta-hodos* dá lugar ao *hodos-meta*. Não se recusa que tenhamos metas, com a condição que elas sejam forjadas no processo de caminhar junto. Este é um sentido da participação que se faz mediante a disponibilidade a uma tríplice inclusão: inclusão, nos espaços da gestão, do cuidado, da formação e da pesquisa, de sujeitos em sua heterogeneidade (usuários, trabalhadores e pesquisadores universitários); inclusão das perturbações que advêm da primeira inclusão e que devem ser tomadas como analisadores da realidade em saúde; por fim, inclusão da dimensão coletiva que resulta deste processo.

Com o exercício do método participativo nos processos de formação e produção de conhecimento em saúde amplia-se a abertura da comunicação intra e intergrupos (a transversalidade na acepção dada por Felix Guattari), intensificando o sentido do comum e fomentando o protagonismo distribuído. Os processos de comunicação vão além da hierarquia e do corporativismo – os dois eixos conservadores que organizam as instituições – permitindo que os sujeitos se desloquem de seus interesses mais imediatos, construindo processos de negociação, permitindo a criação de zonas de comunalidade, projetos comuns e ampliação de redes alterando as fronteiras dos saberes e dos territórios de poder.

Formar como estratégia de intervenção coletiva para a produção de alterações nas condições de trabalho impõe que se utilizem estratégias de aprendizagem inventiva – no sentido proposto por Virgínia Kastrup (2007) – que superem a mera transmissão de conhecimentos, pois não haveria um modo correto de fazer, senão modos que, orientados por premissas éticas,



políticas e clínicas, devem ser recriados, considerando especificidades de cada realidade, instituição e equipe de saúde. Este é o sentido de episódico.

Os processos de formação devem ser entendidos como recurso de capilarização dos princípios do SUS seja na universidade seja na rede de saúde, multiplicando os agentes sociais que se engajam na ação militante. Mais do que estratégias de sensibilização, a formação para o SUS provoca a experimentação em ato nos processos de trabalho, o que permite a produção de movimentos de mudanças com efeitos práticos e concretos nos serviços de saúde e nas práticas de formação e pesquisa como se atesta nesta publicação do grupo LEPETS.

O desafio do trabalho em saúde é sintonizar o modo de fazer o cuidado, a formação dos cuidadores e dos pesquisadores em saúde com a aposta democratizante do SUS. Garantir a participação dos sujeitos envolvidos nas práticas de saúde é um modo de garantir seu protagonismo no processo de produção de sua saúde e na produção de conhecimento no campo da saúde. O desafio é o de transformar a prática a partir da liberdade da experimentação.

## REFERÊNCIAS

- CAPOZZOLO, A.A.; CASETTO, S.J.; HENZ, A.O. (orgs.). **Clínica comum**: itinerários de uma formação em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013, 316pp.
- KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte, São Paulo: Autêntica, 2007.
- NEGRI, T. **O poder constituinte**: ensaios sobre as alternativas da modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia. Teoria e Pesquisa**, v.16, p.71 - 79, 2000.
- PASSOS, E.; SADE, C.; MACERATA, I. (orgs.). **Entre clínica e política**: produção de conhecimento e cuidado em saúde. Rio de Janeiro: Nau, 2020.

## APRESENTAÇÃO

Sexta-feira de manhã, prédio da Unifesp em Santos.

Éramos 15 na primeira vez em que nos encontrávamos de forma presencial, depois de anos de reuniões remotas.

- Nossa, como você é alta!
- Dá um abraço. Pode abraçar?
- Chegaram as três juntas de São Paulo?
- Você é a Ana? Como fica diferente de máscara!
- Leandro, quanto tempo!
- E você, é o Tiago ou Diego? São tão parecidos na tela!
- Gente, como vamos fazer?

No fundo da sala uma grande lousa-parede.

– E se cada uma fosse na lousa e escrevesse uma palavra-chave, um conceito em jogo na pesquisa?

- Bora lá:
- noção de comum
- cenas críveis
- corpo
- dor
- subjetivação
- ...

Alguém foi no canto da lousa e escreveu fora dela, na parede:

- obsceno (o que não pode estar em cena)

Em um determinado momento:

- extraño
- Está em espanhol!
- Que susto! Como isso foi acontecer?
- Extraño! ¡Quisiera borrar! Não me deixaram!

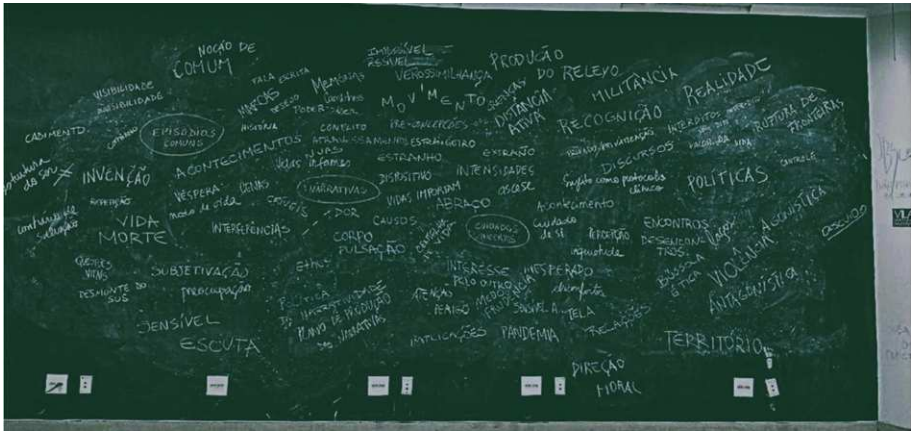
Quando estávamos saindo da sala, alguém notou:

– Olha! Na parte do obsceno da parede, lá embaixo, perto do chão, escrito em cor de rosa: embaixo do tapete!

Lousa, conceitos, palavras em cena, fora de cena: registros do primeiro encontro presencial deste grupo de pesquisa após dois anos da pandemia da Covid-19 e da suspensão das atividades presenciais pela universidade. Para o LEPETS, as reuniões em ambientes virtuais tiveram o efeito de aumentar o número de seus participantes, já que se podia evitar o deslocamento geográfico e conectar-se, potencialmente, de qualquer lugar. Extraños, incertos episódios. Em 2020 muitos encontros foram destinados a acolher e discutir narrativas, experiências de quem estava nos serviços, na universidade, nos movimentos sociais, nos territórios. Trabalhamos com as narrativas trazidas e o debate que se pôde produzir a partir delas fez-se no esforço de engendrar questões. Percebemos que, ao mesmo tempo, tais discussões eram uma forma de interferência pelos efeitos que produziam no grupo.

Fomos construindo, com esta experiência, uma aposta de pesquisa que contemplasse a diversidade de composição do laboratório daquele momento (estudantes de graduação e pós-graduação, pessoas egressas da universidade, docentes, profissionais dos serviços, integrantes de movimentos sociais), e algo da complexidade do contexto em que vivíamos. Assim, delineamos uma investigação em que cada um e cada uma pudesse sondar a partir de seu ponto de inserção.

Foto 1. Reunião do LEPETS, sala do Lab. Sensibilidades, Unifesp/Baixada Santista.



Data: 26/05/2022 (imagem de arquivo).

Questões sobre a formação, o trabalho, a clínica e o cuidado em saúde vêm sendo discutidas pelo LEPETS desde 2009, com uma trajetória iniciada pela pesquisa “Clínica comum: itinerários de uma formação em saúde” (Capozzolo, Casetto e Henz, 2013), que permitiu mostrar como certos encontros e experiências podem produzir problemas não previstos pelo conhecimento já estabelecido e o valor disso para a formação profissional. Foi possível também problematizar a dimensão ético-política de qualquer tipo de clínica que venha a ser adotada na atenção em saúde, bem como seus potenciais alinhamentos e conflitos com políticas acadêmicas e dos próprios serviços. Exploramos uma dimensão *entreprofissional* do trabalho em equipe, ali no intervalo das prerrogativas das profissões e no encontro delas, o que levou a propormos a noção de “clínica comum”. Pudemos também descrever as estratégias pedagógicas e apresentar conceitos em jogo, apontando, entre outras questões, a necessidade de fortalecer o trabalho conjunto com os profissionais da rede de serviços na formação e nas ações de cuidado.

Em 2014 formulamos a proposta de investigar redes de cuidado em conjunto com os trabalhadores, trabalhadoras, usuárias e usuários. Partimos da perspectiva de que os e as participantes da pesquisa seriam todos pesquisadores e pesquisadoras e que o processo de pesquisar é, ao mesmo tempo, um processo formativo e de interferência. Nessa investigação, experienciamos uma conexão

entre quem trabalha na universidade e nos serviços, inventando modos de pesquisar, desde a seleção das situações a serem investigadas, o mergulho nas redes de cuidado, a análise e a escrita. O processo desta investigação e as problematizações e questões que emergiram relacionadas ao cuidado e ao *pesquisar com* foram apresentadas no livro “Pesquisar com os pés: deslocamentos no cuidado e na saúde” (Mendes, Azevedo e Frutuoso, 2019). Dois aspectos deste estudo poderiam ser aqui destacados: a incidência de diferentes políticas de cuidado atravessando e direcionando ações em saúde, mesmo que de forma imperceptível para quem as realiza, e a ideia de avançar e aprofundar o pesquisar junto com quem trabalha na ponta. Percebemos a piora progressiva de condições de vida, um crescente gerencialismo na organização do trabalho, com estabelecimento de metas pela administração a serem cumpridas pelos trabalhadores e trabalhadoras, e pouco espaço para se pensar o trabalho por parte da equipe de saúde, que se equilibrava entre as demandas burocráticas e o esforço para atender as necessidades dos usuários e das usuárias.

Em 2019, mais de dez anos após o início da pesquisa sobre a formação na UNIFESP-BS, realizada de 2009 a 2011, procuramos registrar algo da continuidade desta experiência em um novo livro, denominado “Clínica comum: fragmentos de formação e cuidado” (Capozzolo, Maximino, Casetto e Junqueira, 2020), que realiza um novo giro da clínica, apresentando cenas de cuidado vividas por estudantes, docentes, equipes e pessoas acompanhadas. Muitas precariedades nelas são expostas: condições de vida, limites institucionais, saberes insuficientes; por outro lado, há também insistências, resistências, agonias e alegrias compartilhadas. Os cenários são diversos - UBS, CAPS, ONG, hospital, residência das famílias - assim como as perspectivas apresentadas; o comum que resulta não parece vir da semelhança de padrões de cuidado, mas da articulação do contraste entre eles.

Em um dos capítulos de “Pesquisar com os pés”, discutimos a noção de cuidado em saúde destacando a sua abertura: haveria *cuidados*, mais do que “o” cuidado como uma ação de significado monolítico, benéfico, necessário, verdadeiro. Vimos como os *cuidares* - dados em relação - nem são unidirecionais e nem partem somente de agentes pré-definidos (profissionais

ou não); envolvem um posicionamento ético-político, costumam ser condicionais, suscitam afetos, podem adotar formatos não convencionais e são, no seu principal, invisíveis (Casetto *et al.*, 2019).

A ideia de *cuidados incertos* que introduzimos agora procura destacar a dimensão do cuidado que escapa ao previsto, podendo ocorrer onde e quando não se espera. Ademais, e considerando que os *cuidares* se dão em um campo relacional, seria possível dizer que eles desencadeiam um processo complexo em que não há domínio completo de nenhuma das partes; os efeitos tenderiam a extrapolar os limites e, por vezes, desviar-se do pretendido. Haveria, portanto, incertezas significativas no cuidado em relação aos seus resultados. Esta falta de precisão tem como corolário, em contraste, uma potencialidade maior do que a inicialmente perceptível, e que se expressa em multifacetadas. O âmbito do cuidado é clínico, bem mais do que cirúrgico; as noções de relações e processos intercessores (Mehry, 2002) e de interferência (Inforsato, 2010; Henz *et al.*, 2017) parecem convergir com esta ideia.

Não pretendemos contrastar *cuidados incertos* com qualquer outro tipo de cuidado. Supomos que tal incerteza lhe seja própria, mesmo quando realizado por profissionais. Outro aspecto relacionado a isso seria o fato da qualificação de cuidado depender de juízos e percepções que podem variar bastante segundo a cultura e o momento histórico, e mesmo as circunstâncias de vida. Tais parâmetros definiriam *episódios comuns* de cuidado, situações planejadas e não planejadas em que ações (e não-ações, no sentido de guardar-se de intervir) se dariam no cuidar. Comum, neste caso, teria o sentido de usual, corriqueiro, frequente. Ao escolhermos tratar de episódios comuns, preferimos eventos que não fossem espetaculares, oficiais e triunfantes. Acompanhamos de perto formas não idealizadas de cuidado, envolvendo fracassos e insuficiências, que talvez correspondam à maior parte do que se produz. E também arranjos que até passam despercebidos, em sua engenhosidade, por sua sutileza.

Tais *episódios comuns* procuram nomear saberes desenvolvidos na práxis, exercitados continuamente nos encontros de cuidado, mas pouco transmitidos no ensino tradicional. É que seu aprendizado depende sobretudo da experiência, da

solução momentânea de equações complexas que as circunstâncias configuram. Seria um equívoco, porém, supor tratar-se de ação espontânea; ao contrário, sua dificuldade evoca o rigor deste treino na formação e na vida profissional.

Mas há um outro sentido de *episódios comuns* que diz respeito à conexão que se estabelece na situação de cuidado entre as pessoas envolvidas e que também só se constitui na experiência. Neste caso, o aspecto episódico merece destaque, pois se trata de algo que tem existência volátil: pode se dar aqui e ali, mas não se captura ou se institui. Seria da ordem do acontecimento: a presença física dos corpos não o garante, mas é facilitado por ela; aproxima-se da experiência de pertencimento, de encontro: um certo comum se dá, ou não se dá, apesar das intenções. Poderíamos falar em instalações do comum, considerando esta dimensão efêmera e pouco controlada destes episódios que nos interessam.

Sabemos que não estão sendo apresentadas definições rigorosas do objeto de nossa pesquisa. Mas talvez esta seja uma virtude; definições mais precisas escamoteariam nossa ignorância a respeito, aquela que nos impulsiona a investigar. A transitoriedade e a imperfeição de que estamos à procura nos cuidares de nosso tempo ressoa, assim, neste tratamento conceitual de partida.

Partimos, assim, da ideia de que no cuidado em saúde há numerosas incertezas com que profissionais devem lidar, o que atravessa a produção de tecnologias que buscam responder demandas e considerar singularidades. Por meio da elaboração de narrativas procuramos sondar aspectos do comum e de suas variações nas experiências de cuidados incertos, assim como campos problemáticos de interesse na formação e no trabalho em saúde pela aposta em uma pesquisa-interferência. Consideramos interferência os efeitos da produção de dados sobretudo nos pesquisadores e pesquisadoras e, por meio deles e delas, em seus lugares de inserção, assim como na própria pesquisa. Não se tratou de um sujeito preexistente interferir em um objeto previamente estabelecido, mas da interdependência entre produção de conhecimento e trabalho em saúde.

Os dados da pesquisa foram constituídos por narrativas ao modo de pequenas crônicas ou contos. Tais narrativas não se pretendem espelhos da realidade, segundo parâmetros de correspondência objetiva entre o discurso e



certo acontecimento, como se uma presença neutra o tivesse testemunhado e pudesse relatá-lo com isenção em suas características centrais. Em contraste, o que se deu foi a produção de narrativas verossímeis, no sentido apontado por Hansen (2006), da relação que o discurso proposto consegue ter com outros discursos (e não com a realidade empírica) considerados referência para certa cultura, tornando-se capaz de apresentar-se como uma realidade possível.

As narrativas foram elaboradas pelas próprias pesquisadoras e pesquisadores, que, portanto, corresponderam às e aos participantes da pesquisa, segundo experiências vividas em seus lugares de inserção. As narrativas foram lidas no grupo de pesquisa por quem as redigiu, em reuniões no formato virtual, seguindo-se o relato de impressões e de comentários do grupo. Utilizamos uma ou mais reuniões para cada narrativa. Em revezamento, duplas de participantes fizeram o registro escrito do encontro e o leram no início da reunião seguinte.

Procuramos perceber o que as narrativas continham de pré-concepções, modos automatizados de nomear, categorizar e qualificar situações, identidades, raciocínios-padrão, expressões de mundo etc., de modo que a própria escrita da narrativa foi um dos objetos de análise. A dimensão afetiva da narrativa e o impacto de sua leitura no grupo foram também considerados. Tais análises tiveram início na reunião geral, desdobrando-se em discussões de subgrupos.

A divisão em subgrupos ocorreu segundo quatro campos problemáticos emergentes nas narrativas e orientou a reescrita delas, de modo a produzir novas versões das situações singulares, ou a elaboração de narrativas compostas de diversas situações, segundo o que pareceu mais propício para expressar episódios comuns de cuidados incertos. Assim, nos deslocamos de narrativas mais descritivas de situações, na tentativa de expor aspectos e questões que estariam menos visíveis ou francamente amarrotados nas primeiras versões. Nesta proposta de análise, o dado foi transformado no decorrer do processo não pela classificação de seus elementos em categorias formais de análise, mas pela tentativa de descategorização das primeiras formulações descritivas.

Assim, fizemos raspagem nas imagens narrativas; interessou uma espécie de desobstrução de clichês ou ainda operar com eles na pesquisa contra nós. Há

para Deleuze (2007) a ideia de que quem pinta nunca se encontra com uma tela em branco; mundos de imagens atuais e virtuais estão na tela. Pintar não teria a ver com preencher uma superfície em branco, mas esvaziá-la, desobstruí-la. Nos procedimentos narrativos roubamos algo disso para mostrar vidas e colocar seus problemas. Exercícios de desobstruir casos de vida naquilo que se passa entre escrever, seja lá o que for, e produzir um questionamento vital que escrita alguma consegue esgotar ou acalmar, mas tão somente afirmar facetando. Uma tentativa de pesquisar driblando os sentidos impostos, os lugares prévios, de introduzir a hesitação, a indecisão, os estados de suspensão e fazer da narrativa um exercício de desfuncionamento das atribuições rápidas de sentido.

Assim, na produção das narrativas, um dos movimentos importantes foi girar a seta de questionamento para nós, colocando-nos em xeque. Nesse jogo, quem pesquisa não fica do lado do bem e da verdade. Tentamos sustentar complexidades mais do que o claro/escuro, evitando alguns cacoetes da forma-pesquisa e o problema positivista do fato. Ao mesmo tempo, para que imagens narrativas fossem produzidas, foi preciso o corpo a corpo com experiências, em paralelo à sua invenção.

Quais narrativas interessaram? Nesta aposta, aquelas que emergiram de algo que estava picando, pulsando ali. Nos encontros foram necessárias conversas, tempos, embates sem destruição do outro para isso ser construído, engendrado. Havia o que jogava com o tempo, as conversas; algo que se passava entre ler (filosofias, psicologias, antropologias, literatura etc.) e ver (na clínica, na saúde, na rua, na política etc.) e que nos fazia gaguejar. Havia algo intervalar, fora de órbita, sustos. Às vezes, em fragmentos curtos: menos foi menos.

Tentamos explorar aquelas imagens incompletas, episódicas e que puxavam o tapete, principalmente de nós mesmos. Um exercício de encontrar/construir certas imagens narrativas, um exercício de sustentação, que ecoa com o método da dramatização (Deleuze, 2006) — que não é sinônimo de sentimentalismo. Aliás, seria preciso eliminar da palavra drama todas as marcas cristãs, modernas que lhe comprometem o sentido — há um drama das forças sob todo conhecimento e narrativas, um teatro especial de virtualidades. Certas perguntas ajudaram: quem? Como? Quanto? Onde e quando? Em que

caso? Perguntas para dramatizar, para abrir, constituir esses casos. E, contar com ouvintes sem pressa que fomos uns com os outros, ajudaram a raspar as partes, abrir, reescrever, cortar, dessentimentalizar, produzir relevos, pactuar em ato o relevante, uma realidade. Realidade que não foi dada, foi dramatizada. Interessou a emoção; sem ela a narrativa não teria sido atratora de problemas.

As narrativas, casos, histórias, emergiram de algum modo em conexão com certo campo ético ou moral, conceitual: seja ele o de Platão, que nos leu, mesmo que não o tenhamos lido, seja o cristianismo, seja Descartes, Nietzsche, Freud, Marx etc. No grupo de pesquisa (bastante heterogêneo quanto às formações profissionais e filiações teóricas) as teorias foram instalações de mundos no sentido em que geravam certas histórias, e também no sentido de continente à espera de conteúdo: cada campo conceitual em jogo no grupo de pesquisa inscrevia certos fatos, juntava, e ocultava outro: um embate de forças.

Procuramos evitar o uso do masculino universal nas expressões de gênero. Em publicação anterior (Mendes, Azevedo e Frutuoso, 2019) a opção havia sido usar sempre o feminino. Desta vez, considerando que o masculino e o feminino não cobrem todo o arco que vai de um a outro, tentamos adequar os termos com palavras que dispensassem artigos ou que carregassem certa neutralidade. Nem sempre conseguimos. Problematizando a lógica colonial, racista, sexista, moderna e capitalista, e tentando uma aproximação à heteroglossia e à linguagem mais ampla possível, decidimos contar aqui sobre essa conversa e, ao longo do texto, sustentar a estranheza e os deslocamentos que surgissem. Políticas de escrita inacabadas que convocam à inventividade e se situam nas tensões, ressonâncias, subtrações e constituições.

O trabalho dos subgrupos nos quatro campos problemáticos resultou em escritos que serão apresentados a seguir. Para cada um desses escritos foram convidados interlocutoras e interlocutores, cuja leitura e discussão derivaram na elaboração de textos que foram pareados com os primeiros, na intenção de compartilhar algo da riqueza das trocas ocorridas.

O texto “Relevos do invisível na pesquisa: episódios comuns” procura expressar forças em jogo no processo de construção da pesquisa, colocando em

análise questões pouco visíveis, que costumam não ter relevo em metodologias e, por conseguinte, nos âmbitos da formação e do cuidado. Tentamos expor aquilo que passa despercebido em relações e interferências micropolíticas que compõem o curso da pesquisa - ora com mais, ora com menos relevância - o que se torna possível quando o ato de pesquisar é colocado em questão.

Na sequência, em interlocução com esse escrito, está a transcrição da conversa com Luiz Orlandi, que traz um arrastão de intervalos que expressam a inexistência de um instrumento suficiente para que uma pesquisa dê certo. É em ato que a pesquisa pede recurso, com as zonas de indecisões, necessárias para o mundo de caotizações ameaçadoras do bom sucesso da pesquisa. Sublinha que no escrito algo é triturado para ser estudado em suas singularidades. Nessa interlocução Orlandi é um intercessor tomado por um esforço de trabalho com as palavras e conceitos, entrando nos menores pontos, nas coisas que cadenciam a cada momento diferentemente, produzindo um movimento de ciência, um movimento de pesquisa, um movimento de análise política cuidadosa, de fragmentação de situações para procurar ali linhas, reivindicando uma ciência nômade.

O texto “Modo empresa: percepções com o chão do SUS” se aproxima do cotidiano de trabalho em saúde por meio de narrativas verossímeis que apontam um campo em disputa com diversidade de percepções no trabalho com o SUS e seus modelos de gestão. O texto explora um certo modo contemporâneo de operação - o modo empresa - e seus efeitos com o cuidado em saúde, equipes, profissionais, instituições e subjetividades.

Laura Macruz Feuerwerker, em interlocução com o tema, nos oferece elementos conceituais para pensar o trabalho, as políticas, as práticas de saúde e os processos de subjetivação. No artigo, traz uma análise sensível do trabalho em saúde no período pandêmico, dando dizibilidade e visibilidade ao modo empresa que atravessa o SUS em diferentes âmbitos, nos modos de fazer política e de construir relações. O encontro destes textos, enaltece algo que está silenciado, as dores e violências que permeiam o trabalho no SUS.

O texto “Centelhas de vida, morte, políticas de cuidado: incêndio, rio, vento, pedra, corpo” apresenta a experiência de encontro de profissionais

de cuidado em saúde na construção de um texto no qual conhecimentos acadêmicos – filosóficos, clínicos, políticos – se entrecruzam a imagens e a percepções artísticas e literárias, tendo como guia a centelha em seus rastilhos e trilhas, os quais acendem natureza-cultura, sujeitos, ações e espaços de cuidado de maneira conjunta e transfigurada.

O escrito de Luis Eduardo Aragon, em diálogo com o texto acima, faz pensar em nossos desvios, excessos, na vitalidade das histórias. Partilha suas experiências e traz uma crítica sensível, afiada, afetiva; um convite a se perder junto, a abismar junto, rastilhos disparadores de movimentos. Escrita de acontecimentos, da morte, do viver; centelhas operando no alastramento do ser - expressão de Gilbert Simondon - cuja língua ele tão bem traduz.

O texto “Movimentos da presença, do estrangeiro e do corpo na formação para o trabalho em saúde” aborda cenas de formação na universidade, nos serviços e nas comunidades, na pandemia e após, procurando discutir o acontecimento da presença nos grupos, os estranhamentos envolvidos e o fazer contínuo do corpo nos encontros de cuidado.

Em interlocução com o escrito acima, Conrado Augusto Gandara Federici incorpora a noção de performatividade como articuladora do corpo expressivo na formação, e operadora da dimensão ficcional (não naturalizada) das atividades de ensino e de trabalho em saúde. Tal noção ajuda na compreensão da experiência de presença e suas corporeidade e estrangeiridade imanentes. O autor propõe ainda a ideia de malandragem como recurso na lida com o acaso, com o imprevisto e com as adversidades.

O conjunto dos textos guarda a tensão de certa heterogeneidade de conteúdos e estilos, ao mesmo tempo em que procura ser convergente no tema principal: episódios comuns de cuidados incertos.

Boa leitura.

Alexandre de Oliveira Henz  
Adriana Rodrigues Domingues  
Tatiana Alves Cordaro Bichara  
Sidnei José Casetto

## REFERÊNCIAS

- CAPOZZOLO, A.A.; CASETTO, S.J.; HENZ, A.O. (orgs.). **Clínica comum**: itinerários de uma formação em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013, 316pp.
- CAPOZZOLO, A.A.; MAXIMINO, V.S.; CASETTO, S.J.; JUNQUEIRA, V. (orgs.). **Clínica comum**: fragmentos de formação e cuidado. São Paulo: Hucitec/Rede Unida, 2020, 302 pp.
- CASETTO, S.J.; HENZ, A.O.; RODRIGUES, A.; AZEVEDO, A.B.; MARTINEZ, F.P.M.; MORENO, H.V.; SILVA, M.J.S.; CAPOZZOLO, A.A. O cuidado não existe: modos diversos de cuidado na atenção em saúde. In: MENDES, R.M.; AZEVEDO, A.B.; FRUTUOSO, M.F.P. (orgs.). **Pesquisar com os pés**: deslocamentos no cuidado e na saúde. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2019, pp.121-143.
- DELEUZE, G. Método da dramatização. In: DELEUZE, G. **A Ilha Deserta e Outros Textos**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2006, p. 131.
- DELEUZE, G. **Francis Bacon**. Lógica da sensação. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2007, p. 91.
- HANSEN, J.A. "O imortal" e a verossimilhança. **Teresa Revista de Literatura Brasileira**. São Paulo, p. 56-78, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116608/114196>> Acesso em 24 mai. 2021.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em 27 fev. 2024.
- HENZ, A.O.; RODRIGUES, A.; CAPOZZOLO, A.A.; SANTOS, C.E.A.; LIMA, E.R.; CORDEIRO, G.L.B.; MORENO, H.V.; ALMEIDA, L.A.M.; SILVA, M.J.; BALDO, R.C.; CASETTO, S.J.; PEREIRA, T.L.D.; LIMA, T.P.H. Cabeça dizpena, corpo desvago: experimentações de um Laboratório de Sensibilidades. **Fractal: Revista de Psicologia**, vol. 29, n.o 2, pp. 96-102, mai-ago. 2017.
- HENZ, A.O. Políticas de pesquisa entre anton tchekhov, narrativas, casos infames. **Revista Verve**. 41, pp 73-90, 2022.
- INFORSATO, E.A. **Desobramento**: constelações clínicas e políticas do comum. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22042010-104547/en.php>>. Acesso em 17-9-2021.
- MENDES, R.M.; AZEVEDO, A.B.; FRUTUOSO, M.F.P. (orgs.). **Pesquisar com os pés**: deslocamentos no cuidado e na saúde. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2019, 292 pp.
- MERHY, E.E. **Saúde**: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2002.
- PELBART, Peter. **A vertigem por um fio**. São Paulo: Iluminuras, p. 71 2000.
- RODRIGUES, A. **Políticas no cuidado**: uma cartografia de políticas de cuidado em três unidades de saúde da atenção básica. 2016. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde) - Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2016.

# RELEVOS DO INVISÍVEL NA PESQUISA, EPISÓDIOS COMUNS

Alexandre de Oliveira Henz  
Valéria Monteiro Mendes  
Lorena Martha Roberto  
Lúcia Aparecida de Souza  
Lourdes Aparecida D'Urso  
Raul Franklin Sarabando de Moura  
Raquel Cleide da Mota Carvalho

Como se dão e como se deram os começos desta e das pesquisas que vamos, de algum modo, alimentando em nós todos os dias? Como dizer dos inícios, como compor um plano investigativo com os relevos que vão se constituindo? Tratam-se de questões às vezes rejeitadas pela clareza ofuscante da razão<sup>1</sup> intrincadas umas com as outras; filetes, deslizamentos, frequências, hábitos, memórias involuntárias, alguns anos de estrada... como contar das origens de escrever, pensar e pesquisar? Parece uma multiplicidade de origens, pedaços de narrativas sem identidade ou solenidade de origem<sup>2</sup>, embates de forças reais, invisíveis.

No decurso do escrito há várias vidas, lançando mão de dispositivos de narração, cacos de acontecimentos, às vezes em misturas insuspeitas, em outras

1 Uma pesquisa pode apostar excessivamente nas luzes, no projeto iluminista e se cegar com os faróis da razão, deixando de tatear os relevos na escuridão do contemporâneo e também quando a noite é mais profunda, somos capazes de captar o mínimo clarão, e é a própria expiração da luz que nos é ainda mais visível em seu rastro, ainda que tênue. Não, os vaga-lumes desapareceram na ofuscante claridade dos “ferozes” projetores: projetores dos mirantes, dos shows políticos, dos estádios de futebol, dos palcos de televisão.” Didi-Huberman, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.30

2 Interessou, na atualidade da pesquisa, explorar os muitos começos sem uma identidade primeira. A respeito desta problemática Michel Foucault questiona: “Por que Nietzsche genealogista recusa, pelo menos em certas ocasiões, a pesquisa da origem (Ursprung)? Porque, primeiramente, a pesquisa, nesse sentido, se esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo. Procurar uma tal origem é tentar reencontrar “o que era imediatamente”, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira (...) rir das solenidades da origem. A alta origem é o “exagero metafísico que reaparece na concepção de que no começo de todas as coisas se encontra o que há de mais precioso e de mais essencial”: gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã”. Foucault, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: Microfísica do Poder. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.15-38.



mais inquietantes e estranhas. Em todas as histórias, não nos enganemos com as narrações: tudo é real e a aposta foi explorar filetes de questionamentos. Com efeito, essas imagens narrativas expressam certa indiferenciação singular, não buscando relatar o que se passou em termos de ordem cronológica ou firmando um pacto com a verdade, mas expressando movimentos que passaram pelo grupo e que curto-circuitam, muitas vezes, as dimensões bem estabelecidas de espaço-tempo.

Alguns alertas/avisos-convites introdutórios para a leitura deste escrito. Trata-se de uma construção realizada no tempo presente acerca do que ganhou relevo no processo da pesquisa, ou seja, um escrito tecido em uma temporalidade diferente daquela vivida no período da produção dos dados; certamente os dados são produzidos em distintos momentos; agora, inclusive. Embora isso seja comum em várias pesquisas, interessa pôr em análise que talvez não seja possível prender, expressar as atmosferas, os pesos, os afetos de um pesquisar produzido a partir de reuniões do *meet* no decorrer da crise sanitária que atravessou de diferentes modos e que, de todo modo, está presente no escrito. Um tempo outro, um outro modo de relação, outros corpos.

Interessa convidar para encontros com várias questões, torções e afetações que experimentamos nas intrincadas fases que compõem-interferem a/na produção da pesquisa; as provisoriiedades do processo; a dita finalização da pesquisa. Um caldo, uma placenta de virtuais, composto de instrumentos e estratégias metodológicas que lançamos mão e que inventamos no/com os movimentos da investigação: os encontros fabricados e seus efeitos; as discussões entre pesquisadoras/equipes envolvidas no processo; a produção de percepções acerca do que se faz como relevo no decurso da pesquisa.

Arranjos e traquitanas que, por vezes, permanecem gravitando em nós e entre nós, sem necessariamente ganharem a forma de texto, a exemplo do *padlet* de “Ideias ao léu” e do “Verbetes de noções”. O pesquisar em seus imprevisíveis movimentos que, por vezes, são centrífugos. Tessituras sutis, micropolíticas, intensivas. Urdiduras que dizem acerca do que seleciona em nós, que expressam modos de tatear o que é mais ou menos relevante.

Maquinações que também são incômodas e que se produzem em dobras nos corpos que pesquisam: “Era muito material. Achava, às vezes, que a gente desperdiçava as coisas”. Nem todos os dados se materializam no escrito final da pesquisa. Alguns ocuparão um lugar interferindo nos modos de pensar e perceber questões, outros ainda farão parte de distintos processos de pesquisa, e oxalá, cheguem em discussões nos serviços, em certos movimentos ético-políticos. Nada é pensado em termos de ganho ou de perda, trata-se de uma investigação que pode desperdiçar, esbanjar, em que algumas questões não são para já.

Neste ponto, mais um aviso-convite: tentamos caminhar com as narrações para além da dicotomia verdadeiro ou falso. “Aconteceu ou não aconteceu o que contam as narrações? ”, poderia interrogar quem as lê. A esse respeito, importa pensar que se trata de certa expressividade das forças em jogo. Nas narrativas o interessante é preservar um filete de vida, resguardar o que se passa nos encontros e disso produzir costuras com planos conceituais para a produção de interferências que auxiliem em um questionamento vital, a girar a seta para nós<sup>3</sup>.

Uma narrativa não precisa ser integralmente verossímil, certa inverossimilhança pode preservar, carregar um problema, um feixe de vida que pulsa ali. Pesquisar com narrações inverossímeis interessa quando elas arrastam e trazem problemas com sua inverossimilhança, num rigor estético-político-conceitual. É justamente por estarem em nós, em distintos campos de força que habitamos e nos encontros que produzimos, que elas existem. Assim, a questão não está em classificar um caso quanto a sua verossimilhança e inverossimilhança – por sua estranheza, quebra, descontinuidade – de modo a desprezá-lo. Trata-se de colocar o caso em relevo, o que por si, pode trazer problemas reais com sua inverossimilhança.

Com as narrações, não valorizamos exclusivamente a verossimilhança que pode ativar fluxos de reconhecimento, também produzimos experimentações,

---

3 Neste jogo há o inverossímil, o que não parece verdadeiro, crível, e podemos expressar, produzir uma pequena imagem verossímil, que parece verdadeira, não se trata da verdade ou do fato, e, também importa girar a seta para nós, nos colocar em xeque. Nesse jogo quem pesquisa não fica do lado dos bons ou exaltando ou contra um grupo. Henz, Alexandre de Oliveira. Políticas de pesquisa entre Anton Tchekhov narrativas, casos infames. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2022/12/20/politicas-de-pesquisa-entre-anton-tchekhov-narrativas-casos-infames/> Acesso em 24 /05/2023.

dobras, transvisões<sup>4</sup> acerca do chamado objeto. Isso significa que interessa para a composição dessas narrativas aquilo que não está no cerco da consciência, que está quase fora de foco, ocupando as margens da percepção<sup>5</sup>.

Era uma segunda-feira, quase no final de uma conversa pelo *meet*, depois de quase duas horas:

– Não é uma pesquisa sem o corpo porque foi feita pelo *meet*, sempre tem um corpo.

– E os relevos da pesquisa? Conseguimos acompanhar as pegadas, os deslocamentos, os saltos?

Alguns foram saindo da reunião.

– Tchau pessoal, beijos.

– Até a semana que vem...

Nos últimos segundos:

– Parece que tudo vai reto, seguindo o projeto de pesquisa, guiado pelos passos, pela consciência, mas a gente não vê ou fala pouco dos buracos, dos períodos em que parecemos marcar passo, cansamos.

E...

– É, os momentos cansados, até de tédio interessam pra pensar, experimentar.

---

4 Luiz Orlandi se refere a transvisões e replexões, e questiona a chamada reflexão sobre nas pesquisas, diz que: “As versões reflexivas, disciplinadas pela representação, operam a estabilização de dados ou sinais em codificações tendentes a isolá-los da complexidade neles implicada, ao passo que as transversões replexivas, liberadas pela experimentação das linhas implexas, são expressões do aprendizado das transpassagens dos dados ou sinais a signos da complexidade implicada. Orlandi, Luiz Benedicto Lacerda. Nota acerca da transversão. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/04/05/nota-acerca-da-transversao-luiz-orlandi/> Acesso em 23/06/2023.

5 Margens da percepção na pesquisa que ecoam com as explorações de que: “Uma percepção consciente jamais aconteceria se ela não integrasse um conjunto infinito de pequenas percepções que desequilibram a macropercepção precedente e preparam a seguinte. Por mais bruscamente que eu dê uma paulada no cachorro que está comendo, ele terá tido as pequenas percepções da minha chegada em surdina, do meu odor hostil, da elevação do pau, percepções que sustentam a conversão do prazer em dor [...] As pequenas percepções são não apenas a passagem de uma percepção, como são também os componentes de cada percepção. Elas constituem o estado animal ou animado por excelência: a inquietude. São “agulhões”, pequenas dobraduras que estão presentes tanto no prazer quanto na dor [...] O nível macroscópico distingue as percepções e as apetições que são passagem de uma percepção a outra. É a condição das grandes dobras compostas, dos drapeados. Mas o nível microscópico já não distingue as pequenas percepções e as pequenas inclinações: agulhões da inquietude, agulhões que produzem a instabilidade de toda percepção [...] A questão toda está em saber como se passa das pequenas percepções às percepções conscientes, das percepções moleculares às percepções molares. Seria por um processo de totalização, como quando capto um todo cujas partes me são insensíveis? A percepção nas dobras”. Deleuze, Gilles. A percepção nas dobras. In: A Dobra: Leibniz e o barroco. Tradução de Luiz Orlandi. Campinas: Editora Papirus, 1991 p.129-149.

– E não foi num desses momentos que veio essa frase do projeto: episódios comuns de cuidados incertos?

– Hum... como já são 19 horas, acho que precisamos encerrar, vamos fazer as últimas combinações?

As narrações nos pegam de arrastão para além do falso e do verdadeiro em que não há fatos, somente problematizações. Se os escritos fossem somente verossímeis, não correríamos riscos e poderíamos estar no âmbito das naturalizações e da reconhecimento. Teria pouco espaço para sustos que pudessem fisgar boas questões: “foi assim que aconteceu?!”, todos os participantes saíram ao mesmo tempo?!”. Nas narrações, interessa a hora de uma dobra inesperada, que pode ser interessante para saltar mundos, questionamentos sem tanta sobrecarga de consciência e voluntarismo, compondo um campo clandestino, invisível.

No meio da pesquisa recolhemos pequenos traços de conversas e vinhetas, experiências em que ao mesmo tempo que tentamos não sobrepor os conceitos sobre as situações, arriscamos mastigar mais, expressando-os por dentro e pela superfície das reuniões. Com esses movimentos, surgem deslocamentos nos vários começos quase invisíveis, podendo, de repente, - e não tão de repente assim – explorar e construir outros inícios. Muitas vezes os começos aparecem avizinados em uma imagem, em marcas de memórias, pedaços de conversas. São densidades enroscadas de reminiscências que não podem ser reduzidas nem a um só fato, nem a um só instante do tempo. Alguns vão evoluindo ao modo de blocos, de carnaval. A percepção se dá sempre pelo meio. Não se trata, portanto, apenas de uma escolha estética de como narrar, mas sobretudo de uma aposta ético-política que pretende rastrear os processos de captação de um problema que se engendra entre falas, imagens, sensações, uma espécie de poeira de signos. Buscamos apreender os tempos da investigação: aprender no tempo.

Sessenta e três foram os registros dos encontros periódicos do grupo de pesquisa, fios episódicos que hoje ajudam a traçar um itinerário daquilo que escrevemos e pensamos no decurso desta pesquisa. Esses registros, memórias dos encontros, trazem também a perspectiva e percepção de quem recolheu e deu

forma por meio da escrita, o que geralmente era feito na semana imediatamente posterior ao encontro e em dupla. Logo no início do campo de investigação, instituiu-se uma prática de registros por escrito ao invés de realizar gravações. A maioria dos escritos que relatam os encontros do grupo não contém os nomes de quem enunciava impressões. Há traços, marcas singulares. Muitos desses enunciados se misturam, fazendo com que não saibamos ao certo de onde vem esta e aquelas falas, ideias, pensamentos, numa intensa ressonância, numa polissemia e polifonia de vozes, ao estilo bakhtiniano.

Nos intervalos, entretempos no grupo de *whatsapp*, alguém insistia naquilo que discutimos no texto da Vinciane Despret, dos animais<sup>6</sup>:

– Olha, é forte isso de que os planos conceituais são continentes à espera de certas experiências, histórias – e nisso cada teoria inscreve uns fatos, junta alguns, outros exclui, oculta outros, exalta etc. Ela diz mais ou menos assim...

Em outro dia de reunião remota, um silêncio... Silêncio, um dia quente, o computador começa a fazer um som, parece ferver.

– Ei, silêncio?!

Grita:

– Vocês ainda estão aí? Que silêncio!!!

– Interessante a questão do silêncio nessa condição remota...

– Gente, vamos ler e discutir na outra segunda-feira aquele texto do Agamben, da Imanência?

Dois dias depois, uma mensagem.

– Que difícil esse texto da Imanência do Agamben...

Segunda-feira, 3 de agosto de 2020, reunião do LEPETS<sup>7</sup> pelo *meet*. Após uma hora de conversas acerca do escrito “Imanência absoluta” do Agamben (2000):

– Essa ideia de centelha de vida aparece lá no escrito “A imanência, uma vida”, do Deleuze (2016).

---

6 Despret, Vinciane. O que diriam os animais se... Cadernos de leitura. Tradução de Cícero de Oliveira. n. 45, 2016, p. 9. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-45-o-que-diriam-os-animais-se/> Acesso em: 25/12/2022.

7 Laboratório de Estudos e Pesquisas em Formação e Trabalho em Saúde da UNIFESP.

- Acho que algo disso tem na narrativa da Sakura.
- Talvez se cortasse o começo e o final poderia aparecer com mais força esse acontecimento na parte quase final da narrativa da Sakura.

Quase no final da reunião, disse:

- Tô aqui pensando, e se fizéssemos um *padlet*?
- Um o quê?!
- Poderíamos construir um a partir do banco de narrativas da pesquisa e de um arquivo Ideias ao Léu.

No trabalho com o *padlet* havia uma versão recortada da narrativa da Sakura. No *padlet* arriscamos pensar e inventar com quem estava junto. E na semana seguinte:

- Gente, arrisquei montar umas linhagens entre narrativas/casos, conceitos. São provisórias, descartáveis...

– Uma delas foi centelha de vida.

Com o *padlet*<sup>8</sup>, abrimos caminho para a montagem de um mapa móvel coletivo<sup>9</sup>. Ele expressava o movimento de construção de relevância: narrativas, imagens, trechos de obras, vídeos, músicas. Tudo cabia nessa maquinação narrativa. No processo, as ofertas foram agrupadas em linhagens. Assim, quatro linhagens de questões ganharam corpo:

Linhagem I: aquilo que nem tem muito como entender o que foi e os efeitos, interferências? Que pegam bem na barriga?

Linhagem II: pequenos juízes em nós nos Centros de Atenção Psicossocial (e em outros serviços de saúde), não apenas no judiciário e servidões dos jargões e clichês?

Linhagem III: saúdes, encontros, centelhas de vida anônimas, singulares, potência do impessoal, uma vida... não seria sempre assim, mesmo quando reivindicamos primeiro os nomes, identidades prévias etc?

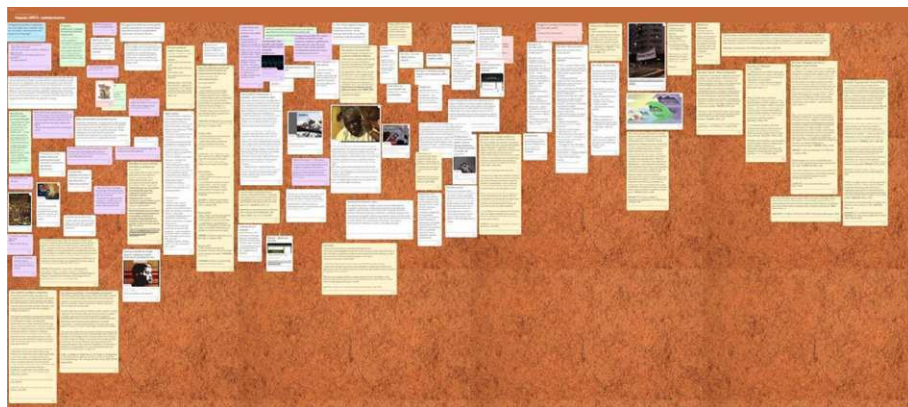
---

8 Para acesso a outras imagens do Padlet da pesquisa, ver o link: <https://padlet.com/lorenaroberto/pesquisa-lepets-cuidados-incertos-725eesr547qj4dto>

9 Ecoando com a aposta de que “fazer o mapa, não o decalque [...] o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza”. Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. Introdução: Rizoma. In: Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2014 (1ª Reimpressão). p. 17-49.

Linagem IV: formação a céu aberto (TS<sup>10</sup>), formação e clausura (e há muitos modos, mesmo na rua), formação em entretempos intensivos;  
Linagem V: Distintas noções de vazio, falta, cheio?

**Figura 1.** Linhagens da pesquisa produzidas no *Padlet*



A produção das linhagens e, muito mais, influiu em outro momento, na composição de subgrupos de trabalho para a materialização de escritos por campos problemáticos que foram os seguintes: centelha de vida; modo privado; formação em saúde; percurso da pesquisa. Nessa germinação foi ganhando força e sentido a expressão “relevos de pesquisa” para denominar este subgrupo. Ao nos encontrarmos pelo meet com temporalidades e tessituras de um realismo vital, habitamo-nos de distintos planos que compõem os relevos/relevâncias do percurso da pesquisa. Depois de um trabalho coletivo de circulações, repetições, emerge uma questão: por que não explorar os vários começos, não as origens perdidas? Acompanhar pelo meio uma atualidade que emerge<sup>11</sup>.

Segunda-feira, 10 de agosto de 2020. Reunião iniciada pelo *meet*. Meia hora de reunião.

10 TS é abreviação para Trabalho em Saúde, um dos eixos comuns dos cursos da área de saúde no Instituto Saúde e Sociedade, campus Baixada Santista da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo).

11 A respeito da problemática do meio e das origens, interessa considerar que: “Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegariamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de atualidade” (Deleuze, 2013, p.113). Deleuze, Gilles. Rachar as palavras, rachar as coisas. In: Tradução Peter Pál Pelbart. Conversações. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 109 –121.



– Ah, acho que sei um pouco do que foi perguntado. Estava tomando café, olhei pra estante e estava lá na lombada de um livro: corpo incerto. Um pedaço veio dali, mas precisou de outras coisas, não bastava isso...

– É, tinha isso lá atrás na pesquisa sobre as políticas de cuidado, que destampou essa questão de que o cuidado é sempre bom.

– Sim... tem tanta coisa, é feito de tanta coisa o dito cuidado. Arrasta de um tudo, incluindo tutela. Sob o nome de cuidado muitas coisas são produzidas...

– Hum... e depois teve o texto do livro *Pesquisar com os pés*<sup>12</sup>... aquele que o cuidado não existe, né?

– Pois é, muitos começos. Sempre lembro daquele escrito do Foucault que diz pra sorrir das cerimônias de origem, vários começos...

Lembra-se também de uma professora da Nutrição que integrava o LEPETS.

– E ela dizia que a pesquisa era um folhado, bem da nutri, muitas camadas e coisa de comer e ser comido...

– Nossa, lembrei daquele vídeo entre dois corpos que se devoram, um corpo-alimento e um corpo-utensílios, talvez mais misturado que isso, aquele que assistimos na disciplina do MP<sup>13</sup>.

– É do Jan Svankmajer, dimensões do diálogo, ali só tem roubo e doação<sup>14</sup>.

– Sim! Bem isso. Concordou junto com várias que assentiram com a cabeça e com sinais de positivo pelas telas.

– E os episódios comuns? Teve o livro da Clínica Comum (2013) lá atrás... o problema do comum continua...

– Fico pensando que, assim como o cuidado, o comum precisa ser problematizado... cabe muita coisa dentro da noção de comum. Há fascismos em comum, por exemplo. Essa é uma questão que me pega. Noções quase que intocáveis, não apenas na saúde.

Segunda-feira, 24 de agosto de 2020, reunião do LEPETS pelo *meet*.

Em algum momento:

---

12 Referência ao livro produzido pelo grupo de pesquisa (Mendes, Rosilda.; Azevedo, Adriana Barin.; Frutuoso, Maria Fernanda Petrolí. *Pesquisar com os pés: deslocamentos no cuidado e na saúde*. São Paulo: Hucitec, 2019).

13 MP é a sigla utilizada para “Mestrado Profissional”.

14 *Dimensions of dialogue (možnosti dialogu)* [S. l.: s. n.], 1982, 1 vídeo (4 min : 37 seg). Disponível em: <https://vimeo.com/116020064> Acesso em 03/01/2023 Acesso em 03/01/2023

– Importante a pesquisa continuar com a questão do comum, da clínica comum, talvez instalações do comum, episódios?

– Isso! São episódios comuns, mas o problema do cuidado<sup>15</sup> é incerto.

Nesse encontro, com alguns zigue-zagues, emerge o problema dos episódios comuns de cuidados incertos. Um título-pontapé que, agora com nome, guia as escritas e que antes, desde as primeiras narrativas partilhadas, já estava de certa maneira ali, mesmo sem forma.

18 horas e 40 minutos, dia 15 de março de 2021, tarde fria, na reunião remota do LEPETS.

Nas duas semanas anteriores lemos uma série de escritos expressos em narrativas/casos/experiências e durante a semana ficamos de fazer questões a partir dessas narrativas.

– Gente, posso ler algumas questões que foram sendo escritas no docs depois das últimas narrativas, não sei quem colocou quais, mas posso ler? – perguntou quem fez o registro de nosso último encontro.

Depois de um tempinho em silêncio: vários sinais de joinha, feitos com os microfones desligados.

– Vou ler, então: como e quando se dão sutis instalações do comum na clínica?; cuidados incertos podem ser percebidos em violências incertas?; quais políticas de percepção estão em jogo no cuidado e na violência?; o que se passa entre agentes comunitárias, interesses poderosos e a invenção de doenças e saúdes?; será que certos processos de fabricar memória social podem auxiliar na organização comunitária e na formulação de demandas singulares? Se sim, como?

Alguém abre o microfone, fala algo e se escuta um barulho no meio da leitura interrompida,

– Ah, não tem também algumas questões relacionadas à formação, aulas remotas?

– Isso, vou ler também, já ia ler, tem também algumas de grupos e coletivos!

Joinha.

---

15 Acerca desta questão ver especialmente Rodrigues, André. Políticas no cuidado: uma cartografia de políticas de cuidado em três unidades de saúde da atenção. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde) – Instituto Saúde e Sociedade. Universidade Federal de São Paulo. Santos. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61086/discover>.

– Qual potência podemos extrair desse momento pandêmico, que seja capaz de disparar um plano de aula tão excepcional quanto o momento?

– Como produzir grupalidade nesse espaço e tempo que é a tela, plana?

– Como se constrói essa dimensão da experiência que ative e atice a presença?

– E as tantas vidas que não possuem meios/recursos para produzir essa forma de conexão no momento? Poderia ser melhor?

– E agora duas dos coletivos:

– Como os coletivos se organizam para produzir o comum? Que questões surgem e atravessam e como os coletivos foram afetados pela pandemia?

– Os cuidados são “certos” quando nos propomos a cuidar nos serviços nos quais temos metas a serem atingidas – lugares onde queremos chegar? Seriam cuidados incertos aqueles realizados quando descuidamos das metas? As metas produzem certas obstruções às necessárias porosidades para os incertos nos cuidados?

Naquele dia alguns silêncios e a reunião foi encerrada após a leitura das questões, estávamos cansadas, calor, o tempo escasso, próximo do horário de fechar a reunião, parecia não ter mais nada para dar.

11 de abril de 2022, 17h50min. No meio de uma conversa da reunião do subgrupo da pesquisa, estávamos relendo anotações feitas nas reuniões do ano passado.

– Lembra dessas questões? Estava revendo os registros.

– Pois é, não que elas fossem para ser respondidas, mas elas saíram um pouco de cena.

– Não sei, essas questões parecem ser uma camada, uma placa da pesquisa que não mais aparece nas discussões, mas que também não desapareceu.

– Acho que continuou por outras vias, não? Abrindo uns filetes na percepção, meio infiltradas.

Já sondávamos esses movimentos em que a pesquisa se constrói, mas como explorar a questão parecia mais complicado. Como decifrar signos dos encontros do grupo, daquilo que seleciona em nós com as narrativas, com a profusão de ofertas do *padlet* e das linhagens nas pesquisas, com as anotações dos encontros.

Após várias tentativas, compusemos um incerto caminho em que, ao mesmo tempo que algumas de nós dedicavam-se à leitura das narrativas buscando demarcar os começos e aspectos que saltavam das marcas dos encontros, outras voltavam-se para a composição de uma escrita inicial a respeito da pesquisa. E entre estes vais e vens e muitos começos, pretende-se pouco à exposição das memórias voluntárias<sup>16</sup> da investigação, e mais ao relato de um aprendizado – mais precisamente, do aprendizado de pesquisar não linear. Às vezes o tempo pede outro ritmo e com ele buscamos criar acordos que possam sustentar nossa engenhoca pouco usual em curso.

Nessa montagem de imagens, não tomamos então a memória como acumulação de representações<sup>17</sup> de fatos ou acontecimentos passados; trata-se de uma posição metodológica e ética. Paul Preciado<sup>18</sup> questiona esta noção acumulativa de memória que supõe certa equivalência entre cada uma das unidades de tempo, colocando em xeque uma perspectiva de memória enquanto arquivo mais ou menos elaborado de representações mentais no qual cada instante do tempo corresponderia a um fato. Se assim fosse, essa experimentação com a pesquisa seria mera recolha detalhada de fatos ordenados de acordo com uma cronologia crescente entre 2019 e 2022. Como sublinha Preciado, não existe uma unidade de tempo que sirva de denominador comum a todos os eventos.

Exploramos, nesta perspectiva, diferenças de intensidade de cada instante desta construção que provoca invaginações no curso do tempo, o que

---

16 Acerca desta questão Samuel Beckett analisa um tensionamento entre a memória voluntária e involuntária: “A memória voluntária insiste na mais necessária, salutar e monótona forma de plágio – o plágio de si mesmo.(...) A memória involuntária é explosiva, “uma deflagração total, imediata e deliciosa”. Restaura não somente o objeto passado mas também o Lázaro fascinado ou torturado por ele, não somente Lázaro e o objeto, mais porque menos, mais porque subtrai o útil, o oportuno, o acidental, porque em sua chama consumiu o Hábito e seus labores e em seu fulgor revela o que a falsa realidade da experiência não pôde e jamais poderá revelar - o real. Mas a memória involuntária é um mágico rebelde e não se deixa importunar. Escolhe seu próprio tempo e lugar para a operação do milagre”. Beckett, Samuel. Proust. Tradução de Arthur Nestrovski. Editora Cosac e Naify: São Paulo, 2003.

17 Ainda que se tratem de outros movimentos, nesta aposta, memória é uma multiplicidade, em que há coexistência virtual de dispares planos e dobras temporais (não é o domínio de cronos, o tempo linear, há entretempos intensivos) e, que dependendo das distintas combinações, produz diferentes marcas, recordações em disputa (há o jogo do hábito, do caos, da recongnição, da irrupção da diferença) e realidades. Memória é um dispositivo produtor do presente e futuro, tudo sempre em disputa micropolítica e se relaciona com políticas de/na percepção.

18 Cf. Preciado, Paul Beatriz. Da filosofia como modo superior de dar o cu: Deleuze e a “homossexualidade molecular”. In: Manifesto contrasexual – Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2022. p.171-190.

forçou os tempos a dobrarem-se sobre si mesmos. Momentos cronologicamente distantes de uma pesquisa que se construiu quase que inteiramente *online*, com as afetações de quem dela participa em seus locais de convívio nos trabalhos, em casas, algumas vezes nas ruas, em outros grupos e coletivos. Realidades que se entrecruzam e compõem um desenho. Criamos algumas imagens verossímeis e ao mesmo tempo um tanto absurdas. Imagens dos silêncios entre as telas, da ruminação de textos trabalhados em um ou mais grupos que em certos momentos parecem urgentes, das palavras que voltam e ganham relevância, depois de terem se enfraquecido por determinado tempo.

Há na construção destas imagens narrativas algo distinto de fazer uso delas em primeiro plano para depois analisá-las, embora isso também ocorra. Com as cenas que povoam esse escrito exploramos problemas, enunciamos alguns conceitos, buscando passar pelo meio dos acontecimentos<sup>19</sup>. As perguntas vão vestindo-se de algumas camadas e despindo-se de outras em alguns momentos. Às vezes desaparecem, não sabemos ao certo como chegamos a elas; um longo trabalho pouco visível está em jogo.

A aposta é explorar imagens problematizando um naturalismo do bom senso e do senso comum, daquilo que pode apenas retratar o já sabido, preso ao verossímil. Por vezes, construímos imagens quase inverossímeis, mais aliadas a um realismo do invisível, das forças em luta que pudemos dramatizar com as cenas<sup>20</sup>. É importante a distinção entre o que se pode chamar, de um lado, de realismo do invisível e, de outro, de naturalismo do bom senso e do senso comum, um naturalismo de uma espécie de álbum da inteligência cansada e oportunista<sup>21</sup>. Os

19 A noção de acontecimento interessou nestas explorações de encontros remotos, em que tentamos - desinvestindo o jogo da identidade, semelhança, oposição e analogia que traem a diferença - produzir pequenos gestos que expressam pelo meio algo que produz o acontecimental, na esteira de Baudrillard que diz que "o que produz acontecimento é aquilo que não tem equivalente". Baudrillard, Jean. *Power Inferno*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

20 A respeito da distinção entre naturalismo do bom senso e do senso comum (a chamada objetividade) e o realismo do invisível, por vezes inverossímil, Suely Rolnik (1995, p. 65) diz "que interessa um realismo do acontecimento, daquilo que, embora impalpável, já produziu uma rachadura no falso naturalismo da realidade visível e pressiona para que algo venha lhe dar corpo". Ela propõe a distinção, valorizando aquilo que diz respeito ao realismo do invisível, especialmente o escrito Hal Hartley e a ética da confiança. Rolnik, S. Hal Hartley e a ética da confiança. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 1, p.65-93, 1995. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernoss subjetividade/article/view/38421>. Acesso em 23/10/2022.

21 O naturalismo do bom senso e do senso comum pode ecoar com o que Marcel Proust, retomado por Beckett (2003, p.32), chama de "memória uniforme da inteligência que é de confiança para a reprodução, perante nossa inspetoria satisfeita, daquelas impressões do passado formadas por ação consciente da inteli-

dois campos de produção coexistem até porque se fosse uma dicotomia, o próprio realismo do invisível poderia se tornar rapidamente mais um conceito instituído e purificado. Esse realismo pode se expressar em imagens narrativas que dramatizam um problema, uma ideia expressa em: “densidades enroscadas de reminiscências que não podem ser reduzidas nem a um só episódio (fato?), nem a só um instante de tempo”, retomando Paul Preciado (2022)<sup>22</sup>. Algo mais misturado, com traços que se imprimem em nós e dos quais somos pouco autores e mais co-atores.

Realismo das forças, dos acontecimentos que suscitam um questionamento, arrastam racham, abrem problemas naturalizados. O realismo do invisível pode ser inverossímil. Aconteceu? Nos perguntamos. É um problema real. Quais procedimentos fazemos funcionar para constituir um realismo do invisível, para dramatizar uma imagem episódica condensada que seja capaz de expressar uma atmosfera, um clima afetivo<sup>23</sup>?

Segunda-feira, 13 de setembro de 2021. Reunião iniciada pelo *meet*. Na última meia hora da reunião, alguém levanta a mão:

– Gente, precisei tomar a decisão de não permanecer na pesquisa, sinto que o ritmo tem sido outro por aqui nesse momento, fui chamada para acompanhar uma pesquisa internacional com um grupo na USP, não consigo dar conta de tudo, mas quando puder ou estiver por Santos, passo por aqui!

Entre alguns silêncios e em seguida mais um comentário:

---

gência. Não demonstra interesse algum pelo misterioso elemento de desatenção que colore nossas experiências mais triviais. Apresenta-nos um passado monocromático. As imagens que escolhe são tão arbitrarias quanto as escolhidas pela imaginação e igualmente distantes da realidade. Sua ação é comparada por Proust à de virar as páginas de um álbum de fotografias. O material que fornece não contém nada do passado; uma vez removida nossa ansiedade e nosso oportunismo, não passa de uma projeção uniforme e enevoada - isto é, nada”. Beckett, Samuel. Proust. Tradução de Arthur Nestrovski. Editora Cosac e Naify: São Paulo, 2003.

22 Preciado (2022, p. 177). Preciado, Paul. Beatriz. Da filosofia como modo superior de dar o cu: Deleuze e a “homossexualidade molecular”. In: Manifesto contrasexual – Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2022. p.171-190.

23 Com o texto as noções de clima e conhecimento pático são caras à pesquisa e são trabalhadas por Félix Guattari (1992, p. 38): “Não se trata de uma imagem passivamente representativa, mas de um vetor de subjetivação. E eis-nos então confrontados com um conhecimento pático, não-discursivo, que se dá como uma subjetividade em direção a qual se vai, subjetividade absorvedora, dada de imediato em sua complexidade. [...] Essa subjetividade pática, aquém da relação sujeito-objeto, continua, com efeito, se atualizando através de coordenadas energético-espácio-temporais, no mundo da linguagem e de múltiplas mediações; mas o que importa, para captar o móvel da produção de subjetividade, e apreender, através dela, a pseudodiscursividade, o desvio de discursividade. [...] Na raiz de todos os modos de subjetivação, essa subjetividade pática é ocultada na subjetividade racionalista capitalística, que tende a contorná-la sistematicamente (p.39).” Guattari, Felix. Da produção de subjetividade. In: Caosmose. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 11- 44.

– Alguns de vocês sabem, tenho tido problemas, doenças na família e recebi alguns convites para outros trabalhos... e com essa coisa de pandemia, uma enxurrada de demandas e tudo muito lento, não consigo continuar no grupo.

Outra pessoa também levanta a mão:

– Temos uma história juntos, adoro vocês, mas tenho outros grupos de pesquisa, artigos, gente com bolsa que precisa de ajuda.

– Gente, obrigado por terem trazido suas questões, pela trajetória até aqui, que tudo corra bem.

Uma a uma, todas saem da reunião.

Nesse fragmento, vemos a saída de várias pesquisadoras levantando a mão, falando e saindo do *meet*, sempre no âmbito de um realismo do invisível e não de uma suposta objetividade; nesse realismo das forças, fala-se da saída, uma expressão no âmbito das forças em jogo, o mais habitual seria sair em silêncio e a ausência diz igualmente muita coisa. Saíram integrantes que tinham outros campos de interesse, também algumas parcerias das duas pesquisas anteriores. Saem e mantêm, de alguma forma, uma existência, seja no LEPETS, seja na presente pesquisa. Questionamentos, estratégias, memórias involuntárias, incorporais<sup>24</sup> insistem por outras vias e por outros meios.

No decurso do tempo, outras participantes passam a integrar a pesquisa. É um grupo de pesquisa aberto, há um fluxo de entradas e saídas. Há também a permanência de estratégias como os registros que, como já referido, são escritos a cada reunião por duplas e lidos no início do encontro seguinte. Uma ferramenta de trabalho que parece ter vindo do grupo de estudos sobre as práticas no mestrado profissional, que, por sua vez, veio de outro grupo de estudos fora da universidade e poderíamos ir longe com isso. Entre uma produção de dados por conta gotas, sedimentações, desmanches, alguns, algumas chegam, ficam um pouco, saem e voltam ou não. Algumas que sustentaram a pesquisa por muito tempo se conectam com outros caminhos e velocidades.

---

24 Acerca dos incorporais nos encontros de corpos na pesquisa ver especialmente Luiz Orlandi em ENCONTRO DOS CORPOS, estado de coisas, os incorporais, devires. [S. l.: s. n.], 2008. 1 vídeo (3 min). 1 vídeo (2 min). Publicado por Laboratório de Sensibilidades. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2022/11/29/encontro-dos-corpos-estados-de-coisas-os-incorporais-devires-luiz-orlandi-2-minutos/> Acesso em 30/11/2022.

Essas imagens são algumas camadas do que se passou em momentos da pesquisa e que interferem hoje na investigação. São uma dramatização possível de jogos de força, quase inverossímeis, não se trata de naturalismo. No realismo do invisível, certa condensação do comum pode expressar um deslocamento de produção de dados e do campo de problemas em jogo. O naturalismo tende a submeter certas forças a trajetões lineares e reconhecidos, a formatações temporais que talvez um corpo-a-corpo, um drible curto ao modo desses trechos, faça estremecer.

Segunda-feira, 28 de novembro de 2022, reunião do subgrupo de pesquisa pelo *meet*.

Iniciada às 17h 15min, lá pelas 18h10min, após leituras e conversas:

– Gente, escrevi algo dessa coisa de submeter o que a gente vê nesse formato, nesse esquema em três tempos sabe? Início, meio e fim? O naturalismo do tempo, posso ler?

– Claro! – Se sobrepõem vozes e sons.

– Vocês sabem, né? Na Saúde da família há protocolos para tudo, tudo o que é doença, se abrem e se arquivam os casos e assim seguem as coisas... bom, então vou ler!

E inicia:

Uma enfermeira da Estratégia de Saúde da Família faz uma busca ativa de um usuário que faltou ao tratamento de tuberculose e o encontra em casa. Na visita, a avó fala com ela e se queixa da filha, que voltou a morar na casa depois de ficar desempregada e trouxe a neta adolescente.

Ao contar o que se passou, a profissional disse:

– Uma briga, a mãe esfaqueou a filha. Foi assim! A filha passou a morar com a mãe, a mãe foi provocada pela filha e a neta, e na sequência a mãe da adolescente esfaqueou a filha. Um caso de Conselho Tutelar, polícia!

E nisso insistiu:

– Você tem que ir lá, já fizemos a notificação, vamos chamar o Conselho, tem que ser rápido.

– Ok, você vai comigo?



Chegamos quase na hora do almoço. Minha colega se senta numa poltrona. Recebo uma cadeira, vinda da cozinha.

Na porta, a avó se queixa:

– Não aguento essas duas, uma preguiçosa, fica de namorinhos, só dorme. E a outra só fala pra reclamar e me xinga, sou a dona aqui!

Logo vem a filha, cansada talvez do bico de garçõnete que fez na noite anterior; vem aos gritos:

– Lá vai você falar da minha vida pros outros!

– Falo mesmo, você tá na minha casa, eu faço o que eu quiser!

– É, vai ver que eu vou embora depois e você fica reclamando aí!

– Então vai!

Em seguida, surge a vítima, mas não com as marcas que imaginei.

– Mas como foi essa briga que vocês contaram quando ela veio aqui?

Contam o que aconteceu na véspera.

– Ah, então não foi pra furar?

– Não, pelo amor de deus, a gente se sacudiu.

– E como vocês estão com isso agora?

– Ah, desse jeito não dá né? A gente não pode brigar assim não.

Ela me lembra muito de como eu era quando moça.

Um episódio em meio à mudança de casa, à carteira vazia, o bico que paga pouco, os namoros da escola, uma autoridade quebrada e brande-se uma faca. Sons ganham corpo, mãe e filha se encontram e uma perna sai ralada, um pedaço de vida, sem trama e sem final, sem formatação. Duas envergonhadas choram no sofá.

Um golpe de faca dentro da família e tudo se encadeia em início, meio e fim. Foi necessário cortar este desenho. Notificar, acionar, abrigar, proteger no âmbito do naturalismo do bom senso? A escuta dos jogos de força na história permite outro corte e produz um outro episódio, com outras vidas. Em outros casos de naturalismo, os termos/verdades por meio de palavras, jargões científicos, médicos, psiquiátricos, familistas, militantes tomados como mais verdadeiros de um determinado momento tendem a comparecer.

Segunda-feira, 28 de novembro de 2022, em meio a leitura de fragmentos narrativos pelo *meet*:

– Gente, olha essa imagem!

Inicia a leitura:

Uma filha diz:

– A gente fez uma assembleia no abrigo, sei dos meus direitos.

– Uma assembleia? E o que decidiram?

– Que eu e a minha irmã queremos ser adotadas, somos um caso de negligência.

– E seus dois irmãos mais velhos?

– Eles querem voltar pro meu pai.

– Sério, mas por que você quer ser adotada?

– Quero uma família funcional, civilizada<sup>25</sup>. Pai e mãe. Mas não quero mais ter irmão. Quero ser filha única. Ou ser a irmã mais velha.

– E por que você não quer voltar pra casa do seu pai?

– Porque a minha vó puxou a faca pra mim e disse que ia acabar comigo! Que eu e os meus irmãos éramos um lixo. Que não era pra o meu pai ficar com a gente, que o nosso problema é no cérebro.

– Nossa, sua avó não pode fazer isso, ela pode ser processada.

– O que é processada? O que é isso “processada”?

Uma imagem, narração realista do invisível (não é tão-somente um modo de narrar, sendo mais precisamente uma exploração das forças em luta) pode ensejar trajetos que não parecem verdadeiros, são inverossímeis. Neste fragmento de conversa há uma pele salpicada também desse naturalismo do senso comum, de ideias prontas, até que a filha, criança, desconhece a expressão “processada”, e ainda assim utiliza a designação “família funcional”. Os signos se misturam, há algo de inverossímil e nos questionamos: “uma criança utilizaria esse termo?”

Esta conversa desliza pelos trilhos das expressões e verdades que Michel Foucault chamou de verdades terminais<sup>26</sup>. Trata-se por um lado

<sup>25</sup> Neste dia um menino dizia que os pais dele eram “incivilizados” e depois ficou me perguntando se era esse o jeito certo de dizer essa palavra e, em seguida, o que ela queria dizer.

<sup>26</sup> A problematização das verdades terminais indica que os saberes e disciplinas como a psicologia, a psiquiatria, o direito burguês são datados, emergiram em certo momento histórico político (emergência das

das últimas verdades, na ponta da época atual, às vezes na ponta da língua: as das neurociências quando tudo está ou pode ter origem no cérebro, dos direitos, num caso de negligência, do modelo de família, família funcional, da judicialização, processada?! Ao mesmo tempo, verdades terminais, datadas (as últimas e aquelas que estão a ponto de morrer) e seus efeitos estão deixando de ser: a psicologia do CID-10, os direitos humanos, a psiquiatria do DSM-V, as neurociências – ao modo das ciências humanas que emergiram no séc. XIX<sup>27</sup> – um dia não existiram e um dia deixarão de existir.

Estes nomes aos quais somos convocados a aderir – aqueles que soam descolados mas que podem facilmente colar – são produzidos por verdades terminais, achatando certas experiências. Ao mesmo tempo estas nomeações tendem a ser taxativas, constituindo outras experiências onde o que permanece é aquilo que já sabemos: nas pesquisas, nos espaços de cuidado, na vida. Tais nomeações tendem a ser terminantes, dando forma a movimentos de reafirmação do novo instituído. Há modos “oficiais” de ser/estar conectados a certos processos coletivos e compartilhados de um saber-fazer e também se produzem outras conexões pouco marcadas por processos hegemônicos, um fazer-saber<sup>28</sup>.

---

ciências humanas no século XIX) e enfrentam deslocamentos atuais com as neurociências, a biomedicalização, e judicialização. Em algum momento essas verdades não existiam, agora estão se deslocando e talvez desapareçam com o declínio do humanismo. Trata-se de uma espécie de renúncia ao conforto e um convite a não se deixar guiar por aquilo que sabemos demasiadamente, não deixar os saberes terminais da época atual terem um lugar organizador da/na experiência, do que se pode dizer acerca do que se passou. Questão tratada no prefácio de 1961 (loucura e desrazão) da história da loucura (Foucault, M. História da Loucura. São Paulo: Perspectiva, 1978 [1961]), desdobrado por Foucault, Michel. Ditos e escritos I. Problemática do sujeito – psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

27 A ciência, mesmo a mais positivista, sempre trabalhou com experimentos que poderiam ser superados por novas pesquisas e novas verdades viriam. Diferentemente disso, Michel Foucault está explorando radicalmente um solo arqueológico dos saberes-poderes, um plano de produção histórico das ciências e profissões. O caso aqui é que as próprias ciências humanas, a psiquiatria, a psicologia, a psicanálise são uma invenção recente, cujo fim está próximo – ainda que a curto prazo, por dentro delas, algo pereça e algo emerge, lógicas humanistas enfraquecem e/ou coexistem com chaves mais desubjetivadas na clínica. A questão aqui é que tratamos mais dos efeitos em jogo das ciências e áreas profissionais, CID, DSM, direitos humanos etc.

28 Emerson Merhy diz que: “qualquer encontro é encontro de uma multidão em produção. E, é nesse plano de imanência que o saber-fazer é de fato o fazer-saber, isto é, o saber que emerge do campo da ação inscrita no encontro e como tal não ser seu a priori, só o sendo imaginariamente. E como tal, o encontro é sempre um lugar de porosidades, de fugas incontrolláveis e, por isso, de imprevisibilidades, de incertezas, a tornarem precários todos os arranjos que se posicionam antes do próprio acontecimento” (p.22). É nesse contexto que fala da necessidade de: “colher da experiência a produção coletiva e implicada do conhecimento e o exercício de vários regimes de verdade. um desafio que anda de mão dada, na dificuldade, com aquele posicionado com o desaprender o saber-fazer, pois aqui há que se construir a possibilidade de se vivenciar a construção dos vários regimes de verdade que andam no campo dos encontros, nos atos de cuidar e de ensinar (p.28). Merhy, E. E.. Vivenciar um campo de formação de profissionais de saúde: dobrando em mim o fazer Unifesp Baixada Santista. In: Clínica Comum – itinerários de uma formação em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013. Prefácio, p.19-34.

Segunda-feira, 6 de dezembro de 2022, 17h35min, reunião do subgrupo de pesquisa pelo *meet*. Em meio a uma discussão:

– Gente, sei de uma história que expressa forte essa disputa pela relevância, posso contar?

– Sim, claro!

– Foi num hospital psiquiátrico em que acompanhei a desinstitucionalização e um pouco antes um encontro com um e muitos raios!

E continuou:

– Tinha o Renato e começamos a levar alguns sustos no hospital, pois de tempos em tempos ouvimos um grito, a equipe toda saía correndo, achando que havia ocorrido algo ou que algum paciente tinha entrado em crise e, na verdade, descobrimos que era Renato, que nos disse que soltava raios. Era raio a todo o momento, porque não gostou de uma determinada abordagem; porque ficou insatisfeito com alguma coisa; para a pessoa que ele não gostava; para a equipe em reunião - que dava pulos de susto com os raios repentinos - e, às vezes os raios vinham sem nenhuma motivação aparente!

Deu um suspiro e:

– Num determinado dia, cheguei à instituição e vejo Renato sentado num dos bancos das alamedas do hospital; no ímpeto soltei um raio para ele e, para meu espanto, ele sorriu e me mandou outro – até este momento não conseguia nenhuma ressonância com ele. A partir de então, começamos a emitir raios – imaginem a loucura, o povo devia pensar: “o que ela está fazendo?”, sem compreender que Renato trazia seus manifestos/signos/raios e que aquele era um encontro possível naquele momento. Até que Renato começou a conversar comigo, a contar seus desejos, um deles era pintar o cabelo de loiro e deixar crescer e sair para passear. A despeito de já nos falarmos, gostávamos de dar “oi” com raios e, claro, de assustar quem estava perto.

E concluiu:

– Eu acho que esse pequeno relato é incapaz de expressar os efeitos de um cumprimento com raio e o quanto os raios tinham ressonância. Penso que consegui acompanhar cada raio, tanto que cinco anos depois, já

num outro local de trabalho, estava na avaliação de pacientes de um hospital que estava sob intervenção do Ministério Público e, com tantas atrocidades, tantos absurdos, num determinado dia soltei um raio, penso que só soltando muitos raios para dar conta de uma existência, tão...minha, dele? Não sei. Daquela equipe que cuidava? A equipe com a qual estava se assustou, a equipe do hospital psiquiátrico; assim como fazíamos com Renato, veio correndo achando que tinha ocorrido algo, porque a primeira coisa a se pensar num lugar como aquele era que alguém estava surtando e, obviamente, teriam que tomar as condutas necessárias – amarrar, prender, dar injeção, como relataram as pacientes. Depois disso, fui chamada com uma colega para conversar com o diretor do hospital. Durante a reunião da equipe, vários assuntos, protocolos, encaminhamentos, nem uma palavra sobre o raio.

Alguém diz:

– Por que você não escreve isso que contou agora?

Como seleciona-se aquilo que interessa ser expresso nessa ou naquela situação? O que na percepção ganha relevo ou não na produção de um dado? São perguntas que ajudam na problematização do naturalismo do bom senso e do senso comum, para justamente inventar-compor uma certa topografia da escrita, e também no processo de pensar, agir, falar. No pesquisar, há sempre uma seleção implicada nas conversas, nos questionamentos, nas sugestões de trechos de textos para leituras. Foi ganhando corpo a ideia de dedicar atenção ao que justamente produz relevância ou não nestes processos. Por que tais ou quais percursos são enfatizados? O que atravessa em certo momento o grupo de pesquisadoras? Espécie de onda, que da mesma forma abrupta que chegou, pode perder força. O que, por fim, fica de fora? O que aparenta ficar de fora?

Algumas hipóteses podem ser feitas a fim de explorar certas questões. No início de 2020 fomos confrontadas pela pandemia de Covid-19 que retirou um solo comum de aproximações e impôs uma atmosfera de grande incerteza, exacerbada pela política de medo e de morte em curso naquele momento. Os encontros do LEPETS não pararam, continuamos nos encontrando semanalmente, às vezes com intervalos de quinze dias a depender do fôlego.

Entre a necessidade de encontros, também precisou-se repetir. Repetiam-se perguntas acerca do que fazer com aquilo que se passava. Repetiam-se textos que saltavam por diversos grupos e a maior parte deles ficava vibrando um tempo em nós. Relatos de campos de trabalho, das parafernalias de proteção, do funcionamento dos serviços, dos medos enfrentados, das criações que persistiam entre tantas durezas.

Algum tempo depois, a sensação é de que foi preciso agarrar-se numa embarcação rudimentar em meio a um rio que se movimentava ora feito um córrego de água parada, ora em enxurradas como num curso d'água sem freio e sem entraves. Agarramo-nos ao conceito de centelha de vida, por exemplo, pois ele pareceu ter feito saltar em nós certa força singular desses instantes em que a vida insiste; uma lufada de ar que de algum modo atravessava a imagem-narrativa trazida por uma das pesquisadoras: uma mulher, suas histórias de menina na praia face a um pintinho à beira do mar e da morte. Talvez nunca tenha ficado tão evidente a necessidade de emprestarmos os pés umas das outras, as orelhas e as ideias. À distância seguíamos, maquinando possíveis com vidas em suas narrações e com planos conceituais que vibravam em/entre/sob corpos.

Em outras ondas-fluxos, passavam várias boiadas: entre as mortes, as muitas informações, as muitas reuniões, os muitos casos nos serviços. A estranha sensação de um tempo infinitamente largo e apressado. O excesso tomava conta e tornava difícil pensar. Aos poucos e para aqueles que sentiam que era possível, vieram os encontros fora da tela e muitas vezes encontros pela primeira vez. Neste momento pós pandemia a energia pôde e teve que se espalhar por outros projetos e caminhos. Ao mesmo tempo que desinvestimos uma energia que antes parecia mais concentrada, os textos nos subgrupos puderam se compor e fluir. Repetimos, emprestamos, trocamos, afastamos e encontramos, às vezes ao mesmo tempo.

Nesta espécie de conversa infinita, foram se fabricando gradualmente emaranhados de problemas. De algum modo certos casos - uns mais do que outros - puxavam fios dessas fabricações, insistimos neles. Casos que não chegaram prontos, foram gestados por movimentos tateantes ao serem percebidos, contados, costurados. Em todo o processo, relevos se fazem e se

desfazem com vozes, gestos, cheiros, ideias. Alguns conceitos atraíam casos e também alguns casos eram anzóis para certos conceitos: via de mão dupla com uma multiplicidade de movimentos. Nosso percurso foi tecido a muitas presenças, por vezes, não tão visíveis. Nosso pesquisar também se deu em momentos quando, à toa, nada parecia se passar. Em nosso subgrupo de pesquisa, o processo foi ainda entremeado por exercícios de escrita a serem compartilhados no coletivo. E com ele, uma outra questão emergiu: nossas escritas nunca são solitárias, pois, enquanto se anda, falamos com outrem, escrevemos juntos, narramos em multidão.

Domingo, 13/02/2022, passeio ao léu.

Andando encontrei com viventes que cruzam e bifurcam o caminho, burburinhos, as abelhas que polinizam, as moscas que rondam o lixo do fim da feira, os cheiros de cuscuz na pracinha próxima à catedral e os de peixe vindo do mercado. Quando não há absolutamente mais o que fazer: ando e escrevo. E aí pesquisei? Talvez. Hoje foi preciso andar e na caminhada a pergunta que colocamos no subgrupo de pesquisa insistia: o que faz escrever? Como começar? É curioso, parece que as duas ações fazem gastar uma energia que, entalada na garganta, custa a sair. Faz alguns dias que ando e escrevo sem escrever. Escrevo algum pensamento no corpo enquanto caminho e sai sempre bem diferente quando passo para o teclado do computador. Pode também se misturar com alguma coisa que quero reter e não perder. É tudo junto e misturado. Escrever com um eu que é muitas, um eu povoado. Nos caminhos pela catedral, pela feira, pela orla, não estava sozinha; as conversas no subgrupo, os encontros no LEPETS, as narrativas dos casos. Emaranhado de signos que, mesmo não evidentes, se fazem presente. Aquele pintinho costurado pela Sakura quando pequena, sua espera paciente em torno do fogão para aquecê-lo, cuidar dele, os raios que outros emitem nas ruas, a vontade de emitir raios também. Pequenos fios que ajudam a tecer uma escrita que só aparenta estar em primeira pessoa.

Continuo a andar em um ritmo acelerado como as palavras que vão pipocando um tanto quanto desordenadas. Chego em uma praça, paro um pouco. Algumas mulheres portuguesas se sentam ao meu lado e começam a conversar.

– Para quê tanta burocracia?

– Mas que rrrraaios! Fui muitas vezes lá e a moça atendente sempre muito estúpida.

Não sei se elas sabem que compreendo o que elas dizem, já que aqui a língua oficial não é o português. De toda forma, escuto a prosa, mais interessante que o livro que tenho em minha bolsa e que continua lá, fechado. Com o sotaque outro, perco alguns pontos. Pouco depois, envio algum áudio de *whatsapp* em português para outro pesquisador, tão longe, tão perto. Sou dependente pra escrever, claro que não só para isso, e os áudios ajudam a pensar. Olhares comunicam, penso que captaram, por fim. Levanto, sorrio e desejo um bom dia. Passo mais algumas vezes em frente ao banco e a cada vez, trocamos sorrisos.

– Hihihhi...

Mesmo no silêncio, conversamos? Escrever se dá também nestas muitas lacunas. Olho para algum ponto à volta, me distraio. Frente ao cansaço, com tantas fontes de distração, nem sei qual seria o foco, e talvez certas distrações possam desviar e trazer alguma imagem meio embaçada sob a forma de uma nova – e nem sempre tão nova assim – questão. Para alguns textos, ideias e passeios ao léu, não olhamos mais, deixamos pra lá. Algo desinvestiu, um relevo se desfêz e, ao mesmo tempo, o tecido dobrou provavelmente em outro ponto que ainda não tocamos. Outros escritos precisam descansar. Precisam de tempo pra ficar quarando, de um tempo de conversa com uma rede quente; e só mais a frente ele ganha outros signos, e vemos como continua. Entre a escassa e demasiada interlocução, entre um silêncio totalitário e insuficiente, vamos arriscando algumas justas medidas.

Essa imagem narrativa mostra alguns movimentos acerca de uma fabricação do pensamento-escrita que nunca é individual. Escrita que se faz em polissemias, polifonias, signos que se movimentam em nós – nem apenas antropocêntricos ou antropomórficos – que nos habitam, corpos que infletem um corpo que pensa-escreve-pesquisa.

Segunda-feira, 12/09/2023, reunião do subgrupo do LEPETS.



– Gosto de conversar com alguém quando escrevo; falar e escrever acerca da pesquisa produz pesquisa. Há muitos meses e bem no início da pandemia, fizemos um exercício no grupo que foi conduzido por aquelas questões de presença e jogo. Me lembro de ter encontrado naquele seu lenço colorido e alegre, uma interlocução. Neste dia a gente trocou mensagens e perguntas meio anônimas que passavam pelas câmeras. A gente olhava pra um dos quadrinhos e pensávamos em perguntas, em algum interesse. Recebíamos um recado inesperado e depois a gente lia este recado pra todo mundo, a gente tentava descobrir quem foi que tinha escrito.

– Que interessante isso! Vocês pareciam estar cochichando no modo *online*, quebrando um pouco o tom formal da conversa no *meet*. No chat também íamos fazendo um pouco disso, mas misturado com os links de textos, vídeos e outras coisas.

– Vocês notaram também como muitas vezes as pessoas pediam desculpa por não saberem se estavam sendo claras, tipo não sei se é viagem, sentiam que as ideias ficavam embaralhadas?

E este exercício de recombinar aqui e ali se dá principalmente no trabalho com as pequenas narrativas que vão sendo trazidas, cortadas e costuradas ao longo dos encontros no grupo. Texturas do que já ganha relevo antes mesmo de nos darmos conta e do que também interessa salientar. Algo que não é totalmente sabido, que está em uma região intermediária, para além do que é estabelecido como relevante segundo os parâmetros da consciência e do visível. Trata-se de um problema que nos pega e que em algum momento tentamos segurar pelos chifres<sup>29</sup> de seu funcionamento ético-político-cognitivo.

Entre virarem novas denominações pacificadoras e servirem de pontapé para abrir questões, há limiares muito sutis. Operamos entre eles. E,

---

29 Para certa modalidade de pesquisa, marcada pelo que há de hegemônico na ciência moderna, é difícil agarrar pelos chifres, pôr em análise os movimentos de subir para o modelo, para as luzes (razão, projeto consciente, visível), e, tropeçar, cair, aterrar, desastrar (perder o astro) e tatear o jogo invisível das forças. Nietzsche diz: “O que consegui então apreender, algo terrível e perigoso, um problema com chifres, não necessariamente um touro, por certo, em todo caso um novo problema – hoje eu diria que foi o problema da ciência mesma – a ciência entendida pela primeira vez como problemática, como questionável (Nietzsche 1992, p. 14). Problema que tentamos pegar de frente e que enreda o questionamento da pesquisa científica iluminista guiada pela consciência e que por mais libertária que seja, tende a esconjurar em seus procedimentos, um deus terrível, perigoso, que faz tropeçar a dita realidade natural do visível. Nietzsche, Friedrich. Tentativa de autocrítica. In: O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. Tradução, notas e posfácio de Jacob Guinsburg, São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.13-23.

neste escrito, há uma catação de problemas que giram em torno dos processos da pesquisa, o que não implica em rememorar todas as origens, mas produzir algumas transversais.

Fabricação gradativa do pensamento enquanto se fala, anda, escreve, pesquisa. Conversa que depende de certo solo dos encontros ao mesmo tempo em que constrói e atualiza outros chãos. Na construção do grupo de pesquisa, percursos vastos, muitas caras pelas telas, serviços, greves, ocupações, vai e vens, pandemia, gente em casa, gente na rua, em residência terapêutica, lidando com as filas da vacina, construindo kits de distribuição de alimento numa ocupação, precisando cumprir metas nos serviços de saúde e na universidade, bordando, tricotando, criando uma moeda comum no bairro, não aguentando mais, se abraçando de novo, com pressa de novo, mapeando no *padlet*, naquela primeira subida estrangeira no morro e nos caminhos até a zona noroeste de Santos. Alguns problemas se repetem, mas, a cada vez, com pequenas diferenças e outros signos que se instalam. Não se trata de um curso linear e são estas rugosidades que buscamos enunciar neste escrito.

Uma pesquisa construída quase que totalmente de forma *online*, entre reuniões do *meet*, documentos do drive, conversas grupais e particulares de *WhatsApp*. Um exercício curioso de criar outras distâncias em momentos onde o bidimensional impõe uma distância única, uniforme; aparente horizontalidade. Fizemos corpo com o computador no meio das reuniões, corpamos<sup>30</sup> com músicas, fragmentos de textos, conceitos, um jogo de mínimas interferências que vinham no arrastão de registros dos escribas na reunião seguinte. Tentamos produzir variações, graus de distância diversos que criam uma região em que é possível ficar. E, às vezes, não; as saídas também interessam, como buscamos colocar em cena.

Todo este vai e vem, pouco consciente, é também pouco burocrático. O tempo todo conversa-se com algo, com uma nuvem de singularidades, até quando pensa-se realizar uma pesquisa de biblioteca, mais solitária. E nesta

---

30 Corpamos, um corpar no sentido de fazer corpo com, a aranha faz corpo com a água, alguém que dirige faz corpo com a bicicleta, com o carro, questão tratada por José Gil no escrito *No pain, no gain* (Gil, José. *No pain, no gain*. Cadernos de Subjetividade, São Paulo, v. 1, n.1, p. 267-283, 1993).

pesquisa a muitas mãos, as interlocuções entre muitas se tornam matéria viva e vão nos dizendo de certa confiança que importa na construção do pensamento comum, o que evidentemente inclui adversidades.

No mais recente encontro presencial do LEPETS:

– Quando cheguei, ainda antes da pandemia, me senti estrangeira. Era como escutar um dialeto, um jeito específico de falarem. Alguém parece ter dito que aquilo que eu dizia não importava. Mas alguma coisa me fez ficar, senti que tinha gente com quem eu poderia cabecear a bola.

– Curioso que quando cheguei, nem sei bem como, fui logo lendo uma narrativa. Ouvi que eu poderia raspar mais a escrita, tirar os excessos de romantismo, militantismo, triunfalismo. Fiquei meio espantada, acho, mas isso não me pegou no pessoal, porque também recebi uma oferta pelo *whatsapp* para ler, pensar e trabalhar junto a narrativa. E fui ficando.

Nos relevos parece haver túneis clandestinos e outros dutos de conexão que fazem com que uma pesquisa se movimente. Algo que se passa no entre e que diz respeito a um ponto que conecta, que joga uma pista, que pode acolher. Também convivemos com campos de conceitos distintos, muitos conceitos operando voluntariamente, clandestinamente e involuntariamente - se não lemos Platão, Conte, eles nos leram, estão em nós - e as conversas arrastam complexidades. Como poder discordar e na diferença afirmar que importa o que diz o outro? Como chega algo em nós que nem sempre condiz com o que já conhecemos e aceitamos? Um exercício que exige confiança e não tomamos alguém por interlocutor assim tão fácil.

Retiramos os nomes nas conversas deste escrito, sabendo que as presenças trouxeram singularidades, que criaram relevos variáveis a depender do agregado e aglutinação de forças. Conforme fomos amassando o barro das narrativas com seus cortes, enxertos, cacos de conceitos que enunciam, éticas, clichês, pedaços a-significantes, esses casos foram perdendo seu caráter demasiadamente pessoal para dar espaço para a expressão de uma nuvem de problemas singulares e comuns. Há nesse percurso um embaralhamento dos signos que interessa experimentar, um relevo - pré-pessoal e pré-individual -

que deixa de ser exclusivamente movido pela consciência ou pela direção de um método. Em seu exercício involuntário e intrínseco à potência de abertura de mundos<sup>31</sup>, o movimento é de, neste caso, pesquisar em bando<sup>32</sup>.

Com rigor – sem pedir desculpas nem pelo sedentarismo do pensamento, nem pelas viagens – exploramos certos fios embaralhados, fomos compondo relevos. Há um problema político, por vezes pouco considerado no encontro entre um conceito e um caso. Delicadezas de narrativas entre memórias involuntárias, realismo do invisível, naturalismo do senso comum, verdades terminais com tudo aquilo que falamos fabricando o pensamento, sobretudo o quê e de qual forma contávamos: as saídas e entradas no grupo de pesquisa, alguns raios que chamaram a atenção (e talvez menos a atenção da equipe), uma suposta fachada na filha, falas protocolares e taxativas.

Construímos, por meio deste escrito, algumas camadas desta investigação com conglomerados de acontecimentos entre conceitos e casos, trajetos que podem provocar uma atualização que força a pensar, escrever e pesquisar. E todos esses verbos expressam alguns problemas e não outros. Haveria muitas camadas a vasculhar, buracos a cavar, nuvens ou piscinas de problemas que ganhariam relevo em outros processos. Por isso a pesquisa parte e também finaliza bem, ou seja, mal, tropeçando nos relevos<sup>33</sup>.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. A imanência absoluta. In: ALLIEZ, Éric. **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 169-192.

KOSSOVITCH, Leon. **Arte Moderna e história das artes**. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (65 min). Publicado por Laboratório de Sensibilidades. Disponível em: <https://>

31 Acerca desta problemática ver especialmente Nascimento, Roberto Duarte Santana. Teoria dos signos no pensamento de Deleuze. Nascimento, Roberto Duarte Santana. Teoria dos Signos no Pensamento de Deleuze. 2012. tese. (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. 2012. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4316654/mod\\_resource/content/1/signo\\_deleuze\\_tese.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4316654/mod_resource/content/1/signo_deleuze_tese.pdf) Acesso em 02/04/2023.

32 Deleuze (2016, p. 410): “A vida de tal individualidade se apaga em proveito da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida...”. Deleuze, Gilles. A imanência: uma vida... In: Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995). Edição preparada por David Lapoujade; Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 407-413.

33 Problemática do pensar bem, ou seja, mal, tropeçando, nas palavras finais da aula inaugural de Leon Kossovitch no curso de filosofia da USP em 2013, arte moderna e história das artes. Vídeo publicado por Laboratório de Sensibilidades. <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2013/08/24/video-imperdivel-com-leon-kossovitch-arte-moderna-e-historia-das-artes/>. Acesso em: 25/04/2024.

laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2013/08/24/video-imperdivel-com-leon-kossovitch-arte-moderna-e-historia-das-artes/ Acesso em: 25/04/2024.

- BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- BECKETT, Samuel. **Proust**. Tradução de Arthur Nestrovski. Editora Cosac e Naify: São Paulo, 2003.
- CAPOZZOLO, Angela. Aparecida.; CASETTO, Sidnei José; HENZ, Alexandre Oliveira. **Clínica Comum**: itinerários de uma formação em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013.
- DELEUZE, Gilles. A percepção nas dobras. *In: A Dobra*: Leibniz e o barroco. Tradução de Luiz Orlandi. Campinas: Editora Papyrus, 1991. p.129-149.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. *In: Mil Platôs*: Capitalismo e esquizofrenia 2, vol 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2014 (1ª Reimpressão). p. 17-49.
- DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... *In: Dois regimes de loucos*: textos e entrevistas (1975-1995). Edição preparada por David Lapoujade; Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 407-413.
- DELEUZE, Gilles. Rachar as palavras, rachar as coisas. *In: Tradução Peter Pál Pelbart. Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 109 –121.
- DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais se...** Cadernos de leitura. Tradução de Cícero de Oliveira. n. 45, 2016, p. 9. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-45-o-que-diriam-os-animais-se/> Acesso em: 25/12/2022
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DIMENSIONS OF DIALOGUE (možnosti dialogu) [S. l.: s.n.], 1982, 1 vídeo (4 min ; 37 seg). Disponível em: <https://vimeo.com/116020064> Acesso em 03/01/2023
- ENCONTRO DOS CORPOS, estado de coisas, os incorporais, devires. [S. l.: s. n.], 2008. 1 vídeo (3 min). 1 vídeo (2 min). Publicado por Laboratório de Sensibilidades. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2022/11/29/encontro-dos-corpos-estados-de-coisas-os-incorporais-devires-luiz-orlandi-2-minutos/>
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Kleist para tempos de isolamento social**: oralidade, corpo e pensamento. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, [S. l.], v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2225>. Acesso em: 04/04/2023.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. *In: Tradução de Roberto Machado. Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.15-38.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978 [1961].
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos I**. Problematização do sujeito – psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- GUATTARI, Felix. Da produção de subjetividade. *In: Caosmose*. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 11-44.

- GIL, José. *No pain, no gain. Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n.1, p.267-283, 1997.
- HENZ, Alexandre de Oliveira. **Políticas de pesquisa entre anton tchekhov narrativas, casos infames**. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2022/12/20/politicas-de-pesquisa-entre-anton-tchekhov-narrativas-casos-infames/>. Acesso em 24/05/2023.
- MENDES, Rosilda; AZEVEDO, Adriana Barin; FRUTUOSO, Maria Fernanda Petrolí. **Pesquisar com os pés: deslocamentos no cuidado e na saúde**. São Paulo: Hucitec, 2019.
- MERHY, E.E. Vivenciar um campo de formação de profissionais de saúde: dobrando em mim o fazer Unifesp Baixada Santista. *In: Clínica Comum – itinerários de uma formação em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2013. Prefácio, p.19-34.
- NASCIMENTO, Roberto Duarte Santana. **Teoria dos Signos no Pensamento de Deleuze**. 2012. tese. (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. 2012. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4316654/mod\\_resource/content/1/signo\\_deleuze\\_tese.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4316654/mod_resource/content/1/signo_deleuze_tese.pdf) Acesso em 2/04/2023
- NIETZSCHE, Friedrich. Tentativa de autocrítica. *In: O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio de Jacob Guinsburg, São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.13-23.
- ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. **Nota acerca da transversão**. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/04/05/nota-acerca-da-transversao-luiz-orlandi/> Acesso em 23/06/2023.
- PRECIADO, Paul. Beatriz. Da filosofia como modo superior de dar o cu: Deleuze e a “homossexualidade molecular”. *In: Manifesto contrasexual – Práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2022. p.171-190.
- RODRIGUES, André. **Políticas no cuidado: uma cartografia de políticas de cuidado em três unidades de saúde da atenção**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde) – Instituto Saúde e Sociedade. Universidade Federal de São Paulo. Santos. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61086/discover>
- ROLNIK, S. **Hal Hartley e a ética da confiança**. Cadernos de Subjetividade, São Paulo, v. 1, n. 1, p.65-93, 1995. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38421>
- VON KLEIST, Heinrich. **Sobre a fabricação gradativa do pensamento durante a fala**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

## CONVERSA COM LUIZ ORLANDI<sup>34</sup> ACERCA DO ESCRITO “RELEVOS DO INVISÍVEL NA PESQUISA”

Luiz B. L. Orlandi

Primeiro, gostei muito do texto, gostei mesmo. Aí eu aprendi durante a leitura, porque vocês estão me ajudando para caramba, vocês! Existe uma temática na qual vocês, ou já estavam participando ou, digamos, acentuaram essa participação. É uma problemática. Tem várias palavras para dizer algo como uma explosão de estrelas de particularidades; a palavra é muito grossa para capturar os sinais que vocês emitem de algo que começou a tomar conta do ambiente mental com as experiências de segmentação das coisas - eu diria de explosão controlada das coisas - das miniaturizações forçadas por mil e uma ferramentas, não é?

Algo é triturado para ser estudado em suas singularidades. Esse é o ponto que me atraiu durante a leitura do trabalho. Eu fui sendo tomado por um esforço de trabalho com as palavras, para elas entrarem nos menores pontos, nas coisas que cadenciam a cada momento diferentemente. Isso é um movimento de ciência, é um movimento de pesquisa, é um movimento de análise política mais cuidadosa, de fragmentação de situações para procurar linhas, digamos.

Não quero escorregar na linguagem de Deleuze e Guattari que vocês trataram com um respeito à distância, um bom respeito à distância; sem que fosse, digamos, mais uma proclamação palavresca dessa filosofia. É uma maneira de estar nela desbravando territórios, para usar outra palavra dessa mesma filosofia. Territórios retrabalhados e, miniaturizando através de palavras, uma multidão de palavras que eu fui anotando, anotando, e de vez em quando encontrando um ou outros sinais de antigas brigas com a palavra “ciência” como se houvesse ainda algo a se cuidar para não cair em um cientificismo, seja do passado ou de todo momento.

---

34 O vídeo “Orlandi conversa com o escrito relevos do invisível na pesquisa” (1h33minutos) está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UImvfylYZ1c>. Acesso em 27/05/2024.

Mas aí o alerta, o único alerta que eu farei: cuidado só para manter os momentos de ciência, porque como vocês resvalam ou às vezes estão dentro de recados de saúde, esses recados precisam de ciência! Ou seja, em que sentido? Para não brigar com a palavra e nem homenagear a palavra, com as funções enquanto tais, que é o forte de qualquer ciência, é criar entre duas coisas uma relação típica: *se x, então y*. O joguinho deles, da ciência enquanto tal, que é necessária, sempre necessária, nos trabalhos de física, de química etc. E, portanto, química entrou na saúde. Não é a química, riqueza alemã. Foram entrando nos remédios lá, faz tempo e, então, o *se, então* é inevitável; muitas vezes é inevitável.

Já em política ele sacode: se esse cara roubou aqueles brilhantes, então prisão para ele! Não, não pode, talvez não seja o caso; vamos manter isso no sufoco político do cara abandonado pelas massas que se envergonham de ter posto voto ou de ter tido um medo que era justificável, mas como quem diz assim: “puxa vida, mas é tão desumano que alguma coisa mais humana vai ganhar esse momento”.

Bom, enfim, essa reanimação do pequeno, reanimação do pedaço, reanimação do rebrilho que se podia esquecer, talvez não seja o caso e tal, de uma realidade qualquer que dá vontade de colocar: mil e um rebrilhos como melhorando o próprio conceito de linhas em Deleuze e Guattari! Por que? Essas linhas não são linhas comandadas pelos pontos, mas tem milhares de pontos nelas! Então tem que não endurecer uma linha, como foi endurecida a noção de classe depois de Marx. Foi endurecida! Não podemos endurecer as linhas, uma linha dura não é linha deleuzo-guattariana. Guattari excede na criatividade de linhas, vivemos devendo a ele. Agora, pegue os livros dele, você pode pôr um ponto e dizer uma coisa a respeito desse ponto que ganha força e dá força à linha que ele tematizou.

Então, o que eu quero dizer é que o meu vício filosófico é estudar e reestudar conceitos; vocês não são obrigados a ser pensadores a partir de conceitos. Então vocês vivem no terreno da conectividade, do real; que é muito mais difícil do que eu ficar aqui com os meus livrinhos desse filósofo, desse outro, desse outro e aí mexer com eles. Não, o trabalho de vocês é muito mais difícil e



é isso que se sente lendo. Aí eu reli e aí tem camadas... eu tenho uma listagem de palavras que vocês foram empregando e que são ricas, não pode perder, não pode dogmatizar, elas são auxiliares de visibilidade das imagens, afecções, afetos: ela diz mais ou diz menos? Então, a leitura vai cadenciando, vai puxando.

Não é simplesmente dar um nome de singularidade a todas as singularidades, não é possível. A singularidade quando é sozinha, ela é conceito à espreita de ter dito bem aquela coisa, aquele chanfradinho de coisas, aquele sorriso da criança que não sabe que está sorrindo, aquele sorriso capturado pelo Deleuze num certo momento de suas escritas, aquele sorriso, aquela singularidade. Por isso ele pôde dizer que o singular é o universal. Ora, vocês desbravam os universos. Isso é um desbravar universal. Então, vejam bem, é uma palavra, a multidão de palavras, pode dar uma bagunça e dá bagunça. É só ouvir músicas incompetentes, ouvir histórias incompetentes, isso daí tem aos montes; mas vocês têm um fervor que é o desbravar! O que o texto mostra é que há sangue desbravador. (Espera aí essa palavra está um pouco problemática, por conta dos indígenas, ao falar em desbravador fica-se pensando nos caras que foram lá caçar diamantes, esmeraldas).

Bom, então, o primeiro ponto que eu saliento como importante, forte, é esse: não é aquele tesão da corrida por nomenclatura, não é aquela atenção no jogo do singular com a palavra, porque a palavra sofre um demônio - não é bem o demônio - sofre uma espécie de anjo acomodador, que faz parte da língua portuguesa: “tec tec tec, essa é uma palavra, é um adjetivo, um substantivo que tec-tec-tec”. Isso daí é termo da língua. A palavra, para dizer a coisa, ela fez um esforço dentro da língua, que é sumir como dizente o mais próximo possível do funcionamento dele neste aqui e agora.

Existe um esforço. Em várias passagens você sente a vocação literária ou o afeto de quem escreve, por uma pessoa bem ligada à literatura, ao literaturismo, mas, no conjunto. Não é, digamos, dispensar os pensadores; é, inclusive, fazer um esforço. Pega o pensador que criou a palavra singularidade (não é que criou a palavra, a palavra é a palavra), o conceito de singularidade X, o conceito Y, Z, perto do qual você está. Você pode fazer essa autoanálise do

seu conhecimento e, agora, estamos embarcando naquele momento em que uma filosofia deu o salto e que agora ela se arruma no coletivo e muita gente fala em Deleuze, fala bem, fala mal, os termos correm, como até hoje correm os termos de Aristóteles, mas não os conceitos.

Você usa o termo diferença: Deleuze, diferença, Aristóteles, diferença. Mas tem uma diferença entre a diferença de Aristóteles e a diferença em Deleuze e Guattari. Então a palavra fica no meio, onde no meio? Na língua, na fala, com quem? Com o seu significado, vocês arrumam um jeito de transpassar, estão tentando transpassar o significado para segurar esse termo que faz ver melhor. O quê? O funcionamento ou pensamento da coisa. O funcionamento é da ciência, um bem-estar pensante, quando passa pela palavra-língua-coisa, isso daí já é uma criação pró-filosófica. Está num campo em que a filosofia pega de você, dá vontade de roubar um monte de palavras que estão ali. Aumenta a minha coleção de conceitos que precisam ser, digamos, arranjados por novas leituras.

A gente continua ajudando o Deleuze, de certo modo, o Guattari imensamente, porque ele é mais selvagem na criatividade. O Deleuze faz o ovinho dele, bonitinho, chega o Guattari, ele quebra o ovo e encontra mil pedaços e vai nomeando, desenhando, faz o diabo. Agora, como a gente fica no meio disso tudo? Eu fico na delícia, eu sou o explorador de vocês. Vocês me dão o que pensar, sim. Veja bem, é mil vezes ficar com vocês do que ficar vendo qualquer coisa por aí que pensa que está ensinando algo. Ainda bem que, por exemplo, vocês não quiseram pegar ainda pedacinhos de Deus, por exemplo. Se conseguirem, te juro que eu adoto o pedaço da palavra, pedacinho da palavra. Um pedacinho da palavra Deus pode ser encontrado num gesto. É problema? Não é problema, mas é uma brincadeira que pode dar certo. Então, tem gente que brinca ali dentro, entre vocês, é importante, sim.

Vocês têm notas de rodapé pertinentes, uma ou outra é meio assim, forçada. O Ale, o Henz é responsável, me bota lá num rodapé, num dos termos. “Olha, mas eu escrevi, sou eu mesmo!” Vocês estão, então, numa imbricação; a meu ver, e eu estou falando só como, ex-professor e leitor, não é, de conceito. As palavras são caríssimas; elas são, ao mesmo tempo, o inimigo da dicção do

pensamento, e, ao mesmo tempo, aquilo sem o quê, você não encontra como dizer as coisas. Então, vocês estão no caminho que me ajuda a falar: “bom, tal pontinho, juntando isso com aquilo, pode ser chamado de tal”. Mas isso é frescura? Não. É o esforço do conhecer. Conhecer. Que é um dos verbos mais difíceis de se destrinchar. De chegar perto do audível interessante.

Eu me lembro da Adri, preocupadíssima com a ideia de uma essência. Aí tem que mexer na palavra para despistar a Adri do perigo que não é um perigo identitário, no fundo, do perigo de uma essência presa, ou o sujeito preso naquela essência. Enfim, vocês estão me entendendo. O texto tem como centro um centro opulante, assim, pipoquento, o centro chamado pesquisa, coisa que o Damian e o Alex me atormentaram durante um tempão. Pesquisa, pesquisa, pesquisa, aí eu fiquei só pesquisando. Pesquisar, sim, é o nosso único verbo cotidianamente vivido. Você está sempre pesquisando. O que dizer, o que ver, como ver, o que fazer do ver, que é a obsessão do ser enquanto tal? Não, não, não, é a obsessão do ente, do ente. Aquilo que estala, resvala, bate, chega perto, tem cheiro, que é a multidão vital, que é o campo caótico no que vivemos. Precisamos ver que a nossa luta é contra, a nossa luta é no caos, e sorvendo o caos, sorvendo, você sente, você quer deixar de lado a caótica das violências, sim, você precisa estar atento a ela, você tem um estoque de ajudas ao ser informado das linhas de poder e linhas de poder que não vem, não é o Lulinha, não é isso, o filho, não é o governo. É tudo isso, que às vezes há uma luta entre linha e ponto, que as linhas têm tracinhos, têm mil e um pontos, têm triângulos, retângulos, têm círculos, tem de tudo nas linhas, não se pode pegar a imagem de uma linha feita. Fica bem duro para mostrar que é uma linha mesmo, mas se vai no bem duro de uma linha, a minha tara está ligada à madeira, árvore, bicho: você vai e pega a bananeira; bananeira é a minha última paixão. Você pega a bananeira, você vai reduzindo a bananeira a quase nada, você chega até a micro-ponto, você vai ao micro-ponto, você tem linha, é um mundo de linhas e pontos, de linhas com durezas ou flexibilidades; se a bananeira é assim, os humanos são mais bananas que qualquer outro animal. As ciências médicas estão indo até quase, absolutamente invisível e capturando

algo ali. E tem que dar um nome. Então, quando eu falei das ciências, vocês têm um temorzinho que precisamos anular; eu posso encontrar em alguns de vocês um tesão científico, por que não?

Imaginem cada um de vocês inventando, descobrindo uma vacina, descobrindo um “se então”, que vale para salvar vidas; ciência está sempre conosco, palavras pensam conosco, pensar sempre conosco. Pensar com palavras, pensar com o pré-conceito, quase-conceito, pensar com conceito, pensar com qualquer coisa. E o que fica como, digamos, teria uma linha que segurasse. Essa multiplicidade de profissões. A linha é sensibilidade para com o real, gente. Para com o bombardeio do caos. É uma delícia desafiar o caos tirando dele um fragmento de conexão que ele não conseguiu ainda explodir. É como se ele fosse realmente um, uma vontade fantástica de se dissolver. Quando ele dissolve, as coisas se religam. De outras maneiras ou com uma mesma maneira, de variadas maneiras. Parece conversa fiada, mas o texto de vocês é um conversar permanente a respeito.

Tem até isso, o que é conversar, o que é cuidar, o que é fixar uma ideia, o que é o comum, o que é isto. Vocês se lembram melhor do que eu o conjunto. Alguém escreveu a palavra élan vital? Perguntar, por exemplo: “será que eu posso ler a palavra élan?”. Será que eu encontraria a palavra élan nesse texto? Poxa vida, eu precisaria. Há um élan entre X e Y ali que eu não consigo dizer ainda. Mas por qual sentido meu eu descubro, sem querer, sentir o élan ali? Está cheio de élans. Dá para ver. Tem autoras, tem uma autora feminina eu conheci, foi nossa aluna, que trabalha com literatura. Tem ali. Se é que há, que élan tem, que élan existe, é que ele se lance, esse modo de dizer poético da frase. Isso é muito bom. Há uma riqueza ali. Pode ser cansativa porque o campo pode ser cansativo, porque o campo de pesquisa, vai assim, marcando, marcando, marcando. Aí ele volta, marca. Têm afetos renascendo. Afetos renascendo. Pessoas vivem, ocorrem, afetos renascentes. Que afetos? E o que ocorre? Assassinato do afeto.

Amores nunca vistos, fantásticos, como é possível? Oh! A pergunta pelo possível. Olha, gente, é importante, eu não vi a palavra ânsia pelo possível. Não é o possível explicativo, não! É o ameaçador. As pessoas vivem ameaçadas. Tem o

cuidado com violências. Porque você não sabe para onde vai a pesquisa, a do texto. Porque é uma pesquisa. Qual não é? A pergunta não coube. Qual é precisamente a pergunta, a pesquisa? É o pesquisar. Ótimo, é rico! Ele vai pra todo canto, ele é explosivo. O pesquisar é o verbo, o verbo. O verbo obriga. É o agasalho da multiplicidade. Conceito de multiplicidade. Caotizar. Nós precisamos [pausa] tem até um eternamente ali. Não tem um eternamente? [pausa]. Tem a pergunta: o que fazer, a pesquisa para quê? Existe um problema que o texto mostra. Tem pesquisa e tem mil e uma fontes que precisam de pesquisa.

Imantação de destino. Ah? Vocês têm: são criações poéticas. É força de pesquisa, operador de pesquisa. Se vocês forem dar aula para adolescentes, vocês abrem os ouvidos e olhos deles muito mais que um ano de escola. É só falar do que é pesquisado. Agora, “o como”, vocês estão tendo cuidado para não encaixotar o leitor numa metodologia de segurança do uso, do que pesquisar, não! Ela ficou aberta, ela precisa ficar aberta, mas num certo momento derrapa para uma situação a ser pesquisada, para um territoriazinho a ser pesquisado, para um crime a ser pesquisado, para um evento a ser pesquisado. A lição de vocês é a seguinte: não existe um instrumento, o instrumento suficiente para que uma pesquisa dê certo. É em ato, em ação, que a pesquisa pede recurso. Ela em ato. Exemplos grosseiros, mas para saber melhor o resultado de uma invasão policial em uma situação dita perigosa, a câmera foi o ingrediente que captura para a pesquisa de responsabilidade. É mais um olho, mais um componente na pesquisa.

Acho fantástico isso: as indecisões. Poxa, como é riquíssimo. Então, o texto é necessário para o mundo de caotizações ameaçadoras do bom sucesso da pesquisa. Isso me impressionou porque eu vivo em estado de pesquisa conceitual para tentar ir, não sem ambições, ao próprio nascimento do conceito. Como ele se tornou possível diante daquele outro? Para estudar também, evitar as minhas obsessões por uma ou outra das palavras. E outra: o bom afeto com as palavras. Quando se fala em pesquisa, há um bom afeto com as palavras. E ah, existe um momento que você fala assim: “poxa, Deleuze, você tinha que ter visto” ou “Guattari, você está exagerando”. “Poxa, como foi feliz você ter criado

o conceito de transversalidade. Foi maravilhoso”. E aí agora, estou pensando, preciso pôr um anexo. É preciso mostrar que a transversalidade não é uma diagonalzinha daqui ali. É uma trans. É uma trans-transversal. É uma trans-trans. Não pode, Orlandi. Não pode. Então, o que é? O que pode acrescentar para que a transversalidade chacoalhe o outro?

O Deleuze, quando usa pela primeira vez um transversal, foi no Proust; numa segunda vez foi em 52, falando de nosso...quando ele escreve com o Guattari a respeito de, bom, enfim. Ele precisa dizer que aquele trans, que aquela trans, que era na época ainda meio diagonal também, vinda da psicologia; a diagonal e a transversal que disputavam um lugarzinho assim. Mas um dia ele teve que mostrar: a diferença é que o trans eleva à enésima potência a situação. Ahn... Então o trans é potencializador. Hmm é isso... Ele é Potencializador... então não é apenas uma figura geométrica. Não é uma diagonal simplesmente. Lembra que o quadrado da hipotenusa é igual a soma do quadrado dos catetos? É aquele triângulo retângulo, isso aqui quadrado dela, quadrado da hipotenusa, é igual a soma do quadrado dos catetos. Pitágoras. Bem demonstrado e tal e tal. Aí, essa diagonal, Deleuze? Explique-se! Explique-se. Ele eleva à enésima potência, os partícipes daquele estado de coisas no romance. Hmm... uma diagonal. Você descobrindo a diagonal, tá. No Proust ele descobre a diagonal.

Esta obra é aprendiz de um homem de letras. Isso transversa, passa. Ele discute isso, como fazer este romance. Então é uma linha de força fortíssima que vibra lá dentro. É. Tá. Vibra por que, precisamente? Aí você pergunta: “Deleuze, tem que explicar porquê. O que vibra? ”. É. Esse trans é inseparável do trans diferencialismo (Risos). A linha tá passando vibrando diferencialização. Ela é diferenciadora. Ela tá cheia de diferenças, pulando ali pra cutucar os componentes que estão na calmaria do lado um, lado dois, lado três. Essa obsessão pela pergunta a respeito do funcionamento da palavra não é gramática. É pensar junto com os conceitos que te ajudam. Com as palavras que te ajudam. Você tem que pensar as palavras. É simples. Pá! Pensar junto às palavras. Vai ao dicionário, olha o que você vai ver, você vai ao dicionário.

Aqui é um lugar cheio de dicionários, eu fico obcecado por eles. Bom, agora, essa coisa horrorosa que eu devia ter no computador, eu tenho que frequentar. Tem que ter até um carrinho para carregar meu dicionário. Então eu tenho que pagar a Folha de São Paulo para usar esse dicionário aqui velho. Não vou pagar. Eu vou qualquer dia jogar isso no... Bom, eu não posso jogar. Não quero agredir ninguém, mas que merece... não pode comprar os instrumentos culturais, não podem ser vendidos assim... não pode ficar na mão de gente que faz o que eles fazem. Bom, fizeram.

Você vai ao dicionário. Eu fiz essa experiência num textinho de 2021, tive que fazer, porque não é bem num textinho, era num prefácio. Eu fui falar que o livro era uma coisa. Acho que foi no texto. É, fui falar. Não consegui, não achava a palavra. Aí eu fui à uma palavra, digamos, adocicada e fui percorrendo o campo do que eles chamam de sinônimo. Vocês sabem que eu tenho horror da palavra sinônimo! Horror! Eu tenho medo da palavra sinônimo. “Tem sinônimo”. Bom, sinônimo. O coitado do autor, - eu tenho 22 volumes em português brasileiro - coitado, não tem culpa em ter que pôr um negócio chamado sinônimos, porque um dicionário para você saber o que tal palavra diz, você tem aquela série, aquele monte de coleguinhas que ajudam a coitada a dizer o que ela diz. Quando se percorre, se encontra uma que bate melhor do que aquela, na coisa que você ia dizer. Isso é lindo. Mas pá: aí, a coisa que você quer dizer não é uma filosofia, mas aí você pega o que aconteceu de bom ali, vai pro campo filosófico do autor, do homem meio filósofo de verdade. Você vê. Seria bom se ele falasse português pra ver a diferença, melhora o conceito dele. Ah, mas você não pode mais transformar um defunto em filósofo brasileiro. Não era o caso. Então, entenderam? Ó, “O dicionário diz” não basta, mas “tem sinônimo”, sinônimo me dá arrepios. Você encontra um que diz melhor do que os auxiliares, do que o comandante ali, e diz melhor aquilo que se tava esperando dizer, querendo, precisando dizer. Então, onde a gente vai notar a nossa desconfiança no campo das palavras? Fazendo o diabo, entrando nos sinônimos, entrando em todos os lugares dela. Mas tem uma outra solução. Se você conseguir dizer, dizer com palavras simples, o que quer

dizer, diga criando neologismo. Pronto. Em “blá blá blá” com três “blá”, quer dizer o seguinte. É seu direito... Ó, “blá blá blá” já é uma crítica ao “blá blá”, é uma posição diferente do “blá”. “Olha, esses caras são blá”. Pronto, é um “blá”. “Esses caras são “blá blá”. Agora, “tem alguns lá que são blá blá blá”. Mudou. Mudou, já não é o mesmo campo dos “blás” iniciais. Neologismo fraco esse do “blá”. Mas vocês podem inventar outro. Machuca. Ela tem que machucar o que ela quer dizer. Machucar no sentido, ela é invasiva ou imantada com a outra. Mas imantada é mais romântico, né? Como dizer nebulosidades? Ó vocês estão cheias de palavras. Olha aqui, imprevisíveis dramaturgias. Tá tudo no texto. Eu às vezes anoto. Quando fala em abertura de mundos. É que o abrir aí tá implicando uma ação. Então, não é grave, mas “abertura de mundos” é criação de mundos estrito senso. Porque “abertura de mundos” dá uma leveza. “Criação de mundos” é trabalho; e é disso que os mundos, é com isso que os mundos se alteram, são alterados.

Relevos do invisível. Interessante. Vocês percebem? Ó, tudo isso aí. Então, eu vou continuar, digamos, roubando coisas de vocês. É isso que eu queria dizer. Eu não sei que pesquisa é, de quando é, não é isso que é o caso, é o campo chamado pesquisar, esse verbo ganhou mais força agora no meu espírito, no meu estoque. Eu não sei quanto eu deveria parar de falar, porque eu sou o único senãozinho era o da ciência. Calma, não precisa bater nela! É o *se, então*. Assim houvesse mais ciência, assim houvesse. O *se então* é importante, não é? Eu gostaria de receber um *se então*. Eu não tô pedindo a vocês que virem-se, que adiram a uma filosofia X, deleuze-guattariana. É ao têsão que o pensamento aumenta, aumenta o têsão pelo estudo, pela pesquisa, porque eles não pararam nunca de pesquisar. E queria, ah sim, o nosso amigo não está aí e eu preciso que vocês anotem: o negócio que vocês todos, eu acho, ganhariam lendo. Eu escrevi isso em algum momento e eu vou deixar que ele fotografe essas anotações. Então eu não preciso ficar lendo, mas eu gostaria que vocês, veja bem, deixa eu pegar... aqui ó: já tem a tradução do *lettres*, do cartas de Deleuze, a troca de cartas do Deleuze é muito interessante. Tem uma conversa lá no meio disso aí que eu anotei aqui: a necessidade para pacificar



os ânimos pró/contra ciência. Não estou falando que vocês são pró ou contra, mas o atritozinho que existe, principalmente quando você exerce um trabalho que precisa um pouco de ciência, mas que os cientistas são chatos, vamos dizer. Bom, algo que fica no entre-meio, o texto é excelente, que é a conversa. Vamos ver se vocês tiveram a sorte de achar isso. Eu fui obrigado a achar porque eu tive responsabilidade na tradução deste livro. São cartas, né; cartas. Então é um vai e vem de ideias muito interessante, eu chamo atenção até para a importância do Arnaud Villani nesse conjunto; ele é um pouco chato às vezes. Porém, o Jean-Clet Martin, tem carta pra vocês delirarem até. Agora, o ponto nevrálgico tá na parte dos desenhos e textos diversos. Olha só, da página 197 em diante, até a 238 é Gilles Deleuze, Félix Guattari, entrevista o Anti-Édipo com Raymond Bellour. Vocês precisam ler isso. Aí, num certo momento vocês vão encontrar um ponto importante no debate de ser ou não ciência tal coisa. O Guattari fica louco, fala “vai pro inferno”, não chamo isso de ciência, não chamo isso de ciência. E o Deleuze diz “é ciência”. “Não mas, tem que discutir isso, não pode ser isso, não é ciência”. O quê? O quê que eles estão discutindo? Esquizoanálise. Eles tavam discutindo esquizoanálise. Tem um grupo bom, que estuda isso muito bem aqui no Brasil. Não sou estudioso de esquizoanálise, não tenho competência pra isso. Agora, é imenso o coiso, mas tem uma página precisa, tá aqui no texto marcado, onde o debate fica bravo, porque o Deleuze não tá de acordo com o Guattari, o Guattari não tá de acordo com Deleuze. É uma delícia o desacordo. O Deleuze faz assim: “ué, como não? A esquizoanálise é o que nós fazemos”. “Não, mas nós não fazemos ciência, pô”. “Não, não fazemos ciência, fazemos quase ciência”. E aí... é uma ciência nômade, gente... (risos) é uma delícia. Quando vocês tiverem dificuldade espiritual com a palavra ciência, cê fala assim, eu estou em nomadismo científico. Então fica tranquilo, por quê? Pega e não pega! Pega conforme o jeito! Pronto, já está numa outra ciência. Ora, a gente pensa: “bom, isso é uma acomodação narcísica e outra coisa, vocês não deviam fazer isso. Bom, por quê?

Suponhamos o seguinte: vocês estão vendo isso? (Mostra um carregador de celular com a tomada branca e o fio preto um pouco emaranhado). Então,

isso aqui é um peso e isso aqui é uma corda. Então, num navio, eu preciso levantar isso aqui, aí eu tenho essa chance aqui, lá dentro do navio tô puxando, pan pan pan... (puxa o peso com a corda, puxa a tomada com o fio). O cara que fez a ciência disso, vocês sabem quem foi? Tem um elogio do Deleuze a ele. É o primeiro grande criador de uma ciência nômade. E esse homem ficou na história por causa de uma brincadeira, brincadeira verdadeira e perigosa; ele podia ser morto, porque precisava provar quanto ouro tinha na coroa. Tem que provar que tem ouro, tanta coisa de ouro nesta coroa. Ah, se você não provar sem destruir a coisa, tem que provar quanto tem de ouro nesta coisa sem quebrar ela. Sem quebrar. Vocês lembram dessa história? Arquimedes! Cara, o Arquimedes é o criador disto. Ah, como ele fez? Muito simples! A experiência foi assim ó: pega ouro x que você conhece a quantia. Bota num líquido, num copinho. Quanto cai de coiso, relativamente à quantidade de ouro, quanto à de água que caiu fora. Pega outro componente da pirâmide (você vê como a minha ideia política de ojeriza pelos poderosos é tal que eu não me lembro da palavra coroa). Então tinha outro metal, ele fez a mesma coisa: um pedaço do metal põe na água, o que cair de água pesa e ele calculou a quantidade de ouro e pronto, batia com o que o cara tinha dito. Então virou mito. Mas ele, esse homem, criou outras ciências nômades, por exemplo, vai um peso aqui e o outro subindo ali (gesto com a mão direita subindo e descendo a mão esquerda, o movimento se repete algumas vezes). Esse movimento. Não é a roldana? Roldana! É isso aí, muito bem. A roldana, a alavanca. Princípio de Arquimedes. Isto! Lembra da ideia: você me deu um ponto de apoio que eu movimento a terra. Lembra disso? Quando a gente é moleque, aprende isso. Como a grandeza também desse homem, e além disso, fez outras coisas que chegaram a descobrir não faz muito tempo. Instrumentos que estavam na água, ali perto da Grécia, ali nos mares da Grécia.

– “Não dá pra voar, nem pra navegar sem Arquimedes”

– Ah que ótimo! Bom isso, daí então para o Deleuze é um elogio, chamar uma ciência de ciência nômade. Ele se coloca na esquizoanálise como uma ciência nômade que ele chama também de ciências menores. É que o

Guattari não suporta a palavra ciência, não é? Então a briga é boa, mas não é gravíssima, não é? Não separa os dois. Separa os dois do modo como eles foram entrevistados. Muito bem gente, eu não tô vendo os seus...

– (Alexandre) – A gente tá te vendo Orlandi, e talvez você queira ouvir o que o pessoal pensou, os que escreveram o texto, não sei.

– Isso é bom!

– (Alexandre) – A gente tem um tempinho até às 7h (19h), talvez desse pra abrir um pouco a palavra. O que você acha?

– Perfeito! 18h20, tá ótimo! Vamos.

– (Damian?) – Orlandi, quando nós falamos você está vendo a gente?

– Não, é, tem aqui, vou te dizer, em azul tem a palavra zoom, embaixo launch meeting, open.

– (Laura) – Ah, é que ele deve ter clicado, e a coisa está embaixo na barra. Ele tem que, tem outro negocinho para ele clicar lá embaixo pra reaparecer.

– Ahh, e esse lá embaixo eu clicaria...

– (Laura) – o Z.

– Se eu tirar foto, vocês veriam ou não?

– (Laura) – Você tem que clicar lá embaixo mesmo, lá!

– Ah, o Z, o Z tá aqui, achei o Z. Ahh...tarará...

– (Alexandre) – Voltou!

– Quem foi que tirou o Z?

– (Damian) – A Laura

– Laura, onde você está? Aqui, Laura Camargo, isto Macru, tira o Macru...eu sou chato, né? É que eu tenho...

– (Laura) – Presta atenção que nesse nome tem Camargo, tem Macruz, tem...o diabo que o carregue (risos).

– O diabo que o carregue...é que eu detesto um nominho que eu tenho desde criança (ó, bati o pé no chão agora, não sei porque). É um tal de Lacerda. Eu sou Luiz Benedito, por causa da minha mãe – Benedito, Lacerda Orlandi, veja bem, eu podia jogar fora o Lacerda e os Orlandi, alguns Orlandi, não

todos. Mas não consigo mais, então eu falo Luiz B.L. Orlandi, eu não me chamo isso, não quero me chamar aquilo, não tem jeito, a gente carrega uma espécie de horrores, que se carrega, não é? E às vezes você gostaria que parentes desses porcos soubessem, dos porcos do passado, então que um chamou, teve o nome de Lacerda, quem é idoso aí, ninguém é idoso.

– (Alexandre) – Tem que saber a história, né?

– O Sidnei não é idoso, ele tem um belo cabelo. Sidnei, lembra do Lacerda, lá do Rio de Janeiro?

– (Alexandre) – Golpista!

– Isso! Ah, é claro!

– (Laura) – Carlos Lacerda

– Os formados aí. Lembra dele Sidnei? Ou você era muito criança ainda?

– Não...

– (Laura) – Ele não lembra, mas ele leu, então ele lembra.

– Ajudou o Getúlio a ir à morte.

– (Alexandre) – Temos que ficar ligados com esses caras

– Muito, muito...então ripiii... distância. Então se vocês um dia quiserem falar do Luiz. Luiz eu gosto, porque meu pai era um grande jogador de futebol. Não era do tempo que ficava rico, mas era; o Palmeiras era Palestra Itália. Queria levá-lo da terrinha, lá da minha terra pra lá, pra jogar em São Paulo. Poxa! Não diga. A minha mãe, namorada dele ainda, disse: Ou eu, ou o futebol. E aí, eu nasci. Então quer dizer que o futebol não ganhou o meu pai. Eu gosto de contar essa história, não sei porque. Eu não chegava aos pés dele no futebol, isso aí eu tenho prova, não minha, mas da própria plateia futebolística. Não, não, não adianta, você não vai ....ihhh. Seu pai, cara...hummm. Mas eu adorava ele. Ia ao campo para vê-lo jogar belamente. Ele era assim, que nem o Damian, sem uso de cabelo, essa coisa ourida, azeda. Cabelo dá bichinho, né? Então gente, vamos fazer o quê? Você vai fotografar, você falou?

– (Alexandre) – É, depois eu queria.

– Para ter a ...que eu não menti, que eu gostei, que eu vou me apropriar e você não vai levar o meu caderninho.

– (Alexandre) – Eu fotografo o seu caderninho. Eu adoraria fotografar todo o seu caderninho (risos).

– Não, não, não, é que tem besteira também, não. E outra, a letra é impossível.

– Orlandi tem.... (ruídos)

– (Damian) – Faz uma expedição por aí

– (Alexandre) – Sim

– Precisamos fazer o que, mesmo?

– (Alexandre) – Fazer uma expedição por aí.

– Ah, olha! Vamos fazer um trato: Eu tô com um probleminha, que eu aceitei por abuso: vou ser submetido a uma experiência médica, que eu tô achando uma delícia! Eu vou ficar numa experiência que os caras...sabe qual é a proposta? – Nós vamos tirar de você um monstro. Falei: Péra um pouco, mas não o que tá na cabeça. Não, não, não, só assim – o corpo todo, você vai soltar porcariada, não é um câncer, eles garantiram que não é. É sujeira, eles falaram assim claramente. É uma porcaria que deve ter aí, sei lá o que.

– Segunda exigência: Vai tirar o meu poder de pensar? Não.Nem as minhas filosofias?

– Não

– Nem de ler? Porque eu não preciso nem de óculos. Não preciso. E eu tenho medo que o monstro seja o melhor em mim. Não sei, esse é o meu medo. Não contei ainda para minha mulher, que o monstro que eles estão chamando, seja justamente aquilo que em mim evita as doenças. Impressionante. Eu tenho um calinho entre um dedo e outro lá do mindinho, e aí eu comprei um negócio muito bem bolado. É uma coisa que cola assim para um dia, dois, só. Cola e tem um buraco lá nesse colante pequeno, um buraco no qual se adapta o calo , e eu falei: “mas péra, isso daí é uma espécie de leito, de apoio ao calo”. Vocês estão esquecendo que o dedo é meu e eu quero que o dedo não seja ele o curado. Não o calo. O calo curar o calo. Vocês estão protegendo o calo, ele vai viver aí, eternamente. Tudo bem, mas sem dor. Tudo bem, e se o monstro for um super calo, eu posso ir junto, eu tô nessa dúvida, mas isto só mês de

setembro. Então, se por acaso der certo o nosso encontro, eu acho que eu saio, eu saio...tá ouvindo, não?

– Ah, cê tá aqui, Alexandre.

– Como é que você viaja pelo, pelo.... isso dá, é um milagre, uma viagem, o Damian tá parado, eu tô parado, mas você viaja de um lugar para outro, como?

– (Alexandre) – É, deve ser porque eu estou coordenando o treco aqui. Que eu não conheço muito esse zoom, aperto um botão ou outro.

– A mãozinha tá no poder, ah tá entendi. Agora veja bem, o Henz. E aconteceu de ontem eu ter sido convidado para encerrar o acontecimento da UNICAMP, aquele acontecimento que as faculdades se reúnem para discutir quem vai na educação. Um negócio grande, e eles me perguntaram se eu topo fazer a palestra de encerramento em maio, justo ali, e olha o perigo aqui ó: em maio, 24 é meu aniversário e eles querem que eu fale dia 29 (27, 28, 29), por aí. Agora como é que eu vou falar se estiver morto? Hã? Vocês garantem uma gravação (risos) prévia? Nada. Por que eu não sou de fazer cú doce com convite que eu acho muito legal. No último encontro eu fiz um textinho de luta, e foi muito aceito. E foi muito aceito, então eu quero agora voltar pra homenagear uma espécie de promessa de paz criativa. A mudança de governo E a mudança mais precisamente falando de uma atmosfera. Tá dando melhor, tá dando, vai dar melhor.... vai ser... é possível, entendeu? Esse, esse é o jogo. E aí eu não queria atrapalhar nem uma coisa nem outra.

– A resposta foi boa ou má, nesse sentido?

– Tá insistindo...eu acho

– Não, sabe porquê? Porque vocês é que tem que dizer eu estou chupando o que vocês disseram, estou roubando.

– (Damian) Posso fazer uma pergunta?

– Sim sim. Vai lá...

– Sim, sim, claro.

– (Damian) Então, não fazendo parte aí de quem produziu o texto, assim também como leitor e muito mais breve, mas claro que eu captei

assim, creio que captei a questão de cuidado com o fazer funções da ciência, mas eu não...

– Perai... Só, só isso. Cuidado: não é fazer funções...

– Não, não...

– Se conseguir, tudo bem.

– Esse cuidado com a ciência que você ressaltou. Porque ela, ela tem importância dela. A questão que eu queria perguntar é a seguinte. Sei, me parece que também entre funções. Como eu encontrei uma ciência nômade e assim tem a ver com engate aí meio estranho entre auto-organização poética e funções físicas.

– Olha aí, você está vendo? Eu senti que tinha gente com pendor pro poético ali... Nas... nas diferenças entre os que escreveram

– (Alexandre) E aí você falou literaturismo. O que já é uma suspeita. Né? Assim como o cientificismo é o problema, não a ciência. Você falou literaturismo, né? Porque já pôs em suspeição.

– Não, veja bem. No literaturismo, veja bem, o que eu vejo: não dá pra ir longe, as negociações, que são de longa data, de porcarias, porcarias de mediocridades, não é o prêmio Nobel. Não é isso ou aquilo que é a salvação da literatura. Literatura é pouquíssima. Então quando eu chamo de literatura é a chatice de certas, né? A pessoa inocentemente levada, vai isso tá lindo... Me dá mal estar. Como agora a Globo ajuda a exceder-se, pra fazer vibrar os jovens, novos jovens superdotados pra ciência e os ganhos que eles têm nesses concursos. Isso não é muito bom, isso não é muito bom, porque é possível perder várias coisas. Vocês conhecem o tido como maior cientista criativo do mundo? Foi recusado um troço dele logo que ele apareceu como gente. Quem é esse? Einstein. Da velocidade da luz. Einstein. Ele não foi aceito por várias coisinhas. Agora, ele era examinador, ele era examinador de projetos, de projetos técnicos. Bom, mas então eu vou apagar a literatura.

– Vou apagar. Eu não, não atribuí a ninguém do texto o literatismo. Falei quando se leva em conta até mesmo no literatismo, uma palavra não tem problema nenhum. Quando mesmo uma obra literária não é conquistadora,

tem coisas a ver que pode ser capturada. Eu tava até no oposto. Não era afastando. Mas de dentro da literatura até a infeliz literatura às vezes um pontinho que queira disputar lugares de relevância, até ele incompetente pra isso pode ter um sinalzinho, é isso que eu quis dizer e posso ter errado. Até mesmo de uma literatisse eu posso arrancar, arrancar algo. E é claro. Por quê? Isso daí é muito comum, até de um do sujeito sem qualquer competência tem lá uma palavrinha que “ai meu Deus vou roubar essa palavra...” É isso. Você está esperando que eu fale alguma coisa?

– (Alexandre) Eu tava pensando se o povo toma coragem aí, eu acho que você falou muita coisa que sobra para os outros trabalhos e escritos. Você leu um, mas tem gente que está nos outros subgrupos da pesquisa, escrevendo. E esse problema entre o conceito, o caso e a narrativa que você explorou bastante, deu pistas, muitas direções e os problemas das palavras que você disse lá: evitar a obsessão com uma ou outras palavras, né? Então, são problemas nossos também.

– Você poderia montar uma coisa que tivesse um pezinho no Duns Scoto por que a garantia de não estragar com religião o pensamento, começa com ele. Essa garantia nós não podemos perder. Porquê? Você tem que enfiar na cabeça de religiosos. Você não tem, eu é que teria, (risos) quer dizer, aí eu começo a passar tarefas. Oh, você acredita em Deus, tá bom. Você não tem condições de me apresentar a Deus. Não tem. Você acredita por razões; eu também não tenho essas razões. Você acredita por fé, eu também não tenho essa fé. Agora eu respeito o que em você quando você diz de Deus? Esse Deus é seu... pronto. Mas se você disse que Deus é o Deus de cada um, Deus é Deus de cada um. O que que acontece? Vem a multiplicidade, é de cada um. Eu jamais quereria... jamais quereria ter um Deus do Bolsonaro comigo... ah mas ele é o quê? Um tortuoso, um fantástico, um múltiplo. Ele é só dele, aquele é só dele... é o deus de cada um.



## MODO-EMPRESA: PERCEPÇÕES COM O CHÃO DO SUS

Mara Isa de Vasconcelos Coracini  
Julliana Borges Polastrini  
Diego Napolitano Curceli  
Fernando Mostaço  
Virginia Junqueira  
Angela Aparecida Capozzolo

*Já não há esfera da existência contemporânea que não tenha sido penetrada pelo capital. (...) Quer se trate de afetos, emoções, sentimentos, aptidões linguísticas, manifestações do desejo, dos sonhos ou do pensamento - em suma a própria vida -, nada parece escapar de seu alcance. (...) Uma vez que tudo tornou-se potencial de capitalização, o capital se converteu em mundo, (...) Como o capital se fez carne, tudo passou a ser uma função do capital, inclusive a interioridade.*

(Mbembe, 2021)

Ao chegar na unidade, um pouco antes das 19 horas, senti um frio na barriga; era a primeira vez que iria trabalhar numa casa de acolhimento para homens usuários de álcool e drogas. A alegria por estar empregada se misturava às dúvidas e incertezas de como seria o trabalho ali. Conseguiria dar “conta do recado”? Meus pensamentos foram interrompidos com a chegada da minha nova colega de plantão. João, um auxiliar de enfermagem, veio nos dar as boas-vindas. Ele era o único trabalhador que estava na unidade e logo começou a nos contar do serviço, das rotinas.

No plantão seguinte ele já não estava mais. Éramos apenas nós duas.

– Ainda bem que ele conseguiu nos passar algumas explicações sobre os moradores e o funcionamento da casa. Ele parecia conhecer bem o trabalho daqui, disse Paula.

– Saiu sem tempo para conversar com todos os moradores. Parece que avisaram em cima da hora que seria transferido devido à mudança da OS.

– Nossa, eu não sabia que era assim que acontecia!

– Quando será que vamos conhecer a gerente e a equipe que trabalha aqui durante o dia?

– Acho que logo.

Mas demorou. A nossa comunicação com a gerente e a equipe era feita através de um caderno, mas as nossas dúvidas, quase nunca eram esclarecidas. A sorte é que nós duas nos entrosamos bem e íamos tentando decidir juntas o que fazer diante dos problemas.

Depois de dois meses fomos chamadas para uma reunião com a gerente e com a equipe.

– Puxa, estou ansiosa, não vejo a hora de conhecer todos.

– Vamos poder conversar sobre seu Pedro, que chega a noite sempre alcoolizado, e está bem difícil de lidar, vamos ver o que nos dizem.

– Ah, também não podemos esquecer de falar que precisamos de uma pessoa para cobrir as nossas folgas. É muito estressante ficar sozinha no plantão. Eu já começo a sofrer logo de manhã.

No dia marcado nós duas fomos as primeiras a chegar, as expectativas eram grandes. Aos poucos foram chegando os demais. Com um pequeno atraso a reunião começou. A gerente pediu para todos se apresentarem brevemente e, em seguida, passou a dar informes administrativos que ocuparam a maior parte do tempo. Ficamos surpresas quando a gerente comunicou que deveria encerrar a reunião. Não conseguimos falar nada. Saímos caminhando em silêncio para o ponto de ônibus.

“Nossa, eu não sabia que era assim que acontecia”, estranhamentos perceptivos de quem acabou de chegar e vivencia essa cena, mas também de quem lê ou escuta este e outros acontecimentos dos equipamentos de saúde. O que se passa com quem trabalha no cotidiano dos serviços do SUS geridos por Organizações Sociais<sup>35</sup>?

<sup>35</sup> A lei federal 9637/1998 permitiu qualificar como OS entidades privadas de fins alegadamente não lucrativos para as quais foi progressivamente transferida a gerência de serviços anteriormente sob administração

Desde o início de 2020, diversas narrativas foram trazidas para discussão nos encontros de pesquisa do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Formação e Trabalho em Saúde (LEPETS). Na análise do conjunto dos materiais produzidos nesses encontros até junho de 2022, ganha relevância a dimensão privada que atravessa os processos de trabalho nos serviços gerenciados por organizações sociais, entidades privadas “sem fins lucrativos”, com diversos efeitos em quem trabalha e nos modos de produção da saúde.

A partir de então, passamos a nos debruçar sobre esse tema com pessoas que pesquisam/trabalham e que, por um tempo, estiveram nessa engrenagem público-privada e num repente deixaram de estar, seja por uma transferência imposta, uma demissão a palo seco ou um pedido de desligamento. Nos relatos de cenas e “causos” contados e recontados, nas conversas com as situações cotidianas vividas as sensações eram múltiplas: não conseguir entender bem o que havia acontecido, desconfortos, dores, sofrimentos, culpabilização, alívio por poder nomear certas percepções, desnaturalizar violências, “se dar conta” do comum que as atravessava.

Os encontros de pesquisa permitiram ao mesmo tempo deslocar de si as experiências e tecer coletivamente algumas possibilidades de análise, de assentamentos, perceber modos de funcionamento com os acontecimentos trazidos do “chão de fábrica dos serviços”, questionar, inventar questões, falar daquilo que “não se pode dizer”. Ao ampliar as discussões para os processos de subjetivação atuais, percebemos que estamos emaranhados com o modo empresa de funcionar, no campo do trabalho, no campo das relações, dos afetos, ou seja, nos modos de ver, estar e pensar com o mundo. Conforme Lopez-Ruiz (2012) expõe, o modo-empresa relaciona-se com novas formas assumidas pelo neoliberalismo que define uma norma que orienta modos de viver, pensar e sentir. Um modelo adaptado não somente às atividades de

---

estatal direta ou indireta. Atualmente, em um mesmo município a gestão dos serviços pode ser dividida entre diferentes OSs e como decorrência, há uma crescente fragmentação do sistema e o ingresso dos trabalhadores não ocorre por concurso público. A cada determinado período há novos chamamentos públicos que podem resultar em troca das OSs com a mudança de todo quadro de pessoal de um serviço sem preocupação com a continuidade do cuidado e com os trabalhadores. Para mais detalhes, ver Travagin, 2017.

índole económica, mas que orienta todas as atividades e comportamentos no mundo social, ou seja, as relações sociais passam a ser ordenadas segundo um modelo de mercado e as pessoas a pensar suas atividades e também a si próprias como uma empresa. Este texto é produto deste processo.

Às 8h da manhã Gilmara recebe uma notificação em sua agenda, “reunião supervisores de Serviço de Residência Terapêutica (SRT)<sup>36</sup> e Supervisão de RH”, e se questiona se não havia observado tal agendamento anteriormente, apesar de nos últimos tempos reuniões surgirem em sua agenda virtual. No horário estipulado ela estava na sala virtual; oito cabeças flutuavam na sala, como se fossem desprovidas de corpos, cabeças que estavam ali para fazer o que fazem melhor, pensar - essa era ao menos a expectativa. Ali estavam o supervisor de RH, duas apoiadoras institucionais e seis supervisores de SRTs do território, entre eles Gilmara.

Apoiadora 1: Colocamos este encontro na agenda de vocês sem avisar porque estava muito difícil encontrar horários entre nós e o supervisor de RH. Chamamos para pensar o suporte do SRT da região 2 pois a supervisora está afastada por estar gestante e não temos previsão para contratação de uma profissional para o período. Estamos correndo com o RH, mas a prefeitura ainda não liberou a verba.

O silêncio se perpetuou pela sala virtual.

Gilmara já estava na unidade. Equipe e moradores a procuravam para conversar. Assuntos com maior ou menor importância; além disso, tinha algumas tarefas administrativas que já estavam com o prazo por chegar e precisava acompanhar uma moradora ao banco, pois teve sua conta bloqueada.

Apoiadora 2: é importante que vocês nos digam como vão se organizar; senão, faremos isso por vocês! Estamos aqui com o supervisor de RH para que ele nos ajude a fazer isso se necessário.

O silêncio entre os supervisores perdurava.

---

<sup>36</sup> A denominação dos responsáveis pela gestão local dos serviços tem variado entre as OSs e ao longo do tempo em cada OS. Podemos considerar que as diferentes denominações indicam disputas de concepções do que seria a função primordial desse responsável local: coordenar e fazer a gestão local dos processos de trabalho ou assegurar o cumprimento das determinações e metas definidas pelas “empresas”, supervisionar e controlar os processos de trabalho. Particularmente nesta OS, os responsáveis pela gestão local dos serviços eram denominados supervisores.

Gilmara ouve um grito, tira os fones de ouvido, Mariana, moradora, estava ameaçando os profissionais da casa. Sem pestanejar vai intervir e, ao retornar, um supervisor havia tomado a palavra.

– Eu acho muito complicado assumirmos essa responsabilidade, já estou na cobertura de férias de outro SRT e os agenciamentos aqui com o CAPS estão sendo muito difíceis.

– Também não vejo muitas alternativas, estamos com um morador em acolhida no CAPS e com duas trabalhadoras a menos na casa.

Gilmara: desculpem, precisei auxiliar a equipe em uma intercorrência, mas tenho concordância com os companheiros. Aqui estamos com duas profissionais afastadas e uma em férias, está muito difícil compor com outros SRTs.

O silêncio se renova.

Após algum tempo o supervisor de RH toma a palavra.

– Bom, precisamos saber como vocês vão se organizar. Vou esperar até meio-dia para ter uma resposta.

Supervisor unidade 1: Acho muito complicado uma questão tão complexa quanto esta e quanto as que estamos expondo serem tratadas de forma simplista e arbitrária. Os outros serviços da rede precisariam também estar aqui para pensarmos juntos.

Apoiadora 2: Essa articulação com a rede vocês podem fazer, e já têm muita experiência nisso. Agora precisamos deste planejamento: se vai ser um supervisor, dois, ou se vocês vão se dividir para fazer o trabalho. Para isso, vocês trabalham em coletivo e a instituição reconhece o coletivo. Nos copiem por favor no e-mail. A reunião termina, Gilmara sente um misto de revolta e preocupação, tinha mais uma demanda para responder, a ida ao banco ficaria para outro dia. Agora tinha outro encontro com os supervisores, que provavelmente estavam tão raivosos e cansados quanto ela.

A forma como os problemas são apresentados causam estranhamento e desconforto, as discussões minguem, sem eco e sem reverberação. Imperativos preenchem o espaço: Cumpram! Resolvam! Respondam! Uma estranha familiaridade com o “Beba Coca-Cola!” ou “Cortem as Cabeças!”.

O que é atribuição, responsabilidade e prioridade de cada um presente nessa roda virtual? Em uma confusão de signos, quem cobra é quem está no apoio, que em seguida se ausenta. O que faria uma “apoiadora” de uma Organização Social? Apoio a quê? Para quem? Para os serviços e território ou para a Organização Social? Cobra-se uma resposta, uma reorganização, que resolva a lacuna aberta, desconsiderando as precariedades já existentes, as demandas que estavam na fila para serem resolvidas, as angústias pertencentes à Gilmara e demais participantes da reunião. Frases soltas que não se conectam em uma discussão, apenas tentam justificar a cobrança. Mistado de revolta, preocupação, raiva e cansaço, que evidenciam a sobrecarga que incide em quem trabalha, e que as OSs denominam como “colaborador/es”<sup>37</sup>.

“Um chão de SUS” que é convocado para suprir as necessidades que vêm “de cima”, embaralhamento de funções. Uma “armadilha” que não se percebe ao propor a inclusão dos “outros serviços da rede” para pensar no “coletivo”; a cobertura da unidade, sem questionar as lacunas deixadas pela precarização do trabalho. A noção de coletivo passa a operar com outros significantes, em diferentes formatos, com muitas tensões, agrupamentos de lógicas múltiplas: um coletivo a serviço da empresa? Movendo a máquina para que ela não pare? Como pensar o coletivo no atual modo de subjetivação? Um coletivo “a serviço da empresa”, que pouco ou nada pode se haver com suas questões, aliena-se a si mesmo.

Maria abre os olhos com o som agudo do despertador. Estica o braço para pegar o celular na mesa de cabeceira e desliga o alarme. Visualiza muitas mensagens de trabalho no *whatsapp* e suspira fundo, ao mesmo tempo que lida com a sensação de que não descansou nada durante a noite. Sonhou com trabalho e fantasmas a noite inteira. Na cozinha prepara um café enquanto olha as mensagens; de primeira, pensa que pode ter alguma urgência, mas eram só as mesmas mensagens de sempre: equipe avisando atrasos, a

---

37 A denominação “colaboradores” contribui para que quem trabalha se conjugue com a empresa e busque fazer a gestão do seu trabalho dentro das condições dadas, oferecendo o máximo de si para atingir os objetivos da empresa, sem necessariamente interrogar seus sentidos e finalidades. Podemos identificar aqui um dos movimentos de deslocamento conceitual valorativo, que leva a incorporar individualmente a forma-empresa (López-Ruiz, 2012).

enfermeira RT perguntando se poderia conseguir um transporte para a coleta de PCR, profissionais da rede querendo marcar reuniões ou informações do serviço, as chefias confirmando se foram respondidos os e-mails e planilhas, a manutenção perguntando se foi arrumado o problema no encanamento da unidade, o jurídico da empresa, perguntando se havia respondido o processo que precisava ser inserido no sistema.

Maria tem a sensação que não vive, apenas aguenta. Toma um gole de café puro e amargo, ela gosta assim, para dar um retorno à vida, relembra que gostava mais quando batia ponto; desde que assinou um termo da empresa anulando a necessidade de usar o relógio de ponto devido ao cargo de gestão, parece que foi confirmado que ela só vive para o trabalho. Agora parecia amarrada, invadida pelo trabalho por 24 horas. Lembra de Francisco, que meses depois de questionar o incômodo do trabalho durante o período de férias, foi demitido, sem explicações.

Fones de ouvido, Elza Soares canta em alto som “eu não vou sucumbir”, seu mantra matinal para ir ao trabalho. No caminho, o celular não parava, uma velocidade que exige prontidão. Imediatismo. Uma urgência sem fim. Maria já chega cansada no trabalho. Sobe as escadas com uma fila de gente que precisava dela. Tudo parece a exceção que precisa ser incluída. Maria respira fundo e pergunta: é urgente? Com o tempo foi descobrindo que urgência tinha uma outra ordem dentro do serviço. Tudo era urgente. Tudo urdia. Por um tempo levou essa temática às reuniões de equipe, para entender junto com todes o que era essa tal de urgência. Mas foi percebendo que, além dos prazos, cobranças e burocracias, as urgências também faziam parte de um núcleo de fantasmas que habitam por ali. Maria se dizia sem tempo para fantasmas. Mas era só da boca pra fora; achava que se repetisse essa frase, eles podiam não proliferar.

Todos os dias ela percebia a presença de vários: pairavam pelo serviço, da recepção ao quintal. Entre todas as rodas, conversas, pensamentos, cotidianos. Às vezes não precisava de palavra, e-mail, telefonema; até mesmo o silêncio trazia os fantasmas. Alguns eram coletivos, outros individuais, alguns existiam em um certo núcleo, outros em outro. E, embora tivesse técnicas

próprias para evitar os fantasmas, eles viviam tentando agarrar o seu pé; ela se sentia responsável pela eliminação e propagação dos mesmos, rotina de uma instituição empresa. Sentia falta dos fantasmas dos usuários; estes lhe pareciam mais importantes de ter a sua atenção. Maria esbraveja silenciosamente. Lembra das conversas de gestão em que tentou pontuar que estava deixando as questões do cuidado com os usuários de lado para resolver as questões administrativas, e a resposta era sempre que ela precisava lidar com isso, pois fazia parte do cargo que exercia. Aí vinha o fantasma que sempre lhe dizia que ela ganhava para isso cantando no seu ouvido: “Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça...”

– Parece que eu estou sempre em falta, sempre devendo. Respira fundo e conecta o celular para participar da reunião.

– Sinto falta das reuniões presenciais; nas reuniões *online* faço várias coisas ao mesmo tempo; respira fundo enquanto abre a caixa de e-mail, planilha, relatórios. Lembra do dia que se sentia desafiando as leis da física, uma falsa ideia de ocupar duas reuniões ao mesmo tempo e ainda agenciar as aberturas do buraco sem fundo, que ninguém consegue suprir.

Maria variava as sensações entre ser super-heroína, ter um dom, uma certa magia por fazer muitas coisas ao mesmo tempo e também tinha certeza que o problema era ela, que não conseguia dar conta de tudo, que precisava se organizar melhor, se questionava se era boa nessa função, que certamente precisava delegar coisas, ser rígida. Ter controle, ser o controle. A pressão era tanta que às vezes só um diurético para esvaziar. Sentia ali todas as disparidades e antagonismos biomedicalizantes no serviço e no próprio corpo. Sim, esses eram alguns dos fantasmas de Maria. Tinha dias que era um entra e sai de fantasmas que Maria só queria trancá-los na gaveta, mas os danados escorriam por todos os lados. Cantavam nos seus ouvidos: “Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor...”

Uma vez, sua superior lhe disse que era muito boa tecnicamente, mas que precisava aperfeiçoar na gestão, que para estar nesse lugar precisava ser neutra e não podia se deixar afetar pelas situações dos trabalhadores ou do serviço. Maria balançou a cabeça como os cachorrinhos de estante e deixou



esse conselho pra lá. Não existe neutralidade quando se trabalha no SUS, pensou ela. Afirmava todos os dias que esse não era o tipo de gestão que queria fazer. A partir daí Maria ganhou novos fantasmas para sua trupe; esses lhe diziam que ela não era boa o suficiente, que sua cabeça estava no jogo para ser cortada. O fantasma do corte da cabeça, bem, esse era rei. Exercia poderes sobrenaturais em todo o serviço.

Como suportar o cotidiano exaustivo? Como criar fissuras, resistências a esta avalanche? O que em nós também é o modo-empresa em operação? Jornadas exaustivas, cobranças por toda parte, um cotidiano de urgências eleva as sensações de estar sempre devendo. O cansaço, os silêncios, os fantasmas, os corpos sem energia, dizem de uma lógica mantenedora do próprio modo que opera os serviços e a nós. Um certo tipo de ignição do modo-empresa. O que acontece neste chão-saúde-empresa em que as linhas de fugas parecem invisíveis aos olhos?

Há um certo brutalismo<sup>38</sup> que busca tornar o mais eficiente possível o mecanismo de extração do corpo humano e o transformar em matéria e energia disponíveis para a extração. Uma grande lógica da empresa que visa perfurar, gerir os resíduos, se apropriar dos nervos, do tempo e da vida. Muito além do que seria a exploração fordista ou toyotista<sup>39</sup>. Uma espécie de miniaturização da guerra civil, novas seleções, novas triagens, novos campos, novas fronteiras, nada menos do que uma mutação plástica da espécie. A terra arrasada na saúde, no capitalismo, em nós, sobrevive do estado de urgência, da entrega de resultados, da extração do trabalho e do corpo das trabalhadoras.

Maria e seus fantasmas são algumas das formas de expressão do brutalismo e que também, em certa medida, diz do deslocamento da formação histórica da nossa sociedade, de viventes que habitam o mundo e da sua relação

---

38 Archille Mbembe diz que o brutalismo contemporâneo, - “do qual a pós-colônia é apenas uma das expressões — é o outro nome para aquilo que chamamos de ‘devir negro do mundo’” (2021, p.214), que opera por “punção e coleta de corpos” (2021, p. 53). Destaca que os corpos racializados são feitos de matéria-prima, “ao mesmo tempo sua lenha e seu carvão” (2021, p. 53). Discute as relações que são estabelecidas na atualidade e seus efeitos nas políticas que operam junto ao neoliberalismo, é um gigantesco dispositivo de bombeamento e carbonização. Como o menor, o ladrão de uma lata de cerveja em uma loja, muitos não têm outra fonte de renda além dos próprios corpos” (Mbembe 2021, pp. 53–4).

39 Fordismo e toyotismo são formas organizacionais do capitalismo da grande indústria. O fordismo trabalha com produção em massa; já na produção toyotista corpo e mente ‘tendem a ser’ mobilizados pelo capital para se integrarem à produção do valor. A diferença aqui, talvez, esteja que ambos preservam um certo corpo-útil da trabalhadora que o brutalismo, em escalas maiores consome, extrativiza, sem preservações (Alves, 2005).

com este campo de forças. O cansaço e o esgotamento são um dos traços mais presentes no trabalho e na vida no contemporâneo, porém cada vez mais precisamos de um bom corpo, uma boa saúde e de um bom trabalho para sobreviver. Uma conta que não fecha. Na tentativa de atravessar este cotidiano, Marias acreditam ser possível ultrapassar suas capacidades humanas, ter superpoderes. Não sucumbir é manter-se firme às adversidades, mas sucumbir também pode ser ato corajoso de admitir que o lugar de super-heroína não se sustenta no corpo, sendo preciso por vezes fugir, cavar outras saídas.

O modo empresa segue ampliando seu campo de forças que operam no trabalho em saúde, com movimentos que capturam as práticas, os modos de fazer, os corpos e deslocam os processos de atenção às saúdes.

O povo do plantão da noite parece que trabalha no McDonald's, numa loja de perfumaria. Eles vêm, servem a janta e nem querem conversar. Fazem a comida, separam a medicação e já mandam a gente dormir. Não troca uma ideia, só serve. Só serve (Moradora de SRT).

Auditório cheio, todos os gerentes e coordenadores. Havia muitos burburinhos e o clima de tensão se diluía com a temperatura gelada do ar condicionado naquela manhã quente.

– Porque será que chamaram esta reunião? Vai ter cortes? Vão falar do novo contrato de gestão?

– Acho que vão apresentar a política e os novos chefes, afinal faz uma semana que a nova OS assumiu a gestão aqui do território, e eles vêm de outro estado, outra experiência.

Entram no espaço amplo e cheio do auditório. Pessoas desconhecidas, engravatadas, microfone a postos e telão ligado. Se apresentam como representantes da nova OS e, junto com eles, o engravatado que iria apresentar um novo programa de controle de ponto dos funcionários

– Ufa, então é só pra apresentar o programa de ponto. Nosso emprego está garantido. Respira aliviado um gerente.

– Puxa, eu estava aqui na expectativa de podermos discutir sobre as possibilidades de solicitações para o próximo termo aditivo - Outro se queixa.

– Achei que eles iam pedir para nos conhecerem, que fossem ouvir as necessidades dos serviços e apresentar propostas.

– Ah, isso deve ter sido assunto entre as diretorias e a supervisão de saúde da prefeitura. Discutem outros dois.

– Silêncio pessoal, vamos dar início a apresentação. O Alexandre vem de uma vasta experiência em programas de controle de ponto, ele atua junto a empresas importantes como a Coca-Cola.

– Isso mesmo, vocês terão acesso a um dos programas mais modernos que é usado na Coca-Cola! Este programa permite que vocês tenham acesso pelo celular corporativo à folha de ponto de cada colaborador. Assim que ele entra no serviço você receberá um aviso sonoro no celular, conseguindo monitorar se houve atrasos, se tem gente burlando para conseguir horas extras, entrando fora de horário, e o melhor: pode notificar o colaborador também pelo app que ele terá instalado em seu celular. Outra facilidade que o programa oferece é sobre o agendamento de folgas, e a programação de férias. Tem uma planilha *on-line*, o colaborador coloca a intenção e você, gerente, recebe um aviso sonoro e libera ou não, evitando conversas desnecessárias durante o período de trabalho.

A manhã segue com a explicação destas e outras funções do novo programa, que nos coloca no mesmo patamar da Coca-Cola.

– Agora sim teremos tecnologia nos serviços! Comemora um gerente.

– Não vou ter que perder mais tempo explicando porque não vou liberar uma folga. Um clique e tudo resolvido. Estou adorando o novo programa!

Dia de reunião no auditório do CAPS. Povoavam a sala gestores e trabalhadores dos serviços de saúde mental do território.

– Pessoal, hoje a nossa reunião de saúde mental do território conta também com a presença de um representante da diretoria da nova OS. Vocês sabem que eles assumiram a gestão recentemente e que possuem muita experiência em serviços de saúde.

– Bom dia pessoal! Hoje vamos falar sobre uma novidade que vem dando muito certo e trazendo muito sucesso para muitos hospitais que fazemos a gestão: é o método de gestão Disney<sup>40</sup>.

A apresentação começa, vejo uma pessoa muito entusiasmada, caminhando de um lado a outro da sala, trocando os slides e interagindo com a plateia. Não consigo me ater ao que está sendo dito. Acompanho aquela cena como se fosse um filme mudo. O que a nova gestão conhece do território, dos seus serviços e suas equipes? Quais políticas irá implementar? Quais serão as prioridades? Haverá cortes de pessoal? Essas questões levantadas por parte de participantes do encontro ficam silenciadas diante da apresentação das novas tecnologias para controle de quem trabalha.

Parece haver certo jogo de sedução para quem ocupa cargos de coordenação com o uso de dispositivos que resolvem problemas em “um clique”, sem a necessidade de lidar com tensões, negociar, enfim, “perder tempo” em conversas. Mais uma armadilha que escamoteia problemas cotidianos. A importação de estratégias de empresas como a Coca-Cola ou a Disney para a gestão dos serviços de saúde é “vendida” como a grande inovação, a solução eficaz dos problemas. Mas podemos pensar em quem trabalha na saúde e no SUS tal como quem trabalha na Coca-Cola, ou Minnies, Mickeys Mouses, Patetas?

No dia de nossa aula prática, contrariando nossa expectativa - conhecer as enfermarias e o Pronto Socorro e conversar com os trabalhadores e pessoas atendidas segundo um roteiro discutido previamente - fomos recebidos em um auditório climatizado por uma profissional da área da saúde vestida formalmente. E lá ficamos sentados durante quase duas horas, ouvindo uma exposição sobre “valores, missão, metas e dados estatísticos de desempenho”, pois não estava programada uma “visita” aos andares. Tudo que tivemos foi essa atuação que parecia planejada para impressionar a plateia estática. Uma outra colaboradora, ao lado desta que conduzia a longa apresentação de *PowerPoint*, era instada a confirmar e concordar com as afirmações da apresentadora,

---

40 O método de gestão Disney se refere aos princípios e estratégias de gestão e marketing da empresa de entretenimento Disney que vêm sendo aplicada a qualquer tipo de negócio, incluindo os da saúde. Tem como objetivo contribuir para ampliar a competitividade das empresas, com foco na satisfação da clientela (Simas, 2019).

que finalizou sua fala expondo dados de pesquisa de satisfação realizada com pacientes nas dependências do hospital.

É preciso assinalar que para que essa aula fosse possível não bastou a concordância da Secretaria Municipal de Saúde - SMS, mas foi necessário a mediação por parte de um dos colegas professores para obter a autorização da direção do hospital sob gerenciamento de uma entidade privada qualificada como Organização Social - OS.

No cotidiano, o caráter gerencial privado - o modo-empresa - se assenta com diferentes dispositivos de controle que buscam diminuir as incertezas e delimitar o espaço permitido para quem trabalha.

– Bem equipe, por conta dos indicadores do contrato de gestão, solicitaram com urgência a planilha dos casos acompanhados por nós com seus Projetos Terapêuticos Singulares (PTS); por isso, pedi ao João do administrativo que a preenchesse no final de semana para adiantar o trabalho de vocês. Agora, preciso que cada técnico assine o PTS de cada usuário - Fala a gerente, sinalizando para que João entregue a cada colaborador sua respectiva planilha.

Começa um movimento, alguns assinaram de imediato, outros ainda deram uma lida nas informações, mas não questionaram. Leonora achou estranho e disse:

– Não vou assinar agora, preciso rever as atividades que foram colocadas.

– Preciso dessa assinatura agora! Se você não assinar vou te dar uma advertência, reage imediatamente a gerente.

– Pode fazer a advertência, mas eu não vou assinar algo feito por outra pessoa.

Em seguida busca todos os prontuários da sua relação de referência para retomar o que havia discutido com cada usuário sobre a construção de seu PTS e começa a rever a planilha:

– Pera, isso aqui tá estranho - Fala Leonora olhando para a planilha já preenchida. Levanta-se e vai até a gerente:

– Você conhece o Normandy, filho da dona Groenlândia?

– Não.

– Então, aqui está descrito que ele participa do grupo de caminhada, futebol e capoeira, mas neste momento ele jamais faria essas atividades.

A gerente bastante irritada pergunta: - Por que não?

– Ele acabou de ser amputado.

Leonora nada contra a corrente no mar de silêncio. Tenta subverter o tempo da urgência e do imediatismo. Entre números e informações aleatórias, como enxergar Normandy?

A expansão e a difusão do modo-empresa que vem hegemonicamente ocupando o processo de trabalho em saúde parece contribuir para esvaziar os processos de cuidado, emperrando e murchando a clínica e os modos de atenção em saúde. Há um deslocamento que se assenta na automação empreendedora dos protocolos operacionais. Com essa procedimentalização da clínica, abre-se espaço para o domínio da institucionalização de uma grade de modalidades de atendimentos que um determinado serviço oferece e o cuidado é encaixado ali e pronto. É comum escutar das equipes que não se tem mais tempo ou espaço para pensar o PTS junto com a pessoa usuária, a família, a comunidade. E que os espaços coletivos de discussão e construção clínica foram tomados por reuniões burocráticas, informativas.

O cuidado *express* em saúde atinge o cotidiano das equipes, que têm seu modo de trabalhar categorizado e estratificado por manuais de orientação: “profissionais de 40 horas devem realizar x horas de atendimentos individuais, x horas de atendimentos coletivos, x horas de teleatendimento e x horas de reuniões. ” Na saúde-empresa, as grades estão para todos os lados. A quem ou a que a saúde-empresa oferece seu trabalho? “Aos clientes/consumidores”<sup>41</sup> de procedimentos?

Estava animada com a possibilidade de retornar ao meu trabalho na rua e de integrar uma equipe como redutora de danos numa OSs que havia assumido o Centro de São Paulo. Ao chegar na unidade, me deparo com um

41 Laura Feuerwerker já havia, em 2014, formulado críticas às “práticas políticas correntes no SUS”, que tenderiam a “fabricar trabalhadores e usuários como consumidores e não como cidadãos”. Segundo a autora, “consumidores não participam da fabricação dos produtos que consomem. Exigem a qualidade que lhes foi prometida no momento da venda” (Feuerwerker, 2014, p. 87).

quadro enorme na parede. A gestora do serviço ao me ver parada olhando para aquela planilha desenhada, me interpela:

– Bom dia! Você deve ser Regina, a nova redutora de danos. Sou Claudia, a gerente. Esse é nosso quadro de controle de grupos ofertados pelo serviço. Deixamos aquele espaço vazio à sua espera para você preencher a atividade que realizará e o horário.

– Eu terei que ser responsável por grupos sozinha? Mas que tipo de atividade de grupo? Com qual objetivo? Nunca fiz um grupo sozinha.

A cada dia a lista de atividades a serem realizadas por nós, redutores, aumentava. Também tínhamos que realizar o acolhimento na porta da unidade e o tempo para a rua diminuía. Sentia um peso nas costas por ter que responder a todas essas demandas e também acompanhar os usuários na rua sem tempo para conversar com os profissionais da equipe sobre as abordagens a serem realizadas. Fui adoecendo. Tive que pedir demissão. Ou aceita e fica, ou não aguenta e pede para sair. Ou isto, ou aquilo. Numa corda bamba, quem trabalha gerencia sua carreira, seus desejos, sua vida. Escolhas e sensações de não ter escolhas pesam e ocupam os modos que vivemos atualmente. O que é resistir? A que resistir? O que é possível suportar?

Há um embaralhamento de saídas e entradas que nos levam a um modo de funcionamento muito próprio do nosso tempo. O gerencialismo está em todo lugar. Gerenciar a própria vida, a carreira, vencer os obstáculos do trabalho com o mais alto rendimento, a empresa em nós, como um gás (Deleuze, 1992) que está por todo lado, sustentando empreendedores de si (Bezerra, 2002) que nem sempre suportam esta máxima extração. Efeitos do modo-empresa em nós.

A lógica para o repasse de verbas leva em conta apenas os números dos atendimentos e das atividades realizadas<sup>42</sup>; números vazios, fáceis de

42 O repasse financeiro do setor público para as Organizações Sociais é feito mediante o cumprimento de indicadores e de metas de produtividade que constam nos contratos de gestão. Vale destacar, no entanto, que nos serviços de administração pública direta esses mesmos mecanismos de controle e padronização do trabalho vem ganhando força (Mendes; Carnut, 2018). Segundo Feuerwerker, “Ese movimiento de tercerización de la gestión está asociado a las tendencias de desmantelamiento del Estado y restricción de los derechos sociales que se expresa, entre otras formas, en una Ley de Responsabilidad Fiscal(16) (instituida en 1997, en el gobierno Fernando Henrique, y nunca revocada), que impone un techo bastante draconiano a los gastos públicos para la contratación de personal en el área de salud y de educación [...]” (2021, p.5).

serem subvertidos, sem conteúdo. Noções como a produção de saúde a partir das singularidades e do território vão ficando em segundo plano. São metas diretas, muitas intransponíveis, inalcançáveis e um cuidado cada vez mais duro, rígido, protocolar. O controle está visível no discurso: não provoque, não denuncie, mantenha as aparências. Controle das metas, dos gastos, dos corpos.

– Já não bastasse o troca-troca de gerente, voltei de férias essa semana e descobri que o Diego, lembra dele, Le? Está internado numa clínica psiquiátrica de um convênio que a mãe conseguiu pagar com a ajuda da família. Tô irado, sete anos que acompanhamos ele no CAPS, sempre segurando a crise no território ou em CAPS III pra ele ser internado pela primeira vez assim.

– O Dieguinho? Aquele moleque que era minha referência quando trabalhei lá? Filho da Dona Ercinda, nossa... sempre lutamos tanto para não deixar essa família cair na rede do judiciário, das internações, da criminalização. Mas o que aconteceu? pergunta Le, pensativa, com as mãos apertadas em cima das pernas.

– Não sei ao certo. Isso que tá me matando – fala Felipe, enrubescendo o rosto.

– Fui pegar o prontuário dele, um dia depois que voltei de férias, e vi que a Dona Ercinda ligou falando que ele teve uma crise e foi internado numa clínica. Fui perguntar pra equipe por que ainda não o tiramos de lá e levamos pra um CAPS III, se fizeram contato, enfim, sabe, aquele processo básico... e me falaram que a gerente nova pediu pra não mexer com isso essa semana, pra dar uns dias e depois olham o caso.

Encaminhamentos ocorrem nos serviços sem necessariamente considerar a construção do cuidado realizado pelas trabalhadoras com as pessoas acompanhadas. Diante das situações, problematizações acontecem, trabalhadoras se afetam, questionam, tensionam, resistem, buscam discutir. Em tempos de saúde-empresa, os problemas não são para serem pensados, analisados. Não há espaço para o incerto. A empresa funciona a todo vapor, colocando os problemas por baixo do tapete. Neste cenário, os processos de cuidado tornam-se um campo de batalha. Quais forças operam?



Um vento gelado anuncia a chegada de uma frente fria. Valtinho fica muito sensível às mudanças, inclusive as climáticas.

– Bom dia Julia, Valtinho já está reclamando de dor de dente. Melhor a gente já avisar o CAPS? – Perguntou a acompanhante que estava no plantão.

Pelo convívio com ele por quase quatro anos no SRT, sabíamos que uma crise se aproximava.

– Bom dia, Valtinho!

Voa uma cadeira de dentro do quarto, gritos e xingamentos acompanham o voo da cadeira pelo ar.

- Não tem cama disponível no CAPS III de referência, ele vai ter de ir para o hospital - sentencia o profissional de referência do Valtinho.

Internado, mas com visitas muito restritas por conta da pandemia de coronavírus, a equipe vai tendo notícias do estado de Valtinho pelo telefone. Próximo ao dia previsto de alta, decido ir ao hospital fazer uma visita presencial.

– Querida! Querida! Secretária, secretária! Vou pra casa! Vou pra casa!

– Oi Valtinho! Em breve você vai pra casa, vim aqui ver como você está.

– Dói querida. Dói!

Quando então, com muita dificuldade, ele levanta seus braços já cansados e mostra as axilas em carne viva. A ferida me assusta. A psicóloga do hospital que me acompanhava na visita também se assusta.

– Vamos falar com a enfermagem!

– O paciente estava agitado, muito agressivo. Teve que receber contenção mecânica. Teve avaliação da cirurgia e os ferimentos podem ser tratados em casa. Depois de amanhã o médico já libera a alta.

Saio do hospital ofegante. Faltava o ar. Tirar a máscara não diminuiu em nada o desconforto que naquele momento eu experimentava. Telefone para uma colega que coordena outro SRT da região, antes de encerrarmos a ligação o alerta:

– Melhor você não dizer nada, eles podem achar que você tá causando muito e te demitirem.

– Alô? Preciso falar com a coordenação de saúde mental. Cibele? Preciso de sua ajuda! Acabei de sair do Hospital, da visita com o Valtinho e fizeram uma contenção muito violenta, ele está bastante ferido.

– Oi Julia. Calma. Respira. Ele já está de alta? Vamos agilizar pra ele ir pro SRT. Lá vocês cuidam dele.

– Mas ele sofreu uma violência! Isso é passível de ouvidoria. Vou falar com a Regina da supervisão de saúde mental da prefeitura.

Cibele diz para que eu não passe por cima das hierarquias:

– Melhor você falar com o gerente do CAPS primeiro.

– Alô? Julia, olhe, eu entendo que agora que você se tornou mãe fique mais sensível ao que acontece com os moradores, mas não vamos nos indispor com o hospital, às vezes é necessário, sim, fazer a contenção.

– Ah Hélio, mas a contenção feriu muito o Valtinho. As feridas estão em carne viva. Eu vou falar com a Roberta. É preciso conversar no hospital a respeito de contenções que não machuquem assim.

Mesmo a contragosto do gerente do CAPS e da coordenadora de saúde mental da OS, faço contato com a supervisão de saúde mental da prefeitura.

– Alô? Julia, olha eu entendo, mas este hospital estava se recusando a receber pacientes em crise psiquiátrica e agora na pandemia piorou. Vocês tiveram sorte deles receberem o Valtinho. Vamos pedir ajuda da UBS, vocês cuidam dele no SRT.

Há um lugar dificilmente acessado por quem está preocupado prioritariamente com contratos e metas. Algumas percepções só podem ser construídas pelo vínculo trazido pelo convívio, pelo acompanhamento longitudinal e o afeto. Perceber o anúncio de uma crise e a demanda por intervir são trajetos do cuidado e da responsabilidade das equipes.

Ao deparar-se com os machucados e a exclamação de dor, do que é feita a indignação de Julia? Ao desconsiderar a indignação de Julia, o que estão desconsiderando? Neste jogo, entre percepções que abrigam o cuidado e percepções que protegem as instituições, os movimentos produzem um campo de forças, com embaralhamentos. Os questionamentos tendem a ser soterrados,

modulados, em especial quando se trata de falhas. A disputa empresarial prima por destacar o sucesso, os casos bem-sucedidos, experiências exitosas, as intervenções modelo. A potência de um trabalho em rede, de uma construção a partir dos acontecimentos, e também das falhas, tendem a ficar renegados diante da necessidade de expor um bom funcionamento, a “perfeição”. E os processos do cuidar? De fazer saúde? Que lugar passam a ocupar?

Não havendo comunicação entre os serviços e profissionais para se corresponsabilizarem pelos processos referentes ao cuidado, cai-se num denunciamento, uma espécie SAC (serviço de atendimento ao consumidor), algo muito corriqueiro ao modo-empresa, distante do que podemos pensar de um controle social e de uma gestão participativa democrática. O cuidar desloca-se para dar lugar mais central a questões contratuais-administrativas.

– Pessoal, cuidado ao acionarem a ouvidoria para os serviços de internação da nossa região. Eles precisam ser nossos parceiros.

– Cibele, você tá falando da ouvidoria que a Julia fez no caso do Valtinho?

– Sim, isso repercutiu muito mal.

– Então ela está com a cabeça a prêmio?

– A corda sempre estoura do lado dos mais fracos...

– E, gente, Valtinho está mal, ele não recebe benefício algum, os curativos prescritos na alta do hospital não estão disponíveis na rede. Ele está reclamando muito de dor nas axilas e não conseguimos cuidar das feridas decorrentes da contenção.

– Eles precisam ser nossos parceiros! Nós precisamos nos curvar para atender às suas exigências.

Há um certo pacto que é exigido nessa lógica, uma certa manutenção das relações baseada no silenciamento das contradições, das violências, dos conflitos, das sujeiras, o famigerado “mantendo as aparências”, que conserva forças e mantém intacto aquilo que não se deve questionar. A ameaça de rompimento do pacto é usada para tentar calar Julia, que percebe seu emprego em risco, e também pelo próprio hospital, que ameaça não mais ofertar seu espaço para os usuários da rede, como se estivesse fazendo um favor, uma

cortesia. A exigência incessante por experiências exitosas joga os problemas e falhas para debaixo do tapete e, mesmo que doa na carne, que fique em pele viva, não ganha visibilidade alguma. Enquanto o mundo gira com todos os seus necro-atravesamentos, seus brutalismos, tem aqueles que tomam chá e sorriem sob um belo tapete cobrindo a podridão dos chãos.

A lógica mercadológica neoliberal invade o campo da saúde pública, no qual organizações-empresa disputam contratos, territórios e verbas<sup>43</sup>. As aparências devem manter “o *status* de um bom trabalho”; os erros são intoleráveis. As relações empresariais perdem de foco o cuidado com as pessoas usuárias dos serviços e miram o mercado e suas exigências. A gestão dos serviços ocupa um lugar entre a equipe e as pessoas usuárias atendidas e repercute as encomendas vindas das instâncias institucionais desatreladas do cotidiano do serviço e suas complexidades.

O que Julia poderia fazer nesse lugar? Deixar de se indignar e assim pactuar como boa colaboradora desse sistema relacional um tanto perverso: seria a proposta implícita. Como resistir para além de um ato individual? Como criar movimentos que escapem a essa lógica? Como sustentar práticas coletivas de cuidado?

– Oi Alana, desculpa ligar no fim de semana, mas estamos aqui no serviço e a situação está difícil, pois já tiramos o Felipe que se trancou no banheiro com uns clips para se furar. Nisso, as outras duas adolescentes se desorganizaram e queriam também se cortar; o Marquinho tá numa fissura só, querendo sair pra usar e, bem, o Renatinho fica todo agitado com essa confusão na casa: fala Graziela, quase sem respirar e passa o telefone para Rodrigo.

– Alana, Alana, tava aqui pensando, tá bem difícil estar em três profissionais para cuidar de cinco adolescentes. A gente tentou várias coisas, mas não tá funcionando; conversamos aqui e tá um solzão, pensamos em colocar todo mundo na piscina pra fazer uma atividade com música, assim todos ficam juntos e conseguimos mudar um pouco o clima aqui - fala Rodrigo ofegante.

---

43 A competição entre as empresas foi estabelecida como fator que contribuiria para melhoria da prestação de serviços e a disputa pelo financiamento público faz com que as OSs se esforcem por mostrar apenas a “melhor face” assim, questionamentos e críticas frequentemente não são aceitos e acolhidos (Soares et al., 2016).

Conversaram por um bocadinho de tempo e juntos decidiram ser uma aposta terapêutica diante dos cenários de forte sofrimento que pairavam por ali. A atividade foi um movimento de alegria e dobrou as dores secas e áridas daquele momento. Enquanto Marquinho e Felipe apostavam corrida de nado, Adriele cronometrava os tempos dos garotos; do outro lado da piscina, Rodrigo ensinava Renatinho a nadar com a ajuda de boias. Graziela e as adolescentes resolveram trazer os lanches da tarde para a beira da piscina; o clima era de descontração, brincadeiras fora e dentro da água.

– Oi Alana, acabamos de passar o plantão para noite, está tudo bem, os adolescentes já estão jantando e estão caindo de sono, acho que teremos uma noite tranquila. Foi uma boa aposta viu, ficamos impressionados aqui como o clima mudou. Pensamos em levar essa experiência na reunião pra gente falar com a equipe durante a semana - fala Adriele, uma das trabalhadoras com tom de alegria no telefone.

Dias depois, a cena estava sob os holofotes de um programa de TV sensacionalista: “trabalhadores de clínica de saúde mental fazem festa na piscina em período pandêmico”.

– Tá brincando que saiu essa reportagem na TV - disse Alana segurando o riso e o desespero quando viu a reportagem.

Dado o auê, Alana se via explicando aquilo que não lhe parecia caber explicações. Uma espécie do grande nadador de Kafka.

No serviço, os fantasmas estavam em festa, deitaram e nadaram na piscina:

– Será que essas pombas que sobrevoam o quintal são drones comprados pela vizinhança e pelas gestões? - Disse Luisa, rindo de desespero, enquanto guardava o material que usava no atendimento no quintal.

– Do jeito que as coisas estão, além de falar baixo, rezar para que não tenha crise no serviço, evitar barulho e ficar dando explicação do que é um CAPS para justificar o nosso trabalho, eu não duvido de mais nada - fala Diana irritada, ajudando Luisa com os materiais.

– Eu não sei, mas certamente agora alguém será demitido - disse Fernando, roendo as unhas e olhando pra piscina.

– Mas isso tudo é mentira, não é possível que eles acreditem nessa invenção - Bruna rebate em tom altivo, enquanto servia um café.

– Não importa se é verdade ou mentira Bruna, já não basta o monte de ouvidorias e processos que temos por estar aqui, alguém vai ter que pagar por estar dando trabalho - afirma Fernando andando de um lado para o outro.

– É verdade, lembra de outras situações que aconteceram que, em vez de entender o que rolou, as pessoas envolvidas foram silenciadas ou demitidas sem explicação? Abafa e pronto. Não discute, não falam nada pra gente, ficamos só com fantasmas - fala Diana, que adoçava seu café.

– Ixi, gente, vão demitir, certeza... será Alana ou os trabalhadores que estavam no dia? Ou será todo mundo? - Fernando fala olhando para os demais.

– Gente, vamos entrar, vai que essa pomba drone ouve nossa conversa e dá ideia - fala Luisa, entregando uma caixa de materiais para que Bruna a ajude a levar para dentro da casa.

Casa cheia. Cada qual com seus fantasmas, que se juntavam, procriavam e aguardavam o desfecho da situação. Alana teve de dar explicações.

– Não, não, não foi bem assim, eu sabia da atividade, como lhes disse, este era o cenário e avaliamos que seria uma aposta de cuidado para com os usuários que estavam no serviço. E foi. Fala Alana cheia de tensões para os superiores que foram realizar uma visita surpresa no serviço.

– Alana, esse não é o tipo de gestão que queremos para o município, fala a superiora da superiora, enquanto digita no celular.

– Gluft. Alana engole seco, enquanto é rodeada por todos os fantasmas.

Em segundos, via sua cabeça caindo no chão junto de outras cabeças. Pensou: respondo ou não respondo? Falo o que penso ou o que querem ouvir? Fantasmas ou realidade? Realidade de fantasmas? Da cabeça de Alana pendurada no pescoço saíam fumaças.

O cuidado envolto de incertezas, as cabeças em jogo<sup>44</sup>, os fantasmas, permeiam com rostos e nomes os cotidianos de trabalho com a não inclusão das

---

44 Cada OS delibera sobre sua força de trabalho - quadro quantitativo e qualitativo, vínculo, jornada, salário, denominação dos cargos e funções etc. Contratados por processos seletivos os trabalhadores podem ser descartados sem maiores delongas por não corresponder aos objetivos da empresa, seus critérios de qualidade e produtividade. Também para se eximir de encargos trabalhistas a precarização das relações de trabalho tem sido agravada pela quarteirização da contratação de pessoal. Estudos comprovam o crescimento da rotatividade de pessoal, principalmente de médicos e também o aumento de demissões de trabalhadores. Para maiores detalhes ver Moraes et al., 2018.

peças usuárias do SUS nas decisões. O quanto cabe a alegria nos equipamentos de saúde? Devem ser assépticos, silenciosos? O problema seria uma festa na pandemia? Ou uma festa? Crianças e adolescentes que devem ser domadas e não tomadas em toda sua virtualidade alegre, sua potência para a vida.

Alana está coberta de sombras. A finalidade de sua função fica à mercê de avaliações externas, olhares que crivam se é boa o suficiente, se é tecnicamente satisfatória, se age da melhor forma enquanto gestora. O valor em questão seria a imagem da empresa, o quanto as ações da gestão podem tornar mais ou menos competitiva a OS em relação às outras? Uma sombra que apaga o brilho da produção de cuidado e no lugar tenta explorar (pelo gerencialismo) a agregação de valor a quem gere a empresa. A aposta na piscina como dispositivo terapêutico traz ganhos e perdas a depender de quem vê. Para a empresa, houve uma exposição, fuga do controle, irresponsabilidade e, para profissionais e adolescentes envolvidos na atividade, houve a possibilidade de um convívio alegre, de uma acolhida e contorno para uma situação de crise. Nessa disputa, a mesma cena traz diferentes perspectivas. Ganha relevância a percepção de quem olha de cima, mas qual a importância do que foi vivido e percebido por quem que estava brincando, correndo, comendo na piscina?

O modo-empresa combina pouco com a produção de alegria, que comporta também um risco que não é asséptico. O que cabe neste modelo? O que se espera de quem trabalha e faz a gestão da saúde-empresa?

A maleabilidade necessária para lidar com o sofrimento psíquico em suas mais diferentes, violentas e vulneráveis formas não está em jogo. Uma gestão fria e distante do cuidado em que a singularidade passa a não ter espaço. Não cabe à gestão compor na discussão de casos complexos, na construção de estratégias inventivas de cuidado; para estes ficam o olhar e o julgamento de um trabalho frágil e inconsistente.

Não nos parece à toa que tem sido difícil trazer para a cena situações inventivas do cotidiano de trabalho, aquilo que antes era o esperado na produção de saúde e cuidado torna-se cada vez mais endurecido, cerceado pelas práticas empresariais. O jogo vem mudando durante a partida. Nós também estamos com dificuldades para enxergar, sem rumo, tentando entender o jogo.

Novas e velhas percepções nos cercam. Como ter inventividade diante de tanto brutalismo? Como abrir o campo das percepções diante do cenário atual? Como não sucumbir às regras do jogo?

As férias tão sonhadas de Francisco chegavam ao fim. Havia ficado 15 dias em descanso, apesar dos sonhados 30 não serem possíveis. Em seu último dia de descanso, recebe uma mensagem de texto de profissional da sede da instituição o convocando para estar na sede às 7h30, antes de ir à unidade. Francisco estava com o celular na mão, hábito adquirido com os anos na supervisão do SRT, preparado para responder às mais variadas demandas da equipe de trabalho, da rede e da instituição. Confirma sua presença. Àquela altura Francisco já sabia o motivo de tal convocação, suas vísceras já reviravam, sua demissão era certa. A instituição procedeu da mesma maneira com outros dois supervisores, uma delas voltando de licença maternidade.

Francisco teve pouco mais de doze horas para elaborar e se preparar para o encontro, tendo todos os sintomas de ansiedade possíveis neste curto período de tempo: falta de ar, disenteria, inquietude, dentre tantos outros; qualquer esperança do encontro ter outra temática havia se esvaído. No dia e horário marcado, Francisco se apresentou, foi chamado para uma sala às 7h40. Estavam presentes Helena, profissional de RH, e Paula, apoiadora institucional.

Paula: Francisco te chamamos aqui para realizar o seu desligamento; conforme conversamos no ano passado, seu perfil é mais técnico que gerencial e, apesar de em sua última avaliação termos pontuado sua melhora neste aspecto, resolvemos manter a sua rescisão contratual. Seu aviso prévio será indenizado e a Helena te explicará o que você precisará fazer.

Helena: Francisco, até o final dessa semana eu irei te enviar uma mensagem com a data para seu exame demissional e homologação.

Paula: Acho que é isso, tudo bem? Você quer falar alguma coisa? Tem alguma dúvida?

Francisco: Discordo das justificativas técnicas – disse lacônica e respeitosa; sabia que qualquer discussão era em vão. Pouco antes de



sair de férias lhe fora dito que sua presença no SRT era indispensável, dado o aumento de RH e chegada de novo morador.

– Como será a continuidade do cuidado com os moradores, preciso passar os processos do projeto clínico institucional para algum profissional?

Paula: Serão tocados pela Quitéria e pela Isaura, que estavam na sua cobertura de férias. Você está com o *notebook* institucional?

Francisco devolve o objeto e assina termo de devolução entregue por Helena.

Francisco: Posso ir à unidade informar a equipe e os moradores?

Paula: Pode, claro. Acho que encerramos por aqui, tchau Francisco, boa sorte.

A conversa durou pouco mais de quatro minutos; o que é possível fazer em quatro minutos? Um macarrão instantâneo, ouvir uma música no rádio, comer um pão de queijo, coisas pequenas e corriqueiras; e, incrivelmente, é possível fazer uma demissão.

Dentro dos mecanismos de uma sociedade de controle, o conceito de saúde passa a compor a lógica do mercado, determinando modos de operar os corpos e as subjetividades. No campo da saúde pública, observamos que há uma modulação das relações de trabalho, dos processos de produção de cuidado, do acesso a serviços pelas pessoas usuárias do SUS. Essa força se expressa como um governo da vida; a própria saúde é objeto desta modulação.

Estes escritos trazem um campo aberto perceptivo, com as marcas nas trajetórias das pesquisadoras/es que vivenciaram o chão-saúde-empresa e que por meio dos encontros e das discussões da pesquisa foi possível dar passagem. Passagem para nomear e perceber uma certa engrenagem, que alimenta o que também está em nós.

Os modelos de gestão empresarial no campo da saúde pública mostram contradições nas relações de trabalho e no cuidado com as pessoas usuárias, contradições estas naturalizadas por um modo de gerir a vida e as saúdes que, operando com certa concepção de ciência e ética, atravessa as relações de trabalho e os modos de subjetivação com uma força muitas vezes paralisante.

Entre provocações e mal-estar, este texto foi escrito buscando trazer o chão que habitamos no dia a dia do processo de trabalho, as angústias e indignações, as durezas que pareciam não dar passagem aos gestos inventivos, contra-hegemônicos que permeiam o trabalho cotidiano. Entretanto, as criações de estratégias escapatórias são realizadas mesmo com o cenário árido; as narrativas apresentadas no texto apresentam mínimos gestos de resistência no chão do SUS, e que estão em disputa constante com o modo-empresa, sustentando campos de tensões vivas entre os paradoxos da saúde pública-privada.

Trazer de forma visceral as cenas carregadas de dificuldades, impasses e dor, foi uma escolha. Muitas vezes vivenciadas de forma solitária e carregadas de um certo derrotismo.

A disputa constante com o modo-empresa se colocou também na escrita, buscando se distanciar de um texto denunciante, mas que pudesse dar visibilidade e dizibilidade àquilo que muitas vezes vivenciamos de forma solitária pelos chãos do SUS-empresa. Escolher dizer das sujidades do chão dos serviços e não só das experiências exitosas foi um risco. Aqui escolhemos trazer o duro. O que normalmente não pode ser dito ou questionado. O que coloca em xeque os nossos empregos, a nossa saúde e os modos com que fazemos o cotidiano de trabalho.

As narrativas trouxeram para a cena as contradições e brutalidades que pairam entre o desejo de construção política de um sistema público, participativo, emancipatório, que atenda às necessidades da população e o de um regime de trabalho atrelado a um funcionamento empresarial que visa poder, competitividade e consequente precarização das relações trabalhistas e da vida. Trouxe para a cena, nós, que trabalhamos com saúde, no meio do chão, diante dos silenciamentos.

O modo-empresa não se reduz apenas à gestão dos serviços pelas organizações sociais em saúde, tão pouco ao modelo empresarial que as políticas públicas vêm adotando numa crescente. O modo-empresa está em todo lugar e segue introduzindo sua lógica, com novos nomes, velhas práticas, com pessoas cada vez mais à margem.

– Joana, como estão as coisas no seu território com o processo da ONA<sup>45</sup>?  
– Já não bastasse as metas, a OS e a Prefeitura em cima o tempo todo, tem mais essa - diz Luciana com semblante cansado.

– Estou enlouquecendo, voltei semana passada de um afastamento médico. Essa semana três gerentes das UBS pediram demissão. Eu realmente pensei em pedir, mas agora estou medicada, vou dar conta. Afinal, é um selo de qualidade de atendimento e quero que minha unidade tenha essa condecoração.

– Sim, está muito difícil; eu me afastei no mês passado, também estou medicada. E preciso desse emprego, tenho minha vida, minhas contas, meus filhos para criar. Estou nessa empresa há quase 10 anos, não quero pular do barco agora, nós vamos conseguir esse selo.

– Estou cansada também, é muita coisa para ser feita em pouco tempo. Mas hoje estou bem, tô até usando meus brincos, colares, minhas bijuterias. Agora com essa normativa, na unidade não podemos usar mais nada. Até os administrativos, todo mundo tem que cumprir essas normas de segurança – fala Joana, olhando para o braço e sacudindo sua pulseira preferida.

As luzes do auditório se apagam, na tela são apresentados os requisitos para acreditação das unidades de saúde, por gestores da OS e da Prefeitura. Manuais impressos com protocolos, políticas e normas operacionais são entregues aos gerentes das unidades básicas de saúde. Cláudio suspira fundo e, com um leve tremor nas mãos, é enfático ao microfone: Prezados gerentes, temos três meses para realizar essas adequações. Contem conosco!

## REFERÊNCIAS

ALVES G. Trabalho, corpo e subjetividade: toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 3, n. 2, p. 409-428, 2005.

BEZERRA Jr. B., O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, C. A. **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002. p. 229-239.

---

45 A Organização Nacional de Acreditação (ONA) é uma entidade não governamental que através de um processo de licitação ficou responsável por acreditar com selo de qualidade a rede básica de saúde do município de São Paulo, a partir de uma exigência pelo empréstimo de US\$ 100.000.000,00 (cem milhões de dólares) do BID (Banco Internacional de Desenvolvimento) de aproximadamente 340 UBS. Ver mais em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-da-saude-sms-199-de-10-de-abril-de-2023>

- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.
- DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações** (1972-1990). Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 219-226.
- FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. Micropolítica e a política e a gestão em saúde.. In: Feuerwerker, Laura Camargo Macruz (Org.). **Micropolítica e saúde**: produção do cuidado, gestão e formação. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014, p.63-88.
- FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. Trabajo y subjetividad: reflexiones a partir de la experiencia de enfrentar el COVID-19 en el Sistema Único de Salud de Brasil. **Salud Colectiva** [online]. v. 17.e3356, 2021.
- LOPEZ-RUIZ. La «empresa» como modo de subjetivación. **Revista Confluência**, 2012 (digital) 119-145. Disponível em: [https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos\\_digitales/5640/revista-confluencia2012-13-005-lopez-ruiz.pdf](https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/5640/revista-confluencia2012-13-005-lopez-ruiz.pdf). Acesso em janeiro de 2023
- MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. São Paulo: n-1 edições, 2021. (epígrafe pg 72-75).
- MENDES, A.; CARNUT, L. Capitalismo contemporâneo em crise e sua forma política: o subfinanciamento e o gerencialismo na saúde pública brasileira. **Saúde e Sociedade**, v. 27, n. 4, p. 1105–1119, out. 2018.
- MORAIS, H.M.M. et al.. Organizações Sociais da Saúde: uma expressão fenomênica da privatização da saúde no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 1, p. e00194916, 2018.
- SIMAS, T. B. (2019). **Qualidade no atendimento em hospitais**: Metodologia Disney Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/20050>.
- SOARES, GB, BORGES FT, SANTOS, RR, GARBIN, CAS, MOIMAZ, SAS, SIQUEIRA, CEG. Organizações Sociais de Saúde (OSS): Privatização da Gestão de Serviços de Saúde ou Solução Gerencial para o SUS? **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**.v. 7, n. 2, 2016, p. 828-850, 2016.
- TRAVAGIN, LB, O avanço do capital na saúde: um olhar crítico às Organizações Sociais de Saúde. **Saúde e Debate**. v. 41, n. 115, p. 995-1006, out-dez, 2017.

# TRABALHO E SUBJETIVIDADE<sup>46</sup>

Laura Camargo Macruz Feuerwerker

Mal-estar no trabalho, enrijecimento dos modos de fazer gestão, afastamento da vida nos territórios e empobrecimento das práticas cuidadoras tem sido um recolhimento frequente nas pesquisas sobre cuidado em saúde e nas vivências dos trabalhadores do SUS. E foi assim também nesta pesquisa. De modo inovador, a pesquisa produziu uma estratégia para tornar possível produzir visibilidades e dizibilidades às dolorosas experiências de gestão em serviços de saúde que estão sob regimes de contratos de gestão com OSs. Sem dúvida a própria ausência de pesquisas com esse foco pode ser reconhecida como um analisador do regime de relações e valores ético-políticos instituídos a partir desse movimento de terceirização cada vez mais ampliado. Mas o modo empresa de produzir mundo e de estar no mundo ultrapassa os limites de atuação das OSs, atravessa diferentes campos e o SUS em muitos âmbitos, inclusive nos modos de fazer política e de construir relações.

## Introdução e aspectos metodológicos

Este artigo busca problematizar a relação entre trabalho e subjetividade a partir de uma reflexão sobre experiências de enfrentamento da epidemia pelo SARS-Cov 2 (covid-19) no Sistema Único de Saúde (SUS). Para isso, se faz uma breve contextualização política do Brasil e do SUS, incluindo breve resgate de modos de fazer política de saúde. Segue-se a apresentação de modos de enfrentar a pandemia no SUS e, na sequência, elementos conceituais que pretendem contribuir para alargar formulações em torno do trabalho em saúde, das políticas, das práticas de saúde e os processos de subjetivação.

---

<sup>46</sup> Esta que segue é uma versão em português, com algumas poucas modificações, de um artigo publicado originalmente em espanhol na Revista Salud Colectiva sob o título Trabajo y subjetividad: reflexiones a partir de la experiencia de enfrentar el COVID-19 en el Sistema Único de Salud de Brasil, disponível em: <https://revistas.unla.edu.ar/saludcolectiva/article/view/3356>. A aposta é que ele pode agregar reflexões mais ampliadas sobre as tensões e relações e os processos de subjetivação envolvidos no trabalho em saúde.

Os recolhimentos dos modos de enfrentar a covid-19 no SUS foram produzidos a partir do compartilhamento informal de experiências vividas durante a pandemia - em algumas regiões do município de São Paulo, em municípios da grande São Paulo e do interior paulista – em reuniões do grupo de pesquisas *Micropolítica e Saúde*, da Faculdade de Saúde Pública da USP. Trabalhadoras desses locais fazem parte do grupo de pesquisa ou a ele se juntaram para compartilhamento e reflexão do que estavam vivendo – uma oferta de suporte que o grupo fez e faz e vários aceitaram. Processo informal, que não caracteriza um campo de pesquisa, mas sim um processo coletivo vivo de problematizações das experiências vividas.

Essa é uma das maneiras como nosso grupo apoiou o trabalho em diferentes espaços do SUS durante a pandemia. Uma certa modalidade de educação permanente em saúde como a entendemos: aprendizagem pela experiência, em espaços formais ou informais, com ou sem apoio externo (Merhy, 2015; Feuerweker, 2014). Neste nosso caso, uma oferta de espaço coletivo que possibilitou o debate e a reflexão sobre experiências diversas. Houve muitos dias de conversa: sobre o vivido na pandemia e seu enfrentamento político, sobre vividos na atenção básica, sobre vividos na saúde mental, sobre vividos por e com movimentos sociais. Conversas produzindo visibilidades, dizibilidades, processando desconfortos e produzindo outros mais.

Também contribuíram para esses recolhimentos a participação em rodas de conversa virtuais com trabalhadoras e gestoras da saúde de algumas regiões do estado de São Paulo, uma do Paraná e uma do Rio de Janeiro. O registro de várias dessas rodas de conversa virtuais está disponível no YouTube e os links estão mencionados nas Referências Bibliográficas. Parte dessas experiências também foi objeto de reflexão em artigo sobre cuidados de proximidade e pandemia de covid-19, publicado no início de 2021, cuja autoria compartilho e que está também incluído nas referências.

## **1. Um pouco de contexto sobre o Sistema Único de Saúde (SUS)**

A experiência política brasileira de enfrentamento das desigualdades sociais e o rico movimento social pela conquista da saúde como direito, bem como o singular, intenso e tenso processo de construção do SUS têm sido objeto de amplas reflexões e ricas aprendizagens no campo da saúde coletiva, bastante discutidas em muitos países da América Latina e até mais longe. Muitas aprendizagens, problemas, problematizações e ufanismos (Cecílio, Merhy e Campos, 1997; Borges, Batista e Mattos, 2014).

No entanto, desde 2013 foi se desenhando um cenário político muito desfavorável à democracia e às políticas sociais no Brasil. Primeiro pelo progressivo isolamento político da presidência da República e pela crise recessiva iniciada, ainda no governo Dilma Rousseff, seguida pelo golpe que implicou seu afastamento arbitrário pelo Congresso Nacional. Destaco abaixo alguns elementos da conjuntura da saúde significativos para nosso debate.

### **1.1. Financiamento**

O governo Michel Temer radicalizou numa política de austeridade fiscal, que deu início a um processo de destruição das políticas públicas e de esvaziamento do papel do Estado na promoção e defesa da vida e na redução das desigualdades. Um dos elementos basilares desse movimento foi a aprovação da Emenda Constitucional n.º 95, também conhecida como a Emenda Constitucional do Teto dos Gastos Públicos, que alterou a Constituição brasileira de 1988 para instituir um Novo Regime Fiscal (Brasil, 2016). As despesas e investimentos públicos federais ficaram limitadas aos mesmos valores gastos no ano anterior, corrigidos pela inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). A medida tinha validade inicialmente prevista para um período de 20 anos, mas foi modificada com o início do novo governo Lula.

As perdas acumuladas para o financiamento federal da saúde, entre 2018 e 2019, foram da ordem de 30 bilhões de reais (Funcia, 2020). Entre 2017 e

2021 houve queda de 10% do orçamento do setor. A programação orçamentária de ações e serviços públicos de saúde em 2021, de R\$ 123,8 bilhões, seguindo o piso congelado, não alocou nenhum centavo para as despesas relacionadas diretamente ao enfrentamento da covid-19 (Santos, 2021).

## **1.2. Políticas de saúde – tentativas de desmonte e empobrecimento**

Foram, além disso, iniciados ataques a duas das políticas mais significativas do SUS: a política de saúde mental e a de atenção básica. A política de saúde mental brasileira, construída de modo exemplarmente participativo e compartilhado, envolvendo movimento social ativo, que inclui trabalhadores da saúde, usuários dos serviços de saúde mental e seus familiares, marcou a construção de uma política ampla, com conceito ampliado de saúde e a instituição de rede substitutiva e práticas de cuidado em liberdade, em intensa disputa de valores e práticas com o mercado, a biomedicina e a lógica manicomial. A política recente, ao contrário, incluiu os hospitais psiquiátricos na rede de atenção (antes os hospitais psiquiátricos estavam sendo progressivamente desativados e substituídos por redes de atenção psicossocial), ampliando seu financiamento e o das Comunidades Terapêuticas, que adotam práticas de confinamento e punição, uso intensivo de drogas psiquiátricas e abandono das práticas de redução de danos (Almeida, 2019).

Na política nacional de atenção básica, a mais capilar de todas as políticas de saúde no país, houve, no âmbito federal, extinção do financiamento universal per capita (todos os municípios recebiam recursos proporcionais ao número de habitantes, independentemente da prestação de serviços), extinção do financiamento das equipes multiprofissionais, do trabalho no território e das ações coletivas de saúde. Um ataque muito grave às principais apostas da atenção básica, de atenção integral com base territorial e conceito ampliado de saúde, aproximando seu desenho das proposições mais limitadas da atenção primária à saúde, centrada no atendimento médico e nas ações clínicas individuais (Morosini, 2018).



A produção de resistência a esses ataques exige tanto o exercício ampliado do papel produtor de políticas em âmbito estadual e municipal, como o reconhecimento de que as políticas estão em permanente disputa e são produzidas também no cotidiano do trabalho em saúde, que é atravessado por múltiplas forças e projetos em disputa (Feuerwerker, 2014). O contexto político, no entanto, tem agregado mais e mais constrangimentos, como veremos a seguir.

### **1.3. Os modos de fazer política**

Com a eleição do presidente de extrema-direita em 2018, o quadro agravou-se ainda mais, com ataques violentos aos direitos, à democracia, às suas instituições e às políticas sociais e culturais. Negação da ciência, destruição do meio-ambiente, políticas de extermínio aos indígenas, demonização da arte, da cultura e da educação sob acusação de “comunismo” e de indução a conceitos e práticas destoantes de um padrão moral conservador. Intolerância política, ataques sistemáticos às instituições democráticas, proliferação deliberada e criminosa de notícias falsas são alguns dos elementos marcantes das políticas do atual governo federal.

Além dos resultados muito desfavoráveis para as forças progressistas nas eleições municipais de 2016 e 2020, que implicaram na escolha de muitos secretários municipais de saúde (a maioria) sem conexão com a histórica experiência da construção do SUS, os modos de produzir políticas e as relações interfederativas no SUS contribuíram também para, ao longo dos anos, um esvaziamento do debate em torno das políticas de saúde e para a cristalização de relações de subordinação entre os entes federados (Feuerwerker, 2014; 2016).

Explicando melhor, o desenho federativo brasileiro é singular, contando com três esferas federadas: união, estados e municípios e, no SUS, constitucionalmente, existe autonomia de cada ente federado em sua esfera de gestão. Politicamente, no processo de construção do SUS, foi sendo instituído um modo tripartite de produzir políticas, que incluiu a criação de instâncias de pactuação intergestores em âmbito nacional, estadual e regional, de modo

que, apesar das singularidades e da autonomia local, fosse possível a ação articulada e unidade de princípios na efetivação das políticas e operação do sistema de saúde. Além disso, existem também instâncias de participação social que incluem gestoras, trabalhadoras e usuárias.

No entanto, apesar de todo esse arranjo democrático e da descentralização ser um dos princípios do SUS, foram se consolidando relações de subordinação - do Ministério da Saúde sobre as secretarias estaduais e municipais e das secretarias estaduais sobre as secretarias municipais - numa lógica em que a maior capacidade de financiamento do Ministério da Saúde foi utilizada como estratégia de poder e a indução financeira das políticas atropelou, em grande medida, o debate político (Feuerwerker, 2014; 2016). Assim, a oferta de novos recursos para financiamento das ações e serviços de saúde foi, crescentemente, condicionada à adesão às formulações políticas e propostas de arranjo assistencial do Ministério da Saúde (Feuerwerker, 2020).

É possível elencar vários efeitos da adoção dessas políticas “de indução”. Primeiro, uma tendência que se sustentou ao longo dos anos e governos de, a partir das políticas nacionais, padronizar os arranjos organizativos da atenção Brasil afora, desconsiderando contextos e acumulações locais e restringindo a expressão da criatividade e das necessidades dos municípios. (Feuerwerker, 2020). Segundo, houve uma subordinação do debate político aos mecanismos de financiamento, contaminando a formulação política e a pactuação de princípios e diretrizes com as lógicas de financiamento e racionalização de gastos.

Esses dois efeitos contribuíram para a efetuação de uma relação de subordinação entre os entes federados (manda mais quem tem mais dinheiro), perversa para os municípios, especialmente considerando o sub financiamento crônico, a que o SUS está submetido desde sua criação. Também contribuíram para o não fortalecimento/enfraquecimento do potencial de formulação política das gestões municipais (no início do SUS muito ativas e propositivas) e inauguraram uma prática de sobrevalorização das declarações formais ao suposto dever ser no SUS, sem o reconhecimento e discussão nas instâncias formais dos processos vivos de construção que se multiplicam pelo país (Feuerwerker, 2020).

Dá para se dizer que esse modo de fazer política se encaixa perfeitamente num modo empresa de gerir a vida. Governo-empresa, universidade-empresa, humano-empresa, relações regidas por uma lógica-empresa de estar no mundo, de fazer mundo, de atribuir valor - inclusive às vidas - de produzir valores, constitutivo de uma governamentalidade neoliberal, como há tempos já alertava Foucault<sup>47</sup>.

Além disso, apesar de estar formalmente instituída no SUS a participação democrática das cidadãs na construção das políticas (por meio dos conselhos e das conferências de saúde), houve, ao longo dos anos, crise nesses arranjos e espaços. Crise por serem espaços que supõem representação e que não foram sintonizados com as novas dinâmicas mais fluidas e fugazes dos movimentos sociais. Crise por sua agenda ter se afastado da produção viva da saúde e ter sido capturada por aspectos tecnicistas e formais da construção do SUS. Crise porque ampliou-se o papel fiscalizador e se esvaziou seu papel ativo na formulação das políticas de saúde. Crise por ter sido enfraquecida a aposta na gestão democrática do sistema de saúde (Guizard, 2014).

Tudo isso implicou na ampliação do protagonismo dos gestores do sistema de saúde em detrimento dos demais atores, tanto na definição das políticas, como nas dinâmicas de operação do sistema, incluindo as lógicas de organização do trabalho em saúde.

#### **1.4. Terceirização da gestão na saúde**

Um outro elemento que vem interferindo fortemente na dinâmica da gestão e do trabalho em saúde é um movimento crescente de terceirização da gestão de serviços de saúde - dos estados e municípios para organizações sociais (entes privados não lucrativos). Essas organizações assumem a gestão dos serviços públicos e do trabalho mediante contratos de gestão, segundo os quais estados e municípios transferem a essas organizações recursos e responsabilidades diretas na prestação dos serviços de saúde (Cegatti, Carnut e Mendes, 2020).

---

<sup>47</sup> Michel Foucault em O Nascimento da Biopolítica discute a emergência da governamentalidade neoliberal, entre outros aspectos.

Esse movimento de terceirização da gestão está associado às tendências de enxugamento do Estado e restrição de direitos sociais expressas, entre outros, numa Lei de Responsabilidade Fiscal (Brasil, 2000) - instituída em 1997, no governo Fernando Henrique, mas nunca revogada - que impõe um teto bastante draconiano aos gastos públicos com contratação de pessoal na área da saúde e da educação. Essa restrição afetaria diretamente a capacidade de contratação de pessoal dos entes federados, o que restringiria as possibilidades de expansão de serviços. A relação com as organizações sociais se dá por meio da contratação de pessoa jurídica, então não incide nesse teto. Esses terceiros contratam pessoal para os serviços. Essa tem se constituído em uma manobra para sustentar a expansão e diversificação de serviços de saúde no SUS, apesar da responsabilidade fiscal, desde o final dos anos 90 até o momento atual, mas carregando o peso da incorporação de lógicas do privado na gestão do trabalho em saúde.

Além disso, mesmo durante os governos progressistas, embora houvesse a proposição de dispositivos em contrário, favorecendo produções compartilhadas, as práticas de saúde vêm sendo construídas muito mais numa perspectiva medicalizante de governo da vida das usuárias. Na atenção básica essa aposta de governo de medicalização da vida do outro tem sido mais forte que na saúde mental. Explico. Saúde emergiu como tema de política no processo de constituição do Estado moderno. Governar a vida, governar a ocupação do espaço das cidades, produzindo valores como trabalho, família, higiene para produzir corpos dóceis para a produção. Essa é uma discussão conhecida. Mas a essa força disciplinadora correspondeu uma dobra, que se expressa no tensionamento da agenda da saúde pelos trabalhadores e movimentos sociais, desembocando na luta da saúde como direito. Essa tensão se expressa, entre outros elementos, no tema do governo da vida, que atravessa o trabalho e a agenda da saúde.

Na política de saúde mental antimanicomial existe o reconhecimento de haver algo mais, muito além do portador de um diagnóstico: nas vidas que são cuidadas existe uma cidadã. Produzir com essas cidadãs ganhos de autonomia no governo de sua própria vida é uma das apostas do cuidado

em liberdade. É uma tensa disputa com o modelo biologicista-manicomial, que reduz as existências aos diagnósticos e interroga suas possibilidades de autogoverno e de convívio social. Disputa intensa, mas há disputa. Há apostas na construção compartilhada e singular de projetos terapêuticos a partir do que faz sentido para as usuárias. Muito além da prescrição medicamentosa (Santos *et al.*, 2016; Caron e Feuerweker, 2020).

Na atenção básica, com base em um olhar reducionista e biomedicalizado, a vida no território é muitas vezes reduzida a diagnósticos tomados como os problemas prioritários de saúde, a vida das usuárias é definida em torno do controle desses problemas-diagnóstico- hipertensão, diabetes, tuberculose, os projetos terapêuticos são majoritariamente unilaterais, centrados no uso de medicamentos e em prescrições dos modos de andar a vida; e a principal reclamação das trabalhadoras tem a ver com a “não adesão” das usuárias “aos tratamentos”. Então, apesar de haver disputa de projetos terapêuticos, de a vida nos territórios algumas vezes conseguir entrar nas unidades, predomina o governo sobre a vida das usuárias como aposta (Merhy *et al.*, 2019; Baduy *et al.*, 2016).

Todos esses elementos têm contribuído para a adoção crescente de dispositivos de controle, de captura do trabalho vivo, de endurecimento da gestão, de empobrecimento dos encontros entre trabalhadoras e entre trabalhadoras e usuárias que se dão nas práticas de saúde na atenção básica. Sofrimento das trabalhadoras, sofrimento das usuárias. Mas claro, ainda assim há linhas de fuga, ainda assim há encontros potentes, ainda assim existe compromisso de cuidado nos territórios (Merhy *et al.*, 2019). Nessa conjuntura, chega a covid-19.

### **1.5. O enfrentamento da covid-19 no âmbito federal**

O negacionismo do governo federal comprometeu estratégias de distanciamento social e não houve, por parte de qualquer esfera de governo, políticas amplas para proteger o conjunto da população. Enfrentamento da pandemia é uma agenda política e social, exige respostas para além do caráter sanitário estrito. Isolou-se quem concordava com essa estratégia de prevenção

e podia se isolar. Quem tinha que sair para trabalhar ou para procurar sustento ficou exposto. O Congresso Nacional instituiu auxílio financeiro emergencial, que demorou e foi irregular, mas evitou catástrofes mais graves (Seixas *et al.*, 2020).

Pela primeira vez na história do SUS, houve total desarticulação entre os entes federados no enfrentamento de um problema sanitário. Supremo Tribunal Federal reafirmou complementariedade das responsabilidades e autonomia de estados e municípios para adotar medidas de proteção à saúde de suas populações em contraposição ao desatino explícito do governo federal.

Aqui, como em muitos lugares do mundo, prevaleceu uma resposta biomédico-centrada à pandemia. Covid-19 seria um assunto do encontro do vírus com os corpos. Investimento em hospitais, leitos de UTI, respiradores. Vigilância epidemiológica servia somente para contar casos e mortes, perdendo seu protagonismo na detecção de casos e isolamento de comunicantes (Seixas *et al.*, 2020). É da resposta viva da população, das trabalhadoras e dos processos de subjetivação vivenciados e recolhidos em nosso grupo de pesquisa, como já mencionado, que vamos partir neste artigo, para ampliar um debate sobre trabalho em saúde e subjetividade.

## **2. Primeiros sentimentos, primeiras reações à pandemia. Tensões e processos de subjetivação**

Aqui vou apresentar os recolhimentos das experiências, apontando linhas de problematização que serão desenvolvidas na parte 4.

Medo e susto generalizados. Na atenção básica, num primeiro momento, as trabalhadoras se recolheram. Trabalho foi reorganizado para o atendimento aos sintomáticos respiratórios, o resto sumariamente suspenso. A pandemia demorou um tempo (dois meses) para chegar nas periferias e no interior. Mas tudo estava suspenso em todo lugar. Aos poucos as trabalhadoras da atenção básica começaram a reorganizar os cuidados a usuárias que vivem com condições crônicas, a mulheres fazendo pré-natal, às usuárias com tuberculose, às pessoas com deficiência etc. (Seixas *et al.*, 2020).

Três semanas depois das primeiras medidas radicais de suspensão das atividades econômicas adotadas pelo governo estadual, começaram a circular nas mídias sociais problematizações e reflexões acerca do papel que a atenção básica poderia cumprir nos cuidados à população. Lugar mais capilar do SUS, com alguma aproximação às realidades dos territórios, a atenção básica poderia fazer muita coisa!!! A TV Rede Unida deu a largada com alguns vídeos que tiveram bastante impacto (Feuerwerker, 2020b, Merhy e Feuerwerker, 2020).

Provocação vinda de fora para dentro do SUS. Ou melhor, de uma borda externa do SUS, mas fora da gestão formal. Debate pegou fogo. Vídeos viralizaram. Em menos de duas semanas, debates e proposições se multiplicaram e se espalharam país afora.

Primeira aprendizagem, que deslocou uma subjetividade subordinada, medrosa e obediente: apesar do silêncio das esferas gestoras do SUS, diante de um convite que caiu na rede, muitas equipes se interrogaram e se colocaram em movimento. Podemos! De modo heterogêneo, em muitas cidades, as equipes começaram a mergulhar nos territórios. E nos territórios se encontraram com muitas coisas. Lugares em que movimentos sociais e coletivos da população, diante da necropolítica governamental explícita, responderam: querem nos matar, mas nós resolvemos viver.

Movimentos solidários de diversas ordens: recursos, cestas básicas, materiais de limpeza e higiene, movimentos de auto-organização para cuidar da saúde, movimentos próprios para produzir máscaras para todos. Surpresa das equipes. Algumas vezes não sabiam o que fazer diante de tanto protagonismo dos coletivos - acostumadas que estão (as equipes) a se colocar no lugar de prescrever e governar a vida dos outros. Outras, se engajaram e fortaleceram os movimentos existentes nos territórios (Praça XV, 2020; Feuerwerker, 2020c). Houve também lugares em que a organização própria da comunidade não era tão forte assim e as equipes assumiram um protagonismo nas ações de solidariedade. E outros, em que, diante do tsunami, muitos se afogavam: as cidadãs, as trabalhadoras, a gestão. Populações largadas à própria sorte, com limitada articulação e possibilidades de atrair a

solidariedade, equipes de unidades básicas omissas. De modo geral, dentre os equipamentos públicos, só as equipes da saúde estavam no território. Os outros serviços estavam todos de quarentena.

Muita animação, muita invenção nesses encontros. Trabalho vivo em ato. Novos sentidos para o trabalho em saúde sendo produzidos. “Nossa, é para isso que deveríamos existir! Encontrar com a vida e produzir vida!”

Equipes mais sensíveis logo perceberam que as recomendações “fique em casa, use máscara e lave as mãos” não se encaixavam na vida de muitos segmentos da população. Casas pequenas com muita gente. Gente que tem que sair para trabalhar para conseguir sobreviver. Às vezes até falta de água em função de instabilidades no fornecimento. Invenções de arranjos. Raiva da indiferença das autoridades. Situação complexa demais. Ampliação da porosidade para o encontro com os coletivos, com diferentes grupos nos territórios. Novas agendas. Trabalho vivo em ato, encontro, aberturas, interrogações, invenções (COSEMS-SP, 2020).

Outras equipes, não. Se a população não ficava em casa é porque não entendia as instruções. Vamos repetir as instruções. Repetir, repetir... Não estavam em consideração outras hipóteses explicativas que não fossem “não entenderam” ou “não querem se cuidar”. Subjetivação subordinada, autoridade instituída e inquestionável com base no saber da ciência.

Mas que saber, mesmo? A pandemia nos obrigou coletivamente a nos deparar com o não saber. Vírus novo, desconhecido, sem remédio, sem vacina. Esse foi um elemento bastante destabilizador para gestoras e trabalhadoras de saúde. Encontraram-se com o não saber e muitas vezes não souberam lidar com isso (COSEMS-SP, 2020). Equipes gestoras não discutiam claramente suas dúvidas e inseguranças, absolutamente esperadas diante da conjuntura da pandemia e num contexto político complexo, em que os mecanismos do SUS para conversa e produção de acordos compartilhados não funcionaram. Mas admitir incertezas não faz parte do repertório do modo hegemônico de “ser governo”. Subjetivação subordinadora, baseada em saberes cristalizados, que se destabilizou com a explicitação do imprevisto e do desconhecido.



Trabalhadoras que se irritavam com a gestão “que não sabia”, buscando certezas que não podiam existir. Gestoras que esperavam uma “tropa unida”, quando nem havia tropa, muito menos certezas para a união, que tampouco estava sendo construída. Então, houve pouquíssimo jogo aberto, muita insegurança, muitas acusações mútuas (COSEMS-SP, 2020).

Incerteza e inusitados fazem parte sempre do trabalho em saúde, mas tendem a não ser evidenciados no cotidiano por serem considerados desestabilizadores. Desestabilizadores porque exigem trabalho vivo, reconhecimento do não saber, necessidade de reconhecer limites, necessidade de trocas (SUS e APS, 2020). Conversa aberta, construção coletiva. Acolhimento em relação à novidade da situação. Essa seria a produção indispensável para construir pactos, confiança, possibilidade de respirar diante de tanta tensão. Subjetivações subordinadas e subjetivações subordinadoras não combinam com diálogo franco, não combinam com sustentar tensões (SUS e APS, 2020).

Ao longo dos meses, sim, espaços foram sendo criados. Locais, municipais, regionais. Conselho de Secretários Municipais de Saúde, estruturas regionais da Secretaria Estadual, professoras universitárias, trabalhadoras da gestão e da atenção; foram muitas as composições para dar suporte a conversas e reflexões. Mais ou menos potentes, mas começaram a existir.

Aos poucos, foi crescendo o reconhecimento de que não ia dar para ficar esperando “o comando que vem de cima”. Ou pior, o “comando que vem de cima” várias vezes contraria a produção viva do cuidado e dos encontros nos territórios. Invenção e corpos vivos foram sendo ativados, apesar das regras vigentes de governo do trabalho – tanto no SUS como nos espaços das universidades, por exemplo (SUS e APS, 2020).

A constatação de que “querem nos matar, mas nós não vamos morrer” vale somente para as indígenas, as pobres, pretas e periféricas que se insubordinam em defesa de sua própria existência? Ou uma derivação dessa disposição de luta pode pertencer também às trabalhadoras da saúde?

### 3. Saúde, trabalho em saúde e processos de subjetivação

A saúde como campo político, como já dito, constituiu-se sempre em dobra: produção de processos de subjetivação subordinada (na esteira da disciplinarização e do controle da produção das vidas pelo Estado, pelo capital, pelo saber oficial) versus produção de processos de cuidado que, em alguma medida, expandem as possibilidades do viver (como expressão das produções autônomas de distintos grupos/coletivos e das lutas coletivas em torno das políticas de existências). Este lado da dobra, também inclui os que reivindicam saúde como direito. Reivindicação essa que é um efeito de captura, mas que se conecta e abre lugar para a produção de vida potente (Pelbart, 2003). Mas há, como diz Krenak (2003), os que consideram que saúde é um modo de estar no mundo e não um direito.

Essa dobra implica tensão constitutiva, implica disputas em torno do governo da vida (de si e do outro), que implica em negacionismos de diversas ordens - não somente o negacionismo contemporâneo, associado ao divórcio entre o conglomerado direita política-setores religiosos-partes do capital versus a ciência - mas o negacionismo envolvido na própria afirmação da ciência como única produtora de discursos de verdade, que implicou historicamente na exclusão da validade de todos os outros saberes.

A saúde, então, é um campo de forças constituído pela ciência, pelos modos de produção econômica, pelos modos de produção da vida, pelos sentidos da vida, que variam historicamente. Campo de forças, múltiplas forças. Onde há uma força atuando num sentido, sempre há outra operando resistência e, em geral, há campos de força, várias forças em tensão, não somente uma contra outra (Merhy *et al.*, 2019).

O trabalho em saúde é produzido e consumido ao mesmo tempo, mas, singularmente comparado a outras ações de serviço, ele é afetado e pode ser modificado pelas duas partes, por isso se dá em ato. Quanto mais afetado pela singularidade do encontro em questão, quanto maior a porosidade das duas partes para o encontro, quanto maior a afetação mútua, mais vivo é

o trabalho em saúde e mais sentido seu produto pode fazer para ambas as partes. Quanto mais definido a priori (por protocolos, preconceitos que levam à impermeabilidade à fala ou à deslegitimação da usuária, suas questões e saberes, por exemplo) e menos afetado pelo encontro, maior o predomínio do trabalho morto e menor a chance de o produto mobilizar, fazer sentido, produzir efeitos potencializadores da vida. Apesar disso, do predomínio do trabalho morto como analisado, nessas situações sempre há efeitos sobre ambas as partes (Merhy *et al.*, 2019).

Justamente por ser marcado pela dobra constitutiva da saúde, por diferentes planos de disputas e por afetar as partes envolvidas em sua produção, o trabalho em saúde é um rico plano de afetações e processos de subjetivação que pedem processamento (conversa, perguntas sobre o vivido, experimentações), recolhimento de efeitos, auto interrogações. Dobra e disputas que implicam relações de poder e produção de visibilidades e invisibilidades, que produzem múltiplos e variados agenciamentos – simpatia, compaixão, irritação, reconhecimento, desprezo, negação, possibilidades e impossibilidades de composição, sofrimento, afirmação de autoridade, reconhecimento do não saber, angústias de diferentes tipos. A não ser para quem invisibiliza totalmente o outro - a partir da afirmação unilateral e absoluta do saber técnico-científico - são dobras e disputas que produzem desconfortos, incertezas, não saberes, angústias (Seixas *et al.*, 2020).

Uma secretaria de saúde, um espaço de gestão central ou uma unidade de saúde, qualquer unidade de saúde, são produzidos em diferentes planos. Há um plano formal, do dever ser, que é definido pelas políticas de saúde (nacionais, estaduais, municipais) e/ou pela empresa proprietária e gestora, no caso dos serviços privados e/ou públicos sob gestão privada. Finalidade, papéis, protocolos, fluxos. Mas há muitos outros planos que interferem nessa produção e atravessam esse plano formal (Feuerwerker, 2017). Condicionamentos políticos e materiais que dificultam ou facilitam processos e operações, a história do lugar, a presença maior ou menor do privado, pressões locais, as perspectivas e disputas entre as corporações profissionais,

por movimentos sociais e também aspectos relacionados às histórias de vida de gestoras, trabalhadoras e usuárias, suas convicções, projetos ético-políticos, relações entre trabalhadoras, que modificam, modulam aquele plano formal, abrindo e fechando possibilidades (Feuerwerker, 2017).

Assim, apesar de haver regularidades entre secretarias e serviços de saúde, também há diferenças decorrentes das diferentes combinações e atravessamentos entre esses e outros planos de constituição. Esses planos são também expressão de campos de força que atravessam o trabalho em saúde e os processos de subjetivação.

Importante dizer que as forças não existem em abstrato, elas se instauram nos atos relacionais do campo da micropolítica, pois fora dessa constitutividade não existem, não se efetivam. No caso da saúde, é nos encontros, entre gestoras e trabalhadoras, entre trabalhadoras, entre todas essas e as usuárias, nas relações que aí se estabelecem, que se instauram os campos de força, que conformam modos de estar no encontro, constituindo processos de subjetivação (Merhy *et al.*, 2019). O que são os processos de subjetivação? São esses processos contínuos de tensionamento (produzidos pelas forças em disputa) que conformam os sujeitos no cotidiano da vida. Por isso preferimos discutir processos de subjetivação e não subjetividades.

Processos de subjetivação. Processos, porque são móveis, mutáveis, situacionais e sempre relacionais e em disputa. Subjetivação não é fixa, é em produção. Mobilizada e atravessada por vetores mais e menos estruturados, mais permanentes ou mais voláteis, afirmando ou interrogando lugares de poder, explicitando enrijecimentos ou desconstruções, ou enrijecimentos e desconstruções. Como mencionado, formação profissional, disputas corporativas, histórias de vida, projetos ético-políticos, agenciamentos produzidos pelas políticas, lógicas de gestão, efeitos da convivência em equipe, conceitos de saúde, encontros individuais e coletivos com os usuários, agenciamentos coletivos de medo, agenciamentos coletivos de solidariedade. São muitos planos/vetores/produções. Os processos de subjetivação marcam o trabalho em saúde e também são influenciados por ele (Feuerwerker, 2017).

A mesma equipe que cuida em uma situação, exclui a usuária em outra. A mesma trabalhadora que não ouve ninguém, em outra cena se mobiliza intensamente e convida para uma composição para a produção do cuidado. Embora as molaridades políticas, organizacionais e existenciais produzam regularidades, também há muita variação e invenção. Trabalhadoras se sentem oprimidas, sem escolhas, constrangidas, mas também oprimem, constrangem, restringem. E ainda em outro momento inventam, compõem, escapam e constroem cumplicidades e reconhecimentos. Esta variabilidade encanta e assusta. O cartesianismo em nós valoriza a estabilidade, o previsível, o que pode ser estabelecido. Ao mesmo tempo que o trabalho vivo encanta (pela produção de sentido, pela possibilidade de invenção), assusta (por explicitar que não há resposta pronta para tudo e por deixar clara a responsabilidade de cada qual e de todos pelos atos e ações de cuidado e de saúde).

O trabalho vivo que habita o trabalho em saúde de modo constitutivo - pelo fato de ele se dar no encontro e ser afetado pelos participantes - confere a gestoras, trabalhadoras e usuárias um grau de liberdade que é indispensável para o cuidado em saúde, pois é o que possibilita, no encontro, o reconhecimento das singularidades e a produção compartilhada. Por isso, em saúde, em maior ou menor grau, com maior ou menor governabilidade, todas – inclusive as usuárias – fazem gestão, disputam o governo de si e dos outros.

Modos menos democráticos e mais verticais de produzir gestão agenciam captura, não somente em função do gerencialismo, mas também em função da pretensão (inútil) do controle absoluto, do governo total sobre o outro. São agenciadores de subordinação. Mas, por outro lado, implicam desresponsabilização – não sou eu que decido, as regras não permitem, não posso fazer nada – com um certo grau de conforto para as trabalhadoras, que, ao mesmo tempo se incomodam com as regras que constrangem ou que claramente não dão conta de todas as situações. As trabalhadoras também produzem modos subordinados, então. Mas as trabalhadoras também disputam, não somente obedecem. Disputam e exercitam o trabalho vivo, cuidando de modo que lhes faz mais sentido ou produz mais conforto.

Insubordinação não necessariamente é para o bem, pois às vezes há insubordinação contra convites cuidadores.

Modos menos democráticos e mais rígidos na produção dos atos de saúde, no encontro com as usuárias, prescrevem, não admitem a interrogação, buscam o governo da vida das usuárias segundo critérios técnicos, juízos morais. Buscam ser subordinadores. Usuárias que disputam projetos de cuidado - porque a prescrição recebida não encaixa em sua vida, porque não tiveram suas interrogações escutadas, suas preocupações e valores consideradas – se insubordinam.

Na pandemia de covid-19 houve de tudo isso, como apresentado. Houve processos de subjetivação subordinadores, subordinados, insubordinados para todo lado. Gestões estaduais entraram no jogo em função da omissão criminosa do governo federal. Gestões municipais entraram no jogo apesar do modo centralizado de conduzir a pandemia por parte das secretarias estaduais. Atenção básica entrou no jogo da pandemia sem ser agenciada pelas gestões estaduais do SUS e às vezes sem ser agenciada pelas próprias gestões municipais. Jogo tenso de responsabilização-desresponsabilização na produção de morte e na produção de vida.

Trabalhadoras foram agenciadas pela vida no território, interrogadas pelas incertezas, mobilizadas pelo encontro com usuárias surpreendentemente ativas e coletivos, exercitaram seu autogoverno para compor com a produção de vida no território. Trabalhadoras mantiveram-se na pretensão de governar a vida das usuárias, repetindo mecanicamente instruções – mesmo quando obviamente não serviam – e culpabilizando as usuárias pela expansão da pandemia. Movimentos sociais entraram e saíram de cena, protagonizaram solidariedade, cuidado e novos debates, defenderam a vida. Deixaram evidente a des-sintonia dos cuidados oferecidos com seus desejos, necessidades, referências. Mas, segmentos sociais também se associaram à política genocida do governo federal. Insubordinaram-se às políticas de defesa e proteção da vida. Protagonizam a necropolítica.

#### **4. Processos de subjetivação e aprendizagens e algumas considerações a modo de fechamento**

Todos aprendem pela experiência. Todos os viventes aprendem pela experiência porque o mundo é uma escola. É uma questão de vida ou morte. Ou de vida e morte. Até uma ameba em seu encontro com o ambiente aprende e se modifica, como ressalta Maturana (2001).

Pois então, em diferentes composições, com e sem autorização, em espaços informais e formais, trabalhadoras e usuárias aprendem no trabalho em saúde o tempo todo, porque o trabalho em saúde se faz pelo encontro e na experimentação.

No Brasil, isso virou assunto de política, de política de saúde. Na verdade, há muito tempo era assunto de política porque a busca de conformação de subjetividades por meio de processos formativos tem sido adotada como importante elemento dos dispositivos de efetivação das políticas de saúde. As famosas capacitações. A cada nova política, uma nova onda de capacitações para ajustar as práticas de saúde aos “novos” saberes técnicos e orientações políticas. Efeitos limitados, claro, porque não são somente os saberes técnicos que orientam as práticas de saúde e tampouco basta a apresentação de novas informações e novos protocolos para que gestoras e trabalhadoras “se adequem” (Feuerwerker, 2014). Diria, no entanto, que muito além das diferenças entre educação permanente e educação continuada, tema que muitos autores no Brasil ressaltam como a principal tensão nos debates das políticas de educação na saúde (Peres, Silva e Barba, 2016; Campos, Sena e Silva, 2017), é decisivo problematizar justamente os dispositivos de subjetivação - já que explicitamente qualquer tipo de educação traz esse assunto para a cena.

Pode haver convite a pensar sobre o vivido. Convite a todas para pensar sobre o vivido. Pensar coletivamente. Vivido não somente visibilizado como o relacionado aos processos de adoecimento, nem somente como o que acontece no âmbito ou por iniciativa dos serviços de saúde. Pensar coletivamente sobre o vivido na produção das existências em toda sua diversidade e complexidade.

Convite aos mais diversos segmentos a se colocarem em movimento, a se colocarem na produção de um comum. Convite que se modifica e se amplia, que não tem dono. Convite sustentado em diferentes espaços, sobretudo nos espaços locais e no cotidiano. Um convite sustentado nos movimentos. Guerrilheiro (Campos, Sena e Silva, 2017; Merhy, 2005).

Ou pode haver ênfase na moldagem. Ênfase na capacitação. Reafirmação das capacitações como dispositivo de efetivação das mais variadas políticas na saúde. Conhecimento técnico como prescrição para práticas e relações. Moldar subjetividades a partir de formações.

Mas se o trabalho é vivo e as tensões permanentes, se os planos que atravessam o trabalho são múltiplos, se o cuidado se produz no encontro e é afetado pelas partes que se encontram, mesmo que houvesse uma linda, perfeita formação prévia, ainda seria necessário pensar sobre o vivido, recolher efeitos, construir na singularidade das experiências e dos contextos. Não há formação que elimine as diferenças, as disputas. Não há formação que esgote os agenciamentos e tensões dos encontros e dos imprevisíveis. Não há construção definitiva. Não há subjetividades prontas e fixas (mesmo quando as políticas e a gestão apostam na captura do trabalho vivo e no controle de sua efetivação), há processos de subjetivação, em movimento, em produção.

Além disso, trabalho compartilhado, em equipe ou em rede, não se produz a partir de prescrição. É produzido a partir de construção, de sentidos comuns, do reconhecimento de que compor vale a pena, amplia possibilidades, apesar das tensões, diferenças e disputas a cada momento (Feuerwerker, 2020b). E a experiência no enfrentamento da covid-19 também serviu para isso. Na atenção básica, ela proporcionou a construção de comuns. Nunca as equipes e as várias profissões se articularam como neste momento. E em muitos lugares os chamados para cuidar em rede também ganharam força. Novos sentidos para o trabalho foram produzidos.

Ninguém prescreveu. A força da vida chamou. Por isso, em relação a aprender pela experiência cabe reconhecimento e não prescrição. Mas cabe também perguntar que vozes e que questionamentos da vida nos territórios



foram escutadas. Cabe escuta para ir além e interrogar em profundidade os sentidos do que foi recolhido e vivido.

Fazer sentido para as usuárias é tão importante quanto fazer sentido para as trabalhadoras. Do mesmo modo que entre as trabalhadoras existem muitos projetos em disputa, não existe uma homogeneidade entre territórios, populações, usuárias. Os modos coletivos de produzir a vida, muito intensos em certos territórios, fazem interrogar o sentido de “casa”, do fique em casa. Talvez, até para além dos problemas materiais para efetivar o distanciamento social, esse fosse um ponto crítico: o sentido de casa pode não ser o mesmo, o compartilhamento intenso e quase permanente do viver pode ser muito mais crítico (no sentido de vital) para os que ainda experimentam certos “comunitários” (novos comunitários, novos modos coletivos) no modo de organizar a vida. Um certo comunitário-solidário - que persiste ou que é inventado - e é potência, apesar de essas vidas também serem atravessadas pelos processos de individualização e competição do humano-empresário de si do neoliberalismo.

Modos coletivos que se expressam em diferentes motes de agregação. Coletivos negros. Múltiplos coletivos culturais. Coletivos de gênero. Diferentes religiosidades produzindo diferentes agregações e tensionamentos. Os territórios, então, estão longe de ser homogêneos, apesar da precariedade ser um comum - precariedade das habitações, do trabalho, dos meios de transporte, das escolas, das áreas de lazer. Diferentes coletivos inventam distintos modos de resistir, de produzir sentidos que interrogam inclusive, de diferentes modos, as verdades da saúde que se esforça por governar suas vidas.

Diferentes subjetivações, valores em disputa, distintos modos de cuidar de si, individual e coletivamente. Isso muda tudo no modo de se aproximar, no modo de conversar, na possibilidade de composição. Interroga profundamente o modo predominante do pensamento em saúde, mesmo o da saúde coletiva. São interlocutores válidos, todos, uns mais explicitamente rebeldes que outros, uns mais articulados que outros, outros francamente conservadores. Muitos em conflito aberto entre si. São portadores de novas agendas, produtores de

outros cuidados, mundos outros com que trabalhadoras de saúde precisam se encontrar e dialogar. Estão muito longe da imagem de gentes que “precisam ser educadas”, responsabilizadas individualmente pelo cuidado à sua própria saúde segundo as lógicas que a saúde/ciência oficial prescreve.

Essas são interrogações importantes. Houve composições e conflitos durante a pandemia. Cabe aprender muito de todo esse vivido e sustentar interrogações. Acumular potência para a rebelião indispensável das trabalhadoras da saúde. Em composição - e não em luta - com as usuárias. Em interrogação compartilhada. Caminhos para produzir outras subjetivações, produtoras de potência, que deveria ser o único critério de avaliação das políticas e das práticas de saúde. Reconhecendo as disputas, para fugir dos juízos morais ou instrumentais, a ampliação da potência de vida é o critério para se avaliar políticas e práticas.

Não nos vão aprisionar é agenciamento que vale para todas que – no SUS, nas instituições de ensino – têm compromisso com a defesa da vida e não vão se deixar aprisionar pelas regras, protocolos, metas, produtivismo, que esterilizam o trabalho, roubam sua vida, aniquilam compromissos ético-políticos. A pandemia intensificou possibilidades de experimentação, abriu novas possibilidades de conexão, possibilitou respiros de liberdade, apesar de toda tensão e sofrimento. Insubordinação pela vida pode ser agenciamento coletivo no mundo do trabalho em composição com os muitos mundos da vida!

E precisamos dessa potência acumulada, dessas aprendizagens para renovar convites e agenciamentos para resistir e produzir vida. Para fazer política de outros modos. Mais coletivos e insubordinados. Precisamos muito porque agora estamos cansadas, exauridas, esgotadas diante da experiência dolorosa da necropolítica que fez morrer/deixa morrer 700 milhões de brasileiros pela pandemia de covid-19.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J.M.C. Política de saúde mental no Brasil: o que está em jogo nas mudanças em curso. **Cad. Saúde Pública**, v. 35, n. 11, 31 out. 2019. Disponível em: <https://scielosp.org/article/csp/2019.v35n11/e00129519/pt/>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- BADUY, R.S. *et al.* “Mas ele não adere”. O desafio de acolher o outro no que é complexo para mim. In: FEUERWERKER, L.C.M.; BERTUSSI, D.C.; MERHY, E.E. **Políticas e Cuidados em Saúde**. Avaliação Compartilhada do cuidado em saúde. Vol 2. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2016, p. 220-227. Disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/colecao-micropolitica-do-trabalho-e-o-cuidado-em-saude/politicas-e-cuidados-em-saude-livro-2-avaliacao-compartilhada-do-cuidado-em-saude-surpreendendo-o-instituido-nas-redes-pdf>.
- BORGES, C.F.; BAPTISTA, T.W.F.; MATTOS, R.A. Um ensaio sobre a ideia de reforma sanitária brasileira. In: GUIZARDI, F. *et al.* **Políticas de Participação e Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV; Recife: Editora Universitária - UFPE, 2014, p. 37-58.
- BRASIL. **Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm). Acesso em: 16 dez. 2020.
- BRASIL. **Lei de Responsabilidade Fiscal. Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000**. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70313/738485.pdf?sequence=2>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- CAMPOS, K.F.C.; SENA, R.R.; SILVA, K.L. Educação permanente nos serviços de saúde. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2016-0317>
- CARON, E.; FEUERWERKER, L.C.M. A Gam como Dispositivo de Atenção Psicossocial nas Práticas de Apoio e Cuidado Compartilhado na Atenção Básica. In: PASSOS, E.; SADE, C.; MACERATA, I. (Orgs.). **Entre clínica e política**: produção de conhecimento e cuidado em saúde. 1. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020, p.353-376.
- CECILIO, L.C.O.; MERHY, E.E.; CAMPOS, G.W.S. **Inventando a mudança na saúde**. São Paulo: Hucitec, 1997
- CEGATTI, F.; CARNUT, L.; MENDES, A. Terceirizações na área da saúde no Brasil: reflexos no SUS, nas políticas sociais e nos trabalhadores. **JMPHC**, v. 12, 2020. Disponível em: <https://jmphc.com.br/jmphc/article/view/978>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- COSEMS-SP. Feuerwerker, L.C.M. **Reflexões sobre a Saúde do Trabalhador no Contexto da Pandemia**. Região de Araçatuba, São Paulo, 16/09/2020. Disponível em: [https://conasems-br.zoom.us/rec/share/hRsHZgOLjk4Vzd5v5BYCDLyW\\_XObTyD7fiqjBjDe7BjR8r0RwwMlc3SfZKBeNOJ.DQJLQehck23K0Myn](https://conasems-br.zoom.us/rec/share/hRsHZgOLjk4Vzd5v5BYCDLyW_XObTyD7fiqjBjDe7BjR8r0RwwMlc3SfZKBeNOJ.DQJLQehck23K0Myn). Acesso em: 16 dez. 2020.
- FEUERWERKER, L.C.M. **Micropolítica e saúde**: produção do cuidado, gestão e formação. Porto Alegre: Rede Unida, 2014. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/project/micropolitica-e-saude-producao-do-cuidado-gestao-e-formacao/>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- FEUERWERKER, L.C.M. Micropolítica e a formação de profissionais de saúde. In: **Micropolítica em Saúde**: produção do cuidado, gestão e formação. Porto Alegre: Editora Rede Unida,

2014, p. 119-160.

FEUERWERKER, L.C.M. Pensando avaliação em Políticas e na Gestão em Saúde numa perspectiva cartográfica - construção compartilhada que favorece a mudança. In: TANAKA, O.Y.; RIBEIRO, E.L.; ALMEIDA, C.A.L. (Org.). **Avaliação em saúde: contribuições para incorporação no cotidiano**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Atheneu, 2017, v. 1, p. 29-36.

FEUERWERKER, L.C.M. A produção do SUS como política. In: MERHY, E.E. *et al.* **Políticas e Cuidados em Saúde**. Avaliação Compartilhada do cuidado em saúde: Surpreendendo o instituído nas redes. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2016, p. 73-76. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/project/politicas-e-cuidados-em-saude-livro-1-avaliacao-compartilhada-do-cuidado-em-saude-surpreendendo-o-instituido-nas-redes/>. Acesso em: 16 dez. 2020.

FEUERWERKER, L.C.M. Da Atenção Básica à Atenção Primária - do cuidado integral territorializado à focalização médico-centrada no SUS. In: AKERMAN, M. *et al.* **Atenção Básica é o Caminho!** São Paulo: Hucitec, 2020, v. 2, p. 337-356.

FEUERWERKER, L.C.M. **Mobilizar potências dos territórios na Luta Contra a covid-19** - Laura Feuerwerker - TV REDE UNIDA, 06/04/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E6f2gFQ-ejk&t=170s>. Acesso em: 16 dez. 2020b.

FEUERWERKER, L.C.M. **Território: potências do cuidado**. Curso de Micropolítica e Gestão da Atenção Básica. UFF, 19/09/2020c. Disponível em: <https://youtu.be/g2k6fQcxj7Q>. Acesso em: 16 dez. 2020.

FUNCIA, R.F. Estimativas da perda de recurso do Sistema Único de Saúde (SUS) como decorrência da Emenda Constitucional 95/2016. **Domingueira da saúde**, n. 10, mar. 2020. Disponível em: <http://idisa.org.br/domingueira/domingueira-n-10-marco-2020?lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2021.

GUIZARDI, F.L. (Org.). **Políticas de Participação e Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV; Recife: Editora Universitária - UFPE, 2014.

KRENAK, A. Prefácio. In: **Re-existir na diferença**. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020, p. 12.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MERHY, E. Educação Permanente em Movimento - uma política de reconhecimento e cooperação, ativando os encontros do cotidiano no mundo do trabalho em saúde, questões para os gestores, trabalhadores e quem mais quiser se ver nisso. **Saúde em Redes**, v. 1, n. 1, p. 07-14, 2015.

MERHY, E.E. O desafio que a educação permanente tem em si: a pedagogia da implicação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 9, n. 16, p. 172-174, set./fev. 2005. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832005000100015>

MERHY, E.E.; FEUERWERKER, L.C.M.; SANTOS, M.L.M.; BERTUSSI, D.C.; BADUY, R. Rede Básica, Campo de Forças e Micropolítica: Implicações para a Gestão e o Cuidado em Saúde. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 70-83, 2019.

MERHY, E.E.; FEUERWERKER, L.C.M. Educação Permanente em Saúde: educação, saúde, gestão e produção do cuidado. In: MANDARINO, A.C.S.; GOMBERG, E. (org.). **Informar**

- e Educar em Saúde:** análises e experiências. Salvador: Editora da UFBA, v. 1, p. 5-21, 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4448009/mod\\_resource/content/1/TRABALHO2.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4448009/mod_resource/content/1/TRABALHO2.pdf). Acesso em: 25 out. 2020.
- MERHY, E.E.; FEUERWERKER, L.C.M.; PIGATTO, F. REDE UNIDA - **Atenção Básica, Participação Comunitária, covid-19**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YbqE5zBfy4&t=254s>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- MOEBUS, R.N.; MERHY, E.E.; SILVA, E. O usuário-cidadão como guia. Como pode a onda elevar-se acima da montanha? In: Merhy, E.E. et al. (orgs.). **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde:** surpreendendo o instituído nas redes. 1. ed. Rio de Janeiro: Hexis, 2016, p. 43-53.
- MOROSINI, M.V.G.C. *et al.* Política nacional de Atenção Básica 2017: retrocessos e riscos para o Sistema Único de Saúde. **Saúde debate**, v. 42, n. 116, jan.-mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2018.v42n116/11-24/pt/>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- PELBART, P.P. **Vida Capital:** ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- PERES, C.; SILVA, R.F.; BARBA, P.C.S.D. **Desafios e potencialidades do processo de educação permanente em saúde**. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 783-801, set./dez. 2016. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00016>
- PRAÇA 12- CUIDADO DE PROXIMIDADE- ELES QUEREM NOS MATAR E NÓS PRODUZIMOS E INVENTAMOS PARA NÃO MORRER. **Sinais que vem da rua**. XIV Congresso Internacional da Rede Unida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8IoAcuDhJE>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- SANTOS, H.E. *et al.* Apagando incêndios – desafios do cotidiano do trabalho em saúde mental. In: FEUERWERKER, L.C.M.; BERTUSSI, D.C.; MERHY, E.E. **Políticas e Cuidados em Saúde**. Avaliação Compartilhada do cuidado em saúde. Vol 2. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2016, p. 271-275. Disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/colecao-micropolitica-do-trabalho-e-o-cuidado-em-saude/politicas-e-cuidados-em-saude-livro-2-avaliacao-compartilhada-do-cuidado-em-saude-surpreendendo-o-instituido-nas-redes-pdf>.
- SANTOS, L. Desvincular receitas que garantem o mínimo na saúde e na educação é inconstitucional. **Domingueira da Saúde**, n. 7, mar. 2021. Disponível em: <http://idisa.org.br/domingueira/domingueira-n-07-marco-2021>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- SEIXAS, C.T. *et al.* A crise como potência: os cuidados de proximidade e a epidemia pela covid-19. **Interface** (Botucatu), vol.25, supl.1, Botucatu, 2021. Epub Nov 20, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832021000200200&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832021000200200&script=sci_arttext). Acesso em: 16 dez. 2020.
- SUS e APS – **O que aprendemos com a pandemia**. Seminário USP. USP Ribeirão Preto. UFSCar, 10/12/2020. Disponível em: <https://youtu.be/EMi9bIOK4vA>. Acesso em: 16 dez. 2020.

# CENTELHAS DE VIDA, MORTE, POLÍTICAS DE CUIDADO: INCÊNDIO, RIO, VENTO, PEDRA, CORPO

Ana Carolina Costa Savani  
Fernanda Carla de Moraes Augusto  
Fernando de Almeida Silveira  
Harete Vianna Moreno  
Leandro Augusto Ferreira

## Campos de Rastilho

*Meu nome é Pablo  
Como um trator é vermelho  
Incêndio nos cabelos  
Pó de nuvem nos sapatos*  
(Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)

Na porta do CAPS ouvi à queima-roupa:

– Esta semana Pablo invadiu o arquivo, roubou e queimou seu prontuário. Ele está em surto delirante, precisa de cuidado. Fique atento!

A psicóloga avisa e dá as costas, corredor afora...

*Nasci num rio qualquer  
Meu nome é rio  
E rio é meu corpo*  
(Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)

Sakura cata conchinhas na beira do mar. Ribeirinha, gosta de se aventurar pela mata, brincar no mar, fazer trilhas e construir brinquedos para si. Um dia encontra um pintinho tão parado que parecia morto, com o papo todo cheio. Era mandioca brava. Foi logo mexendo no papo do bichinho, até sair uma gosma branca espessa. Sem pensar duas vezes, busca facas afiadas, agulha e linha. Corta camada por camada da pele do animal até tirar toda a

mandioca brava e finaliza costurando as mesmas camadas com agulha e linha da boa. Segurando o bicho imóvel, o leva até a beira do fogão e passa dias e dias cuidando, alimentando, esquentando. Menina-mãe-ave.

Até que um dia, em alto e bom tom, todos na casa ouvem: piu!

*Meu nome é vento  
E vento é meu corpo*

(Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)

– É o meu corpo. Meu. Não é? Mas ele continua fazendo B.O. contra mim toda hora, dizendo que eu abortei. Eu não queria mais ter filhos dele. Nunca mais. Eu vivia com medo, achava que ele ia acabar me matando; quando ele ficava louco ele me pegava pelo pescoço e apertava até eu desmaiar. Eu ficava presa naquela casa e não podia sair pra nada. Nem pra trabalhar. Tinha que cuidar da casa e dos filhos. Não queria engravidar de novo de jeito nenhum. Aí, quando ele me matou...

Ri alto, ri com gosto pensando numa morta que fala, um perfeito idiota. Ela, séria. Eu, sem graça.

O filho sério, cabelo comprido e máscara no queixo, boca e nariz descobertos. Com ares de irmão mais velho, na plenitude de seus seis anos. Brincamos e desenhamos. Concentrado, com os lápis de cor e canetinhas:

– Estou com saudades da escola, dos meus amigos, faz um ano que não tenho aulas.

– Nem pela internet?

– Nem.

– E o que você fica fazendo em casa?

– Em casa não tem o que fazer, só brincar com os mesmos brinquedos velhos de sempre, todos já meio quebrados. Sabe, outro dia minha gatinha teve cria e o meu irmão passou o menorzinho pela janela, ele foi parar lá embaixo, mas a minha mãe disse que fui eu quem jogou. Ela não acreditou em mim.

– Mas por que seu irmão jogou o gatinho pela janela?

– Não sei, acho que porque tinha um buraquinho na rede.

O outro, longos cabelos loiros e parafinados, camisa aberta e cordão no pescoço. Um pequeno surfista de cinco anos. Máscara frouxa, nariz para fora, disse:

– Eu peguei o gatinho e levei até a janela. A rede tinha um furinho e eu passei o gatinho por ali.

– E o que você achou que ia acontecer?

Calado e me encarando...

Perguntei:

– Qual andar você mora?

– Dez andar.

– Mas você achou que ia acontecer o quê? Que o gatinho ia voar?

Silêncio.

– Achou que ele ia sair voando, que nem um passarinho?

– Não, né? Gato não voa.

– E o que aconteceu?

– Interfonaram dizendo que o gatinho caiu lá embaixo e trouxeram ele de volta numa caixinha de sapatos. E minha mãe disse que foi o meu irmão quem jogou.

– E você viu dentro da caixa?

– Não.

Os irmãos não queriam ir embora, choramingando quando a mãe disse que precisavam ir. Perguntei sorrindo àquela mãe:

– Que história é essa do gatinho que caiu da janela?

– Não, não foi nada, minha gata teve ninhada, não aconteceu nada.

– Mas eles disseram que um filhotinho caiu.

– É, bem, não, acho que foi, não sei bem o que aconteceu...

Os dois começaram a saltitar em volta dela:

– Foi, mamãe, foi a gente, foi pelo buraquinho e o gatinho caiu, caiu.

A mãe desconversa:

– Está tarde, está na hora de ir embora. Aqui já vai fechar.

– Mas a gente quer ficar mais, a gente pode voltar amanhã? Posso levar



esse carrinho? Posso levar esse aviãozinho? Posso levar meu desenho embora?  
A gente pode voltar?

*Meu nome é pedra  
E pedra é meu corpo*  
(Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)

– Como é que a gente vai devolver a guarda de duas crianças para uma mulher que está traindo o marido?

Silêncio. Reunião de equipe. Constrangimento.

– Assim, o que eu quis dizer é que...

A mulher, descrita pela equipe como negra, pobre, sem renda e dependente do marido. Um dia, chegou àquele serviço de saúde mental pela primeira vez, despedaçada, entre lágrimas e culpa, por ordem judicial. Acusada de negligência. Demorou para conseguir dizer que, além da guarda dos dois filhos, tinha perdido também o filho mais novo, ainda bebê. Levou mais tempo ainda para conseguir falar, confidencialmente, que ele tinha morrido na cama dela, embaixo de seu corpo, sem ar, enquanto ela dormia. O marido a lembrava disso constantemente, não a deixava esquecer do quanto era fracassada e dependente dele. Ela estava se sentindo incapaz de ser mãe. Considerava que mal tinha tido alguém para chamar de mãe. E aquele homem, jogando na cara dela, dia após dia, o nome do bebê morto, Pablo.

Depois de meses, voltava a respirar. Fez amizades no serviço de saúde, participava de atividades. Planejou sair da casa em que morava com o marido, mas desistiu, por dificuldades financeiras e por medo de que isso atrapalhasse no julgamento sobre o retorno de seus filhos. Estabelecia alguns limites na relação com ele, percebia que a casa também era dela. Visitava as crianças no Serviço de Acolhimento Institucional, queria seus filhos de volta. Ansiava pela decisão do juiz.

Um dia, perto da data da audiência, foi vista beijando outro usuário do serviço.

Aquilo chegou para todos na reunião de equipe, que se perguntou:

– O que será que vão pensar?

## Fagulhas ou rastilhos compartilhados

*Um fogo queimou dentro de mim  
Que não tem mais jeito de se apagar  
Nem mesmo com toda água do mar  
Preciso aprender os mistérios do fogo pra te incendiar*  
(Joyce e Maurício Maestro)

Rastilho é fio ou sulco que comunica fogo de uma ponta à outra, mas também é uma pequena peça que serve para transferir a vibração das cordas para o corpo do violão, aumentando a ressonância e auxiliando na afinação do instrumento. Rastilhos inflamáveis e reverberantes para leitura e partilha do que se tem feito, sentido, lembrado, tocado. Uma estrutura meio documental, quase analítica, elencada, encadeada; aos poucos se permite alargar, desdobrar, queimar, virar cinzas, apagar. Narrativas aparecem, nomes, invenções e verossimilhanças. Vera semelhanças. Só dez por cento é mentira<sup>48</sup>.

A escrita se faz mais tortuosa e complicada quando é feita a dez mãos. Por vários meses nos reunimos, a maioria das vezes em reuniões virtuais, outras presencialmente, apesar da distância física e dos compromissos de professores e profissionais da área da saúde, estudantes, corpos sempre em devir. Nessas longas conversas e reuniões, parecia que a escrita ficava sempre para outro dia, para a semana que vem. Há de se pensar que sem a pressão de prazos ou da necessidade produtivista, um texto pode nunca chegar ao seu fim, respirando e amadurecendo a partir dos movimentos e dos cuidados de seus próprios escritores. Esse ganhar vida do texto, lento e tortuoso, incerto, não se faz sem dor quando é o produto acabado que conta: quantos artigos você publicou nos últimos três anos? Em revistas quais, quais? A escrita pode ser a carne do pensamento, sua matéria, sua luz?

Um mistério. Em nossas narrativas, numa quase constante, é um nome que vem e vai: Pablo. Em certo momento da discussão, nos vimos afetados pela *Última Sessão de Música*, show derradeiro na carreira de

---

48 Título de documentário de Manoel de Barros (2008), retirado da frase: “Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira”.

Milton Nascimento. E quantos artistas puderam encerrar sua carreira assim, escolhendo quando parar? Por ductos clandestinos, a pungência e potência desse mineiro-carioca veio a se conectar aos problemas de pesquisa. Uma centelha de vida. Pablo, ainda bebê na capa do álbum *Milagre dos Peixes*, de 1974, tomava corpo nos escritos. A trilha sonora desse milagre, a maior parte instrumental, sem letras, movia nossas conversas. A ausência das letras não era mera escolha artística, mas sim uma forma de furar os canos da censura da ditadura militar, que naquele período vetava tudo o que não entendia - que era quase tudo. A política do artista foi lançar um álbum onde o ouvinte pudesse criar suas próprias narrativas, colocar sua vida, inventar suas histórias. A última canção, no entanto, possui letra: Pablo. Uma criança canta sobre um martelar das teclas do piano, falando de si em seus poucos acordes: Pablo é direta, sem rodeios, breve, urgente.

Pablo, incêndio nos cabelos, que nasceu num rio qualquer, que é vento, que é pedra, que é corpo. Pablo que incendiou seus prontuários com todos os escritos produzidos a seu respeito durante sua vida e que quis contar sua história de seu jeito. Pablo, que morreu ainda bebê, embaixo do corpo da mãe. Pablo, que está aqui e ali, numa praia com seu chão movediço, não fixado, num cruzamento entre rio e mar, num terreno alagadiço, que transmuta, um lugar incomum. Pablo, que pode ser um dos filhos retirados da guarda dos pais, ou mesmo um pintinho, um gatinho. Pablo, filho que Milton não pôde mais ver, após ameaça da ditadura de matá-lo caso voltasse a buscá-lo:

Eles sabiam de tudo que eu conversava, de tudo que eu ia, lugar, de tudo que eu fazia, e esse negócio da minha junção com os estudantes, acho que foi a chave da maldade do pessoal, né? E eles me proibiram de ir a São Paulo para ver, visitar uma casa, que era a casa da minha mulher e do meu filho. De repente, a criatura que eu gostaria de ter nos meus braços assim, eu não poder chegar nem perto porque eles falaram que iam matar a criança. Passei o tempo da ditadura toda sozinho, sem poder falar com ninguém, comecei a beber, eu não tinha outra coisa pra fazer, então estava realmente, eu e Deus (Milton Nascimento, 2012).

Pablo, que é alegria e tristeza, amor e dor, morte e vida.

Tudo somente importa se é compartilhado, dividido, como um milagre dos peixes.

Percebemos a importância da amizade e da simpatia, nos mesmos moldes de Milton: “o que eu vi da vida foi a coisa que eu aprendi com meus pais, a amizade. Cuidar da amizade, porque é uma das coisas mais importantes da vida” (Milton Nascimento, 2012).

## **Pablo, incêndio nos cabelos**

Pablo, terno na sua angústia e delírio, vestia terno de brechó e se apresentava como gerente da Unidade de Saúde. Pablo, em roupa branca de algodão, sem ternura, disputava corrida com os ônibus velozes à frente de um serviço de saúde mental.

Era fugidio ao contato, mas fascinante e expressivo no seu mundo imaginário: filho preferido de Deus, virgem, puro.

À procura da mulher perfeita: Mercedes, em seu nome alemão pressagiado.

Admirador de Hitler, seu ícone, emblema da pureza e da disciplina. Edição arbitrária de uma experiência nefasta...

Castidade que sufoca seus estupros na infância pelos colegas de alojamento do Educandário religioso e pelo padre. Toda a noite, por três anos, desde os cinco:

– Monstro sobre mim.

Estupros que não se encerram quando retorna à família, agora protagonizados pelo irmão.

Violência que queima e não cessa...

Pablo se aproxima e senta ao meio do semicírculo dos estudantes da interdisciplinaridade em saúde que ocupavam a sala de convivência, ao redor do supervisor. Conta sua história. Sua. Do jeito dele. Ninguém precisou pedir. Foi como se viesse do nada. Falou sem parar por mais de meia hora o que tinha acontecido com ele, do jeito dele.

Erupção...

Ninguém respirava.

Todos compondo um semicírculo de olhares, cintilantes castanhos, azuis, verdes, espelhando o corpo preto aceso da presença de Pablo: centelha viva no relato da ferida vivida...

Todos quietos, ouvindo, com atenção, seu sermão de pureza. Entre o tesouro de si e uma vida devastada pelo fogo da violência.

Lavas em palavras...

Após, retoma o silêncio do que sofreu e a correria fugidia costumeiros. Porém, a fenda acesa da partilha jamais se fecharia na memória e na presença. E Pablo segue correndo ao primeiro cheiro de diesel virando a esquina do equipamento, proferindo seu cântico autoral:

– Se prepara! Ó, Pablo amado! Ela é a Filha dos Céus! A Princesa é super-diginíssima! Ela é a Filha de Deus! Ela é a Filha dos Céus!

Seu clamor, feito éter do elemental do fogo, desejando atingir as alturas celestiais.

Pablo e seu prontuário, companhia de uma vida que queria ser outra, que recusava sua monocultura. Fogo. Fim de um mundo. Devir-floresta. Para além ou aquém do Pablo menino estuprado pelos monstros com suas batinas ao chão, perdido na instituição de uma infância desolada e desamparada.

## **Sakura, dos céus ao mar**

Convivemos há tempos com a história da Sakura. Ela foi lida pela primeira vez quando nossas reuniões eram totalmente remotas, alguns meses após o início da pandemia. Sua leitura provocou intenso afeto. Ao final de sua extensa narrativa, todos se calaram, ninguém parecia querer pôr um fim àquele silêncio - o que para alguns pode ser um encanto, para outros, constrangimento. Até que enfim um de nós pediu a palavra só para dizer que ficou sem palavras. Desde então a narrativa foi e voltou ficando um longo tempo guardada em algum canto, sem ser lida. Quando retornou, sobreveio a reescrita, feita a várias mãos.

Num dos encontros, enfim presencial, após algumas horas de trabalho, era como se de repente uma intensa alegria incendiasse a todos. Começou com alguns comentários a respeito da inverossimilhança do que houve, uma menininha que agia quase como uma cirurgiã-veterinária, fazendo uma operação num bichinho tão delicado. Alguém contradisse: “pode ser que a biologia do pintinho seja diferente da nossa, vai que ali no pescoço deles não tenha muita coisa mesmo, que seja possível cortar e costurar sem maiores problemas. “Você conhece a fisiologia deles?”, até que essa incredulidade começou a aumentar e os comentários passaram a ser: “acho que fomos enredados por uma história de pescador, de peixe grande”. Um sorriso aqui, outro ali, alguém disse que aquela era a história do *O Galinho Chicken Little* e os risos começaram a tomar conta da sala, agora sem possibilidade de volta. A história tão séria, profunda e comovente havia se tornado, naquele encontro, outra, virada do avesso, tragédia, delicadeza, mentira, tudo isso ao mesmo tempo. O “piu” que da primeira vez deu um nó nas nossas gargantas, daquela vez trouxe um estouro de risadas que, assim como uma centelha, não pode ser facilmente apagada depois que seu calor se espalha. Calar, calor. E, mais uma vez, *uma centelha num graveto queima canaviais*<sup>49</sup>.

Parece que a potência do afeto é capaz de, a cada releitura, tratar daquela mesma narrativa de formas distintas. Basta um começar a rir, conseguir achar a graça onde parecia não haver nenhuma, para que essa centelha contagie a todos, como num movimento de amizade, um dividir-compartilhar dos próprios afetos, que incendeiam. Há, porém, o risco - diante da delicadeza da narrativa - do humor provocar culpa ou vergonha. Aquela história tão preciosa torna-se, de uma hora para outra, uma divertida piada compartilhada pelas pessoas, com suas faces inflamadas, soluços e sorrisos bobos, sérios profissionais brincando e jogando, como perfeitos idiotas.

Um sopro, uma centelha que nasce no momento do encontro. Imagens, afetos e percepções, práticas profissionais (des)concentradas; evocação poética que nos ensina que no meio do caminho de Drummond, “tinha uma pedra tinha

---

49 Verso da música “A bela e a fera”, de Chico Buarque e Edu Lobo.

uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra” (Drummond, 1973, p. 61). Pedra reinventada como transfiguração da realidade pela conversão poética no exercício da inspiração, chama ardente.

Gravetos - pedra - fogo - poeta visionário.

Nessa dança de encontros, de espécies companheiras - menina-rio-pintinho, crianças-gatinhos-mãe-pai, mulheres-filhos-marido, homem-fogo-prontuário - faíscas e vagalumeiam centelhas, inflamam os viventes, apesar dos matizes de tons distintos e que também se apagam, às vezes com violência, outras, com um gemido. É na própria vida, nos viventes, que essa chama ainda é repartida e cuidada, admirada, até seu último suspiro. É na própria potência da vida, de um pintinho ou de um gatinho, que nos apegamos e que mantemos um esperar. Numa amizade, é a própria vida que é compartilhada, dividida, con-dividida:

Os amigos não dividem algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são com-divididos pela experiência da amizade. A amizade é a divisão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse com-sentir originário que constitui a política (Agamben, 2009, p. 92).

Vida política, vida nua, vida infame, uma vida<sup>50</sup>. Uma amizade pela vida: “O amigo, diz Zaratustra, é sempre um terceiro entre eu e mim, que me leva a me superar e a ser superado para viver” (Deleuze, 2018, p.14). Essa amizade teve de ser nutrida pela Sakura, que usou de toda astúcia, ciência e técnica para cuidar de uma vida que, como qualquer outra, luta para respirar, para pulsar. O sopro que insiste em não chegar aos diminutos pulmões da ave. Imaginamos que, junto ao fogo, cortando e costurando a fina camada de carne - “viver é um rasgar-se e remendar-se” (Guimarães Rosa) -, a menina

50 A esse respeito, Cf.: “O que minhas pesquisas mostraram é que o poder soberano funda-se, desde a sua origem, sobre a separação entre vida nua (a vida biológica que, na Grécia, tinha o seu lugar na casa) e vida politicamente qualificada (que tinha seu lugar na cidade). A vida nua foi excluída da política e, ao mesmo tempo, incluída e capturada por meio da sua exclusão. Nesse sentido, a vida nua é o fundamento negativo do poder. Tal separação atinge a sua forma extrema na biopolítica moderna, na qual o cuidado e a decisão sobre a vida nua se tornam a aposta em jogo da política. O que aconteceu nos Estados totalitários do século XX está no fato de que é o poder (também na forma da ciência) que decide, em última análise, o que é uma vida humana e o que não o é. Contra isso, trata-se de pensar uma política das formas de vida, isto é, de uma vida que jamais seja separada da sua forma e que jamais seja vida nua” (Agamben, 2015).

lutava para que aquela centelha não apagasse de vez e, ao aquecer o pintinho, se alegrou quando escutou seu “piu”. Era a vida, e “a centelha de vida que existe dentro dele está agora curiosamente separada da sua pessoa e é por ela que sentem um profundo interesse, provavelmente porque é a vida, porque eles também estão vivos e deverão morrer” (Dickens, 2015, pp.404-405).

Da mesma forma que uma centelha de vida pode estar separada da pessoa, a amizade aqui é vista enquanto uma seara do encontro, em que já não sou mais eu ou o outro, mas uma coisa terceira onde um vínculo se dá e que, a partir dali as indicações, conversas, condutas entram num campo que não é exatamente o dito terapêutico, mas uma zona de contato feita por contágio. Esse ato de narrar que compusemos ouvindo histórias, sendo parte delas - algo da história aparece quando há um acontecimento no encontro. A amizade pode ser um nome não dado ou conhecido a uma relação que não precisa ser chamada de vínculo porque houve confiança para que algo se desse e que, não necessariamente, ambos se reconhecerão na condição de sujeitos. Talvez nunca mais as vejamos. Pessoas vêm e vão, sem necessidade de histórias pessoais e identitárias, mas esses encontros acontecem e neles pode surgir uma tal história, pois algo misturou e borrou<sup>51</sup>.

Um tanto das histórias também nos desloca para outros lugares. A Sakura desloca o lugar da terapeuta, mas também o alimenta. A Sakura cuida de mim (também) ou eu cuido da Sakura? Menos essa relação e mais do acontecimento naquele encontro ímpar. Acontecer esse lugar onde as noções de si se misturam um pouco, para estarem juntos, estabelecerem um diálogo e uma relação. Nem sempre se habita um só lugar.

Uma criança, um filhote, um rio, um mar, um cuidado, uma vida<sup>52</sup>.  
Quando as espécies se encontram, moldam emaranhados que fazem tipos

---

51 Da invenção de uma nova profissão, o de acompanhante terapêutico, esses inicialmente passaram a ser nomeados como “amigos qualificados”, termo que foi caindo em desuso, talvez por não parecer técnico o suficiente.

52 A interdependência entre as espécies é um fato bem conhecido – exceto quando diz respeito aos humanos. O excepcionalismo humano nos cega. A ciência herdou das grandes religiões monoteístas narrativas sobre a superioridade humana” (Tsing, 2015, p. 184). Versões do que Latour nomeou de Grandes Divisões: animal e humano, natureza e cultura, selvagem e doméstico. “Em camadas de história, camadas de biologia, camadas de naturezasculturas, a complexidade é a regra do nosso jogo (...) Tenho certeza de que nossos genomas são mais parecidos do que deveriam ser” (Haraway, 2022, p. 26). As espécies se compõem mutuamente, em emaranhados, e humanos são também enredados em teias de domesticação: “A natureza humana é uma relação entre espécies” (Tsing, 2015, p. 184). Acontece que “Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que outros” (Orwell, 2015).



imprevisíveis de nós, uma teia, um contínuo *devir-com* (Haraway, 2022). Performances de linhas de vida cruzadas, paisagens multiespécies (Tsing, 2019). A dança da Sakura-ave, que pode contar essa história e abrir esses mundos sensíveis. Menina que cresceu na terra, em fotossíntese, em correntezas, inventando artes do fogo e do cuidado. Menina-ave-bruxa. Um convite a descolonizar a imaginação e a vegetalizar a sensorialidade (Myers, 2021). O pintinho e a Sakura tecem “uma provocação à curiosidade, que considero uma das primeiras obrigações e um dos mais profundos prazeres das espécies companheiras mundanas” (Haraway, 2022, p.14).

### **Gatinhos e os meninos, dez andar**

Um encontro de vida e morte e vida. O que se passou no entre desses olhares, desse contato, desse toque? Em meio a desencantos, em meio a ruínas. A vida por um fio: “quando ele me matou...” - alerta a mãe. As redes cheias de buraquinhos, por onde, por vezes, a vida escapa. E cai. Dez andar.

Um gatinho que nasceu e foi arremessado pela rede, logicamente “porque tinha um furinho, ora”. Uma queda. O regresso na caixinha. A vergonha, o segredo. Um mistério. Uma vida, uma vida pouco com-partilhada, pobremente com-dividida. Os irmãos tinham somente a si e partilhavam da culpa. Apartados em seus cômodos, enquanto viviam a pandemia e as escolas estavam fechadas, escondidos de um pai e de uma mãe. Era na possibilidade do jogo, da brincadeira, que pareciam abrir fissuras e, pouco a pouco, trincar e rachar tal morte em vida. A potência infantil calhou de brincar com um gatinho, num jogo de gato e rato ou de homem-criança e gato. Crianças que profanam as regras, que se divertem com elas, assim como “(...) o gato que brinca com um novelo como se fosse um rato (...)” (Agamben, 2007, p. 74). Nisso, os adultos esquecem e não sabem “rir, jogar e dançar. Rir é afirmar a vida e, na vida, até mesmo o sofrimento. Jogar é afirmar o acaso e, do acaso, a necessidade. Dançar é afirmar o devir e, do devir, o ser” (Deleuze, 2018, p. 217). A perda da potência de brincar pode resfriar, transformando centelhas

em cinzas, restos? Num mundo lógico, tudo tem de ser previamente medido, pesado. Não há espaços para surpresas. Os caminhos já estão previamente traçados, os roteiros pré-definidos. Enquanto isso:

As crianças, que brincam com qualquer bugiganga que lhes caia nas mãos, transformam em brinquedo também o que pertence à esfera da economia, da guerra, do direito e das outras atividades que estamos acostumados a considerar sérias. Um automóvel, uma arma de fogo, um contrato jurídico transformam-se improvisadamente em brinquedos (...) nenhuma atenção resiste ao confronto com a da criança que brinca (Agamben, 2007, p. 67).

Crianças que profanam as regras, que se divertem com elas, mas que acabam caindo, restando apartadas em seus apartamentos, isoladas da escola e dos amigos, afetados pela pandemia. Um gato que cai. Será que ele caiu de pé? Mesmo os animais podem profanar roteiros:

Também na natureza acontecem profanações. O gato que brinca com um novelo como se fosse um rato - exatamente como a criança fazia com os antigos símbolos religiosos ou com objetos que pertenciam à esfera econômica - usa conscientemente de forma gratuita os comportamentos próprios da atividade predatória (ou, no caso da criança, próprios do culto religioso ou do mundo do trabalho). Estes não são cancelados, mas, graças à substituição do novelo pelo rato (ou do brinquedo pelo objeto sacro), eles acabam desativados e, dessa forma, abertos a um novo e possível uso (Agamben, 2007, p. 74).

E a mãe, que abortara filho após filho, cansada da violência, que pergunta e afirma ao mesmo tempo de quem é aquele corpo, do que pode um corpo. Uma pergunta justa. De quem é o corpo que disponho: é meu, é seu? Sendo assim, já que meu corpo e dos meus filhos não são mais meus, deixa de ser absurda a frase “quando ele me matou...”. Quando esse outro me matou, quando ele me mata, quando me matará? Narrativas que restam: “o que caracteriza os relatos que os mortos nos fazem criar é que, justamente, eles nunca terminam. (...) Os relatos, em outros termos, re-suscitam” (Despret,

2021, p. 296). A fuga, inútil, temporária, uma distração, corpo que se coloca longe (de si), mas somente como interlúdio da tragédia, do retorno à violência.

O termo “violência patriarcal” é útil porque, diferentemente da expressão “violência doméstica”, mais comum, ele constantemente lembra o ouvinte que violência no lar está ligada ao sexismo e ao pensamento sexista, à dominação masculina. [...] Além disso, a maioria das pessoas tende a enxergar a violência doméstica entre adultos como algo separado e diferente da violência contra crianças, quando não é. Com frequência, crianças sofrem abuso quando tentam proteger a mãe que está sendo atacada por um companheiro ou marido, ou são emocionalmente afetadas por testemunhar violência e abuso (Hooks, 2019, p. 96).

### **Mulher, o que será que vão pensar?**

Os relatos intermináveis que os mortos nos fazem criar invadem também aquela vida assombrada pelo bebê sufocado debaixo do corpo. As várias mãos da equipe de saúde que tentavam produzir cuidados e direcionar destinos jurídicos para a mulher e seus filhos, estavam banhadas por forças em jogo e relações de poder. Um convite para uma análise da produção de cuidados. Discursos e práticas de saúde e jurídicas que também re-suscitam. Suscitam histórias e seus atravessamentos políticos, sociais, econômicos. Suscitam toda uma lógica de funcionamento social sustentada na produção de desigualdades, misérias, sexismo, racialização e de humanidades subalternas (Mbembe, 2018). Suscitam uma colonialidade escravista, um sistema capitalista-patriarcal-racista (Gonzalez, 2020), e suas fabricações de realidades, de violências, de concepções de saúde e de justiça, de visões de mundo, de subjetividades.

O que será que vão pensar de uma mulher que beijou outro homem? Como devolver a guarda de seus filhos? Ela é capaz de ser mãe? A situação de pobreza, de violência patriarcal e doméstica, de racismos cotidianos (Kilomba, 2019), de luto pela morte do filho, vivenciada por aquela mulher, parecia ter ficado menos importante diante de uma sutil manifestação de sua sexualidade. A problemática verdadeira havia aparecido. Preciado (2017) já apontava a

utilização do sexo como tecnologia biopolítica, que assegura uma assimetria de poder entre os gêneros, que regula papéis e práticas sociais, que produz feminilidades, masculinidades e explorações.

A mulher foi produzida como uma espécie diferente na emergência da lógica capitalista e seus processos de acumulação inesgotável de capital, em uma era de repressão sexual e na linguagem de caça às bruxas: “Para que as mulheres não arruinassem moralmente - ou, o que era mais importante, financeiramente - os homens, a sexualidade feminina tinha que ser exorcizada” (Federici, 2017, p. 343). O processo de domesticação de mulheres e plantas, com o manejo da reprodução humana e da agricultura intensiva de cereais, em confinamentos úteis para maximizar a fertilidade, proporcionou o estabelecimento do Estado, da propriedade privada e da hierarquização social, sustentando a expansão da colonização, com o trabalho de pessoas escravizadas e com divisões raciais sendo forçadas (Tsing, 2015).

Fogueiras.

Mulher quando se torna mãe, escuta por diferentes vozes que deve abrir mão da sua condição de mulher. E qual seria sua condição de mulher? Sem desejos? Sem dores? Pura abnegação?

*Eu gosto de ser mulher, sonhar arder de amor. Desde que sou uma menina. De ser feliz ou sofrer, com quem eu faça calor. Esse querer me ilumina*<sup>53</sup>. Mas não pode. Não pode arder de amor, não pode fazer calor. Pode servir, cuidar no sentido mais exaustivo, de pouca ou nenhuma partilha. Até cansar, negligenciar, sufocar, matar. *Dei pra maldizer o nosso lar*<sup>54</sup>. Megera-mãe-puta. O que dá para fazer. O que dá para a mulher-Geni fazer. E o que fazem com ela? E o que fazem dela? Como pode ter filhos de homens diferentes? Como pode ter tantos filhos? Como pode não ter filhos ainda? Como pode não querer ter filhos? O corpo não é da mulher. Toda crítica é para a mulher.

No serviço em que chega, rosa despedaçada, pétalas caídas podem ser trilhas para novos caminhos. Delicada reconstrução. Sororidade. Dororidade<sup>55</sup>, pois as dores das mulheres pretas as aproximam. Tornar-se mulher é ser útil:

53 Verso da música “O lado quente do ser” (Composição de Antônio Cícero e Marina Lima).

54 Verso da canção “Atrás da porta”, de Francis Hime e Chico Buarque.

55 Termo criado pela escritora Vilma Piedade em seu livro “Conceito dororidade” (Piedade, 2019).

“E palavra amor, cadê? *Je suis ici*, ainda que não queiram não. *Je suis ici*, ainda que eu não queira mais. *Je suis ici*, agora. *Je suis ici*. E a palavra amor cadê?”<sup>56</sup>.

Lélia Gonzalez (2020), demonstra o caráter triplo de discriminação que sofrem as mulheres amefricanas e ameríndias, considerando a interseccionalidade de gênero, raça e classe. O mito da superioridade branca e da democracia racial, e a suposta igualdade de todos perante a lei, servem para manter negros e indígenas em condições de subordinação. A história coletiva de escravização e opressão racial, atualizada em racismos cotidianos, é apontada por Grada Kilomba (2019), que propõe um deslocamento da questão “o que você fez com o racismo?” para “o que o racismo fez com você?”, como um ato de descolonização e resistência. Deslocar a centralidade da branquitude, visibilizar suas estruturas de poder, seus privilégios simbólicos e materiais e as implicações políticas e sociais inerentes.

Como considerar continuamente as dimensões interseccionais nas nossas relações cotidianas? O quanto isso atravessa cada vida? Como problematizar nossas atuações de trabalho - em saúde, no judiciário, na assistência social, na educação - permeadas por essas questões? Colocar em análise também nossas visões de mundo, nossos privilégios, nossas intencionalidades, nossas intervenções. Virar a seta contra si mesmo. Uma aposta clínico-política. Reflorestamentos de si e nos discursos e nas práticas profissionais. Centelhas nos cuidados produzidos. Uma implicação ética e estética com a potencialização da vida. Fabular mundos possíveis em meio a ruínas - do patriarcado, do sexismo, do racismo, do colonialismo, do capitalismo. Sentir o “cheiro da fumaça que exige que decidamos se somos herdeiros das bruxas ou dos caçadores de bruxas” (Stengers, 2017, p. 15).

### **“A gente escreve o que ouve, nunca o que houve”<sup>57</sup>**

Fazer clínica a partir de encontros, suportar silêncios, dúvidas, histórias. Imaginar desfechos e - porque não, inventar junto diversos capítulos.

---

56 Versos da canção “Um corpo no mundo”, de Luedji Luna (2017).

57 Oswald de Andrade (1995).

Gestar centelhas. Fazer clínica como quem ouve e escreve histórias. “Escrever em conjunto, frasear mundos juntos (...) tornar-se-com” (Bellacasa, 2012), no caráter subversivo do cuidado. Um inesperado, um inusitado, episódios comuns de cuidados incertos. “Porque ‘nada vem sem seu o seu mundo’, não encontramos indivíduos isolados, um encontro produz um mundo, muda a cor das coisas (...)” (Bellacasa, 2012). Por onde perambulamos e insistimos para que as vidas das pessoas sejam ouvidas e co-criadas com diversos atores possíveis? Uma clínica que se faz ao escutar, escrever, reescrever histórias que nascem de um chão de gravetos incandescentes, paridos por gente comum.

Vidas em devires, processos constelados em centenas de centelhas, horizontes de múltiplos campos de rastilhos trilhados nesta jornada “é a vida, mais que a morte, a que não tem limites” (Márquez, 2019).

Pablo queima seu prontuário, purifica-o. Entoa pela abstrata e inatingível Mercedes na sua desumana imperfeição idealizada! Cerejeira, menina-ave-cuidadora. Centelha que aquece. Família vulcânica adormecida: vida lançada pela janela. Gatinho que volta numa caixinha de sapatos, vivo-morto? Mulher, filhos, marido, saúde-justiça, violências. Chamas que cintilam, sufocam, apaixonam. Vida que resiste a ser apagada.

Onde se encontrariam as narrativas trazidas? Ponto. Traço. Tracejado. Linha. Deligny (2015) desenha mapas de andanças. Sobrepostos, tais mapas tornam vívido o caminho. Desses passos, interessa neste momento o que ele chamou de *chevêtre*. Palavra de alguns significados, diz de um emaranhado, uma confluência, um anteparo com força de desvios. Um percurso qualquer que insiste nos trajetos afora. Não é por imitação que se encontra um *chevêtre*, mas por imantação. Atração por um espaço que produz algo (centelhas em nós, substantivo e pronomes). Indeterminados e sem modelos. “Existem *lãs* que são *chevêtres*”, indica Deligny (2015, p. 131), e continua: “Dessas duas linhas, uma, horizontal, é a dos *chevêtres*, palavra de nossa gíria que evoca *as coisas* que, com toda evidência, atraem, imantam, quem vive a linguagem inter-rompida” (Deligny, 2015, p. 139). Centelha também pode dizer de uma linguagem interrompida, inter-rompida. Uma certa quebra porque algo

irrompe. Desfazem-se protocolos, o humano demasiado humano surge sem disfarces, oportunidades se engendram, fugaz episódio sem controle que pode indicar o encontro com o real.

Importamos uma palavra da gíria do francês. E nossa gira<sup>58</sup>? Linhas que se cruzam, caminhos que se emaranham, bifurcam, encruzilhadas. Centelha produz encruzilhadas, mas também pode ser produzida na encruza, ebó de partida, ignição, mudança de percurso; centelha-Exu abrindo caminhos. “Que haja ali um *chevêtre* antes mesmo que a porta lá esteja [...]. Como a porta ainda não está ali, tratar-se-ia de uma espera, pois todo *chevêtre* tem as costas largas” (Deligny, 2015, p. 228 e 229). E Exu não tem ori (cabeça) para carregar os fardos. Sem ser problema e, muito menos, solução, centelha pode ser um *e*, uma soma, fazer encruzas de fuga para não sufocar. Centelha parece ter essa velocidade, um atmo e as narrativas trazidas aqui tentam desenhar linhas espiraladas em muitas direções, centelhas sem garantias, sem guias, mas intensidades.

E Pablo, queima e vive de novo seu prontuário, sua vida? E a Sakura, abriu o papo do passarinho quase morto? E as crianças, jogaram o gatinho pelo dez andar? E a mulher, deu a vida e a morte ao filho e a si mesma? E a Saúde-Justiça<sup>59</sup>? Vida e morte coladas porque são.

---

58 Gira (no idioma quimbundo, nijra, caminho) na Umbanda, reunião, de vários espíritos de uma determinada categoria, que se manifestam através da incorporação nos médiuns (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gira> Acesso em 18/03/23).

59 Sustentamos esse curioso hífen, que borra as fronteiras entre esses dois conceitos, com suas instituições representativas e dispositivos de judicialização, medicalização e medicamentação cada vez mais presentes. Foucault refere sobre esses amálgamas discursivos quando menciona: “através de toda sociedade moderna, um certo tipo de poder – nem médico, nem judiciário, mas outro – é que conseguiu colonizar e repelir tanto o saber médico como o poder judiciário; um tipo de poder que desemboca finalmente na cena teatral do fórum, apoiando-se, é claro, na instituição judiciária e na instituição médica, mas que, em si mesmo, tem sua autonomia e suas regras” (Foucault, 2010, p.23). Essas confluências poderiam redundar numa crise quanto ao papel de um Tribunal, produzindo culpa e vergonha de vigiar, julgar e punir, o que poderia se expressar em momentos em que se torna um poder que pretende tomar para si a cura e o cuidado, oferecendo justiça restaurativas ou mesmo recorrendo a práticas questionáveis como constelações familiares? Num movimento contrário, nesse vácuo de um dispositivo decisório, agora com potência reduzida frente a vergonha, pequenos juízes seriam produzidos dentro dos serviços, em todo e em qualquer profissional da saúde? Para Foucault, um murmúrio foi notado “Pela primeira vez na segunda metade do século XIX, (quando) ouve-se os juízes começarem a dizer: pedimos que nossa função seja uma função terapêutica, tanto quanto uma função de julgamento e expiação” (Foucault, 2010, p.34), fazendo com que “O duro ofício de punir vê-se assim alterado para o belo ofício de curar” (Foucault, 2010, p.21). Nisso: “o essencial é procurar corrigir, reeducar, ‘curar’; uma técnica de aperfeiçoamento recalca, na pena, a estrita expiação do mal, e liberta os magistrados do vil ofício de castigadores. Existe na justiça moderna e entre aqueles que a distribuem uma vergonha de punir, que nem sempre exclui o zelo; ela aumenta constantemente: sobre esta chaga pululam os psicólogos e o pequeno funcionário da ortopedia moral” (Foucault, 2014, p.15). Cf. Foucault, M. Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010 e Vigiar e punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

É preciso estar atento e forte<sup>60</sup>. Mal tivemos tempo de temer a morte. A pandemia que nunca terminava, histórias que ficaram de fora ou que sequer foram escritas. Tateamos acerca do que seriam as centelhas - e talvez interesse um plural. Condutas de resistência performáticas e éticas? Fragmentos de algo que antecede o que pode ou não acontecer? Perceber a(s) centelha(s) ou vivê-la(s) - nos afetar.

Feito ideograma chinês do *I Ching*, um determinado sentido pelo simples e visceral amontoado de suas linhas, encontro de seres<sup>61</sup> - formatados como profissionais na e da saúde, vêm se lançar a novos modos de vida e de reinvenções de si-com-outros-no-mundo, compartilhadas neste texto. Episódios. Clínica. Cuidados. Incertos. Comum.

A imagem ideogramática da centelha - que incendeia, alastra, inflama, aquece, vira húmus e fertiliza terra e seres, mas que também pode ferir, matar, destruir, produzir devastações. Um mau encontro: no dispositivo institucional disciplinar de produção em série, de uma sociedade capitalista neoliberal, propagadora do fogo, disparadora da destruição e da morte. Redutora da vida às cinzas! O jogo aqui, tal qual Oxum andando nas pontas dos pés, pois caminha sobre brasas incandescentes, é *pisar nesse chão devagarinho*<sup>62</sup>. Sem maniqueísmos, sem certezas e sem verdades nas aproximações possíveis. *Uma centelha num graveto, queima canaviais...*<sup>63</sup>

E é justamente neste devir ímpar que reside certa beleza do nascermos-juntos-no-encontro: constituição de gravetos singulares, mas por uma vida não fascista<sup>64</sup>, que já se apercebe nos olhares, faísca de uma centelha sendo acesa com vagar, acolhimento e sentido. Vagar produtivo de afetos, cada encontro em suas desigualdades fascinantes e próprias; um vínculo sutil tecendo e fazendo acender uma centelha de solidariedade compartilhada. Num fluxo ora caudaloso, ora tenso, de seres produzindo suas próprias formas, entremeadas nas labaredas dos seus múltiplos encontros:

60 Verso da canção Divino, maravilhoso, de Caetano Veloso e Gilberto Gil.

61 "O ser: dele não temos outra representação a não ser o fato de vivermos. Como o que está morto poderia ser?" Nietzsche, VP II, 8.

62 Verso da música "Alguém me avisou", de Dona Ivone Lara.

63 Verso da música "A bela e a fera", de Chico Buarque e Edu Lobo.

64 "Não imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária" (Foucault, 2004, p. 6).



Assim está lançada a tarefa do encantamento: afirmar a vida neste e nos outros mundos - múltiplos feitos as folhas - como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas. Chamuscados, feridos, mas plenos e intensos, cantando por saber que a vida é voo (Rufino e Simas, 2020).

Do mar de *fueguitos* de Galeano<sup>65</sup> à capa do primeiro álbum da banda *Rage Against The Machine*, que ilustrou a imagem do grupo no *whatsapp*; conversas aquecidas, generosas e sustentando ausências dos encontros, sinalizam um trabalho em ato sutil. Guardariam também, em si, centelhas? E mais, centelhas ordinárias prescindem epifanias, insights, surgem aqui e ali, mas nem sempre são percebidas, tão comuns para uns, tão incertas para outros, talvez uma questão.

Menino da cidade, viaja para o interior. Acampado, se depara com luzinhas no meio do mato. Pensa em como se instalaram as baterias desses led's, com seu lumiar tão peculiar, tão inusitado e frágil. Pablo nunca tinha visto vagalumes.

*Há de se cuidar da vida  
há de se cuidar do mundo  
tomar conta da amizade*

(Milton Nascimento e Wagner Tiso)

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sobre crise, história e arte**. Chão da Feira, 2015. Disponível em: <<https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/06/cad10.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

ANDRADE, O. **Serafim Ponte Grande**. São Paulo: Globo, 1995.

65 Un mar de fueguitos: “El mundo. Un hombre del pueblo de Neguá, en la costa de Colombia, pudo subir al alto cielo. A la vuelta contó. Dijo que había contemplado desde arriba, la vida humana. Y dijo que somos un mar de fueguitos. -El mundo es eso -reveló- un montón de gente, un mar de fueguitos. Cada persona brilla con luz propia entre todas las demás. No hay dos fuegos iguales. Hay fuegos grandes y fuegos chicos y fuegos de todos los colores. Hay gente de fuego sereno, que ni se entera del viento, y gente de fuego loco que llena el aire de chispas. Algunos fuegos, fuegos bobos, no alumbran ni queman; pero otros arden la vida con tanta pasión que no se puede mirarlos sin parpadear, y quien se acerca se enciende” (Eduardo Galeano - El Libro de los Abrazos).

- BELLACASA, M. P. 'Nothing comes without its world': thinking with care. **The Sociological Review**, v. 60, n. 2, p. 197-216, 2012. Tradução. Amanda Muniz.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- DELIGNY, F. **O Aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- DESPRET, V. Pesquisar junto aos mortos. **Campos - Revista de Antropologia**, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 289-307, jan-jun. 2021.
- DRUMMOND, A. **Poesia completa e Prosa**. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1973.
- FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FOUCAULT, M. **Por uma vida não-fascista**. Coletivo Sabotagem, 2004.
- GALEANO, E. **El libro de los brazos**. 2. Ed. Buenos Aires: Catálogos, 1989.
- GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: LIMA, M.; RIOS, F. (orgs.) **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HARAWAY, D. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- Hooks, b. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- INFORSATO, E. A. **Desobramento: constelações clínicas e políticas do comum**. 2010. Tese (Doutorado – Programa de Pós Graduação em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. 2. Ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MÁRQUEZ, G. G. **O amor nos tempos do cólera**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- MYERS, N. Cómo cultivar mundos habitables: Diez pasos (no tan fáciles) para la vida em el Plantropoceno. In: **Climaterra**, 2021. Disponível em: <<https://www.climaterra.org/post/c%C3%B3mo-cultivar-mundos-habitables-diez-pasos-no-tan-f%C3%A1ciles-para-la-vida-en-el-plantropoceno>>. Acesso em: 01 mar. 2023.
- PIEIDADE, V. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019.
- PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- RUFINO, L.; SIMAS, L. A. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.
- STENGERS, I. **Reativar o animismo**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017.
- TSING, A. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha – Revista de**

**Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.

TSING, A. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

## REFERÊNCIAS MUSICAIS

A BELA e a Fera. Intérprete: Tim Maia. Compositores: BUARQUE, C. e LOBO, E. *In: O Grande Circo Místico*. Som Livre, 1983. 1 disco vinil, lado B, faixa 9 (2:55 min).

ALGUÉM Me Avisou. Intérprete: Ivone Lara. Compositora: LARA, I. *In: Sorriso Negro*. Warner Music Brasil, 1984. 1 disco vinil, lado A, faixa 3 (2:35 min).

ATRÁS da Porta. Intérprete: Chico Buarque. Compositores: BUARQUE, C. e HIME, F. *In: Caetano e Chico - Juntos e Ao Vivo*. Philips Records, 1972. 1 disco vinil, lado A, faixa 6 (2:44 min).

CORAÇÃO de Estudante. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: TISO, W., e NASCIMENTO, M. *In: Milton Nascimento ao Vivo*. BMG/Ariola, 1983. 1 disco vinil, lado A, faixa 1 (4:03 min).

DIVINO, Maravilhoso. Intérprete: Gal Costa. Compositores: VELOSO, C. e GIL, G.. *In: Gal Costa*. Álbum. Philips Records, 1969. 1 disco vinil, lado B, faixa 8 (3:59 min).

O LADO Quente do Ser. Intérprete: Marina Lima. Compositores: LIMA, M. e CÍCERO, A. *In: Certos Acordes*. Universal Music, 1981. 1 disco vinil, lado A, faixa 3 (2:41 min).

MISTÉRIOS. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: MAESTRO, M e MORENO, J. *In: Clube da Esquina 2*. EMI Music, 1978. 2 discos vinil, disco 1, lado B, faixa 8 (4:03 min).

PABLO. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: NASCIMENTO, M. e BASTOS, R. *In: Milagre dos Peixes*. Universal Music, 1973. 1 disco vinil, lado B, faixa 11 (2:54 min).

UM CORPO no mundo. Intérprete: Luedji Luna. Compositora: LUNA, L. *In: Um corpo no mundo*. YB Music. 2017. Digital, faixa 4 (6:25 min).

## REFERÊNCIAS DE FILMES E VÍDEOS

NASCIMENTO, M. Milton Nascimento se emociona ao falar sobre o filho. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2236948/> Acesso em 01 de fev. 2024.

SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA. Direção: Pedro Cezar. Produção: Kátia Adler e Pedro Cezar e Rafaela Treuffar e Lully Villar. Brasil, 2008. 1 DVD.

# CONTEMPLANDO A CENTELHA

Luis Eduardo P. Aragon

## INTRODUÇÃO: Carta ao coletivo “Centelha de Vida”

Como imaginar o que viveram para escrever esta *Iliada*, esta *Odisséia*? São tantas histórias, tantos afetos, tantos insights e tantos convites ao movimento. Não é possível ficar imóvel, qual água de poça. As águas revolvem e querem ondular, crisar, inventar redemoinhos.

Muitas dimensões existem na centelha! Luz que pareceria tão fugaz, mas que, ao reler e reler, vai se desdobrando em inúmeros tesouros luminosos. Me embrenhei em vários deles, os quais posso, com alegria, compartilhar com vocês. Entretanto, me propus aqui a fazer um esforço mais sintético - o que desde já parece extremamente temeroso, para não dizer insano. Mas a insanidade, para muitos de nós, não é só assustadora, mas também um convite para viagens.

Quando conquistei alguma propriedade sobre as narrativas e os temas - violências, amizade, poesias, política - conquistei também uma perspectiva de que todos os temas, todos, estão profundamente alinhavados. A vida é um [eterno] rasgar-se e remendar-se! É a usina que destaquei como geradora de sentidos, mas não só, de dimensões e de vidas... no plural.

Compartilham, ou melhor, se doam, peixes, matas, de coração... o próprio coração!

É sobre os rasgos e remendos de vocês mesmos que se escuta o murmúrio. Rasgos mínimos, tecido puído, buraco de traça e rasgos extensos, que descaracterizam totalmente a vestimenta/pele. Os rasgos pessoais não são escondidos, mas partilhados. Há também os rasgos vividos juntos. Os remendos, um pontinho aqui outro ali, um tecido para um rasgo maior, tirar um pouquinho dali e trazer para cá e, quando se dá conta, amizade, riso, centelha que não apaga.

Todo o universo da clínica - Pablo, lugar incerto com seu fogo e seu sufoco, prontuário, pinto, gato, buraco de tela, beijo - todo ele se desdobra na medida em que o coletivo mesmo forma e se mostra. As vivências clínicas que furam a superfície mesma onde se inscrevem as experiências precisam ser trazidas do limbo, precisam viver, existir, na pele, no som, nas beiras. E se criaram e re-criaram e contaram e recontaram e escreveram e perverteram as histórias. Para caber a emoção, o susto, a queda... o incabível. Se não for assim, nem mesmo sonhar é possível, só repetições sem sentido, automatismos, burocracias e brutalismos.

Natural aportar na amizade, mas aí, mais uma vez, são lançados às velocidades infinitas do que não tem nome; aqui, não o terror, mas um lugar onde mínimos sinais já estabelecem universos con-divididos, a magia de ser um e dois ao mesmo tempo...estar-em-gestação. A calma chega com a doação, retalhos de mim procê. São seus? Meus em você? A escuta, o olhar, o riso, a lágrima, o silêncio, retalhos radicalmente singulares, mas ao mesmo tempo impessoais e atemporais. Bebem em afetos e expressões de todos os tempos sem perder a singularidade e talvez por isso mesmo conversem com os rasgos e enlaces de todos os tempos, pois é criação, poesia, bricolagem, vida vivida re-criada. O universo todo dos acontecimentos existenciais se alegra a cada vez e pulsa, e faz sentir que a vida vale a pena ser vivida, ali, junto.

Queridos, parabéns pela transmutação na vida e na exposição. Digo isso pois sei que é um percurso árduo, por vezes árido, mas que só quem se aventura e se desafia a enfrentá-lo sabe, sem precisar explicar ou dizer, o que é existir de coração.

## **1. RASTILHO**

Uma série de tópicos foram surgindo, nascendo, se multiplicando numa dimensão criativa, em lugares incertos de nós Pablos. Escorreram do indizível dos afetos para os traços de uma escrita trôpega, já de saída insuficiente, mas necessária.

Frente a intensidade poética e visceral de Centelha, eu - Pablo - só tenho um caminho ético a seguir, qual seja, eu mesmo produzir algo, sonhar algum

sonho compartilhado, pra justificar este encontro/pretexto, pois já avançaram muito, muito. Me exponho como vocês, Pablos, deixo-me guiar pelas disparações, trago-as aqui para que o movimento não se interrompa, mas se relance.

Tudo se move, até mesmo o silêncio e a dor estão em movimento e provocam movimento. Uma forte intuição: vitalizar pelo mover, inclusive o leitor. Transmitir conhecimento pela mobilização dos afetos, memórias, futuros.

“Eu doo estes peixes, estas matas de coração” é a aposta/descoberta (no grupo, na clínica, na escrita); magia, parece sair de mim, mas multiplica em mim mesmo. Lembro a música *Pop Zen* onde os Lampirônicos afirmam: “Só é seu aquilo que você dá!”; o existir no transindividual simondoniano, lugar da espiritualidade e dos acontecimentos. Cada um de nós é o depositário, o testamentário, o encantador de marcas amorosas, de relações de entrega. Não se pode traí-las sem adoecer. Ou melhor, a saúde é reafirmada a cada doação, que aquece e reaviva os amores e as entregas de todos os tempos.

Os acontecimentos/adventos [no sentido daquilo que salta da linha cronológica e vinca o tempo. A partir dele pode-se dizer “antes daquilo”, “depois daquilo”. Um nascimento, uma morte, um casamento, um encontro amigo, um encontro clínico] vivem nas brechas (do eu, do próprio, da especialidade).

Mas tem o traumático! Ele está no texto, sim, muito! Lembro a elaboração de Sandor Ferenczi em *Talassa*, quando traz o exemplo da lagartixa que, sendo perseguida, destaca uma parte de si para tentar sobreviver. Trata-se da autotomia. Por oposição, há a aloplastia, quando é possível moldar o ambiente, para ele comportar nossa presença ativa e singular. No traumático observamos uma cesura, uma ruptura, uma brutalidade. A vida passa a se organizar a partir desta ferida.

Os acontecimentos, aqueles que são verdadeiros adventos, também comportam uma descontinuidade. Apesar da materialidade dos fatos, eles se destacam, ultrapassam um limite dimensional e se inventam em outro tempo e espaço. Entretanto, diferentemente do traumático, os adventos fertilizam a vida, pois implicam todos os elementos dela e, por uma alquimia misteriosa, uma destilação, uma fermentação, uma calcinação produzem, dos elementos

mesmos, sua quintessência, sua alma, seu arquétipo. Experimenta-se a intemporalidade dos afetos, sejam eles tristes ou alegres e isso confronta o cotidiano, a vida prosaica com a necessidade de ultrapassar-se, subir em seus próprios ombros. Daí pergunto a vocês, a partir das experiências que viveram: os acontecimentos cuidam? Eles próprios fazem existir novas realidades? Realidades “curativas”? Será que os acontecimentos querem encarnar? “O corpo pede um pouco mais de alma” (Lenine)?

[Compartilho esta intuição que resgatei a partir da leitura].

Para mim, só no encadeamento dos diversos acontecimentos é possível existir plenamente e, assim, ter algo para morrer. Penso que muito do medo da morte que vive-se hoje tem a ver com o fato de que muitas vidas se consomem na simples e automática reprodução de clichês de pensamento, de mandamentos, de modas as mais diversas. Desta maneira não se forma um volume, uma consistência vital, tecidos no atravessamento e na transmutação ocorridos pela experimentação do impessoal, intemporal e coletivo dos adventos.

## **2. A NARRATIVA**

### **2.1. Poética**

Estratégias narrativas para o acontecimento: as narrativas “produzem” não só discursos, mas tocam, agem e assim, produzem modos de viver. Por isso é uma atitude extremamente política e fundamental pensar sobre comunicar as narrativas.

Compor (poesia) a história/fisiologia com hibridismos (menina que nasceu na terra, em fotossíntese, em correntezas, gravetos incandescentes paridos por gente comum). Compor palavras/inventando sentidos (menina-ave-bruxa, com-dividida). “Espécies companheiras” - menina-rio-pintinho, crianças-gatinhos-mãe-pai, mulheres-filhos-marido, homem-fogo-prontuário - faíscam e vagalumeiam centelhas, inflamam os viventes. Segmentar palavras (com-partilhar); usar o verbo no infinitivo: esperarçar.

## 2.2. Mentirosa

10% mentira na narrativa. Por que não 90%? O que não pode é ferir a ética de comunicar a vivacidade captada dos encontros e nem de sustentar a metodologia que acolhe e valora a relação como natureza primeira. Assim, partilhar e não impor dogmas ou conhecimentos herméticos, monolíticos.

## 2.3. Sem/para além das palavras - as estratégias

Escrita [sem palavras! silêncio que não quer ter fim]: Como escrever o silêncio? Escrever [tentar] o próprio processo do rasgar-se e remendar-se, o silêncio entre os remendos.

Tangência das narrativas com as cartografias de Fernand Deligny; linguagem interrompida; na experiência com os autistas há um hiato intransponível em termos de linguagem, de onde surge uma terceira linguagem, pictórica, cartográfica, que busca ser fonte de conhecimento daquilo que está para além do simbólico. Como entender o mundo dos autistas? Respeitar radicalmente sua maneira de ser? Criar modos de convivência de diferentes sem qualquer concessão à imposição, autoritarismo, alienação.

Centelha é a narrativa que segue até o seu limite, toca, sente, abaula, insiste e... atravessa-o. Isso tudo por imantação de afetos em germinação, querendo manifestar-se diferencialmente. Centelha, rastilho, combustão, fogo fátuo que dá a ver uma química se processando, se inventando, nos subterrâneos.

As cartografias de Deligny têm origem numa ética. Conta-se que Jacques Lin, um dos próximos à Deligny, frente a uma situação de sofrimento de um autista, pergunta ao “especialista”, professor e pedagogo o que fazer. Talvez esperando uma cartilha, uma estratégia “acertada” para colocar em prática. Deligny se recusa a encarnar este papel e diz “faça mapas, cartografias”. Daí surge um procedimento de restrição do próprio (do universo de referência linguística e simbólica) em favor da possibilidade/tentativa de captar o comum. Insisto: no sentido de um mundo de co-existência de diferentes, onde estas diferenças procuram ser radicalmente respeitadas.



“Tateamos acerca do que seriam as centelhas - e talvez interesse um plural. Condutas de resistência performáticas e éticas? Fragmentos de algo que antecede o que pode ou não acontecer? Perceber a(s) centelha(s) ou vivê-la(s) - nos afetar.”

O que transmitir através destas narrativas, deste rasgar-se e remendar-se?

Exercício que pensei em propor: exprimir o cerne da emoção sem se preocupar com a fidelidade factual, o que não impede de visitar fatos ocorridos que já são, eles mesmos, criações.

O quê se quer transmitir? A vitalidade do encontro, a vida entra em processo de centrifugação, dispersão, desfazimento, para visitar as potências pré-individuais, as velocidades infinitas, o rastilho, o magma que incendeia derretendo e animando as formas. Transmitir ou mobilizar alegria/potência, mais do que conteúdos - mesmo nas histórias tristes - [ou seria doar, doar peixes, doar a dádiva de... finalmente... existir].

O conteúdo é um pretexto; o texto mesmo é imaterial e só se deixa sentir por difração, por composição de afetos vivos, não categóricos, nem nomeados. Por Centelha não se sai incólume, nem com um corpus teórico a ser possuído, reproduzido, usado como forma hierárquica de poder de quem tem e quem não tem. Centelha dialoga com as potências afetivas e criativas e produz movimento, vitalização.

### **3. A AMIZADE**

A amizade, o que é? O desdobrar dos encontros. Pablo, lugar incomum! Criar amigos? “Numa amizade, é a própria vida que é compartilhada, dividida, con-dividida”. Com um amigo é possível ficar em silêncio (e o silêncio comporta tantos universos que podem ser acolhedores ou aterradores); é possível viver das manhas e artimanhas da multidão de seres que vivem nos silêncios.

Da mesma forma que a centelha de vida está separada da pessoa - e radicalmente ligada a ela - a amizade cria um terceiro entre eu e mim, quer dizer, uma inquietude que multiplica eus e mims; notem que não é um terceiro entre

eu e o outro, mas entre eu e mim! Não sou eu, mas tem a ver comigo, está próximo, visceralmente próximo. A centelha, como a amizade e o transindividual simondoniano não está e está na pessoa, é de outra dimensão, uma dimensão ígnea e geradora que a cada vez que se ativa ou incendeia ou alumia, se transforma em outra coisa para além dela; e une, contagia, move, emociona.

É necessário um estado de presença (mesmo virtual), um estado implicado, que mobiliza um sem número de elementos visíveis ou invisíveis, dados ou que insistem, a caminho de, nem só passado/memória, nem só presente (mas o presente é fundamental) e um futuro que é espaço-tempo de viver/brincar, de liberdade e, fundamental dizer, de entrega. É possível ritualizar e tentar preparar este convite à centelha, mas há também os momentos de arrebatamento, de gargalhada.

Presentear o leitor (o leitor amigo?). Como constituir amigos através dos textos? O que oferecer ao leitor? Como se presenteia os amigos? Com humildade, acolhida (e não hermetismo), se colocando no mesmo nível dos olhos, escolhendo aquilo que é precioso, aquilo que se gostaria de ganhar.

#### **4. PART(R)ILHAR**

Doar, com-partir, con-dividir. Só o partilhar é que importa! Precisar morrer para viver. Paradoxo. Entregar para ser/ter. Experimentar a unidade da entrega, do afeto, do amor, para poder ser dois sendo um ou ser um sendo muitos. A gestante é um e dois; passa a ser dois sabendo ser um. A criança se percebe um e recebe notícias de que pode ser dois pra poder abrir espaço onde criar singularidades, “sabendo” ser um, nunca deixando de ser dois e um<sup>66</sup>.

O espaço um/dois pode ser uma ferida, o sexo, o beijo no seio quente. Na espaciotemporalidade dos acontecimentos o entre veio antes? Murmurou nos ouvidos individuados “se convidando” a se apresentar, encantando e vitalizando os seres, mas sempre escorregando, evadindo, trans-parecendo e forjando terapeutas, professores, pensamentos, falas, dores, amores. Simondon vai buscar nos antigos gregos e romanos a ideia do por que os mortos voltam

---

66 Winnicott em A Capacidade de Estar Só.

para assombrar. Os mortos não retornam ou assombram por estarem mortos, mas quando são esquecidos. Daí faço uma ponte entre os mortos e as doações, pois os mortos que importam viveram relações amorosas conosco. Assim se experimentou a unidade, a qual não se perde com a morte, ao contrário, está mais presente e demandante.

Temos o compromisso de zelar pelos territórios, em nós, que participaram afetivamente das doações, das entregas. Os pedaços de mim (do coletivo que chamo mim) doados mudaram de dimensão, e não querem ser esquecidos, mas aquecidos, centelha. Inclusive por isso é preciso escrever, louvar, re-encantar, os encontros clínicos, a amizade, os lugares incertos e potentes, Pablo.

Também, como escrevia acima, é preciso viver para poder morrer; mas não qualquer vida e sim a vida dos acontecimentos/adventos, transformadores (que a cada transformação atualizam os vínculos do ser com o tempo e o espaço); vida que é existir...finalmente.

Con-dividida ou com-partilhada, com-vivida? Dividir para con-criar vidas, alegrias, existir. Ir embora (de si?) constituindo<sup>67</sup>, opção ética clínica e política fundamental.

Com-partir. Lembro da fuga de um paciente acompanhada por Bethelheim que fugiu junto com ele. Ou ainda, de um grupo de jovens delinquentes que fugiam de todos os “reformatórios”. Deligny sugeriu que um “vagabundo eficaz” que colaborava com ele e era campista os acompanhasse na fuga. Na madrugada, quando fugiam, o campista estava lá e foi com eles até as praias do sul da França. Chegando lá, propôs uma gincana, na qual quem chegasse primeiro à casa administrada por Deligny (que não tinha muros ou punições) ganharia. Dividiram-se em grupos e partiram sem o adulto. Todos voltaram! Com inúmeras histórias para contar e a experiência de se descobrirem outros.

---

67 Ideia inspirada naquilo que Toni Negri, no belo livro “Kairòs, Alma venus, Multitudo: Nove lições ensinadas a mim mesmo” diz ser a política: “Ir embora constituindo”.

## 5. ABISMOS VITAIS

*Chevêtre*, onde as linhas se sobrepõem nas cartografias de *Cevènnès*; é algo que as linhas dão a ver, mas não são elas mesmas a realidade mais importante. São sobreposições de entres, de abismos. Como temos dificuldade em nos aproximarmos destes entres? Eles sempre se furtam! Precisamos de tecnologias, representações visuais, cartografias. No *chevêtre* não sei se minhas linhas encontram com as suas, encostam. Será que se olham? Que se percebem? Que se falam? Talvez não importe! Importa que estejam ali, com-partilhando e formando entres, caindo para sempre (pq têm velocidade infinita e estão sempre se re-instaurando). A criança que agarrou a perna da Gisèle Durand: menina autista que chegando ao acampamento muito maltratada passou dias e dias agarrada ininterruptamente à perna de Gisèle, até que um dia quando ela lavava roupa numa tina, a menina soltou a perna e pôs as mãos na água, repetindo o movimento de lavar a roupa.

As linhas eram sobrepostas e a diferença de violências ou de mundos ou de abismos não se dava a ver até que se pôde abismar um com o outro, um ao lado do outro. Foi preciso levar o *chevêtre* para a gira de Caboclos ou Pretos Velhos! Composição de linhas com entidades. Ali manifesta-se um Deus que dança<sup>68</sup> e faz dançar as linhas; talvez justamente para elas saírem de si e assim poderem abrir caminho para o além. E suspeito que existir, ou “a vida”, esteja justamente por aí.

## 6. A CLINIC(AR)

É viver pra valer: “viver é um rasgar-se e remendar-se” (Guimarães Rosa). Parece ser o fio condutor de todo o processo. Imprescindível o ar, a centelha, o sopro de vida, para antidotar o zumbi em nós, a morte burocrática dos automatismos, das reproduções de violências naturalizadas.

“Piu”. Era a vida. A vida não está no movimento das cordas vocais, e nem na vibração sonora, nem mesmo no movimento do ar ou no pintinho. A “nova vida”, aquela que se inventa - ou não - a cada instante, é absolutamente

---

68 Fala do babalorixá Carlos Buby.

real e inapreensível, criada e transmitida diferencialmente - por não ser coisa - e se é recebida, guardada e cultivada diferentemente por cada um. É uma mentira? Não! É uma verdade de outro tipo: única, singular e compartilhada; radicalmente singular, mas que se comunica pelos afetos engendrados juntos em diversos momentos. Por isso une, inquebrantável.

Viver as potências intensas, às vezes assustadoras, às vezes incompreensíveis e sempre raras tem suas leis; que vocês foram recolhendo aqui e ali, juntando, cuidando e sendo inventados por elas. Se traduzem pela *poiesis* do sopro, da vida, da partilha. Na amizade, na poesia, nas superfícies inapreensíveis que não cabem em si e secretam rastilhos existenciais.

É na própria vida, nos viventes, que essa chama ainda é repartida e cuidada, admirada, até seu último suspiro. Que mistério é este? O próprio viver no infinitivo se multiplicando no doar...de coração. Mistério que é o próprio “ar” do clinicar.

## **6.1. A liberdade**

Pablo não pode não queimar os prontuários. Eles revelam a caricatura perversa, médica, obsoleta daquilo que Pablo nunca foi. Deligny referia que para ele “liberdade” era uma coisa muito concreta e conta a seguinte história: no período da ocupação nazista na França, era surpreendente como, quando o diretor geral aparecia na sacada de seu escritório, todo o asilo de Armentières ficava em silêncio; mais de 2500 pessoas que eram o refugio da sociedade - loucos, ladrões, estupradores, dementes. A resposta da charada era que ele fazia um gesto no ar como se estivesse escrevendo. Sinalizava que iria escrever no prontuário! Naquela situação poderia equivaler a prisão perpétua.

Abrir espaços onde existir, experimentar a liberdade é precioso e incontornável para a vida (para além do apartamento - que se ampliou muito quando encontrou-se uma brecha... uma brecha para voar, e o gato voou; para mim, a dor nessa história vem da desconfiança da mãe em relação à fala de seu filho).

## 6.2. O Descentramento

Os acontecimentos clínicos deslocam dos lugares e dos tempos sim (Sakura), questionam as identidades, os especialismos, ultrapassam todas as categorias – apesar de incluí-las – nos fisgam por uma comunhão que, no presente, diz de um sem tempo ou de todo o passado e todo o futuro contraídos em emoções larvares, que se inventam e nos inventam, já vividas e inéditas, que nos traz a sensação de estarmos vivos. Esta vitalidade só é conquistada, como disseram, fora (de si, das identidades), caso se se permita perder-se, correr este risco.

Quem cuida de quem? É bidirecional? Me ocorreu ser interessante pensar que o acontecimento possa, ele, cuidar! Quando nos encontramos colhidos por aquilo que podemos chamar de acontecimento, somos cuidados, nos vitalizamos, encontramos a “fonte da vida”, que nada tem a ver com a cronologia humana (criança, adulto, idoso). Para participar de um acontecimento e podermos ser “cuidados”, precisamos de tudo isso que foram recolhendo pelo caminho (o eu ficar mais molinho, distraído de si; estar no presente; fazer recuar o medo de se soltar [“sem garantias, sem guias, mas intensidades”]).

Talvez os acontecimentos soprem em nossos ouvidos e “queiram” cuidar de nós, pois talvez só nós possamos também cuidar deles. Uma criança, um filhote, um rio, um mar, um cuidado, uma vida (tudo é, ou pode ser, acontecimento se nos aproximamos do impessoal e do infinitivo!).

“Certa beleza do nascermos-juntos-no-encontro” – “conversas aquecidas, generosas e sustentando ausências dos encontros sinalizam um trabalho em ato sutil”. Criação de um mundo implicado, explicado, perplorado, onde a criação a partir das histórias – pessoais, profissionais, dos encontros, afetos, desamparos, tristezas – ganham vida e forma. É vida compartilhada, vida que vem de longe e do mais íntimo, do além, do subterrâneo, do pré-individual, de fora da linguagem e cuida, também, dos cuidadores.

### 6.3. A Mobilização dos afetos e do para além

Qual é o problema do humor provocar culpa ou vergonha quanto àquela história da Sakura? Tenho de pensar! A história não pode ser fetichizada, idolatrada! A “matéria dos afetos”, “a matéria dos acontecimentos” está se movendo, criando, produzindo; formas mais ou menos interessantes, que só não podem ser descontextualizadas [a experiência da catarse, do rompimento dos diques mostrou-se intensa/necessária de ser com-partilhada por este grupo, reorganizando entres diversos, encaminhando dores e afetos, atando laços, desatando nós]. Este grupo teve que suportar silêncios, dores, medos, impotências, dificuldade para escrever e o humor pode ter sido um ingrediente importante num grupo que tem história e histórias existenciais, marcas produzidas do e no entre, tatuadas ali, sem previsão. Aí a idiotia não é qualquer, é a de vocês, é uma chave.

Compartilho com vocês uma situação que descrevo no livro *O Impensável na Clínica: virtualidades nos encontros clínicos* e que me parece dialogar com este tema.

Certo dia, numa sessão de psicoterapia com uma paciente que já estava há um tempo comigo [isto importa porque da mesma forma que vocês viveram inúmeras experiências que criaram uma rede invisível e forte de afetos, que se dá a ver quando convocada, nós aqui também], desdobrou-se uma emoção tristíssima! Falava-se da morte, da falta de caminhos e de sentidos, das violetas sem água, se despedindo. Fui tomado por uma emoção tão forte que comecei a falar coisas pra ela com muita intensidade. Senti que era um jorro, mais do que uma fala e não consegui, logo em seguida, repertoriar o que havia dito. Sabia que era uma luta contra a morte, que estava vindo não sei de onde. Quando “isso” terminou, ela, que chamei de Moça, estava com os olhos arregalados e depois de algum silêncio disse: “você me deu uma bronca” e sorriu. Daí pra frente toda vez que era necessário re-instituir a densidade histórica das emoções que vivemos ela dizia: “lembra daquela bronca?”. E só isso bastava para que valesse a pena estarmos ali, vivos e conectados.

## 6.4. O traumático

Como nos comunicarmos com o traumático? Com a disrupção, o soçobrar, o sobre-viver? Como comunicar-se com o abismo, a falha, a fissura, o silêncio de morte entre a lagartixa e o rabo. Há que sobre-viver... há? O que sobre-vive? E o que vive? É preciso que nós mesmos nos fissuremos, alcancemos nossas fissuras, as habitemos e, quem sabe até as com-partilhemos.

Quase se poderia rir...ha, ha, ha...com-partilhar abismos, eu me abismo com seu abismar; meu abismo quer encontrar com o seu, é possível? Tens medo do meu, dos seus abismos? Há muito tempo estou caindo para sempre<sup>69</sup>. Pode, ao menos por um tempinho, cair pra sempre comigo? Os buracos entre os pontos do meu remendo querem se medir com os seus, ver se são parecidos; das quedas nas fissuras não se cura, se sutura, se transcreve, transcria<sup>70</sup>.

Uma amiga, há pouco tempo, me disse que Deus só dá à cada um aquilo com o que se está preparado para lidar; se é assim, então Deus deu os abismos, os escombros, as tragédias para lidar! Se se é possível lidar é pela “rede de compartilhamento de abismos”. Os coletivos, as redes de contenção seguram os corpos, mas não dão conta de segurar os abismos, os quais não se permitem capturar. Colocam em velocidade extrema tudo o que lhes cai pela garganta. Mas ele se permite mostrar, ele conversa com outras entidades de seu naipe e, aquele que cai pode, sem saber porquê, mudar de dimensão e se encontrar na rede, rede de contenção, de bombeiro, de cuidado, se ela existir, até, quem sabe, voltar a cair para sempre.

As pessoas têm dimensões. Os cuidadores dialogam por seus abismos. O abismo não é um nada, um vácuo. Está cheio de seres que não couberam na experiência. De Mercedes e Pablos e Miltons e violências e êxtases e encantamentos. Às vezes eles insistem, querem pular do abismo para as malhas da rede; às vezes é o corpo - burocrático, automático, inconsciente/sequente -

---

69 Referência às ansiedades impensáveis - que chamei no livro acima citado de agonias impensáveis - trabalhadas por Winnicott em “O Medo do Colapso”.

70 Haroldo de Campos desenvolveu este termo a partir das traduções que fazia. Quando chegava a uma impossibilidade de tradução, ele precisava transcriar, quer dizer, criar algo, mas a partir de tudo o que recolhia da obra do autor, seus termos, métodos e ritmos, da alma da poesia em questão, do sentido e da musicalidade implicados.



que quer “um pouco mais de alma”, de ar, de espaço, de fôlego. Podem imaginar o que acontece então? Feridas, fissuras que abrem o corpo físico ou psíquico para receber algo dos abismos da experiência de ser, ou justamente para poder, enfim, ser e não apenas fazer/ter. Mas também podem ocorrer possessões, arrebatamentos abruptos, sem antecipação e só no momento o clínico saberá se há feridas e abismos suficientes em si para encarnar algo desta violência.

Podemos fazer uso do nosso abismar? Oferecer nossa queda infinita para o outro? Território duvidoso, pantanoso... mas é justamente aí que muitos de nós insistem em localizar a experiência dos encontros clínicos: é assustador e imprescindível! “Hay hombres que luchan un día y son buenos; Hay otros que luchan un año y son mejores; Hay quienes luchan muchos años y son muy buenos; Pero hay los que luchan toda la vida, Esos son los imprescindibles” (Bertold Brecht).

Todo mundo só é [vivo] fora de si? O humano, o beija-flor...

“Até quando o corpo pede um pouco mais de alma”(Lenine)...ou a(as) almas pedem um pouco mais de corpo?

## 6.5. A política

Há uma guinada de um universo mais relacional, poético, narrativo para um mais biopolítico. Não que os dois não se interpenetrem. A “produção” de vidas descartáveis, concebidas como de menor valor, dedicadas à violência que re-assegura os papéis dos ditadores. Os diagramas de poder, a concentração não só de renda, como de direito à vida e ao abuso, à expropriação da vida do outro. Para quê tudo isso? Pensar tudo isso? Porque é extremamente político e necessário agir justamente onde a política, a ética e a clínica estão juntas e se indiferenciam. Criar mundo de referência como os leds/vagalumes, por onde transitar com alguma segurança enquanto se se abre para as intensidades impessoais. E também insistir numa ética que não oblitere, afogue, ignore, submerja o encontro, o respiro dos entres, representados de tantas formas pelos hífen, as palavras compostas, as emoções em trânsito, metamorfoseantes. E ainda se sentir vivo e transmitir, doar...vida, coração pulsante, encantado.

# MOVIMENTOS DA PRESENÇA, DO ESTRANGEIRO E DO CORPO NA FORMAÇÃO PARA O TRABALHO EM SAÚDE

Tatiana Alves Cordaro Bichara  
Adriana Rodrigues Domingues  
Sidnei José Casetto

Seguindo fragmentos de narrativas que evocam a experiência formativa em saúde, estabelecemos três linhas de questões que buscam abordar deslocamentos e atravessamentos que decorrem do encontro entre universidade, serviços, comunidades e territórios e que são pensadas na formação e no cotidiano do trabalho em saúde: a produção de presença no encontro com o inesperado; a condição de estrangeiro no cuidado em saúde e como fazer corpo para produzir cuidado.

## **A produção de presença no encontro com o inesperado**

As experiências vivenciadas no ensino remoto mobilizaram questões sobre aquilo que podíamos continuar a proporcionar na formação em saúde<sup>71</sup>. Os encontros passaram a ser mediados pelas tecnologias digitais, rostos foram enquadrados em mosaicos na tela e pés foram arrancados dos territórios. A pandemia colocou em dúvida a possibilidade de mantermos uma formação pautada pelo saber da experiência.

Nos primeiros diários entregues, li vários relatos que diziam da frustração por não estarem vivenciando o módulo como tinham

---

71 No módulo Clínica Comum: produção do cuidado, do Eixo Comum Trabalho em Saúde da UNIFESP, Baixada Santista, a formação para o trabalho em saúde acontece de forma teórico-prática, centrada na experiência interprofissional e interdisciplinar (integra estudantes dos cursos de Psicologia, Terapia Ocupacional, Nutrição, Fisioterapia e Educação Física) para a produção do cuidado na perspectiva da clínica comum (Capozzolo, Casetto e Henz, 2013). Em conjunto com a rede de serviços de saúde e socioassistenciais e movimentos sociais e culturais dos territórios vulneráveis de Santos e São Vicente, estudantes constroem um projeto de cuidado com famílias e comunidades acompanhadas em suas residências e/ou espaços comunitários, em equipes compostas por profissionais dos serviços/movimentos, duplas de estudantes e de docentes de diferentes profissões, durante um semestre. A avaliação do módulo se baseia na elaboração de um projeto de cuidado na escrita de diários da experiência de formação, compartilhados no grupo.

ouvido falar, de não conhecerem e desenvolverem as atividades com o grupo que tinham sido apresentados no começo das aulas presenciais, de não aceitarem o fato da universidade aderir a esse modelo, das “farsas, ilusões e contradições” que isso significava.

As atividades de campo produzem uma marca importante na formação. Afetos e pensamentos são mobilizados quando andamos pelas ruas, sentimos os cheiros e percebemos a paisagem do caminho. Estar presente no território importa para uma formação que se constrói em ato, pois coloca o corpo diante de experiências que desafiam os modos conhecidos de se produzir cuidado.

Aos poucos fomos decorando o caminho e já nos próximos encontros íamos, Giovana e eu, até a rua em que morava a família que acompanhamos – e que nos acompanhou – durante o semestre. A cada quarta-feira, ao cruzarmos com a porta da padaria: Humm... esse cheirinho, na volta pegamos um pãozinho? O cheiro do pão ia misturando-se ao cheiro de esgoto conforme nos aproximávamos das palafitas. Reparava no portão, quase sempre aberto, da casa de dona Vera. Íamos chegando perto, seu Antônio com os pés na calçada, acenava e sorria.

A narrativa acima é carregada de cor, volume e substância. A escrita toma o corpo como plano de inscrição e registro dos afetos e pensamentos despertados pelas cenas vivenciadas. Experiências que não são substituíveis por uma imagem na tela do computador. Há um contraste explícito entre as experiências que são desenvolvidas em atividades de campo e o que foi possível ser feito no ensino remoto.

O perigo de não manter a proposta de cuidado e o sentido da formação exigiu nossa capacidade de ativar a força da presença nos encontros virtuais. Perguntávamos como estavam sendo as práticas de formação e de cuidado para estudantes e para quem estava nos serviços e como seriam após o retorno presencial.

Em um dos diários, a aluna relata que se queixou à sua mãe o fato da universidade ter aderido ao ensino remoto. Sua mãe lhe fez a

seguinte pergunta: “será que não vai dar errado porque os alunos não querem que dê certo? ”. Pergunta que ficou reverberando em mim por dias. Como garantir boas condições de estudo, acesso à internet, computador, saúde mental e ainda uma aposta coletiva no que estávamos propondo?

Durante a pandemia, tivemos que lidar com inúmeras ausências: a do corpo a corpo, do olho no olho, do cheiro e do toque. Distantes fisicamente, foi necessário ativar um modo de estar presente enquanto a vida acontecia diante de uma tela. É possível estar presente em uma aula *online*, enquanto se lava a louça ao mesmo tempo? Existe uma presença melhor do que outra? (Federici, Liberman e Guzzo, 2021).

Entendemos que a presença sempre se dá no momento presente. É a corporificação de um evento alegre ou triste que, sem que se saiba exatamente qual motivo conquistou o corpo. São momentos de intensidade que carregam um alto poder de afetação, em parte, pelo seu caráter inesperado e imprevisível, mas que despertam para algum aspecto não percebido anteriormente.

No segundo momento passamos a planejar a próxima oficina *online* e, enquanto me preocupava em dar todas as orientações, uma aluna me interrompeu e pediu: “posso dar uma sugestão de atividade? ”. Passei a ficar mais quieta e a ouvir mais o que as alunas tinham para falar. Aos poucos as alunas sugeriram atividades que tinham vivenciado em outros módulos e que tinham gostado bastante.

A produção de presença é um processo complexo e dinâmico, que oscila entre duas diferentes qualidades. Envolve, por um lado, uma posição de conexão, abertura, disponibilidade e, por outro, uma postura de recuo, defesa e afastamento. Não é possível garantir um estado corporal em que a atenção e disposição estejam presentes o tempo todo. Há certa gradação na qualidade da presença que se pode oferecer em um encontro. Percebemos isso quando o pensamento é levado para lugares diferentes daquele em que se convoca o corpo. Sentimos uma espécie de poder de “sumir e aparecer”. Na tentativa de

evitar que o pensamento da estudante possa escapar da sala de aula, recorremos a atividades diversas, avaliações de conteúdo, entre outras estratégias criadas com a intenção de que estes recursos evitem o incerto da formação<sup>72</sup>.

Entendemos que a ausência, mesmo quando o corpo está presente fisicamente, também faz parte do processo de formação e precisa ser considerada. Não é desejável que a presença seja total e nem nos interessa medir sua quantidade ou qualidade. O corpo transita entre a presença e a ausência, à espreita dos acontecimentos que podem surgir.

Neste encontro minha turma propôs falarmos sobre “saudades”, palavra que foi bem destacada na primeira nuvem que criamos. Começaram lendo uma poesia e, em seguida, convidaram os estudantes a colocarem em um mural virtual imagens que respondessem à pergunta: Do que você tem saudades? Como nossa turma já tinha preenchido durante a semana, ele estava bem bonito e convidativo. Não faltaram fotos de praia, pôr do sol, bicicleta, amigos, república e Unifesp. Em seguida, convidaram os estudantes a contarem sobre o que tinham mais saudades e, sem esperarmos, a maioria abriu o microfone para contar que também sentia saudades disso e daquilo, até dos perrengues da vida, da corrente que solta da *bike* em dia de prova, do cheiro de peixe do RU, de pegar chuva e ônibus com ar condicionado ligado, de sair de van para as aulas da TS. Ao sair, os estudantes se despediram dizendo que sentirão saudades daquele grupo, mesmo sem terem se conhecido presencialmente.

No convite à presença, o que oferecemos são encontros que possam suscitar o desejo de estar junto. Uma palavra-faísca que desperte o corpo para o inesperado do encontro, produzindo múltiplos efeitos de presença (Pozzana, 2013). Câmeras e microfones se abrem quando algo é ativado no corpo a partir do encontro com “a vida de fato”.

---

72 O tema da atenção na formação universitária tem sido objeto de pesquisas que problematizam a relação docente-estudante e todo ecossistema que envolve os espaços educacionais como um problema de atenção conjunta (Citton, 2014; Kastrup, 2007). Este conceito aproxima-se da ideia de presença, ao considerar situações que se configuram pela co-presença, reciprocidade e conexões afetivas. A atenção, assim como a presença, é entendida como uma arte que precisa ser cultivada, porque “depende de um ritual para promover a possibilidade do cuidado e do acolhimento, criando a ocasião para que aconteçam” (Kastrup, Caliman e Gurgel, 2023, p. 358).

Me perguntava o que fazia Marina abrir a porta e a câmera de sua casa para este encontro conosco. A sensação de movimento veio mais forte quando um estudante, durante a supervisão que ocorreu pouco tempo depois junto às professoras daquele campo, fez uma pergunta acerca do encontro que viveu em um outro acompanhamento *online* naquele mesmo dia.

— Ela é muito simpática. Eu tava muito ansioso sem saber como seria, se ela ia aparecer, mas ela foi tão aberta e alegre... Mas eu tô com uma dúvida, eu queria saber o que eu faço. O que eu digo pra ela. Eu vou receitar os exercícios pro joelho? Porque nos outros módulos a gente tem um objetivo mais claro, né? Fazer dinâmicas pro grupo, escutar e fazer a narrativa da pessoa...

— Arrisco dizer que não temos resposta pra isso. É com a dona Célia que você vai descobrir, responde a docente.

— Mas, tipo, eu pergunto então pra ela o que ela espera? Eu posso fazer essa pergunta?

— Se você sentir que sim, pode ser importante. Mas talvez ela não saiba ainda qual é a demanda dela, ela pode dizer o que você quer ouvir enquanto profissional de saúde. Vocês podem construir alguma intervenção possível juntos.

Ele abre a câmera, olhos concentrados, agradece.

Não sei o que chegou ali, se chegou. Entretanto, quando a partir de uma angústia colocada a resposta que damos não pode aliviar a incerteza, mas puxar fios de inconstâncias e aberturas necessárias para construir algum cuidado e certa formação, percebo que vamos caminhando.

A presença é um ato que nos conecta a algo. É uma disposição ao acontecimento e produz ressonâncias na situação vivida. É construída em relação e está vinculada diretamente a algo que deriva, se efetiva e se atualiza deste encontro. Não se confunde com um estado de atenção contínua, mas em ser despertado por certa tensão que captura o corpo para algo inusitado da

experiência, interferindo nas formas de percepção e habitação do lugar<sup>73</sup>. Uma escuta que inclui o outro, o espaço e o tempo em jogo potente e poético.

Nas experiências de formação, a preocupação acerca da intensidade provocada pela produção da presença resgata a sua dimensão corpórea, como forma de produzir afetações que retirem o corpo de um estado de apatia e isolamento.

O retorno às atividades presenciais nos fez experimentar uma nova relação corporal. Não sabíamos ao certo como se aproximar de outro corpo e o que fazer com o nosso. Nas aulas e atividades de campo houve estranheza em ver apenas os olhos por cima das máscaras. O medo da aproximação e a insegurança do contato físico eram testemunhas desse período de distanciamento. Isolados em casas, houve um aumento da impermeabilidade, tornando-nos pouco porosos e mais apreensivos ao contato.

De um exercício de andar pela sala, de máscara, só trocando olhares, os alunos relataram uma sensação de penetração; estar fisicamente diante de outros parecia muita exposição.

A produção de presença pode ser capaz de tocar corpos que se encontram tensionados, amortecidos e automatizados; corpos sujeitos a efeitos de maior ou menor intensidade de presença, mas que, em suas materialidades afetam e são afetados por aquilo que se produz no encontro. Os efeitos de presença relacionam-se com a construção de um corpo que possa estar junto com outros corpos. Podem levar a um aumento qualitativo de potência e serem produtores de vida enquanto geração e recomposição de graus ampliados de intensidade.

Na formação para o trabalho em saúde, produzir presença implica um ato de criação, gestos que materializam corpos por meio da invenção coletiva. Docentes e estudantes tiveram que inventar novas formas de produzir o encontro necessário para as relações de ensino, como um trabalho artesanal de criação de estratégias que pudessem estimular a participação e a experiência coletiva entre estudantes e docentes. Experiências que podem produzir efeitos

---

73 Giannachi, Kaye e Shanks (2012) consideram que a 'presença' que ocorre em atos situados não só convida a consideração da experiência individual, mas também direciona a atenção para o social e o espacial, provocando um exercício de 'co-presença'.

de presença, ao vincular o estado coletivo e relacional que conecta os que estão presentes, ativando outras formas de escutar, perceber, sentir e se expor. Mas não sem alguma inquietação.

## **A condição de estrangeiro no cuidado em saúde<sup>74</sup>**

Numa situação profissional de cuidado, o encontro parece tingir-se de um tanto de estranhamento. Uma parte não conhece a outra, ou a conhece numa perspectiva restrita. Uma série de protocolos, mesmo informais, tende a impor-se de ambos os lados: o que e como dizer, como estar e movimentar-se, o que esperar como resposta. Se a profissional está fora de seu território conhecido, pode sentir-se como estrangeira. Se o deslocamento foi feito pela pessoa por quem demanda cuidado, é ela que tende a sentir-se assim.

A clareza que tenho hoje de que sou uma mulher branca, de classe média, com privilégios, fizeram-me titubear sobre como manejar tal nitidez sobre a minha branquitude. Agora, não sabia como colocar-me a partir dessa posição. Melhor tirar os óculos escuros? Deveria tirá-los? Esconderia que sou diferente das pessoas dali se os tirasse? Decidi assumir-me como estrangeira naquele lugar e entrei de óculos escuros.

O incômodo do desconhecimento inicial convoca preconceitos de parte a parte, mesmo que inconscientes, no esforço de dar sentido às primeiras impressões, mapear o ambiente e situar-se diante de quem se está encontrando. Cada gesto conta como um signo a ser decifrado: forma de olhar, jeito de falar e de vestir, atitude. Há também a atmosfera, mais sentida do que observada, que pode ser amistosa, tensa, desafiadora, submissa.

---

<sup>74</sup> Uma referência que adotamos neste item foi o trabalho de Koltai (2000), que discute o estrangeiro na política e na psicanálise, tomando-o como um conceito limite, fronteiro, entre o subjetivo/singular e o social/político. Situando a posição de analista na condição de estrangeiro, mostra o curioso de se demandar ajuda exatamente a alguém nesta condição, o que a noção de transferência ajuda a entender: é que o próprio mundo psíquico guarda algo de estranho a si mesmo. Tal cisão é elevada à segunda potência por Figueiredo (1998) quando, discutindo ideias de Laplanche, mostra que, para a criança, a pessoa adulta lhe é tanto mais enigmática em sua alteridade por guardar uma alteridade para si mesma. Figueiredo aponta para a dimensão estrangeira de tudo que nos envolve e constitui, que, de partida, é percebido somente como familiar, para defender que a diferença emerge da mesmidade, guardando, em tal tensão, o seu espaço potencial. Um texto de Freud que explora a dualidade familiar/estranho, que também tivemos como pano de fundo, é “O inquietante” (1919/2010). Outro trabalho que pode ser consultado com proveito a respeito é o clássico “Étrangers à nous mêmes”, de Julia Kristeva (1988).



A equipe profissional espera ser recebida com alguma diferença hierárquica, situada de graus acima. Supõe que será ouvida como quem tem um saber específico que está sendo demandado. Em relação a este saber, tem seu crivo de escuta, que vai lhe direcionando a um diagnóstico, mesmo que não seja o da nosologia oficial. Quando o contexto se repete, os códigos tornam-se mais conhecidos e a sensação de familiaridade predomina. Profissionais e pessoas acompanhadas podem sentir que já se conhecem de forma genérica, pelas funções mutuamente atribuídas.

Ali de pé, escutando as novidades, era como se alguns daqueles viventes já nos conhecessem, ou talvez não importasse tanto assim quem fôssemos; éramos as meninas da universidade. Esferas de confiança com raios ora mais distantes, ora mais próximos.

Mas qualquer variação instala tensões relacionadas ao desconhecimento e à perda de referências. Nestas condições, as defesas podem eriçar-se, o contato com a diferença ficar desagradável e suscitar o sentimento de impotência. Para profissionais, é perturbador não saber.

Assim como as pessoas estrangeiras, a equipe profissional, quando fora de sua jurisdição, está, de algum modo, submetida às leis locais. Mas trata-se de condição *en passant*, pois as leis que considera as suas são outras. De qualquer modo, é tentada a agir como colonizadora, civilizando o que considera selvagem, a saber, uma certa condição de saúde-doença. Há um imaginário de desordem relacionado à doença, como se algo tivesse escapado à racionalidade da natureza. Se desconhecida de seu etnocentrismo, a equipe profissional percebe a patologia como resultado de ignorância. Aferrando-se em tal ideário, procurará anexar territórios ao seu por meio da catequese do saber.

Porém, o domínio estabelecido também tem suas desvantagens. Por exemplo, não consegue sustentar o interesse indefinidamente. Estar em uma situação nova, desafiadora, ainda que atemorize, também instiga e fascina.

No primeiro encontro (por chamada de vídeo) com uma mulher, para seu acompanhamento, ela conta o que está vivendo: "...o pai

tem problema com drogas. Mas eu cuido dele, não tenho coragem de colocar ele pra fora, se eu colocar ele vai pra onde? Não tenho coragem...” Ela chora um choro curto.

“Eu choro porque às vezes é difícil, mas eu já tô acostumada, viu? Eu e minhas primas, a gente chora junto, elas tão sempre aqui pra me ajudar, é tipo uma terapia em grupo e se uma tem uma dificuldade financeira a outra vai lá, ajuda... no condomínio também. Esses dias uma vizinha bateu aqui e disse que tava passando fome, eu sou pessoa de ver o outro passar fome e não ajudar? Daí a gente fez uma vaquinha né e comprou uma cesta pra ela... Assim a gente vai se ajudando”.

Eu sentia um alívio de estar ali, certa alegria em estar mais próxima da vida.

Atravessar fronteiras cobra o preço de perdas do que se deixou, mas dá acesso a novos mundos. Permite experimentar-se de modo diferente do habitual, eventualmente descobrindo possibilidades improváveis. Quando profissionais percebem que suas ferramentas habituais falham no novo ambiente, pode haver a fuga com retorno para o terreno conhecido, mas também a reinvenção de relações e de formas de agir. Ou, inversamente, se a transformação do agir acontecer no espaço costumeiro, ocorre de tal espaço vir a tornar-se outro.

— Gente, tem um negócio em mim, tô pensando aqui... quero ver o que vocês pensam, mas não vai rolar a Sandra voltar pro hospital.

— Como assim? E vai ficar onde? Na sua casa?

— Quem topa ficar com ela aqui essa noite?

— Desculpa, Julio, mas aí já é demais. E se acontece algo com essa mulher aqui? Quem vai se responsabilizar? Você se responsabiliza?

— Eu não posso ficar, mas fico à disposição se precisarem que apareça ou faça algo por telefone, disse o psiquiatra.

— Preciso avisar em casa que hoje não volto, mas topo, disse a assistente social.

— Me sinto convocada também. Esse negócio aí em você tá aqui também, complementou a enfermeira.

— Então é isso. Vamos passar a noite aqui com Sandra.

O gerente telefona para a responsável pela Supervisão Técnica de Saúde para informar sobre a permanência do serviço aberto naquela noite:

— Boa noite. Aqui é Julio, gerente do CAPS II. Desculpe pelo incômodo a esse horário, mas precisamos comunicar que o serviço necessitará permanecer aberto, pois estamos com uma usuária em crise.

— Como assim? Ficar aberto? Isso é inviável. Vocês não têm estrutura. A usuária precisa ser encaminhada a algum ponto que esteja preparado para recebê-la.

— Sim. Tentamos o CAPS III de retaguarda e eles disseram receber só até às 17h. A opção seria o pronto-socorro, mas avaliamos que seria ruim para o projeto terapêutico dela, já que retornou de lá agora.

— Isso é irresponsabilidade da parte de vocês e caso ocorra algo, a responsabilidade será cobrada, já que estão tomando uma conduta sem nossa anuência. Estamos cientes do que está ocorrendo e amanhã nos envie um relatório detalhado para tomarmos as providências cabíveis.

— Estaremos em três profissionais com a usuária e acredito que é o melhor para o momento.

Uma vantagem imediatamente percebida: a condição de estrangeiro permite ver muitas coisas que o povo nativo não discrimina mais, imerso que está no amálgama de seu cotidiano. O olhar de fora, recente, ainda não capturado, é sensível ao estranho. Trata-se de uma acuidade valiosa, ainda que possa se perder se for rapidamente soterrada por significações preestabelecidas. Por outro lado, uma certa opacidade nunca será desfeita. E isso talvez nem seja um obstáculo; o cuidado não depende da devassa. Ao contrário, alguma opacidade parece até bem-vinda, se possibilita um tipo de encontro que prescinde de submissão. Não saber completamente de alguém não impede o convívio com suas diferenças. Perceber que não sabemos mesmo de nós ajuda a reduzir a intolerância<sup>75</sup>.

75 Acerca da opacidade, ver: Glissant, E. Pela opacidade. In: Poétique de la relation. Tradução: Henrique de Toledo Groke e Keila Prado Costa. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=5466>. Ver também o vídeo com Édouard Glissant "Direito à opacidade" em: <https://laboratorio-desensibilidades.wordpress.com/2023/05/12/direito-a-opacidade-edouard-glissant-video-com-legendas-4-minutos-e-47-segundos/>. Outro trabalho que pode ser consultado a respeito da importância da não comunicação de aspectos do self é: Winnicott, D.W. Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos (1963). In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983, pp.163-174.

O contato de profissionais de saúde com as pessoas acompanhadas é intermitente. Há períodos de maior e menor frequência. Vir, sair e voltar – das duas partes – se dá como uma regra: o movimento parece favorecer que o reconhecimento do trabalho profissional se dê. É importante que profissionais se afastem depois de aproximarem-se para que pessoas acompanhadas se sintam percebidas quando do retorno, e também para que a dependência não se cristalice. Da parte profissional, o distanciamento é necessário para que a equipe se recupere e possa estar de volta. Sabemos da importância do vínculo nas ações de cuidado; mas é interessante notar como ele precisa acontecer com elasticidade: proximidade e distância, transparência e opacidade, e também variações do grau de familiaridade/estranhamento.

Tudo se passa como se fosse importante preservar algum grau de opacidade e, em consequência, de estranhamento. Porém, para a equipe profissional, este estranhamento costuma retornar-lhe, acionando o que permanece estranho nela mesma. Daí possíveis reações xenofóbicas e racistas: lidamos com o estrangeiro na alteridade do mesmo modo que lidamos com o estrangeiro em nós. Uma possível aculturação, no sentido contrário, exigirá certa mudança de linguagem, correspondente a aprender a falar a língua local; em outros termos, utilizar códigos e valores daqueles com quem se realiza o trabalho. Para acessar um novo mundo, é preciso desembarcar nele. E, por vezes, tudo isso não é figura de linguagem.

Na nossa primeira reunião com os vendedores, havia aquele clima de desconfiança e de certo silêncio e postura... e era de se esperar... chegava, aos 23 anos, para propor um trabalho com eles. Era apresentada como a “licenciada”. O clima estava difícil neste início de processo, eles nem mencionavam a palavra “ilegal” e eu ainda estava aprendendo a falar espanhol. Até que, em um determinado momento, eu queria dizer a palavra “bueiro” em espanhol e não conseguia pronunciá-la corretamente. *Rejilla* é uma palavra muito difícil para nós, brasileiros, pronunciarmos, já que usa um som da letra R que não temos na língua portuguesa. Cada vez que eu tentava falar e não conseguia, eles caíam na risada, chegando a gargalhar com minha incapacidade de pronunciá-la. Eles “brigavam” entre

si para ver quem ia me ensinar a falar “rejilla”. Eles repetiam por sílabas para que eu repetisse devagar: “re-ji-lla”, mas eu continuava errando, e, a cada erro, minha proximidade com eles aumentava, nosso vínculo se fortalecia, nossa relação se horizontalizava, e, aos poucos, já podia ser chamada, carinhosamente, de “licen”.

Claro que tal abertura pode não acontecer e o trânsito dar-se como no caso do turista accidental, que passa pelo cenário sem deixar-se afetar por ele, contornando qualquer angústia. Talvez seja mesmo esperado que profissionais de saúde oscilem entre o distanciamento turístico e a imersão antropológica, conforme os recursos que tenham e os contextos que se apresentem. Mas é provável que os deslocamentos que venham a experimentar possam ir, gradativamente, se tornando menos penosos e mais instigantes. Há o gosto de certa liberação quando se ousa trabalhar extramuros; fora de casa estamos em situações mais desprotegidas, mas também menos limitadas.

### **Fazer corpo para produzir cuidado**

Quando pensamos em deslocamentos no trabalho em saúde, o corpo é convocado como dimensão que o atravessa, o faz mover e é movido por ele. Pelas relações equipe profissional/pessoas acompanhadas/comunidade, universidade/serviços/território, o corpo, em sua intensidade e forma, movimenta-se, expressa-se e relaciona-se com espaço-tempo-outros, corpos nos percursos de ir-sair-voltar dos encontros de cuidado em sua complexidade.

Era o primeiro dia que estudantes iriam com agentes comunitários de saúde conhecer os casos que acompanhariam no semestre. Antes de chegarem à casa da Joana, no meio do caminho, encontraram com Isadora, mulher em situação de rua e residente do território, desesperada, chorando, com seu cachorro ensanguentado, com a pata machucada, porque tinha sido atropelado. Não seria fácil conseguir transporte da prefeitura para ajudar Isadora naquele momento de desmonte da atenção básica do SUS. A ACS subiu o morro, pegou o carro do tio dela emprestado e levou Isadora e o cachorro para o veterinário.

Que corpo é esse que precisa ser formado para que possa enfrentar os imprevistos, fazer composições e tecer redes, transitar pela heterogeneidade do território, compor com a multiplicidade e a pluralidade de saberes, de seres, humanos e não-humanos, encontrar-se com a alteridade, enfrentar questões próprias e do lugar, colocar-se em cena e mover-se pelas tensões, disputas, contradições e paradoxos que atravessam a micropolítica do cuidado em saúde? Como formar corpos que possam experimentar episódios comuns de cuidados incertos que aconteçam no trabalho em saúde? Como incluir a dimensão intercorporal na formação universitária?

O corpo, reduzido ao mínimo biológico, com suas partes e sistemas, está presente na formação das universidades como objeto de estudo e intervenção e tem sido considerado predominantemente como “o” corpo, quando se faz referência a ele. Em corolário, a dimensão intensiva do corpo, que se constitui pelos demais corpos e pela sua capacidade de afetar e de ser afetado, entendida como potência, que pode ser ampliada pelos encontros entre os corpos, como diz Espinosa (2009), não tem tido a mesma relevância na formação, sendo considerada um “saber menor”<sup>76</sup>.

Na graduação tinha um núcleo chamado “Corpo”; os alunos tinham a ideia de que só faziam esse núcleo pessoas muito “chá-lá-lá” (natureba, que abraça a árvore). Talvez exista desvalorização do trabalho a partir do corpo.

Espinosa (2009) ensina que o corpo é constituído continuamente em relação. Possui duas dimensões: a biológica, extensiva, e a intensiva - dos afetos, da potência de afetar e ser afetado por outros corpos para ampliar a sua força

76 O menor aqui tratado se vincula à noção do dicionário e da gramática e à desenvolvida por Deleuze e Guattari (2002) de literatura menor. Menor se relaciona ao âmbito intensivo das relações, aos saberes da experiência, em sua variação, com ritmos abertos aos fluxos que movem e são movidos pelos acontecimentos e que excedem a formação do acontecimento, em um processo de mudança contínua e indeterminada, que desterritorializa e cria fluxos em devir, em diálogo com o maior, que funciona como uma constante de expressão ou de conteúdo. Manning (2019, p. 07) discute o gesto menor como aquele que se entrelaça ao gesto maior e “opera o maior de dentro”, como uma “força que flui em seu interstício, que desata sua integralidade estrutural, que problematiza seus padrões normativos”. Bardet (2018, p.24) situa o saber dos gestos como um saber menor, pois os saberes dos gestos permitem um pensar “com” a dança, um pesquisar “situado entre os gestos”, na “dimensão móvel do pensamento”. Os pensamentos situados entre os gestos têm a corporeidade como uma “bússola de pesquisa” orientada à invenção contínua de metodologias que “sacodem a repartição dominante das legitimidades entre o escutado, o oral, o olhado e o observado, o discursivo, o escrito”.

e conservar-se na vida. O corpo, para o autor, não é um agregado de partes; ele expressa a totalidade do ser e sua inteira constituição mental e afetiva. Não há separação ou hierarquia entre mente e corpo, embora se expressem de forma distinta; são regidos pelas mesmas leis e princípios. O autor explica que quando aumentamos ou diminuimos nossa potência de agir, aumentamos ou diminuimos a potência de pensar (Espinosa, 2009).

A formação para o trabalho em saúde pode ser ampliada na medida em que nela haja espaço para a experiência. A experiência produz saberes que extrapolam os conhecimentos específicos de cada disciplina ou profissão e conecta profissionais não somente ao que vivenciam como tal, mas também com a sua própria história, marcada no corpo. Quando ativamos os “saberes do corpo” (Rolnik, 2015; 2018) e os “saberes dos gestos” (Bardet, 2018), advindos da experiência e do “saber da experiência” (Larrosa, 2002) fazemos com que o corpo se movimente “por entre os gestos” e ative a “dimensão móvel do pensamento” (Bardet, 2018).

Esse corpo precisa ser formado, acompanhado nos processos de fazer-se e desfazer-se, disparados pela experiência dada nos encontros de cuidado. Fazer um corpo para produzir cuidado compartilhado pode envolver fazê-lo aprender a dançar: ir, sair e voltar, movimentar-se, deslocar-se, encontrar-se com ideias preconcebidas, desfazer-se e fazer-se a partir do que experimenta nas relações.

A dimensão intercorporal<sup>77</sup> e sensível configura uma situação que nos convida a pensar, fazer e escrever a partir dos gestos e dos movimentos que sabem dos ritmos, das respirações e das vibrações, sendo cada gesto uma combinação entre o fazer e o não fazer. O gesto de parar e de suspender as atividades também é um gesto de pausar, aquietar, esperar, lentificar os movimentos, deslocar-se da situação, sustentar indagações e colocar sob análise práticas e saberes.

Algumas vezes achamos que não fazemos o que deveríamos, que as necessidades estruturais são impedimentos para a relação de cuidado, ou que o silêncio é sinônimo de não fazer nada.

---

77 A dimensão intercorporal também pode ser pensada como “entrecorporal” em diálogo com a noção de “entreprofissional” (Henz et al., 2013, p.166), que seria dada pelos encontros que têm “implicação coletiva, a partir daquilo que se constitui nos interstícios, para além das fronteiras” dos corpos.

Parece que quando o trabalho em saúde é feito de forma compartilhada, como ação que se faz junto, “ali-com”, algo de desconcertante e potente ao mesmo tempo é disparado; esse “algo” é produzido pelo movimento de ir-sair-voltar da equipe trabalhadora, mas também de fazer um corpo que pode sustentar a aposta de um cuidado que pode acontecer pela presença no encontro de cuidado, sem palavras, com disposição para a escuta, com um olhar ou um abraço.

Ficava me perguntando o que tínhamos feito no caso da Amanda. Tínhamos produzido algo ali? Um pouco antes do retorno das férias, ela me mandou um áudio. Antes de ouvi-lo, pensei que ela pediria algo, como comida, por exemplo, considerando a sua situação de vulnerabilidade, mas, para minha surpresa, ela disse: “Estou aqui em casa, estou muito triste, estou sentindo muita falta de vocês, das nossas conversas, de esperar por vocês a cada semana. Quando vocês vão voltar?”

A pausa, o silêncio e os deslocamentos podem ser importantes para sustentarmos as indagações que emergem da experiência de cuidado, em que nos deparamos com nossos próprios preconceitos, pensamentos que reduzem alguém à sua condição de classe social, gênero, raça-etnia ou outros elementos que podem emergir, convidando-nos a desfazer e fazer corpo.

O corpo em formação para o trabalho em saúde, a partir das experiências, depara-se com situações que põem em questão o como colocar-se nas relações, o quando aquietar-se, deslocar-se, sustentar as opacidades, o quando colocar-se na posição de estrangeiro ou familiar no território, ou ainda, o quanto uma “curiosidade” pode desencadear situações de desconforto e crise.

Estávamos reunidos, docentes e estudantes, com toda a equipe do serviço para pactuar sobre como faríamos o trabalho no semestre e quais seriam os casos para acompanharmos. Uma das agentes comunitárias, aproveitando a saída momentânea da gerente da unidade, comentou que havia um caso que ela achava necessário acompanharmos, mas apontou que a gerente já tinha dito que aquele caso não deveria ser levado para os estudantes. Uma aluna,



curiosa, insistiu com a ACS para saber do que se tratava. Quando a ACS começou a contar do caso, a gerente entrou na sala. Ela ficou muito brava e deu uma bronca na ACS na frente de todos por ela ter rompido com um combinado da equipe.

Ao movimentar-se, o corpo exercita o aprendizado de sustentar a angústia, o incômodo, a curiosidade e o silêncio, assim como os impactos (como afeta e é afetado) de seu corpo nas relações. Poder transitar pela sensação de familiaridade quando se está na condição de estrangeiro, ou de estranhamento, quando se sente familiar, parece ser importante no cuidado em saúde.

Estrangeiro-familiar, de fora-dentro, ser parte e não ser, saber-não-saber, presença-ausência: o trabalho em saúde implica o trânsito pelas dimensões polarizadas das relações e pelo tensionamento dado em ato no cuidado compartilhado.

Deslocar-se também implica arriscar-se no aqui e agora, na vulnerabilidade como equipe de trabalho, não entendida somente como fragilidade, mas como um modo de ser no mundo tensionado pelo risco de ser aniquilada pelas “anestésias da vulnerabilidade do outro”, sendo condição para que o outro deixe de ser objeto e possa ser uma presença viva (Rolnik, 2006, p.2).

Conforme subíamos o Morro, nos encontramos com alguns garis que faziam a limpeza das ruas e, de repente, um deles tropeçou e quase despencou morro abaixo. Eu estava logo abaixo dele e, por um segundo, me vi rolando ladeira abaixo junto com o trabalhador..., mas não aconteceu; ele tropeçou duas ou três vezes e o outro companheiro o segurou. Rimos juntos, do susto, da situação e fizemos contato. Outro rapaz, curioso, aproximou-se para perguntar pelo ocorrido e, em seguida, encontramos com o Sr. Zé, morador do Morro e já conhecido do Eixo TS. Até o gari quase cair, ainda não tínhamos nos encontrado com ninguém, somente víamos as casas pelas quais passávamos, que nos viam sem que soubéssemos quem nos via e o que acontecia por dentro delas. Parece que a risada compartilhada pelo acontecimento abriu espaço para a nossa visita ao Morro e para a chegada das pessoas e das conversas no caminho.

A vulnerabilidade, para Rolnik (2018), pode ser pensada em relação às forças, aos ritmos, às posturas corporais, mas também como vulnerabilidade a outro alguém e abertura à frequência de afetos que se movimentam em um encontro. A vulnerabilidade, para Bardet (2012) em diálogo com Rolnik, acontece nos músculos e na pele e pode tornar-se “ferramenta micropolítica para fazer-nos um corpo, inventar modos de vida e saberes corporais” (Rolnik, 2018, p. 129).

A pele, para Bardet (2019), é tratada como lugar de intercâmbio e de limite, um órgão esparramado, sem centro, que delimita o fora e o dentro e se modifica com o contato com o calor, as texturas e as direções, assim como é produzida pelas trocas entre os foras e os dentros, pela experimentação do corpo dada pelo contato, pelas relações e pelo limite. A pele tem a sua espessura dada pelo limite do corpo, no encontro com a gravidade, no lugar do paradoxo do pensamento, na tensão, onde situam-se o limite e a permeabilidade da pele, o fora e o dentro em ato.

Enquanto a morte rondava, estávamos todos à espera, mesmo que incerta, da chegada do André, que rondava a casa, mesmo durante suas horas de trabalho e ameaçava a vida de Valéria e de seus filhos. As denúncias eram explicitadas e parecia que a mesa estava sendo virada, em uma cena dramática de um filme. A vizinha passava, descia e subia as escadas da casa falando quase que sozinha, anunciando palavras soltas no ar: “conselho tutelar, conselho tutelar”; o vizinho, que fedia, dizia que não deixaria aquilo (a violência do marido contra Valéria) acontecer na frente dele; Valéria dava de mamar para Valentina, de um ano e meio, pegava a mãozinha dela, punha em cima do gatinho deitado ao seu lado, e dizia: “bate, bate”, repetindo o gesto várias vezes.

O encontro com a violência, a confusão, os fragmentos, o drama, a dor e a morte (anunciada ou concreta) são parte do trabalho em saúde. Penetra no corpo e se impõe como limite, traz situações que colocam em xeque o que profissionais pensam que sabem ou que podem resolver. São cenas que colocam a pele no limite e no contato com as forças em tensão, fazendo pesar o corpo na relação com a gravidade, com a diferença e com a composição:

como compor com esta família e vizinhos um projeto de cuidado? Como ler o ensinamento de uma mãe que sofre violência para uma filha (ainda em período de amamentação) sobre como relacionar-se com o gatinho? Será melhor aprender desde cedo a bater no gatinho, quando se vive situações de violência de todas as ordens?

O encontro profissionais-pessoas acompanhadas, dado em ato, faz emergir inúmeras possibilidades e impossibilidades simultâneas que configuram situações de encruzilhada<sup>78</sup> (Rufino, 2019), de imprevistos e afetos diversos que colocam o corpo como aquele que aprende ao fazer-se e desfazer-se conforme se movimenta, ativando saberes advindos da experiência, do corpo e dos gestos. Ao deparar-se com o limite e permeabilidade da pele, no contato intensivo-extensivo com o outro, a pele adquire espessura e dá consistência ao corpo.

A consistência do corpo vem de uma espessura do limite. É justamente no nível da membrana que a polaridade se manifesta. Dentro e fora, interior e exterior, limite e permeabilidade, superficialidade e consistência, matéria e intensidade, como lugar da polaridade da membrana<sup>79</sup>. No limite, nos encontramos com a mobilidade do pensamento e fazemos deslocamentos.

A estudante não conseguia falar diante da experiência com a família. Sobre uma das visitas, não conseguia sequer colocar na escrita do seu diário. Aquilo que experimentou a tomou por completo e ela paralisou. Ela me indagava se aquilo seria um problema para o projeto de cuidado. Fomos conversando e aquela experiência de violência a colocava de volta à sua infância, quando presenciava a violência entre seus pais. Um corpo de filha-criança-muda-paralisada, como o daquelas que encontrou, chegava de volta com toda a força junto com a dor da família que cuidávamos. Ela não conseguiu falar, nem escrever, ao longo de todo o semestre sobre este dia específico, em que a violência foi explicitada, mas, em seu último diário, ela conseguiu desenhar.

---

78 Para Rufino (2019), a encruzilhada é um campo de possibilidades inventivas de outras formas de existir e praticar o conhecimento. É conceituada como um projeto político, epistêmico e ético, fundamentado teórico-metodologicamente em Exu e nos princípios da diáspora africana e da cultura yorubá.

79 A pele não é oposição entre profundidade e superficialidade; ela se amplia como “uma afirmação que se desloca tornando sensível tudo o que as peles produzem e o como são produzidas, pelas proximidades-distanciamentos, acelerações-desacelerações, polaridades intensivas que determinam e são determinadas ao mesmo tempo pelo dentro e pelo fora” (Bardet, 2019, p. 50).

Ao pesar, o corpo pensa. Nos contatos e peles e nas relações e limites, vivendo o drama, a tensão, a contradição, as dores, damos consistência ao corpo e andamos por entre os gestos. Ativando a dimensão móvel do pensamento, exercitamos a condição de ser corpo “no limite entre a matéria inerte e o vivente”, no encontro com as diferenças entre interior e exterior, que não são abolidas, “mas tornadas uma relação radical” (Simondon, 2015, p. 289, *apud* Bardet, 2019, p. 52).

No encontro de uma dupla de estudantes, uma professora e um agente comunitário de saúde na primeira visita ao cortiço, logo depois de um encontro anterior em que nos apresentamos e a família aceitou a proposta de construirmos juntos um projeto de cuidado, nos deparamos com uma família pontualmente à nossa espera.

Valéria, gestante de 27 anos e mãe de três crianças, uma de 9, um de 5 e outra de 2 ou menos, ainda amamentava a caçula Valentina. Seu pai, Edson, catador de latinha, morador de um barraco no Morro, chegou à casa pronto para contar-nos o que acontecia ali e pedir a nossa ajuda. Denunciou, dando murros no sofá, o estado descuidado da filha, a violência física e psicológica, as ameaças de morte e o controle desmedido que ela vivia com o marido, André, recém-saído da prisão, quem a espancou algumas vezes e não a deixa sequer ir ao banheiro desacompanhada de sua presença. Sua mãe, Marta, ex-moradora de rua, doméstica, analfabeta, reforçava a urgência da situação, também com murros do outro lado do sofá, trazia mais elementos para compreendermos a situação de violência, medo e aprisionamento que vive Valéria. Ela nos contou que André rouba o dinheiro do Auxílio Brasil de Valéria para comprar drogas, enquanto ela não tinha arroz para comer naquele dia. Valéria, por sua vez, disse que só apanhou uma vez dele e que se ele bater agora, quem morre é a bebê, não ela. Denunciou o pai, alegando que ele não tinha autoridade para dizer nada a ela, já que ele também batia na mãe e chegava bêbado em casa frequentemente, em sua infância. Também anunciou o abandono da mãe, que nem assim podia ser chamada por ela, por tê-la dado para a avó criar.

O impacto da experiência e o encontro com o limite, com as dores, colocam em xeque certezas e protocolos; nos vemos imersos na intensidade, na tensão e

no paradoxo. O corpo é impactado, emudece, paralisa, fica tomado, contagiado, é invadido e confrontado frente à complexidade da produção do cuidado.

Eliane Brum (2021, pp. 10-11), em seu livro *Banzeiro Òkòtó*, narra sobre sua experiência de morar na Amazônia e conta que a floresta não é um lugar em que vamos carregando um corpo; a noção cartesiana de corpo não serve mais ali, onde “o corpo é tudo e tudo domina”. Para a autora, o corpo da cidade está “acostumado a fingir que não existe”, não sabe o que fazer de si quando se encontra com a e na floresta e pode até se achar doente porque tem “overdose de corpo”. Ela conta que a Amazônia

salta para dentro da gente como num bote de sucuri, estrangula a espinha dorsal do nosso pensamento e nos mistura à medula do planeta. Já não sabemos que eus são aqueles (...) o que somos já não sabemos. O que nos tornamos não tem nome. Não porque não tenha, mas porque não conhecemos a sua língua.

A intensidade do trabalho em saúde convoca os corpos a deixarem de fingir que não existem. A formação do corpo para cuidar, com a pele espessa, em sua dimensão ética, estética e política, pode ser pensada a partir do verbo “acorporar” proposto por Bardet (2018). Acorporar é um chamado relacional, um tecido coletivo de um abraçar, que é tomar corpo, ao colocar o corpo e ocupar a praça, intrinsecamente em relação. Acorporar seria um habitar a si enquanto se constitui na esfera pública e com os demais, e fazer a esfera pública ao constituir-se como ser com os demais, no encontro e no território. Ao entrar na tensão, movimentar-se com os paradoxos (jogo de forças) e as contradições (dialéticas), o corpo pode criar novas composições políticas e poéticas pelos gestos produzidos pelos corpos juntos no lugar que ocupam.

Fazer um corpo que pode produzir cuidado na complexidade do trabalho em saúde convoca uma formação que priorize o grupo como lugar de sustentação da experiência e dos saberes dela advindos, como um lugar que aninha, acolhe, e, ao mesmo tempo, impulsiona para o enfrentamento das forças do fora, um “grupo cama-elástica” (Bichara, 2020), configurando um

lugar de onde partir e para onde voltar no percurso contínuo de espessar a pele e fazer um corpo que pode cuidar, dançando com a experiência.

Este corpo que dança, que se faz e desfaz, é aquele que pode deslocar-se do corpo instrumental ao corpo sensível, arriscar-se, compor com as diferenças, fazer pontes, ocupar brechas, acorpar-se com os movimentos do território vivo e inventar possibilidades de cuidado de forma compartilhada. Nesses movimentos, pode acontecer de se experimentar algum episódio comum de cuidado incerto.

Entre no cemitério. Olhei ao redor, caminhei um pouco vendo os túmulos e lembrando do enterro da minha avó, de sua morte recente e das vezes que fui com ela ao cemitério para que ela fizesse suas rezas à Santa Izildinha, caminhando e falando com ela ao redor do seu quadrado. Olhei para o Morro da Penha e vi sua dimensão, suas casas, seu jeito, a pobreza e a beleza. Chamou-me a atenção que um senhor que trabalhava no cemitério interessou-se pela minha presença e perguntou-me se precisava de alguma coisa. Percebi naquele momento que já não esperava mais que ninguém se interessasse pela minha presença, me senti acolhida pelo interesse daquele trabalhador e estranhamente cuidada.

Em síntese, o trabalho em saúde exige disposição e abertura para lidar com o incerto, por pouco sabermos, em nossa condição de estrangeiro, o que acontece no território, na vida das pessoas que ali habitam e o que vai acontecer nos encontros de cuidado. A gente carrega uma insuficiência que também nos convoca a estar presentes de uma maneira não tão defendida, a estranhar o naturalizado e a perceber o que precisa ser percebido, sem expulsar de nós o que é perturbador.

Daí a importância de formar na experiência para exercitar o contínuo fazer corpo com pele espessa e porosa para acolher os acontecimentos, sustentar a tensão, estar junto e inventar algo a partir disso.

## REFERÊNCIAS

- BARDET, M. ¿Cómo hacernos un cuerpo? Entrevista com ROLNIK, Sueli. In: Gago, Gutiérrez Aguilar, Draper, Menéndez Díaz, Montanelli, Bardet, Rolnik. **8M Constelación feminista**. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.
- BARDET, M. **Pensar con mover**: un encuentro entre danza y filosofía. Buenos Aires: Cactus, 2012.
- BARDET, M. Saberes gestuales: Epistemologías, estéticas y políticas de un «cuerpo danzante». **Rev. Enrahonar An International Journal of Theoretical and Practical Reason** **60**, 2018, pp.13-28 In. <https://doi.org/10.5565/rev/enrahonar.1206>
- BARDET, Marie. Límite y Relación: Pensar el contacto desde la filosofía de Gilbert Simondon. **Revista de Filosofía** v. 76, p.39-56, 2019.
- BICHARA, T. A. C. **Práticas de cuidado nas Universidades Brasil-Ecuador**. Palestra proferida. III encontro do Ciclo de Conversações contemporâneas para vidas afirmativas durante e para além do COVID-19, Programa de Pós-Graduação em Estudos em Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso, Laboratório de Tecnologias, Ciências e Criação (LABTECC), 22 de julho, 2020. Disponível em <https://www.facebook.com/watch/live/?v=870242926833798&ref=search>
- BRUM, E. **Banzeiro ókótó**: Uma viagem à Amazônia Centro do mundo. São Paulo: Cia das Letras, 2021.
- CAPOZZOLO, A. A.; CASETTO, S. J.; HENZ, A. O. (Orgs.). **Clínica Comum**: itinerários de uma formação em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013.
- CITTON, Y. **Pour une échologie de l'attention**. Paris, Seuil, 2014.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- FEDERICI, C. G.; LIBERMAN, F.; GUZZO, M. L. A presença na sala de aula virtual – notas sobre a presença e o saber da presença. Jornada internacional – atuação e presença. In: **Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas**, 10, 2021. Anais... [on-line] 2021. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/simposiorfc/index>. Acesso em: 14 jul. 2022.
- FERRACINI, Renato. Presença e Vida. *Corpos em arte*. In: **VI Reunião Científica da ABRACE**. Anais... [on-line] 2013. Disponível em: [http://www.portalabrace.org/viireuniao/tfc/FERRACINI\\_Renato.pdf](http://www.portalabrace.org/viireuniao/tfc/FERRACINI_Renato.pdf). Acesso em: 15 dez. 2022.
- FERRACINI, R.; FEITOSA, C. **A questão da presença na Filosofia e nas Artes Cênicas. ouvirOUver**, [s. l.], v.13, n.1, p.106-18, 2017. DOI: 10.14393/OUV20-v13n1a2017-8. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/37043>. Acesso em: 14 jul. 2022.
- FIGUEIREDO, L.C. A questão da alteridade nos processos de subjetivação e o tema do estrangeiro. In: KOLTAI, C. (Org.) **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 1998, pp.61-75.
- FISCHER-LICHTE, E. Appearing as embodied mind – defining a weak, a strong and a radical concept of presence. In: GIANNACHI, G.; KAYE, N.; SHANKS, M. (Org.). **Archaeologies of Presence: Art, Performance and the Persistence of Being**. Londres: Routledge, 2012.

- FREUD, S. O inquietante (1919). In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil**: (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp.328-376.
- GIANNACHI, G.; KAYE, N.; SHANKS, M. (Org.). **Archaeologies of Presence: Art, Performance and the Persistence of Being**. Londres: Routledge, 2012.
- HENZ, A., GARCIA, M. L., COSTA, S. L. MAXIMINO, V. Trabalho entreprofissional: acerca do comum e a cerca do específico. In: CAPOZZOLO, A. A., CASETTO, S. J. e HENZ, A. O. **Clínica Comum**: itinerários de uma formação em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013.
- KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KASTRUP, V.; CALIMAN, L.; GURGEL, V. As artes da atenção conjunta: formação e cuidado na universidade. In: KASTRUP, V.; CALIMAN, L. **A atenção na cognição inventiva**: entre o cuidado e o controle [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Fi, 2023.
- KOLTAI, C. Política e Psicanálise. **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 2000.
- KRISTEVA, J. **Étrangers à nous mêmes**. Paris: Gallimard, 1988.
- LAPOUJADE, D. Fundar a violência: uma mitologia? In: NOVAES, A. (org.). **Mutações**: fontes passionais da violência. São Paulo: Sesc, 2015, pp. 79-93
- LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19. Jan-Abr, p. 20-28, 2002.
- MANNING E. Em direção a um movimento menor, In: Guzzo M. (org) **Performance e esfera pública**: entre a arte e a natureza, E-book, PROAC; 2019. p. 07-12.
- POZZANA, L. A Formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. Dossiê cartografia: pistas do método da cartografia, v.II. **Fractal**, v.25, n.2, p.323-38, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/KqsStJnY3bfNNTXJsXwLzwD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2022.
- ROLNIK, S. Geopolítica da cafetinagem. **Psicanálise e Cultura**; 29(43): 123-129, 2006. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>
- ROLNIK, S. Micropolíticas del pensamiento: sugerencias a quienes intentan burlar el inconsciente colonial. In: **Encuentro Descolonizar el museo**; 4 de março; Barcelona, Espanha. 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=V73MNOob\\_BU](https://www.youtube.com/watch?v=V73MNOob_BU)
- ROLNIK, S. ¿Cómo hacernos un cuerpo? [entrevista de Marie Bardet]. **8M Constelación feminista**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.
- RUFINO, L. Pedagogía de la encrucijada. **Revista Exitus**, (Santarém/PA), v. 9, n. 4, p. 262-289, Out-Dez, 2019.
- SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.



# O PERFORMATIVO NA FORMAÇÃO: ENTRE A PRESENÇA COTIDIANA (O CORPO AFETIVO) E A PRESENÇA CÊNICA

Conrado Augusto Gandara Federici

*Ser e não ser, eis a questão; ser e não ser arte; ser e não ser cotidiano;  
ser e não ser ritual (Fabião, 2009, p.237).*

Uma conspiração cósmica, essa expressão anedótica, porém indubitável, reconhecível facilíma e alegremente, fez com que o convite para conversar com o texto<sup>80</sup> chegasse até mim. O movimento dos astros, evocado com despreensão, nunca foi de se desprezar: é preciso estar aberto, atento, presente, vulnerável, enfim, desejante, para que, quando uma dada conformação de “conspiração” aconteça, ela encontre refúgio.

É preciso também destacar de saída como os assaltos desta dimensão podem ser ambiciosos e gerar expectativas desproporcionais. Aí, então, recupera-se envergonhadamente o desejo mais genuíno de papear e apenas isso, ao lembrar do que pode ser constitutivo em uma conversa: um pretexto, um encontro, um tatear de ideias, a troca frágil de pensamentos transitórios entre as pessoas envolvidas e interessadas em também saber como se articulam entre si, como manejam suas próprias incertezas, como encadeiam suas suspeitas mais vigorosas. Nada demais e nem de menos, uma partilha mútua.

A conspiração, pois, é pertinente a todas as pessoas implicadas: uma espécie de coincidência, de incandescência dos mesmos afetos ao mesmo tempo, um encontro. O cosmos, em seu sentido mais literal - como totalidade, organização, beleza e harmonia - não pode ser subestimado, ainda que a contemporaneidade nos faça crer que o caos impere soberano e incólume.

<sup>80</sup> “Texto” aqui será sempre uma referência ao “Movimentos da presença, do estrangeiro e do corpo na formação para o trabalho em saúde”.

Desconfio que nem tanto e nem sempre: guardamos sempre alguma energia para tramar, maquirar, confabular sobre as forças que fazem com que a vida, ela mesma, persevere.

É com esse espírito leve, do palhaço que vadiava, a imaginar sua próxima função, que me entrelaço com as ideias apresentadas, agraciado, agradecido, de forma livre, dialogada, como o próprio texto me estimula.

Ainda sobre a generosidade da conspiração cósmica que provoca essa conversa, é preciso grifar e honrar o que a sustenta e que parece ser exatamente a mesma coisa, ou bem próximo, das ideias apresentadas no primeiro dos três veios explorados: a produção de presença no encontro com o *inesperado*. Foi o que mais me mobilizou e por onde mais pude perambular. Tentarei avançar com o pensamento de forma suave. Se isso não ocorrer sempre, desculpo-me. Vamos, de mãos dadas, no encontro possível, com presença.

Pois bem, o que a ideia de “produção de presença” me diz inicialmente? Diz-me que a privação da presença física deixou marcas profundas e indeléveis. Diz-me ainda que, no início das experiências de ensino remoto tão intensamente vivenciadas no período pandêmico, há pelo menos 3 anos, portanto, a crise da presença já estava instalada e sensível há tempos e, particularmente, mas também como tantos, busquei nas artes do corpo os recursos de sobrevivência mais imediatos, tais como o exercício com os sentidos corporais (principalmente audição e visão na sobre-exposição às telas), o acolhimento irrestrito e improvisação com a realidade que se tinha proximamente “à mão” (tato, olfato, paladar na experimentação culinária), a ampliação dos espaços/tempos internos, a conexão com os animais e plantas principalmente. O texto me remete então à associação fundamental entre presença e artes do corpo.

Recordo que já era explícito que a instauração de uma aula, ou melhor, o comparecimento simultâneo de um conjunto grande de corpos físicos, juntos a uma dupla de docentes em territórios estrangeiros não vinha sendo propriamente uma garantia de presença. O chacoalhão, para dizer o mínimo, realizado pela pandemia e as necessidades de mediação por tecnologias digitais

de encontros, pedagógicos ou não, escancarou o sonho antropocêntrico da fragmentação do ser (entre corpo e mentementemente...) e a omnipresença e entregou-nos de bandeja o fracasso antes apenas renunciado: se não houvesse o ínfimo intercâmbio, troca, partilha de fato, cada qual controlaria seu grau de presença em múltiplos e infinitos falsos encontros, simultaneamente, nas abas do navegador da internet, cada qual em sua própria solidão.

A fragilidade daquele período possibilitou-nos, ou melhor, obrigou-nos, a rever a presença, pensar sobre ela, senti-la em suas aparentes e paradoxais vias de extinção.

De que presença passamos então a conversar? A priori, daquela mais comumente compreendida por uma maioria no contexto formativo em questão: *você* está mesmo aqui e *eu* estou mesmo aqui e *outras pessoas* estão mesmo aqui também. Isso nos coloca em relação de mutualidade e interconexão, que tem como consequência possível e imediata a produção de um *nós* comum, sobre o qual temos alguma consciência, uma vez que estamos nos afetando e sendo afetados. A *presença cotidiana*, física e corporal.

Antes da pandemia, era mais comum referirmo-nos a determinadas práticas de atenção e ativação corporal como “sensibilização”. Ainda não assentíamos que as presenças talvez já estivessem bem transformadas, volatilizadas, a ponto de se tornarem ausências partilhadas.

Quando e como, antes da pandemia, a percepção de que as coisas não andavam bem com as presenças pode nos ter escapado? Como perdemos essa consciência mais sutil? Como foi se dando esse incômodo de se estar diante (com) outras pessoas em processos formativos e não perceber tanto ou não dedicar mais importância à “produção de presença” conforme as ideias examinadas? Essa expressão “produzir presença” já fazia sentido? Já era necessária? Intuo que, talvez, já compartilhássemos de algum grau de displicência em relação à valorização dos encontros entre corpos afetivos. Com a privação, isso foi evidenciado e a necessidade de ressensibilização avivada.

O texto aborda a seguinte proposta de conceituação da presença em questão:

Entendemos que a presença sempre se dá no momento presente. É a corporificação de um evento alegre ou triste que, sem que se saiba exatamente qual o motivo, conquistou o corpo. São momentos de intensidade que carregam um alto poder de afetação, em parte, pelo seu caráter inesperado e imprevisível, mas que despertam para algum aspecto não percebido anteriormente.

A ideia do não-saber, ou do caráter fortuito, do surgimento inadvertido da presença está reforçada. Um pouco mais adiante, um pequeno trecho complementa a definição anterior, localizando na palavra falada o gatilho, ou melhor, um dos gatilhos, da dita produção de presença: “Uma palavra-faísca que desperte o corpo para o inesperado do encontro, produzindo múltiplos efeitos de presença. Câmeras e microfones se abrem quando algo é ativado no corpo a partir do encontro com “a vida de fato””. E ainda um pouco mais além: “ser despertado por certa tensão que captura o corpo para *algo inusitado* da experiência, interferindo nas formas de percepção e habitação do lugar” (grifo meu).

Pois bem, há algo aí que sugere um acaso. Gosto muito da ideia, também expressa no texto, de que a presença se dá por uma espécie de convite. Convite à casualidade, portanto, no meu entender.

Debatemo-nos naquela época de distanciamento físico com inúmeras tentativas de ativar uma presença outra que nos aplacasse o desconforto, o mal-estar, o constrangimento dos silêncios online, ou como diz o texto, o “incerto da formação” arriscando diálogos, resgatando as atenções dispersas, voltando-nos ao minúsculo do corpo como lastro mais garantido do que o aparente nada.

As pessoas mais relacionadas com as artes presenciais (teatro, dança, circo, performance) como campo de interesse e dedicação parecem ter explorado ainda mais seus recursos usuais, pois já costumavam trabalhar com o corpo e os aspectos sensoriais voltados à produção cênica.

O cultivo permanente das sensações corporais com vistas à apresentação pública cria um hábito, que parece duplicar as possibilidades de expressão, reservando às situações cênicas uma “persona” específica, apartada

deliberadamente do si mesmo cotidiano, por questões de manejo, troca ou melhor delineamento de personagens e também cuidado ou proteção pessoal. Vestir-se e despir-se repetidamente com o papel de artista possibilita uma prática e uma flexibilização de qualidades de *presença extracotidiana*.

Destaco uma conceituação que nos serve para apontar para uma “presença cênica” (dentre outras do campo específico de Estudos da Presença na área de Artes), aparentada do termo “presença”, mais genericamente explorado até aqui:

A palavra “presença” não se refere (pelo menos não principalmente) a uma relação temporal. Antes, a uma relação espacial com o mundo e seus objetos. [...] produção de presença aponta para todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou intensifica o impacto dos objetos presentes sobre corpos humanos (Gumbrecht, 2010, p. 13).

A premissa principal do autor citado é uma reação a um mundo cotidiano excessivamente cartesiano. Contra essa saturação, dedicou-se à crítica e ao desafio de superar “uma tradição largamente institucionalizada, segundo a qual a interpretação - ou seja, a identificação e/ou a atribuição de sentido - é a prática nuclear, na verdade a única, das Humanidades” (Gumbrecht, 2010, p.22, 37).

Sem pretender negar ou sequer inverter esta supremacia, calcada sobretudo no ideário de corpo e mente separados, ele se utilizou de termos como materialidade, não-hermenêutico e presença para repensar e/ou reconfigurar as condições de produção de conhecimento no campo das humanidades, identificando ao menos a possibilidade das oscilações entre os dois polos principais identificados: uma “cultura de sentido” x uma “cultura de presença” (Gumbrecht, 2010, p.41). Assim, ele problematizou uma predominante busca de significado “a mais”, outro, que estaria sempre por baixo, por trás, por dentro, mais profundamente, a ser descoberto, a ser interpretado (“cultura de sentido”).

Uma “cultura da presença” estaria mais ocupada com as materialidades, as substâncias, as tangibilidades, as coisidades do mundo, as percepções sensoriais e suas imanências, sendo as experiências estéticas momentos/ lugares privilegiados para isso.

Como estamos indo até aqui? Ainda estamos de mãos dadas? Tentemos recapitular: conversávamos sobre a ideia apresentada no texto da produção de presença ser inesperada, algo contingencial e ter sido mais fortemente nutrida a partir do período pandêmico, confere? Aí, eu coloquei em jogo, junto do substantivo presença, os adjetivos “cotidiana” e “cênica”, criando uma diferença conceitual e qualitativa (mas não hierárquica!), trazendo um conceito para ajudar no argumento. Foi assim mesmo que soou para você? Vamos prosseguir um pouco mais.

Pois bem, estou aqui trazendo à baila o, nas artes, chamado estado de presença ou presença ampliada, que, no meu ponto de vista, tem como principal diferença da presença cotidiana, a intencionalidade. Artistas, em geral, então, produzem esse outro modo de estar, gêmeo univitelino, a fim de se apresentar deliberadamente, de se colocar diante da outra pessoa com a finalidade de afetar (conseguindo ou não êxito na empreitada).

Olha só que interessante: da mesma forma como o texto fez ao referir-se a “uma palavra-faísca” que acalorasse o corpo para o encontro, uma conceituação clássica acerca deste estado extracotidiano do corpo-em-vida ou “corpo dilatado” também faz uso de um termo relacionado ao fogo. O “corpo dilatado”:

[...] é acima de tudo um corpo incandescente no sentido científico do termo: as partículas que compõem o comportamento cotidiano foram excitadas e produzem mais energia, sofreram um incremento de energia, separam-se mais e opõem-se com mais força, num espaço mais amplo ou reduzido (Barba e Savarese, 1995, p. 54).

Está se forjando aqui o cuidado de não tomarmos por sinônimas ambas as conceituações discutidas, a de presença cotidiana e a de presença cênica, pois não se confundem. No entanto, sinto-me impelido a invocar a expressão “desobediência epistêmica<sup>81</sup>”, ou mesmo arriscar o movimento de contrabandear conceitos, da mesma forma que a história da velhinha de lambreta que cruzava a fronteira e causava suspeitas (apêndice): como convém à produção de saúde, não caberia a censura prévia de recursos, mas a compreensão de sua utilização para a necessidade premente de produção de vida.

81 [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf)

Assim, proponho que a dobradiça entre ambas as definições, presença cotidiana, inesperada e circunstancial e presença cênica, de caráter extracotidiano e intencional, pudesse ser realizada pela noção de performatividade. A ver onde se poderia chegar com isso mais à frente.

Antes, porém, uma observação acerca do segundo veio proposto no texto, a condição de estrangeiridade no cuidado em saúde: a partir da leitura, foi-me possível pensar que a experiência pandêmica, inédita para nós até então, horizontalizou-nos como uma espécie geral de gente forasteira. O pacto pedagógico pôde ser revisitado com um olhar “de fora” e pudemos perceber como a presença andava já frágil.

Na nossa área, da formação e trabalho em saúde, a dificuldade foi redobrada. Ficou evidente a elasticidade necessária à manutenção de um certo tônus nos vínculos, não somente entre profissionais e pacientes, mas docentes e estudantes também. O ir e vir entre ambas as posições e o estranhamento-familiaridade tão bem descrito no texto, do meu ponto de vista, mostraram-se inequívocos.

Desta sessão do texto, realço como a imperfeição, o errar publicamente, pode nos fazer próximos do outro, nos fazer descer para onde raramente a tendência constante de busca de acerto e êxito nos impediria de chegar. Adorei a narrativa da palavra de difícil pronúncia em espanhol!

De novo: como palhaço, não canso de identificar a potência dos acasos, aí sim, daquilo que poderia ser tomado como falha, para escancarar a obviedade de um sem número de situações, catalisadas pelas nossas incapacidades de fazer “direito”. O erro ameniza a carga do êxito obrigatório e eficácia permanente.

Acho que as autoras e o autor foram muito precisos ao destacarem o que chamaram de “três linhas de questões que buscam abordar deslocamentos e atravessamentos que decorrem do encontro entre universidade, serviços, comunidades e territórios e que são pensadas na formação e no cotidiano do trabalho em saúde”. Presença, estrangeiridade e corpo, de fato, se costuram muito bem.

Penso que a formação em saúde habita zonas limiaries delicadas e os fragmentos de narrativas apresentados contribuem imensamente para

que o mais importante da conversa não se dissipe. As experiências vividas serão sempre soberanas e, tanto melhor, quanto mais conseguirmos fazê-las agentes polinizadoras. Agradeço pela escrita que teceram e que se apoiou nos acontecimentos vividos.

Bem, quase me perdi em meio aos destaques do texto com o qual dialogamos e ao compromisso ético de reconhecer as potências e o encadeamento dos pensamentos lá expressos.

Retomando a ideia lá de trás sobre a performatividade, sem pretender extrapolar os propósitos desta conversa, venho tentando assumir e sustentar que o corpo expressivo é, dentre as tantas necessidades da constituição profissional, um universo a ser investido, um cosmos (!) para se brincar e esse pensamento dialoga diretamente com o texto em pauta, como neste exemplo:

Esse corpo precisa ser formado, acompanhado nos processos de fazer-se e desfazer-se, disparados pela experiência dada nos encontros de cuidado. Fazer um corpo para produzir cuidado compartilhado pode envolver fazê-lo aprender a dançar: ir, sair e voltar, movimentar-se, deslocar-se, encontrar-se com ideias preconcebidas, desfazer-se e fazer-se a partir do que experimenta nas relações.

O gesto articulador entre as distintas qualidades de presença mencionadas, cotidiana e cênica, poderia ser realizado pelo conceito de performatividade. Olha só, acompanho integralmente a ideia abaixo, que deixa de lado a desgastada história de um corpo desprezado em relação à elevação da mente e migra para searas mais promissoras:

Por enveredar por caminhos que desfazem a dicotomia corpo/mente, a performance é epistêmica. Não apenas recusa a clássica assertiva “penso, logo existo” como elege outros objetos como focos de problematização, contribuindo para alargar as teorias do conhecimento assentadas sobre os sentidos, as percepções e os estudos da linguagem (Mostaço, 2012, p.145).



Dentre os diversos<sup>82</sup> sentidos que o termo performance carrega, ficaremos por ora com aquele que coloco justamente na intersecção possível entre os ofícios de docentes e artistas, ao admitirem um certo disfarce, um “como se”, ao meu ver fundamental na formação em saúde.

Aplico então o engenho do contrabando epistêmico anteriormente citado, trazendo uma definição de performance no campo artístico:

(...) um tipo de ação metodicamente calculada, conceitualmente polida, que em geral exige extrema tenacidade para ser levada a cabo, e que se aproxima do improvisacional exclusivamente na medida em que não seja previamente ensaiada (...) (Fabião, 2009, p.237).

Quando uma dupla de docentes conduz “estrangeiramente” (as aspas destacam o sentido de falseamento agora colocado) um grupo de estudantes a um determinado território há um pressuposto implícito que induziria à aceitação de que aquela seria a realidade tal qual ela se apresenta “naturalmente”, ou como já dito, “a vida de fato”. Neste caso, o ato performativo da dupla de docentes estaria caracterizado na dobra de sentidos produzida: 1) a “vida de fato” acontecendo corriqueiramente e 2) as intenções pedagógicas ao se ver e participar da “vida de fato”.

A saída “improvisacional” a campo, obviamente, tem o intento de exposição e interferência em situações que serão possivelmente enfrentadas no futuro cotidiano profissional de estudantes em formação. Não haveria justificativa plausível de se fazer passeios despojados da conjuntura de aprendizagem em potencial quando se parte dos vínculos pedagógico e institucional envolvidos.

Apesar do pacto ser conhecido e incontestável, ele se emaranha proposital e/ou contingencialmente quando sai do espaço físico de uma sala de aula e alcança o território.

---

82 “Desempenho, execução, façanha, proeza, representação, função, espetáculo, atuação, capacidade de realizar trabalho, rendimento; maneira de reagir ao estímulo, cumprimento de uma promessa, equivalente a competência” (tradução livre de R. L. Almeida) (Schechner, 2002). Para o aprofundamento no tema, sugere-se a obra de Mostaço, Edélcio. *Incursões e excursões: a cena no regime estético*. Rio de Janeiro: Teatro do Pequeno Gesto, 2018.

Neste ato, constitui-se a performatividade, pois haveria um “como se” fosse de verdade.

Peraí, mas é de verdade!: são pessoas em seus cotidianos, com suas vidas, suas questões e possibilidades se dando em ato contínuo. Sim, sem dúvida.

Concomitantemente, há um planejamento prévio e definido sobre onde, quando, quanto tempo, como se darão as visitas, dentre outras necessidades, e isso se repete em diversos territórios e semestres diferentes, com diferentes turmas etc. Ou seja, as saídas fazem parte de um programa formativo ou, neste enfoque, de um programa performativo - é mesmo um “tipo de ação metodicamente calculada”, conforme a definição de performance acima.

Então docentes estariam fazendo uma espécie de teatro? O tema da “peça” seria as vidas das pessoas em seus territórios (A história da vida privada)? Tudo o que aconteceria faria parte de uma dramaturgia definida de antemão e haveria papéis replicáveis que poderiam variar ao longo do tempo/espaço?

O conceito de performatividade faz o deslocamento e nos ajuda a compreender que a intencionalidade da proposta formativa de se ir à campo não se confunde com a espontaneidade do desenrolar da “vida de fato”. Pelo contrário, esclarece-nos a como melhor performar papéis (docentes, estudantes, profissionais, mães e pais etc.) que, nessas condições, serão sempre movediços e maleáveis. Cada saída “exige extrema tenacidade para ser levada a cabo” (novamente, segundo Eleonora Fabião, 2009, na definição acima).

Nossa, esses pensamentos não são simples para mim... Brincam um pouco com verdades com as quais costumamos ficar mais estáveis e confortáveis, não?

Tentarei rumar para o final da conversa, rememorando um pouco o trajeto percorrido e arrematando com a ideia de se fazer corpo na formação em saúde.

Então, o texto com o qual dialogamos traz três linhas de pensamento principais em relação à formação e ao cotidiano do trabalho em saúde: a presença, o estrangeiro e o corpo.

Comecei resgatando a debilidade na qual as presenças já se equilibravam antes do período pandêmico e rememorando como passamos a sentir necessidade de produzir presença.

Juntei o adjetivo “cênica” junto do primeiro ingrediente, presença, bifurcando a ideia inicial do texto e experimentando a diferença de entendimento do campo artístico em relação ao assunto.

Em seguida, teci um breve comentário sobre a estranheiridade: pareceu-me um privilégio poder admitir que, além dos tantos traços ofertados pelo texto, ele ainda nos tenha permitido uma visada “de fora”, a docentes, estudantes e profissionais dos serviços durante o período pandêmico, arriscando caminhos formativos novos e lidando com ineditismos improváveis nos mesmos espaços que já costumávamos frequentar e/ou mediados por telas.

O penúltimo componente explorado foi a noção de performatividade. Nela, penso que foi possível pensar um pouco sobre a natureza da proposta formativa de saídas para o território, em que, apesar do conteúdo programático sequencial de imersão em realidades diversas, haveria a oportunidade de se “exercer papéis de si mesmo”, ou, em outras palavras, performar as funções envolvidas - ou, ao menos, a função docente - dentro do acordo pedagógico e formativo do trabalho em saúde.

Sinto vontade agora de sublinhar que o falseamento, ou disfarce, ou fusão voluntária implícitos no princípio de performatividade têm uma importante incumbência afirmativa de implementação de um expediente pedagógico sutil que, na grande maioria das vezes, talvez não passe da mera tomada de consciência de um gesto ou outro, de uma situação, de um menear de cabeça ou um piscar de olhos mais lento, ou mais rápido, enfim, de alguma insignificância fundamental. É mesmo uma confluência ao “saber menor” tão bem apontado no texto.

Nesse bojo, que tal provar um pouco da ideia da malandragem<sup>83</sup> (sem aspas, ou qualquer outra forma que abrande o termo)? Será uma ousadia, um despropósito nessa altura da argumentação?

---

83 Fortemente inspirado pela indicação do colega Sidnei Casetto do programa de Ricardo Araújo Pereira.

Reconheço prazer em poder aceitar o viés positivo, sem (muita) culpa, no fato de que na formação em saúde, brincar seria, mais do que permitido, desejável. Aí incluiríamos todos os artifícios possíveis, dentre os quais a malandragem.

Esse jogo de corpo entre a realidade e a possibilidade de ficcionalização, parece-me, precisaria ser brincado para se produzir o tipo de cuidado sobre o qual o texto trata.

Pensando melhor, não sei bem se o termo malandragem se adequa ao contexto desta discussão, mas sou impelido a sustentá-lo aqui por pirraça, só para cutucar um pouco a seriedade que, predominantemente, reveste a área da saúde.

Na malandragem, tem ali uma lógica, um raciocínio, um humor que parece operar de maneira muito salutar junto de adversidades. Tem uma presença necessária, uma exterioridade ou estrangeiridade para se conseguir olhar de fora e enxergar o inusual, e tem a chance de um corpo que negaceia, que finge, que troca de lugar na roda, que prefere levantar quando o protocolo reza que se sentasse, ou que assume com prontidão o cansaço e a contrariedade, quando o esperado seria que se produzisse. Tem uma cutucada.

Vou tentar melhorar um pouco esse argumento, remetendo-me final e diretamente ao fazer corpo para produzir cuidado, a terceira linha proposta no texto.

Acho que, tão importante quanto à discussão de um caso ou o debate sobre as estratégias de cuidado em uma equipe multiprofissional, talvez também brincar de verdade de pega-pega ou esconde-esconde fossem atividades que colocassem o corpo em estado de jogo, de drible que convoca a malandragem de escapar ou lidar com o adverso como inerente e necessário à invenção e produção do cuidado. Um modo de gingar e envolver a energia vital do quadril, despreocupada e ancestralmente. Isso também efetivaria, sem medo, o princípio espinosano expresso no texto em que:

Não há separação ou hierarquia entre mente e corpo, embora se expressem de forma distinta; são regidos pelas mesmas leis e princípios. O autor explica que quando aumentamos ou diminuimos a nossa potência de agir, aumentamos ou diminuimos a potência de pensar.

Faço par com a ideia da dança lá apresentada. Ademais, para além da metáfora evocada do “ir, sair e voltar, movimentar-se, deslocar-se”, estendo-a para o corpo afetivo *com* o espaço físico, *junto* e *à favor* dele. Complemento com a peculiaridade da malandragem que tem de se haver com o *oponente*, o *contrário*, os infinitos *desafios*.

Como experimento final da conversa, depois de contrabandos, proponho o malabarismo epistêmico, juntando as ideias, termos e conceitos. A única certeza é a de que, apesar de todo esforço contra a gravidade, um ou outro sempre cai. E então recomeçamos.

A presença cênica, por estar mais ligada ao espaço do que ao tempo (Gumbrecht, 2010, p. 13), precisa e suporta um corpo expressivo e afetivo que tem a necessidade de atenção plena à cinestesia, à propriocepção, à tarefa imediata que se está a performar, ao mesmo tempo que com a modulação das relações com o fora (espaço, outro). Esse corpo afetivo, de “menor” (agora no sentido de grandeza) em relação ao aclamado e hiperinvestido corpo biológico, não tem nada. Pelo contrário e pela perspectiva artística, trata-se do corpo expandido.

A performatividade aqui discutida residiria na conquista de uma certa presença intermediária que é capaz de perceber a estranheira de si no próprio corpo afetivo, um jeito sempre singular de transitar entre as próprias potências e vulnerabilidades e aquelas do entorno humano e/ou não humano.

Fazer caber as experiências estéticas e as artes presenciais nos encontros será sempre o nosso compromisso ético, portanto.

Augusto Boal<sup>84</sup> associa a linguagem teatral com a ação social e, na abertura de *Performance Studies*, de Richard Schechner, uma das principais obras de referência da área, escreveu o seguinte:

Costuma dizer-se que um espetáculo verdadeiramente artístico será sempre único, impossível de ser repetido: nunca os mesmos atores, na mesma peça, produzirão o mesmo espetáculo.

Teatro é Vida.

As pessoas também dizem que, na vida, nunca fazemos nada pela

---

84 Diretor, dramaturgo, ensaísta e pedagogo do teatro brasileiro, fundador do Teatro do Oprimido,

primeira vez, sempre repetindo experiências, hábitos, rituais, convenções passadas.

A vida é teatro.

Richard Schechner, com sua sensibilidade e inteligência, levamos a explorar os limites entre a Vida e o Teatro, que ele chama de Performance. Com o seu conhecimento, permite-nos descobrir outros pensadores, estimulando-nos a ter os nossos próprios pensamentos.<sup>85</sup>

Nesse fluxo entre vida e arte, entre qualidades de presença e jeitos de trabalhar na formação em saúde, acorpar me remete a abarcar, abraçar, e isso é largo, amplo, grande. Às vezes grande e ambicioso demais para o semestre letivo ou os calendários institucionais ou as aspirações mais genuínas e legítimas das atuais gerações.

Me lembro de preferir poder brincar com as miudezas, com as sensações e afetos que o acorpar promove. Simplesmente.

Enfim, por que insistir na relevância dessas conceituações - presença cotidiana, presença cênica, performance, performatividade - na interlocução com o texto proposto? Para tentar, principalmente, experimentar os efeitos de distância e proximidade entre as situações concretas e os conceitos remexidos; para performar as nossas capacidades de produção de sentido sem perda do vivido, pois “(...) experienciar as coisas do mundo na sua coisidade pré-conceitual reativará uma sensação pela dimensão corpórea e pela dimensão espacial da nossa existência” (Gumbrecht, 2010, p.147). Mas também para poder afirmar com a alegria e a eloquência necessária que os sinais de fim dos tempos têm nos advertido, que as noções discutidas são, para além da formação, essenciais no efetivo trabalho em saúde, pois não há mais tempo a se desperdiçar. Quem duvida?!

---

85 Usually people say that a truly artistic show will always be unique, impossible to be repeated: never will the same actors, in the same play, produce the same show.

Theatre is Life.

People also say that, in life, we never really do anything for the first time, always repeating past experiences, habits, rituals, conventions.

Life is Theatre.

Richard Schechner, with his sensibility and intelligence, leads us to explore the limits between Life and Theatre, which he calls Performance. With his knowledge, he allows us to discover other thinkers, stimulating us to have our own thoughts. (apud Schechner, 2002, p. vi) (tradução livre)

## REFERÊNCIAS

- BARBA, Eugénio; SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do ator**: dicionário de antropologia teatral. Campinas: Hucitec, 1995.
- FABIÃO, E. Performance e teatro. Poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**, v. 8, p.235-246. nov. 2009.
- FEDERICI, C. G.; LIBERMAN, F; GUZZO, M. L. A presença na sala de aula virtual – notas sobre a presença e o saber da presença. Jornada internacional – atuação e presença. In: **Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas**, 10, 2021. Anais... [on-line] 2021. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/simposiorfc/index>. Acesso em: 26 out. 2023.
- GUMBRECHT, H. U. **Produção de Presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.
- MOSTAÇO, E. Conceitos operativos nos estudos da performance. **Sala Preta**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 143-153, 2012. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v12i2p143-153. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57494>. Acesso em: 31 out. 2023.
- SCHECHNER, Richard. **Performance studies** – an introduction. London. Routledge: 2002.

## APÊNDICE

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava na fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da alfândega – tudo malandro velho - começou a desconfiar da velhinha. Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da alfândega mandou ela parar.

A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela: - Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco? A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu: – É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!

O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia. Diz que foi aí que o fiscal se chateou: – Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista. – Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha.



E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs: – Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias? – O senhor promete que não “espáia”? – quis saber a velhinha. – Juro – respondeu o fiscal. – É lambreta

Stanislaw Ponte-Preta

## **SOBRE AUTORES**

**Adriana Rodrigues Domingues** - Professora Adjunta do Departamento Saúde, Clínica e Instituições do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Alexandre de Oliveira Henz** - Professor Associado do Departamento Saúde, Clínica e Instituições do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Ana Carolina Costa Savani** - Terapeuta Ocupacional, Trabalhadora do SUS e Acompanhante Terapêutica.

**Angela Aparecida Capozzolo** - Professora Senior do Departamento Saúde, Clínica e Instituições do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Conrado Augusto Gandara Federici** - Professor Associado do Departamento Ciências do Movimento Humano do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Diego Napolitano Curcelli** - Trabalhador do SUS e Mestre em Ensino em Ciências da Saúde do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Eduardo Passos** - Professor Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

**Fernanda Carla de Moraes Augusto** - Psicóloga, Trabalhadora do SUS, Mestre em Ciências da Saúde do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Fernando de Almeida Silveira** - Professor Associado do Departamento Políticas Públicas e Saúde Coletiva do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Fernando Mostaço** - Trabalhador do SUS e Pesquisador do LEPETS do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Harete Vianna Moreno** - Doutoranda pela Faculdade de Saúde Pública (USP), Mestra em Ensino de Ciências da Saúde do campus Baixada Santista da Unifesp, Fonoaudióloga e Trabalhadora do SUS no município de São Paulo.

**Julliana Borges Polastrini** - Trabalhadora do SUS e Mestre em Ensino em Ciências da Saúde do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Laura Camargo Macruz Feuerwerker** - Professora Associada do Departamento Política de Gestão em Saúde da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

**Leandro Augusto Ferreira** - Doutorando pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Mestre em Ensino em Ciências da Saúde do campus Baixada Santista da Unifesp, Professor (ESAMC e Unisanta) e Psicólogo Judiciário (TJ/SP).

**Lorena Martha Roberto** - Graduada em Psicologia pela Unifesp e Pós-graduanda em Filosofia na Universidade Paris 8 Vincennes - Saint Denis.

**Lourdes Aparecida D'Urso** - Trabalhadora de saúde e Mestre em Ensino em Ciências da Saúde do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Lúcia Aparecida de Souza** - Trabalhadora do SUS e Pós-graduanda em Ensino em Ciências da Saúde do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Luís Eduardo Aragon** - Médico, Psicanalista e Pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**Luiz B. L. Orlandi** - Professor Titular aposentado do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas.

**Mara Isa de Vasconcelos Coracini** - Trabalhadora do SUS e Mestre em Ensino em Ciências da Saúde do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Raquel Cleide da Mota Carvalho** - Trabalhadora do SUS e Mestranda em Ensino em Ciências da Saúde do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Raul Franklin Sarabando de Moura** - Mestre em Ciências da Saúde do campus Baixada Santista da Unifesp, Especialista em Gestão em Saúde e Trabalhador do SUS.

**Sidnei José Casetto** - Psicanalista, Professor Sênior do Departamento Saúde, Clínica e Instituições do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Tatiana Alves Cordaro Bichara** - Professora Adjunta do Eixo Trabalho em Saúde, Departamento Saúde, Clínica e Instituições do campus Baixada Santista da Unifesp.

**Valéria Monteiro Mendes** - Pós-doutoranda pelo Departamento Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

**Virginia Junqueira** - Professora Associada aposentada do Departamento Saúde, Educação e Sociedade do campus Baixada Santista da Unifesp.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acontecimento 9, 22, 23, 27, 35, 41, 47, 74, 140, 155, 162, 170, 178, 181  
Acorpar 185, 186, 202  
Afeto 61, 64, 65, 94, 137, 138, 158  
Agamben, Giorgio 34, 139, 141, 142  
Amizade 136, 138, 139, 140, 149, 152, 153, 157, 158, 159, 161  
Análise 14, 20, 23, 26, 30, 53, 59, 79, 139, 143, 145, 179  
Animal 32, 63, 130, 140  
Antimanicomial 112  
Apoio 70, 73, 82, 106  
Aprendizagens 107, 123, 126  
Aristóteles 62  
Arquimedes 70  
Atenção Básica 106, 108, 112, 113, 114, 115, 124, 177  
Atenção Integral 108  
Ausências partilhadas 191  
Autonomia 11, 109, 110, 112, 114, 147

### B

Bananas 63  
Bardet, Marie 178, 179, 182, 183, 184, 185, 187, 188  
Baudrillard, Jean 41  
Beckett, Samuel 40, 41, 42  
Bellacasa, Maria Puig de la 146  
Bezerra Junior, Benilton 4, 91  
Biomedicalização 47  
Borges, Camila Furlanetti 6, 77, 107, 207  
Brincadeira 62, 70, 141  
Brincar 130, 131, 141, 158, 196, 200, 202  
Brutalismo 85, 100

Buarque, Chico 138, 144, 148, 151

## C

Campo 9, 10, 12, 13, 14, 16, 21, 25, 26, 33, 34, 44, 47, 58, 62, 63, 64, 67, 68, 72, 79, 86, 92, 94, 96, 100, 101, 106, 107, 118, 120, 140, 167, 170, 171, 183, 192, 193, 197, 198, 199

Caos 40, 63, 64, 189

Capitalismo 35, 85, 103, 145

Carnut, Leonardo 91, 111

Caso 21, 22, 25, 31, 44, 46, 47, 53, 56, 60, 67, 68, 76, 92, 95, 106, 119, 120, 135, 142, 162, 175, 177, 180, 181, 197, 200

Cegatti, Fabio 111

Cena 17, 18, 39, 54, 78, 88, 97, 99, 102, 121, 122, 123, 147, 178, 182, 197, 203

Centelha 7, 152

Centelha de vida 34, 35, 36, 50, 135, 140, 157

Cezar, Pedro 151

Chanfradinho 61

Chão de fábrica 79

Chão do SUS 6, 26, 77, 102

Ciência 26, 28, 47, 53, 59, 60, 62, 64, 68, 69, 70, 71, 75, 101, 109, 116, 118, 126, 128, 139, 140

Ciência nômade 26, 69, 70, 75

Cientificismo 59, 75

Clientes 90

Clínica 9, 16, 19, 20, 24, 38, 47, 90, 92, 97, 103, 127, 145, 146, 153, 154, 159, 165, 166

Colaboradores 82

Coletivos 38, 39, 41, 47, 83, 90, 115, 116, 118, 120, 122, 125, 126, 164

Comum 9, 10, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 28, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 46, 49, 54, 55, 56, 64, 76, 79, 90, 124, 125, 143, 146, 150, 155, 156, 166, 186, 188, 191

Comunidade 90, 115, 177

Comunidades Terapêuticas 108  
Conceito 13, 16, 17, 42, 50, 56, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 76, 101, 108, 169,  
172, 194, 196, 198  
Condição de estrangeiro 166, 172, 175, 181, 186  
Consciência 32, 33, 53, 56, 191, 199  
Consumidores 90  
Contrabando epistêmico 197  
Convite 27, 31, 47, 74, 115, 123, 124, 141, 143, 152, 158, 169, 189, 192  
Corpo 7, 17, 24, 26, 27, 28, 32, 35, 37, 41, 44, 45, 49, 51, 52, 54, 57, 73, 84,  
85, 86, 103, 130, 131, 133, 134, 135, 137, 142, 143, 144, 145, 150, 151,  
155, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 177, 178, 179, 180, 181, 182,  
183, 184, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200,  
201  
Corpo afetivo 7, 189, 201  
Corpo dilatado 194  
Corpo expressivo 27, 196, 201  
Covid-19 18, 49, 114  
Criança 46, 61, 71, 72, 135, 140, 141, 142, 158, 160, 162, 172, 183  
Crise da presença 190  
Cuidado compartilhado 179, 181, 196  
Cuidado em saúde 9, 14, 16, 19, 20, 22, 26, 27, 105, 121, 127, 128, 129, 166,  
172, 178, 181, 195  
Cuidado incerto 186  
Cultura da presença 193

## D

Dardot, Pierre 104  
Deleuze, Gilles 28, 57, 104, 150, 187  
Deligny, Fernand 146, 147, 156, 159, 161  
Democracia 11, 12, 107, 109, 145  
Desfazer 13, 179, 180, 183, 196  
Deslocamento 18, 44, 82, 85, 90, 145, 172, 198

Desobediência epistêmica 194  
Despret, Vinciane 57, 150  
Deus 62, 76, 135, 136, 137, 160, 164  
Diagonal 66  
Didi-Huberman, Georges 29  
Diferença 10, 40, 41, 55, 62, 66, 67, 85, 128, 160, 172, 173, 182, 194, 199  
Dimensão intercorporal 178, 179  
Dimensão privada 79  
Dobra 33, 112, 118, 119, 197  
Doença 12, 44, 173  
Drummond, Carlos 138, 139  
Duns Scoto 76

## E

Efeitos de presença 169, 171, 192  
Élan 10, 64  
Élan Vital 10, 64  
Empresa 6, 77  
Encontro 9, 18, 19, 22, 23, 26, 34, 38, 43, 47, 48, 55, 56, 57, 74, 80, 81, 88,  
100, 114, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 138, 140, 141, 146, 147,  
148, 154, 157, 162, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 180, 182,  
183, 184, 185, 187, 189, 190, 192, 194, 195  
Encontros de cuidado 21, 27, 177, 179, 186, 196  
Entretempos 34, 36, 40  
Entretempos intensivos 36, 40  
Episódios 18, 21, 22, 23, 25, 27, 33, 37, 38, 146, 178  
Epistêmico 183, 197, 201  
Equipes multiprofissionais 108  
Escrito 18, 23, 26, 27, 29, 30, 31, 34, 37, 41, 53, 54, 55, 56, 59, 102, 178  
Escuta 38, 45, 78, 125, 144, 152, 153, 171, 173, 180  
Espessar a pele 186  
Esquizoanálise 69



Essência 12, 63  
Estrangeiridade 27, 195, 199, 200, 201  
Estrangeiro 7, 166  
Estranhamento 81, 172, 176, 181, 195  
Ético-político 21, 53  
Experiência 9, 11, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 39, 40, 47, 67, 70, 73, 81,  
86, 87, 97, 106, 107, 109, 123, 124, 126, 136, 139, 156, 159, 163, 164, 165,  
166, 171, 178, 179, 180, 183, 184, 185, 186, 188, 192, 195, 196  
Experiência de formação 166  
Experiências estéticas 193, 201

## F

Fala 32, 38, 43, 44, 45, 47, 54, 58, 62, 65, 68, 69, 89, 92, 96, 97, 98, 103, 119,  
131, 161, 163  
Fazer corpo 54, 166, 180, 186, 198, 200  
Ferracini, Renato 187  
Ferraz, Maria Cristina Franco 57  
Feuerwerker, Laura 4, 6, 26, 90, 91, 104, 105, 109, 110, 115, 119, 120, 123,  
124, 127, 128, 207  
Figueiredo, Luis Claudio 172  
Filho 63, 89, 131, 133, 135, 136, 142, 143, 147, 151, 161  
Filosofia 56, 58, 187, 207, 208  
Filósofo 60, 67  
Financiamento 96, 107, 108, 110  
Fogo 115, 134, 137, 139, 141, 142, 148, 153, 155, 156, 194  
Força disciplinadora 112  
Forças 12, 24, 25, 29, 31, 41, 42, 43, 44, 46, 53, 55, 86, 92, 94, 95, 109, 118,  
120, 143, 182, 185, 190  
Formação 5, 9, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 22, 26, 27, 28, 36, 38, 47, 57, 58, 85,  
104, 120, 124, 127, 166, 167, 169, 170, 171, 178, 179, 180, 185, 187, 188,  
189, 192, 195, 197, 198, 200, 202  
Formação para o trabalho em saúde 27, 166, 171, 179, 180

Foucault, Michel 29, 36, 37, 46, 47, 111, 147, 148

Fronteira 194, 204

## G

Galeano, Eduardo 149

Gatinho 131, 132, 135, 139, 141, 147, 182, 183

Gerencialismo 20, 91, 99, 104, 121

Gerentes 86, 103

Gestão 11, 15, 26, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 109, 111, 112, 113, 115, 117, 119, 120, 121, 124, 127, 128

Gesto 62, 70, 161, 172, 178, 179, 182, 196, 199

Gesto articulador 196

Gil, José 54

Gonzalez, Lélia 143, 145

Governamentalidade 111

Governo da vida 101, 112, 118, 122

Governo-empresa 111

Guattari, Felix 15, 35, 42, 59, 60, 62, 65, 66, 69, 71, 178

## H

Haraway, Donna 28, 150

História 10, 29, 43, 45, 47, 48, 56, 57, 70, 72, 114, 119, 132, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 145, 149, 155, 161, 163, 179, 194, 196, 198

Homem 56, 66, 67, 70, 133, 139, 141, 143, 155, 188

## I

Imagem 19, 29, 31, 33, 42, 46, 50, 52, 63, 99, 126, 148, 149, 167

Incêndio 7, 26, 130, 135, 136, 149

Incertos 5, 18, 21, 22, 23, 27, 33, 35, 38, 39, 146, 153, 159, 178

Instituição 16, 48, 81, 84, 100, 108, 137, 147

Intensidade 40, 153, 163, 168, 171, 177, 183, 184, 185, 192

Inverossímil 31, 41, 42, 46

Invisível 25, 33, 41, 42, 43, 44, 46, 53, 56, 59, 63, 68, 163

Ir-Sair-Voltar 177, 180

## J

Jogo 17, 19, 24, 25, 31, 38, 40, 41, 43, 44, 47, 53, 54, 61, 74, 85, 88, 94, 98, 99,  
100, 117, 122, 127, 139, 140, 141, 143, 148, 171, 185, 194, 200

Judicialização 47, 147

Justiça 143, 146, 147

## K

Kilomba, Grada 143, 145

Koltai, Caterina 172

Krenak, Airlton 118

## L

Laboratório de Sensibilidades 28, 43, 56, 57

Lara, Ivone 148, 151

LEPETS 5, 9, 16, 18, 19, 34, 37, 38, 43, 49, 51, 52, 55, 79, 207

Limite 154, 156, 172, 182, 183, 184

Língua 27, 47, 52, 61, 62, 176, 185

Linguagem 25, 42, 59, 144, 146, 156, 162, 176, 196, 201

Linhagem 35, 36

Linhas 26, 32, 59, 60, 63, 85, 113, 114, 141, 146, 147, 148, 160, 166, 195, 198

Literatismo 75

Literatura 24, 61, 64, 75, 76, 178, 187

Literaturismo 61, 75

Lógica-empresa 111

Lopez-Ruiz, Oswaldo 79

## M

Mãe 44, 45, 46, 71, 72, 92, 94, 131, 132, 133, 135, 139, 141, 142, 143, 144,  
155, 161, 167, 183, 184

Malabarismo epistêmico 201

Malandragem 27, 199, 200, 201

Marido 133, 139, 143, 146, 155, 182, 184

Márquez, Gabriel Garcia 146

Marx, Karl 25, 60

Mbembe, Achille 77, 85, 143  
*Meat* 30, 32, 34, 36, 37, 42, 43, 44, 46, 48, 53, 54  
Meio 22, 26, 33, 34, 36, 38, 39, 41, 44, 45, 46, 48, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 62,  
66, 67, 68, 69, 75, 81, 101, 102, 109, 111, 112, 123, 131, 134, 136, 138,  
139, 141, 145, 149, 171, 173, 177, 182, 196  
Memória 38, 40, 41, 137, 158  
Memórias involuntárias 29, 43, 56  
Merhy, Emerson 4, 47, 106, 107, 113, 115, 118, 119, 120, 124, 129  
Metodológica 14, 15, 40  
Modo empresa 26, 79, 86, 105, 111  
Modo privado 36  
Moreno, Joyce 7, 130, 207  
Morte 26, 27, 49, 50, 72, 122, 123, 136, 141, 143, 146, 147, 148, 154, 155,  
159, 160, 163, 164, 182, 184, 186  
Movimento 10, 11, 12, 13, 26, 35, 56, 59, 70, 89, 97, 105, 107, 108, 111, 112,  
115, 124, 138, 147, 152, 154, 157, 160, 170, 176, 180, 188, 189, 194  
Movimentos sociais 18, 106, 111, 112, 115, 120, 166  
Mulher 50, 73, 133, 135, 136, 143, 144, 147, 172, 173, 174, 177  
Multidão 47, 51, 59, 61, 63, 157  
Multiplicidade 29, 40, 51, 64, 65, 76, 178

## N

Não saber 116, 117, 119, 173  
Narração 29, 46  
Narrações 30, 31, 33, 50  
Narrativas 18, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 51,  
53, 55, 56, 58, 79, 102, 134, 135, 140, 146, 147, 152, 155, 156, 157, 166,  
195  
Naturalismo do bom senso 41, 45, 49  
Neoliberalismo 79, 85, 125  
Neologismo 68  
Nietzsche, Friedrich 25, 29, 53, 57, 148, 150

## O

Organizações Sociais 78, 91, 104

Origem 12, 29, 37, 47, 139, 156

Orlandi, Luiz 6, 26, 28, 32, 43, 57, 59, 66, 71, 72, 73, 208

## P

Pablo 130, 133, 134, 135, 136, 137, 146, 147, 149, 153, 157, 159, 161

*Padlet* 30, 35, 39, 54

Palavra 17, 24, 46, 49, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 71, 75, 76, 81, 83,  
137, 145, 146, 147, 169, 176, 192, 193, 194, 195

Palhaço 190, 195

Pandemia 9, 18, 27, 39, 43, 49, 50, 53, 54, 55, 93, 94, 99, 105, 106, 113, 114,  
116, 122, 126, 129, 137, 141, 142, 148, 166, 168, 190, 191

Pedra 7, 26, 130, 133, 135, 138, 139

Pelbart, Peter 28, 129

Pele 46, 96, 130, 152, 153, 182, 183, 185, 186

Pele espessa 185, 186

Pensamento 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 63, 68, 76, 77, 125, 134, 143, 155,  
168, 169, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 190, 196, 198

Pensar 11, 13, 20, 26, 27, 29, 31, 32, 35, 48, 49, 50, 52, 55, 56, 62, 64, 66, 73,  
79, 80, 82, 88, 90, 95, 123, 124, 130, 133, 134, 139, 143, 155, 162, 163,  
178, 179, 191, 195, 199, 200

Percepção 32, 33, 38, 39, 40, 49, 57, 99, 171, 191, 192

Performatividade 27, 195, 196, 198, 199, 201, 202

Performativo na Formação 7, 189

Pesquisa 6, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30,  
31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56,  
58, 59, 63, 64, 65, 68, 76, 79, 89, 101, 105, 106, 114, 135, 178

Pesquisar 19, 20, 24, 26, 29, 30, 40, 49, 51, 56, 65, 68, 178

Pintinho 50, 51, 130, 135, 138, 139, 140, 141, 155, 160

Polifonia 34

Política 5, 127, 129, 188, 207

Políticas de cuidado 20, 26, 37, 38, 58  
Políticas públicas 102, 107  
Pontos 26, 52, 59, 60, 63, 164  
Potência 35, 39, 56, 66, 95, 99, 125, 126, 129, 135, 138, 139, 141, 147, 157,  
171, 172, 178, 179, 195, 200  
Práticas 9, 10, 11, 13, 14, 16, 26, 43, 86, 90, 96, 99, 102, 105, 108, 109, 112,  
113, 123, 124, 126, 138, 143, 144, 145, 147, 150, 167, 179, 191  
Práticas cuidadoras 105  
Preciado, Paul Beatriz 40, 42, 143  
Presença 7, 22, 23, 27, 39, 53, 83, 87, 100, 101, 119, 137, 154, 158, 166, 167,  
168, 169, 170, 171, 172, 180, 181, 184, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193,  
194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203  
Presença cênica 7, 189, 193, 194, 195, 201, 202  
Presença cotidiana 7, 189, 191, 194, 195, 202  
Problema 11, 14, 24, 31, 33, 37, 38, 42, 46, 53, 56, 62, 65, 75, 76, 83, 84, 99,  
114, 147, 163, 169, 174, 183  
Problemática 29, 36, 53, 56, 59, 61, 143  
Problematização 46, 49, 114, 196  
Processo 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 23, 25, 30, 32, 35, 49, 50, 51,  
80, 83, 90, 92, 102, 103, 106, 107, 109, 112, 129, 144, 156, 157, 160, 168,  
169, 176, 178  
Produção de presença 166, 168, 171, 190, 191, 192, 193, 194  
Produção de saúde 9, 10, 11, 12, 13, 14, 92, 99, 194  
Projetos terapêuticos 113  
Prontuário 92, 130, 137, 139, 146, 147, 153, 155, 161

## Q

Qualidade da presença 168  
Queima 130, 136, 138, 146, 147, 148

## R

Rastilho 156, 157  
Real 30, 40, 42, 60, 64, 147, 161

Realismo do invisível 41, 42, 43, 44, 56  
Rede de atenção 108  
Relevância 11, 26, 35, 41, 48, 49, 76, 79, 99, 178, 202  
Relevos 5, 25, 29, 32, 36, 50, 55, 56, 59  
Resistência 10, 102, 109, 118, 145, 148, 157  
Rio 4, 16, 28, 29, 40, 42, 47, 57, 58, 72, 103, 106, 127, 128, 129, 150, 197, 203  
Rodrigues, André 3, 5, 6, 7, 27, 38, 166, 206  
Rolnik, Sueli 41, 179, 181, 182, 187  
Rufino, Luiz 149, 183

## S

Saber menor 178, 199  
Sakura 35, 51, 130, 137, 139, 140, 141, 147, 162, 163  
Saúde 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 22, 24, 26, 27, 28, 35, 36, 37, 38, 47, 54, 57, 58, 60, 78, 79, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 94, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 133, 134, 136, 143, 145, 146, 147, 148, 154, 166, 168, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 202, 207  
Saúde-empresa 85, 90, 92, 99, 101  
Saúde mental 87, 94, 97, 106, 108, 112, 127, 129, 133, 136, 168  
Seixas, Clarissa Terenzi 129  
Serviços de saúde 16, 35, 54, 87, 88, 105, 108, 110, 111, 112, 120, 123, 127, 166  
Serviços públicos de saúde 108  
Silêncio 34, 38, 43, 52, 78, 80, 81, 83, 90, 115, 137, 153, 154, 156, 157, 161, 163, 164, 176, 179, 180, 181  
Singular 9, 10, 12, 30, 50, 56, 61, 107, 109, 113, 154, 161, 172, 201  
Singularidade 61, 99, 118, 124, 153  
Sistema Único de Saúde (SUS) 5, 10, 105, 107, 128, 129  
Stengers, Isabelle 145

Subjetivação 11, 17, 26, 42, 79, 82, 101, 105, 114, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 187  
Subjetividades 26, 101, 120, 123, 124, 143  
Supervisor 80, 81, 136  
SUS 6, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 26, 77, 78, 82, 85, 88, 90, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 122, 126, 127, 128, 129, 177, 206, 207, 208

## T

Técnico-científico 119  
Terceirização 105, 111, 112  
Territórios 15, 18, 59, 96, 105, 113, 115, 116, 117, 124, 125, 128, 159, 166, 173, 190, 195, 198  
Territoriozinho 65  
Trabalhadoras 19, 20, 81, 85, 92, 97, 106, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 123, 125, 126  
Trabalhadores 9, 10, 11, 13, 14, 15, 19, 20, 79, 84, 87, 88, 90, 97, 98, 105, 108, 112, 127, 128  
Trabalho 5, 9, 11, 14, 15, 16, 19, 20, 22, 25, 26, 27, 28, 35, 36, 41, 43, 49, 50, 53, 59, 60, 68, 69, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 138, 142, 144, 145, 149, 162, 166, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185, 186, 189, 195, 197, 198, 199, 202  
Trabalho em saúde 9, 11, 16, 22, 26, 27, 86, 90, 105, 109, 111, 112, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 128, 129, 166, 171, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185, 186, 189, 195, 198, 199, 202  
Trabalho vivo 28, 113, 117, 121, 124  
Trans 66, 158  
Trânsito 165, 177, 181  
Transversal 66  
Transversalidade 15, 66



Travagin, Leticia 79  
Tsing, Anna 140, 141, 144

## U

Universidade-empresa 111

## V

Veloso, Caetano 151

Vento 7, 26, 93, 130, 131, 135

Verbo 63, 65, 68, 155, 185

Verdades 45, 46, 47, 56, 125, 148, 198

Verdades terminais 46, 47, 56

Vida 20, 21, 22, 24, 26, 31, 34, 35, 36, 45, 47, 50, 56, 57, 60, 64, 77, 83, 85,  
86, 91, 99, 101, 102, 103, 105, 107, 111, 112, 113, 115, 116, 118, 119, 120,  
122, 123, 124, 125, 126, 128, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 143, 145,  
146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 162, 165,  
168, 169, 170, 171, 174, 179, 182, 186, 190, 192, 194, 195, 197, 198, 201,  
202

Vida Nua 139

Vínculo 94, 98, 140, 148, 176, 177

Violência 38, 94, 137, 139, 142, 143, 165, 182, 183, 184

Von Kleist, Heinrich 58

Vulnerabilidade 180, 181, 182

## Publicações da Editora Rede UNIDA

### Séries:

Rádio-Livros em Defesa do SUS e das Saúdes  
Ética em pesquisa  
Participação Social e Políticas Públicas  
Pensamento Negro Descolonial  
Mediações Tecnológicas em Educação e Saúde  
Educação Popular & Saúde  
Saúde Mental Coletiva  
Atenção Básica e Educação na Saúde  
Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde  
Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde  
Saúde & Amazônia  
Saúde Coletiva e Cooperação Internacional  
Vivências em Educação na Saúde  
Clássicos da Saúde Coletiva  
Cadernos da Saúde Coletiva  
Saúde, Ambiente e Interdisciplinaridade  
Conhecimento em movimento  
Arte Popular, Cultura e Poesia  
Economia da Saúde e Desenvolvimento Econômico  
Branco Vivo  
Saúde em imagens  
Outros

### Periódicos:

Revista Saúde em Redes  
Revista Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia



FAÇA SUA DOAÇÃO E COLABORE

[www.redeunida.org.br](http://www.redeunida.org.br)



ISBN 978-65-5462-102-1



9 786554 162102 1